

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação em História**

**“O Oitavo Dia”: Produção de Sentidos Identitários na  
Colônia Entre Rios-PR (segunda metade do século  
XX)**

**MARCOS NESTOR STEIN**

**Florianópolis, SC**

**2008**

MARCOS NESTOR STEIN

**“O Oitavo Dia”: Produção de Sentidos Identitários na  
Colônia Entre Rios-PR (segunda metade do século  
XX)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. João Klug

Florianópolis, SC  
2008

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração desta tese foi possível devido às contribuições de diversas pessoas e instituições. Em primeiro lugar, agradeço ao Prof. Dr. João Klug, amigo e orientador, que aceitou ser meu mentor nesta jornada.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação da UFSC, em especial à Nazaré, professoras Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold e Dra. Eunice Sueli Nodari, pelos ensinamentos.

Aos professores Dra. Beatriz Anselmo Olinto, Dr. Valberto Dirksen, Dr. Paulo Pinheiro Machado e Dr. Cleber Cristiano Prodanov, por terem aceitado avaliar esse trabalho e pelos ensinamentos por ocasião da realização da banca de defesa. Beatriz e Valberto foram membros do Exame de Qualificação. Suas contribuições e questionamentos me ajudaram muito a delinear a versão final da tese.

À UNIOESTE, em especial aos meus colegas do Colegiado de História, ao professor Ciro Damke e à Sônia Lemanski, da Divisão de Capacitação Docente.

À CAPES, pela bolsa, o que possibilitou a realização de pesquisa na Alemanha.

À Cooperativa Agrária, pelo apoio.

Ao Arquivo da UNICENTRO.

Ao Instituto Martius-Staden, à Biblioteca Pública do Estado do Paraná e ao Arquivo Público do Estado do Paraná.

À Elise Schmitt, pelas primeiras lições da língua de Goethe e Brecht.

À Cássia e Clarice Sieger, pelos ensinamentos da língua alemã, pela revisão e correção das traduções dos textos escritos nesse idioma e no dialeto suábico. A vocês, meu reconhecimento e meu muito obrigado.

À professora e amiga Simone Carvalho do Prado, que realizou a revisão ortográfica da tese. Suas indagações me inspiraram em vários momentos da redação final.

Rolf e Renate Odebrecht, além da importante entrevista concedida, abriram as portas de sua casa e amistosamente me receberam. Foram eles que me forneceram o documento que inspirou a escolha do tema central da tese: A peça de teatro intitulada “O Oitavo Dia – *Der Morgen des Achten Tages*.”

A todos os suábios e moradores da Colônia Entre Rios, que emprestaram parte de seu tempo e conhecimento para que eu pudesse escrever um pouco de sua história: Katharina Hech, Horst Schwarz, Marietta e Franz Jaster, Matthias Wildmann, Anton Gora, Elisabeth M. Leh, Karl e Telma Leh, Maria D. Schneiders, Rosely Essert e Franz Hermann.

Às funcionárias do Museu Histórico de Entre Rios: Monika Klein, Karin Detlinger e Juliane Hulse, pela generosa acolhida e imprescindível auxílio.

Aos pastores Karl Gehring, Milton Jandrey e aos padres José Werth e Jackson Tozzeto, pelas valiosas informações sobre a importância da religião para os suábios.

Ao professor Josef Gappmaier, que aceitou partilhar comigo seus conhecimentos sobre a história dos suábios e de Entre Rios.

Aos colegas André, Márcio, Miguel, Ely, Cris, Fortkamp, Jó, Manuel, Elza, Samira, Paula, Marquinhos, Jú, Lorena e Gabriel. Conviver com vocês me fez perceber que as dificuldades presentes no trabalho de elaboração de uma tese podem ser encaradas de maneira alegre e otimista.

Agradeço especialmente ao grande amigo André Voigt. Novamente estivemos as voltas com pesquisas semelhantes, o que permitiu a troca de idéias e de informações, sempre acompanhadas por uma cervejinha ou um mate bem cevado. André generosamente aceitou ler

meus escritos e suas sugestões foram de grande importância para o amadurecimento de muitas reflexões presentes neste trabalho.

Durante minha estadia em Munique, Alemanha, contei com o apoio de minha irmã Cleusa e de Pascal, meu cunhado franco-germânico. Em Karlsruhe, fui amistosamente acolhido pelos meus afilhados Delci e Leocir.

Na Alemanha, as pesquisas foram realizadas na Biblioteca Pública de Munique, no Instituto Ibero Americano de Berlim, na Casa dos Suábios do Danúbio em Haar e na Casa dos Suábios do Danúbio em Sindelfingen. Em Haar, o senhor Gustl Huber e o casal Franke prestativamente abriram as portas da instituição e me auxiliaram. Em Sindelfingen, fui auxiliado amistosamente por Henriette Mojem e Johannes Neumayer.

Aos amigos Maurício, Isa, Emílio, “Saraiva”, “Feca”, Zuleica, Nilcéia, Sidnei, Marcell, Márcio, Jefferson, Jean, Zé e Janaína, com os quais compartilhei bons momentos na Ilha da Magia.

Aos meus familiares, que, mesmo distantes, me apoiaram incondicionalmente.

À Luciana, meu grande amor, com quem compartilhei momentos de alegria e de angústia durante a elaboração desse trabalho.

A todos vocês, citados ou não, meu muito obrigado!

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>LISTA DE MAPAS E FIGURAS</b> .....  | vii |
| <b>RESUMO</b> .....  | ix  |
| <b>ZUSAMMENFASSUNG</b> .....   | x   |
| <b>ABSTRACT</b> .....  | xi  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 12  |
| <b>CAPÍTULO I – “APÁTRIDAS EM BUSCA DE UMA NOVA PÁTRIA”:</b>   |     |
| <b>deslocamentos, adaptação e encontros</b> .....  | 27  |
| 1.1 <i>Donauschwaben</i> : Identidade étnica e diáspora.....   | 27  |
| 1.2 Notícias de uma Imigração: A chegada dos imigrantes pela imprensa<br>paranaense.....   | 48  |
| 1.3 Relatórios dos primeiros anos da colônia.....  | 58  |
| <b>CAPÍTULO II – “ACULTURAÇÃO” E IDENTIDADE ÉTNICA</b> .....   | 78  |
| 2.1 Um povo em formação: Discursos identitários no centenário do Paraná.....   | 79  |
| 2.2 <i>O Raiar do Oitavo Dia</i> : A teatralização do encontro.....  | 93  |
| 2.3 Ao fechar das cortinas: Angústias, incertezas e dissensos.....   | 118 |
| <b>CAPÍTULO III – MEMÓRIAS DE JÚBILO: elaboração de sentidos<br/>identitários em publicações comemorativas (1971 e 1976)</b> ..... | 125 |
| 3.1 A reestruturação da Colônia.....   | 125 |
| 3.2 A produção de uma memória coletiva: “Suábios no Paraná” e “Entre Rios”.....  | 130 |
| <b>CAPÍTULO IV – GUARDIÕES DA MEMÓRIA-IDENTIDADE</b> .....   | 181 |
| 4.1 <i>Heimatmuseum</i> : Um lugar da memória suábica.....   | 181 |
| 4.2 Memórias de luto: O falecimento de Mathias Leh.....  | 194 |
| 4.3 <i>Um povo luta pelo seu futuro</i> : O passado inscrito no futuro.....  | 199 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 225 |
| <b>FONTES</b> .....  | 230 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | 239 |

## LISTA DE MAPAS E FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 Mapa do Estado do Paraná.....  | 14  |
| Figura 2 Mapa da Europa Central (período anterior à Primeira Guerra Mundial).....   | 29  |
| Figura 3 Mapa da Europa Central (período posterior à Primeira Guerra Mundial).....  | 30  |
| Figura 4 Fotografia presente na capa do livro de Max Frösch.....  | 76  |
| Figura 5 Fotografia “suábios na Colônia Entre Rios”.....  | 90  |
| Figura 6 Fotografia “Mulheres suábias na Colônia Entre Rios” .....  | 91  |
| Figura 7 Desembarque de Imigrantes Suábios do Danúbio no porto de Santos.....   | 158 |
| Figura 8 Reparos na estrada que liga a Colônia à Guarapuava.....  | 159 |
| Figura 9 Imagem do preparo do solo na Colônia Entre Rios .....  | 160 |
| Figura 10 Imagem de uma estrada alagada pela chuva em Entre Rios.....   | 160 |
| Figura 11 Imagem da visita do Ministro da Agricultura Cirne Lima a Entre Rios.....  | 161 |
| Figura 12 Imagem de uma colheita realizada durante a noite em Entre Rios .....  | 162 |
| Figura 13 Um grupo folclórico de Entre Rios.....  | 163 |
| Figura 14 Casal trajado com roupas típicas.....   | 163 |
| Figura 15. Início da ocupação das áreas do Sudeste Europeu pelos antepassados dos<br>suábios do Danúbio.....  | 168 |
| Figura 16: Documentos de Georg Jung, referentes à sua emigração da Alemanha<br>(esquerda) e à posse de terras na Hungria (direita).....                       | 169 |
| Figura 17 Aspectos da vida dos suábios no Sudeste Europeu.....  | 171 |
| Figura 18 Fuga dos suábios do Sudeste Europeu (esquerda) e vista parcial de<br>Freistadt, na Áustria, onde muitos se refugiaram.....                          | 172 |
| Figura 19 Imagens de suábios refugiados na Áustria (esquerda), sua chegada ao<br>Brasil e a viagem para Guarapuava.....                                       | 174 |
| Figura 20 Imagens de uma família deixando a Colônia (superior) e de dois homens<br>realizando reparos na estrada que liga a Colônia à Guarapuava.....         | 175 |
| Figura 21 Imagem da procissão que relembra os mortos em campo de extermínio na<br>Iugoslávia (esquerda) e vista parcial do altar da Capela Memorial (direita) | 177 |
| Figura 22 Imagens de uma família suábia trajada tipicamente (esquerda) e de um<br>grupo de danças folclóricas.....  | 179 |
| vii   |     |
| Figura 23 Vista parcial da exposição fotográfica do Museu Histórico de Entre<br>Rios.....   | 187 |
| Figura 24 Acesso à exposição de objetos do Museu Histórico de Entre<br>Rios.....  | 188 |
| Figura 25 Maquete da embarcação usada pelos suábios para chegar ao Baixo<br>Danúbio.....  | 191 |
| Figura 26 Imagem parcial da exposição “Trajes da Velha Pátria”.....   | 190 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 27 Imagem parcial da sala “ <i>Heimatstube</i> : Reconstituição ambiental da velha pátria” (interior de uma casa)..... | 191 |
| Figura 28 Imagem parcial da sala: “Objetos Trazidos da Velha Pátria”.....   | 191 |
| Figura 29 Imagem parcial do espaço dedicado à “Chegada ao Brasil”.....  | 192 |
| Figura 30 Imagem parcial dos “Objetos Usados nas Fazendas”.....   | 192 |
| Figura 31 Imagem parcial da “Reconstituição da Primeira Casa em Entre Rios”.....  | 193 |
| Figura 32 Imagem das primeiras ferramentas agrícolas utilizadas na colônia.....   | 193 |
| Figura 33 Mapa que mostra o caminho percorrido por Theresia Tettmann, na sua fuga da Iugoslávia.....                          | 213 |



## RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar como a identificação suábios do Danúbio é elaborada e cristalizada nos discursos sobre o grupo e sobre a Colônia Entre Rios, localizada no município de Guarapuava, Centro-Sul do Paraná. A formação da colônia se deu a partir de 1951, com a vinda de cerca de 500 famílias de refugiados da Segunda Guerra Mundial, oriundos da antiga Iugoslávia, Hungria e Romênia. O foco de análise são os discursos que relacionam passado, presente e futuro do grupo e, assim, por meio da constituição de uma memória coletiva, constroem um sentido identitário suábio-danubiano em Entre Rios. A tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro, é apresentado o contexto da criação do termo suábios do Danúbio (*Donauschwabern*) para designar grupos de descendência alemã que viviam nos referidos países, o processo de fixação das famílias em Entre Rios e os discursos presentes na imprensa paranaense e em relatórios elaborados no período inicial da colônia. O segundo capítulo trata dos discursos - em especial a peça teatral intitulada *O Raiar do Oitavo Dia – Der Morgen des Achten Tages* - que apresentam a forma como se daria a inserção do grupo na comunidade paranaense e brasileira. O terceiro aborda a elaboração de narrativas, com o apoio da cooperativa da colônia, que criam determinada memória coletiva para Entre Rios. O último capítulo investiga as formas de *enquadramento* de memórias individuais, constituindo, assim, uma memória coletiva, principal suporte da identidade suabia-danubiana na colônia Entre Rios.

Palavras-chave: Suábios do Danúbio, Identidade, Colônia Entre Rios.

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Forschung hat als Ziel, die Aussagen von und über die Donauschwaben und die Siedlung „Entre Rios“ zu untersuchen, die den Volksstamm aufbauten und bewahrten. „Entre Rios“ liegt im Bezirk Guarapuava, im Zentralsüden des Bundesstaates Paraná. Die Siedlung wurde im Jahr 1951 erstmals gegründet von rund 500 einwandernden Familien, die vor dem Zweiten Weltkrieg flüchteten und vom damaligen Jugoslawien, von Ungarn und Rumänien abstammten. Der Hauptfokus dieser These liegt auf den Aussagen, die Vergangenheit, Gegenwart und Zukunft dieses Volkes verbinden. Und somit bilden diese Aussagen ein donauschwäbisches Volksbewusstsein in Entre Rios. Die These ist in vier Kapitel unterteilt. Im ersten wird der Kontext zur Entstehung des Begriffs „Donauschwaben“ vorgestellt, um deutschstämmige Volksgruppen zu bezeichnen, die in den entsprechenden Ländern lebten. Im selben Kapitel wird der Einlebensprozess der Familien in Entre Rios beschrieben und die Aussagen festgehalten, die sowohl in der Presse Paránas gegenwärtig sind als auch in Berichten, die noch zu Zeiten der Siedlungsentstehung geschrieben wurden. Das zweite Kapitel beinhaltet die Aussagen – insbesondere das Theaterstück namens *Der Morgen des Achten Tages* – die darstellen, in welcher Form die Volksgruppe in die Gemeinschaft Paránas und Brasiliens eingegliedert werden konnte. Im dritten Kapitel wird, mit Hilfe der Siedlungsgenossenschaft, die Verarbeitung von Erzählungen aufgezeigt, die eine bestimmte kollektive Erinnerung für Entre Rios bilden. Das letzte Kapitel befasst sich mit den Formen der Zusammengliederung der individuellen Erinnerungen, die ihrerseits zu einer kollektiven Erinnerung beitragen; und damit zur hauptsächlichen Unterstützung der donauschwäbischen Identität in der Siedlung Entre Rios.

Schlüsselwörter: Donauschwaben, Identität, Siedlung Entre Rios.

## ABSTRACT

This research aims to analyze how the identification Swabians of Danube is elaborated and consolidated in the speeches about Entre Rios group and colony, wich is located in the municipal district of Guarapuava, centre south of Paraná. The formation of colony started in 1951, with the arrival of about 500 Second World War refugees families, wich origins are placed in the former Yugoslavia, Hungary and Romania. The analysis focus on the speeches that relate the group's past, present and future and, like that, build a Swabian-Danubian identification felling inside Entre Rios. The thesis is divided in four chapters. In the first, it presents the context about creation of the term Swabians of Danube (Donauschwaben) to appoint groups of German descendant who lived in those countries, the fixation process of Entre Rios's families and the reported speeches present in the press of Paraná and in reports elaborated during the initial period of building the colony. The second chapter attends speeches – in special about drama titled *Arise of the eighth day - Der Morgen des Achten Tages* – that it presents the form how it'll give the inset of group in the community's Paraná and Brazil. The third accosts the elaboration of narratives, with the support of colony's collective, that create determined collective memory for Entre Rios. The last chapter searchs about the forms of count of individuals memories, and is thus a collective memory, the main support of Swabian-Danubian's identity in the Entre Rios Colony.

Key words: Swabians of Danube, Identity, Entre Rios Colony.

words: Swabians of Danube, Identity, Entre Rios Colony.

## INTRODUÇÃO

*Donauschwaben*, ou “suábios do Danúbio”, é como se identificam os imigrantes oriundos da antiga Iugoslávia, Hungria e Romênia, e seus descendentes, que vivem na colônia Entre Rios, situada no município de Guarapuava, Centro-Sul do Estado do Paraná. A colônia é constituída por cinco vilas<sup>1</sup>: Vitória, Jordãozinho, Socorro, Samambaia e Cachoeira.<sup>2</sup>

A formação de Entre Rios, a partir de 1951, está ligada ao desfecho da Segunda Guerra Mundial. Trata-se de um processo de diáspora que trouxe cerca de quinhentas famílias de refugiados para o Paraná por meio de instituições de ajuda humanitária, principalmente a *Schweizer Europahilfe* (Ajuda Suíça à Europa), com o apoio da Organização das Nações Unidas, ONU, e o governo paranaense.

No início do ano de 2.000 visitei as vilas da colônia pela primeira vez. O principal aspecto da comunidade - formada não só pelos imigrantes e descendentes, mas também por pessoas oriundas de Guarapuava e de outras partes do Brasil – que me chamou a atenção, foi o fato de os suábios se comunicarem preferencialmente em língua alemã (um exemplo é a saudação *Griß Gott*), além do acentuado sotaque, quando se expressavam em língua portuguesa.

Ao adentrar o museu, localizado em Vitória, sede da colônia, fui recebido pela coordenadora do museu, a qual prestativamente me mostrou o acervo e relatou um pouco sobre a história da colônia e dos suábios. Em meio à conversa, ela me indagou sobre minha

---

<sup>1</sup> Nos acessos principais das vilas, foram colocadas placas com o nome da localidade, o qual é precedido pelo termo *Dorf*, cuja tradução é aldeia. De acordo com o Dicionário Silveira Bueno de Língua Portuguesa, aldeia é uma *povoação pequena de categoria inferior à vila; povoação rústica; povoação de aborígenes; (...)*. BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000. p. 44.

<sup>2</sup> Em 1996, o número de imigrantes e descendentes vivendo na colônia era de cerca de 2.500 pessoas. Entre Rios se destaca pela produção agrícola, sendo que a maioria dos agricultores suábios possui propriedades, em média, com 250 hectares, alguns plantando mais de 1.000 hectares. MAJOWSKI, Francisco. **Entre Rios**. Guarapuava: Cooperativa Agrária Mista Entre Rios Ltda. 1996. p. 23.

formação profissional e minha origem étnica, quando se mostrou espantada por eu não saber falar a língua alemã, já que meu sobrenome é “alemão”.

Além das explicações da coordenadora, o contato com o acervo do museu, constituído de fotografias, livros, jornais e objetos trazidos da Europa, levou-me a considerar que estava diante de uma ótima possibilidade de desenvolver um estudo sobre a história do grupo, principalmente acerca da construção e manutenção de sua identidade étnica.<sup>3</sup> Pois há o esforço no sentido de “preservar” a identificação de serem *Donauschwaben*, membros do mais jovem grupo étnico germânico<sup>4</sup>.

Tal esforço é fomentado principalmente pela cooperativa da colônia, a Cooperativa Agrária Mista Entre Rios Ltda. e pode ser visualizado em ações como a criação e manutenção do museu, (*HeimatMuseum*), do Centro Cultural (*Kulturzentrum Mathias Leh*). Neste último e na Escola Dona Leopoldina ocorrem, entre outros eventos, as apresentações de grupos de danças folclóricas. Nessa escola há, inclusive, ênfase no ensino da língua alemã. Além disso, a cooperativa possui uma emissora de rádio cuja programação, em parte, é em língua alemã e um periódico bilíngüe: a *Revista Entre Rios*, onde são veiculadas matérias sobre questões relacionadas à agricultura e sobre a história do grupo, principalmente por ocasião de datas comemorativas, como o aniversário de fundação da colônia.

Figura n.º 1. Mapa do Estado do Paraná.

<sup>3</sup> Cabe destacar que a opção pela temática também está relacionada ao fato de ter defendido a dissertação de Mestrado em História, cujo tema é a análise de discursos de germanização em Marechal Cândido Rondon, município situado no Extremo Oeste do Paraná. STEIN, Marcos Nestor. **Construção do Discurso da Germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História) Florianópolis: UFSC, 2000.

<sup>4</sup> Desta forma é que o historiador suábio Josef Volkmar Senz se refere ao grupo suábios do Danúbio no sugestivo título de seu livro, publicado quando das comemorações dos 30 anos da Associação dos Suábios do Danúbio na Bavária, os quais, semelhante aos que formaram a colônia Entre Rios, são oriundos na sua maioria da antiga Iugoslávia. SENZ, Josef V. *Die Donauschwaben – der jüngste deutsche Neustamm*. In: SCHMIDT, Stefan; SENZ, Josef V. ; SONNLEITNER, Hans (Herausgegeben) **Bayerische Donauschwaben donauschwäbische Bayern. Dreißig Jahre Landmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien Landesverband Bayern e. V. 1949-1979**. München: Landmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien Landesverband Bayern. 1979. p. 11-17.



FONTE: ELFES, Albert. **Suábios no Paraná**. Curitiba: [s.n.], 1971. p. 43.

O elemento central de identificação, presente nestes espaços, são as narrativas acerca do passado do grupo. Nelas, aparece o vínculo com a Alemanha em razão de seus antepassados serem oriundos do Sul e Sudeste deste país, os quais, após a expulsão dos turcos da região do Danúbio Central (século XVIII), ocuparam essa área, que passou a fazer parte do Império Austro-Húngaro.

Um exemplo desta narrativa pode ser encontrado na página eletrônica da cooperativa Agrária:

Os suábios do Danúbio são um povo de etnia germânica. Sua origem é a "Suábia" (Schwaben), uma antiga região européia, germânica, que hoje corresponde ao Estado alemão de Baden-Württemberg (Sudoeste da Alemanha). Durante o Império Austro-Húngaro (quando ainda não existia a Alemanha como um país independente), por volta de 1729, os suábios participaram de um projeto de colonização de regiões do Sudeste da Europa que haviam sido reconquistadas aos turcos. Desta forma, deixaram sua região de origem e desceram de barco, pelo rio Danúbio, até aquelas terras, que por sua vez representam hoje algumas das ex-repúblicas que formavam a Iugoslávia. Por esta razão, eles ficaram conhecidos como suábios "do Danúbio".<sup>5</sup>

<sup>5</sup> <http://www.agraria.com.br>. Acesso em 13 de março de 2007.

Além disso, conforme Albert Elfes, no livro intitulado “Suábios do Danúbio no Paraná”<sup>6</sup>, o grupo não provinha originalmente apenas da região conhecida como Suábia, mas de diferentes províncias do reino alemão, sendo que essa denominação, que começou a ser usada somente a partir de 1922, se deve ao fato de que todos embarcavam no rio Danúbio, na cidade suábia de Ulm.<sup>7</sup>

Refletir sobre o tema identidade étnica é pensar em processos por meio dos quais pessoas elaboram significados sobre si, situando-se como pertencentes a um determinado grupo. Conforme Stuart Hall, a identidade não é algo pronto, imutável, uma essência fixa, mas dinâmica, construída e reconstruída (...) *por intermédio da memória, fantasia, narrativa e mito (...). São pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história (...).*<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, os discursos sobre o passado, sobre o presente e as projeções de futuro - discursos esses que envolvem sentimentos como angústia, nostalgia e esperanças - apresentam-se como importantes plataformas para a construção e manutenção de identidades culturais, como é o caso dos “suábios do Danúbio”.

Portanto,

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> ELFES, Albert. **Suábios no Paraná**. Curitiba: [s.n.], 1971.

<sup>7</sup> Ibidem. p. 18. Segundo ele, a ocupação área do Danúbio Central iniciou-se quando, entre 1658 e 1705, o imperador Leopoldo I da Áustria fomentou a imigração de seus súditos do reino alemão. O projeto teve seqüência em 1740, quando a Imperatriz Maria Theresia assumiu o trono da Hungria, e, em menor proporção, estendeu-se pelo século XIX.

<sup>8</sup> HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico**. Volume Temático: Cidadania, n.º 24, p.70, 1996.

<sup>9</sup> HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.109.

Cabe destacar que, na perspectiva da análise de discurso, não se trata apenas de transmissão de informações, mas, nas palavras de Orlandi, (...) *com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada sociedade.*<sup>10</sup> Assim sendo, enfocam-se os discursos como processos de argumentação que também constroem sujeitos coletivos.<sup>11</sup>

Inicialmente, a idéia era refletir a constituição da identidade suábica a partir da relação com o outro, na diferença. Pretendia-se entender como ela se estabelecia na relação entre os suábios e a comunidade não-suábica. No entanto, durante a pesquisa com as fontes, a abordagem foi redirecionada. São três os principais motivos que levaram a esse deslocamento do foco de análise.

O primeiro está relacionado às entrevistas. Foram realizadas várias entrevistas com pessoas que participaram do processo de instalação da colônia, ou que ocuparam/ocupam posições de destaque na localidade. Durante as entrevistas, vários depoentes solicitavam uma pausa para buscar livros e se certificar da veracidade de suas lembranças, ou mostrar fotografias para materializar sua fala. Situação semelhante ocorria também quando da transcrição das entrevistas, pois houve solicitações para que fossem retirados vários fatos narrados em comum, principalmente os que demonstravam a existência do dissenso na comunidade ou que não se enquadravam nas narrativas presentes nos livros sobre a história da colônia. O principal aspecto que muitos dos depoentes reforçavam, portanto, era a sua afinidade com relatos publicados em livros, notadamente um deles: o de Albert Elfes.

O segundo motivo foi a leitura do *Jornal de Entre Rios*, que passou a ser publicado pela cooperativa Agrária em 1986 e da *Revista Entre Rios*, que o substituiu a partir de agosto

---

<sup>10</sup> ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. p.10.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 21.



de 1994. Nesses periódicos, especialmente em ocasiões comemorativas, ocorre a veiculação de um mesmo enredo discursivo sobre a história dos suábios e da colônia, ou seja, há uma repetição, a cada ano, de um mesmo sentido histórico.

Também pude verificar essa homogeneização da história suábica na Alemanha, ao visitar três instituições culturais dos suábios do Danúbio (*Haus der Donauschwaben*). A primeira em Haar, região metropolitana de Munique, Baviera, a segunda em Ulm e a última em Sindelfingen, ambas localizadas em Baden-Württemberg. Nestas instituições, visualizei o esforço para a produção e divulgação da história dos suábios, que vivem não somente na Alemanha, mas em outros países, como por exemplo, a Áustria, Canadá, Estados Unidos, Brasil, Austrália e a Argentina.

A constatação de tais elementos levou-me a buscar autores que fornecessem subsídios para refletir sobre a constituição dessa história comum, sendo que um em especial, Jörn Rüsen, inspirou-me a pensar acerca da constituição desse sentido identitário (a terceira motivação). Para explicar a categoria sentido, Rüsen lançou mão de dois exemplos, ambos da África do Sul. O primeiro é de um zulu que, por meio da narrativa de histórias, buscava defender a cultura de seu povo contra os brancos. O segundo exemplo consiste na utilização de histórias em quadrinhos que apresentam o percurso da história sul africana por meio de uma determinada seqüência temporal.<sup>12</sup> De acordo com ele,

A constituição histórica de sentido dá-se, pois não apenas na forma de uma narrativa elaborada a partir de uma prática cultural oriunda das rotinas do cotidiano, como em uma celebração cívica, em um discurso gratulatório (...). Ela perpassa todas as dimensões das mais diversas manifestações da vida humana. Ela pode efetuar-se na forma de procedimentos inconscientes que influenciam a vida concreta, como o recalque, o afastamento ou a reinterpretação das lembranças, experiências e interpretações impostas que incomodam. Ela perpassa a comunicação no dia-a-dia, na forma de fragmentos de memória e de histórias, de símbolos, cujo sentido só transparece na narrativa.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria da história**: os fundamentos da razão histórica. Brasília: UNB, 2001. p. 156-159.

<sup>13</sup> Ibidem. p. 160.

Desta maneira, a questão central da pesquisa será perceber como a identificação “suábios do Danúbio” é elaborada, imaginada e, por meio de quais marcos cristalizados nos discursos sobre a história do grupo é fomentado o sentimento de pertencimento, de (re)criação de um "eu" coletivo na colônia Entre Rios. Portanto, trata-se de uma investigação que visa analisar as narrativas <sup>14</sup> que constroem a identificação do grupo, e não da formação de sua identidade a partir das relações entre grupos distintos.

Assim, os principais focos de análise deste trabalho são os discursos indicadores da identidade suábia-danubiana. Desde a fundação da colônia e, especialmente, a partir da segunda metade da década de 1960, há a elaboração de narrativas sobre o grupo, que são veiculadas por meio de jornais, revistas e livros. Tais narrativas geralmente apresentam discursos que descrevem o passado desse grupo na Europa e a sua vinda para o Brasil, nas quais há, principalmente, a tentativa de apagar as diferenças entre os membros do grupo, unindo-os por intermédio de uma memória comum.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, (...) *a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.* <sup>15</sup> Memória e identidade são, portanto, problemáticas que, pela suas características, devem ser tratadas em conjunto, pois constituem elementos que se sobrepõem, se imbricam. Esse pressuposto também pode ser observado no livro intitulado *História e Memória: a problemática da pesquisa*,<sup>16</sup> de Loiva Otero Félix. Ela afirma ser a memória um dos (...)

---

<sup>14</sup> Cabe esclarecer que, embora as entrevistas orais tenham sido realizadas com base nas orientações de Meihy e Alberti, este não pretende ser um trabalho de História Oral, na medida em que as entrevistas são utilizadas como subsídios para a análise das fontes impressas, e não como foco privilegiado de análise. Sobre História Oral ver: MEIHY, José C. S. B **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996; ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

<sup>15</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1992, p.476.

<sup>16</sup> FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: A problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

*suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade.*<sup>17</sup>

Partindo das considerações acima, a memória, mesmo os relatos individuais sobre o passado, está permeada pela vivência do indivíduo com seus familiares, amigos, conhecidos e pelos discursos sobre o grupo ou sociedade à qual pertence. Na medida em que essa memória é compartilhada, podemos afirmar então que é construída uma identificação entre o indivíduo e os demais membros do grupo. Diante disso, é interessante destacar a seguinte reflexão de Alistair Thomson:

Nossas reminiscências variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou identidades, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social.<sup>18</sup>

Portanto, a memória não é algo totalmente individual. Ela é permeada pelas relações do indivíduo com o momento em que evoca suas memórias, com as pessoas com as quais convive, com as suas leituras, etc. É esse conjunto de aspectos que, em grande parte, formata as interpretações sobre o vivido, as quais podem ser usadas também com o objetivo de "conservar", ou atualizar determinadas práticas coletivas que indivíduos, isoladamente ou em grupos, consideram importantes.

O problema que se coloca ao historiador é a reflexão sobre como se dá esse processo, que homogeneiza e principalmente legitima as narrativas sobre o passado, construindo, dessa forma, uma identidade de grupo.

---

<sup>17</sup> Ibidem. p. 35.

<sup>18</sup> THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a relação entre História oral e as memórias. In: **Projeto História**, São Paulo, (15) abr. 1997. p 57.

As reflexões de Tzvetan Todorov, presentes no livro intitulado *Memória do mal, tentação do bem, indagações sobre o século XX*,<sup>19</sup> podem servir como apoio para a reflexão. Segundo ele, os vestígios do passado se organizam em alguns tipos de discurso, dos quais ele destaca os discursos das testemunhas, os dos historiadores e os dos comemoradores. O primeiro é (...) *o indivíduo que convoca suas lembranças para dar forma, portanto um sentido, à sua vida, e constituir assim sua identidade (...)*<sup>20</sup>. O segundo é designado como o representante da História-disciplina, (...) *cujo objeto é a reconstituição e a análise do passado; (...)*.<sup>21</sup> O terceiro produz um discurso que muitas vezes é denominado de “memória coletiva”. Mas para Todorov, (...) *a memória, no sentido de vestígios mnésicos, é sempre e unicamente individual; a memória coletiva não é uma memória, mas um discurso que evolui no espaço público. Esse discurso reflete a imagem que uma sociedade ou grupo dentro da sociedade querem dar a si mesmo.*<sup>22</sup>

Portanto, diferentemente da testemunha, cuja memória serve para conferir um sentido para sua vida, tanto o historiador como o comemorador produzem discursos sobre o passado para serem apresentados na esfera pública. Mas, enquanto que o primeiro submete os vestígios do passado ao exame crítico, no âmbito dessacralizado do conhecimento histórico, visando perceber seus múltiplos significados, os seus usos, o segundo procura adaptar o passado aos seus objetivos do presente. Nessa perspectiva, (...) *a história complica nosso conhecimento do passado; a comemoração simplifica; (...) a primeira é sacrílega, a segunda, sacralizante (...)*.<sup>23</sup> Ou seja, o conhecimento histórico não visa estabelecer certezas absolutas, mas explicações que estão, ou devem estar, sujeitas a revisões e reformulações, enquanto que

---

<sup>19</sup> TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX**. São Paulo: ARX, 2002.

<sup>20</sup> Ibidem. p.151.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Ibidem. p.155.

a comemoração tem um caráter de dogma, que ritualiza e idealiza determinada visão do passado com vistas aos interesses do presente.

Assim, aquilo que denominamos de memória coletiva, deve ser entendido não como um conjunto de lembranças compartilhadas de maneira natural e homogênea por um grupo humano, mas como interpretações do passado, produzidas e divulgadas por indivíduos (os comemoradores) que visam a alcançar determinados objetivos. Portanto, o discurso denominado de memória coletiva é um campo de disputas e de construção de identidades.

Nessa perspectiva, procurou-se levar em conta, além dos autores dos discursos, os outros atores envolvidos, como, por exemplo, o papel dos editores do *Jornal de Entre Rios* na publicação de entrevistas com imigrantes suábios, feita em 1994. Nesse sentido, Roger Chartier, ao refletir acerca da mediação editorial na produção de livros, afirma que, (...) *contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados (...)*.<sup>24</sup>

Nesse processo de constituição da memória coletiva, há o que Pollak denominou de *trabalho de enquadramento da memória*.<sup>25</sup> Para ele, trata-se de um trabalho que também pode ser realizado por historiadores, que organizam e unificam determinada memória a fim de constituir, por exemplo, uma história nacional ou grupal.<sup>26</sup> No caso de Entre Rios, há também um trabalho de enquadramento da memória, que é feito, sobretudo, por meio da publicação de livros, pelo *Jornal de Entre Rios* e pela constituição de um museu. São estes os principais *lugares de memória*<sup>27</sup> da colônia.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002. p. 62. Queremos lembrar que nesse trabalho estamos tratando somente da produção de sentidos, e não das práticas de leitura. Sobre essa questão, que será tema de um trabalho futuro, ver: CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras e ALB, 2003.

<sup>25</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5 n.º 10. 1992. p.206.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> NORA, Pierre. Entre a História e a Memória. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP. N.º10. 1993. De acordo com esse autor, os lugares de memória podem ser desde a comemoração de aniversários, datas cívicas, a construção de estátuas, até a escrita de atas, livros, matérias em jornais e revistas, etc. p. 13-26.

As publicações sobre a colônia são em grande parte redigidas em língua alemã. A primeira publicação especificamente da colônia é a de Max Frösch,<sup>28</sup> datada de 1958. Publicada sob a chancela da *Schweizer Auslandhilfe*, trata-se de um relato do desenvolvimento da colônia nos seus primeiros anos. A segunda, é uma peça de teatro intitulada *O Raiar do Oitavo Dia - Der Morgen des Achten Tages*, de autoria de Helmuth Abeck,<sup>29</sup> descendente de imigrantes alemães. Nela, Abeck apresenta uma interpretação fictícia sobre a relação entre os recém-chegados suábios e a população que vivia na área onde estava sendo instalada a colônia e o desenvolvimento desta relação nos primeiros dez anos.

A terceira e a quarta obras estão inseridas nas efemérides dos 20 e 25 anos da colônia, respectivamente. A primeira, intitulada *Suábios no Paraná*,<sup>30</sup> tem como autor o Engenheiro Agrônomo alemão Albert Elfes, e a segunda intitulada *Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana*.<sup>31</sup> Além de apresentarem ricas informações sobre os suábios e principalmente sobre a história da colônia, essas duas publicações possibilitam a análise de como o sentido identitário dos suábios foi constituído.

De caráter acadêmico, temos os estudos de Anton Hochgatterer,<sup>32</sup> realizado entre os anos de 1976/ 77 e 1979, de Josef Gappmaier,<sup>33</sup> início da década de 1970 e início dos anos 80 e de Gerd Kohlhepp,<sup>34</sup> principalmente na década de 1980. Estes estudos, todos da área de geografia, enfocam principalmente o desenvolvimento agrário da colônia, sendo que os dois

---

<sup>28</sup> FRÖSCH, Max. **Guarapuava: Die Donauschwäbische Flüchtlingssiedlung in Brasilien**. Freilassing: Pannonia Verlag, 1958.

<sup>29</sup> ABECK, Helmuth. **O Raiar do Oitavo Dia - Der Morgen des Achten Tages**. Curitiba: Imprimax Ltda, 1964.

<sup>30</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.**

<sup>31</sup> COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA. **Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana**. Campinas: CARTGRAF Ltda. 1976

<sup>32</sup> HOCHGATTERER, Anton. **Entre Rios. Donauschwäbische Siedlung in Südbrasilien**. Salzburg: Haus der Donauschwaben, 1986.

<sup>33</sup> GAPPMAIER, Josef. **Entre Rios. Agrargeographie der Donauschwabensiedlung in Paraná – Brasilien**. Salzburg: (Dissertation) zur Erlangung des Doktorgrades an der naturwissenschaftlichen Fakultät der Universität Salzburg. 1987.

<sup>34</sup> KOHLHEPP, Gerd. Espaço e Etnia. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.º 11. São Paulo: USP. Janeiro/abril de 1991.

primeiros autores, durante suas estadas em Entre Rios, atuaram também como professores na Escola Imperatriz Dona Leopoldina.

Há também três trabalhos de autores locais: Remlinger e Wilk,<sup>35</sup> Michelz,<sup>36</sup> Ducat, Mitterer e Szabo<sup>37</sup> e o livro da família Spiess.<sup>38</sup> O último, que podemos caracterizar como não-acadêmico - pois não está associado a nenhuma instituição de ensino - é composto pela relação de nomes dos habitantes suábios da colônia, juntamente com dados referentes às datas e locais de seus nascimentos, casamentos e falecimentos. Os três primeiros são trabalhos que foram realizados na Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava - atual Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, campus de Guarapuava - e objetivam relatar a história dos suábios e da colônia. Assim como os trabalhos de Gappmaier, Hochgatterer e Kohlhepp, ambos possuem como fonte o livro de Elfes. Além dos dados, em suas páginas também estão impressos discursos identitários sobre os suábios.

Para a análise dos discursos que constroem o sentido identitário em Entre Rios, optou-se por dividir a presente tese em três capítulos. O primeiro, intitulado “*Apátridas em Busca de uma Nova Pátria: deslocamentos, adaptação e encontros*”, apresenta o contexto europeu do surgimento do termo *Donauschwaben* para designar a população de origem alemã que vivia na Hungria, Iugoslávia e Romênia e a sua expulsão desses países ao final da Segunda Guerra Mundial. O capítulo aborda também o processo que resultou na vinda de cerca de 500

<sup>35</sup> WILK, Inge Annemari, REMLINGER, Madalena Jung. **A História dos Suábios do Danúbio e o Desenvolvimento de Entre Rios nos seus 35 Anos.** (Monografia) Guarapuava: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. 1986.

<sup>36</sup> MICHELZ, Johana Elisabeth. **Campesinato X Agricultura Capitalista em Entre Rios – 1951 a 1985.** Monografia (Especialização em História Econômica do Brasil) Guarapuava: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava. 1989. Este trabalho diverge dos demais em função da problemática e dos aspectos teóricos metodológicos. No entanto, ao explicar as razões para o sucesso econômico de Entre Rios, percebe-se que sucumbe à pressão da memória coletiva da colônia, de forma semelhante aos demais trabalhos citados.

<sup>37</sup> DUCAT, I. MITTERER, S. SZABO, C. **Suábios do Danúbio: Tradição, cultura e educação.** Monografia (Curso de Pedagogia) Guarapuava: UNICENTRO, 1992.

<sup>38</sup> SPIESS, Rosina, SPIESS, Cristiana, SPIESS, Walter. **Ortsippenbuch Entre Rios im Staat Paraná im Süden Brasiliens.** Personen, Namen, Daten-Geburten, Heiraten, Sterbefälle mit einer Liste der Frauen, einer Liste der Wohnorte und sieben Karten. Rastatt: Edição dos autores, 1998.

famílias para o Brasil e o estabelecimento da colônia Entre Rios, e como esse episódio foi noticiado por alguns jornais paranaenses. Outras fontes de análise sobre o período inicial da colônia são os relatórios redigidos na primeira década da colônia. Além de uma visão sobre o referido período, em um dos relatórios estão impressos os diagnósticos de seus autores acerca das características “físicas, culturais e sociais”<sup>39</sup> dos suábios.

O segundo capítulo, intitulado “*Aculturação*” e *Identidade Cultural*, tem como escopo a identificação da forma como a inserção dos imigrantes na comunidade nacional brasileira, em especial na paranaense, era concebida no período e, principalmente, quais são os discursos produzidos para responder a essa questão. O governo do Estado, personalizado pelo Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, entendia que imigrantes europeus eram os mais indicados para a tarefa de ajudar na formação populacional e econômica do Estado. Concomitantemente, verifica-se que descendentes de alemães no Estado, notadamente um grupo de comemoradores localizados na capital paranaense, visualizavam a chegada dos suábios como uma forma de revitalizar a cultura alemã no Paraná.

As duas posições, longe de serem antagônicas, são complementares. É o que se verifica nos textos produzidos por ocasião das comemorações do centenário de emancipação política administrativa do Paraná, em 1953, tanto pelo governo como pela Comissão de Festejos do Grupo Étnico Germânico. Um membro deste grupo, Helmuth Abeck, apresentou sua interpretação acerca da maneira como se daria a “aculturação” entre os suábios e a população guarapuavana que vivia no entorno da colônia. Trata-se da peça de teatro bilíngüe intitulada “O Raiar do Oitavo Dia - *Der Morgen des Achten Tages*”, a qual será examinada detalhadamente.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> GOSSNER, Walter. **Agrária. Die Siedlung der Donauschwaben im Municip Guarapuava im brasilianischen Staate Paraná.** Bericht über die Ergebnisse der im Auftrage der Schweizer Europahilfe durchgeführten Untersuchung. Jundiaí. März 1952. Mimeo.

<sup>40</sup> ABECK, Helmuth. **Op. cit.**



A partir da segunda metade da década de 1960, verifica-se o acentuado desenvolvimento econômico da colônia, o qual é atribuído à ascensão de Mathias Leh na direção da Cooperativa Agrária, em 1966. Além da reorganização da cooperativa, Leh encampou e apoiou projetos que visavam a “reviver e manter” determinada identificação étnica do grupo. Neste sentido, o enfoque inicial do terceiro capítulo, cujo título é *Memórias de Júbilo: elaboração de discursos identitários em publicações comemorativas (1971 e 1976)*, tem como escopo o processo de reestruturação da colônia. A partir de então, a análise enfoca a produção de dois livros, buscando perceber, principalmente, como, ao narrar uma história dos suábios e da colônia, é constituída uma memória coletiva para os membros do grupo.

O último capítulo, intitulado *Guardiões da Memória-Identidade*, aborda a constituição do museu da colônia como suporte de uma memória coletiva suábia-danubiana. Além disso, serão examinados dois discursos de identificação presentes no *Jornal Entre Rios* e na *Revista Entre Rios*, que relacionam o passado ao presente e projetam o futuro dos suábios. Ambos são de 1994. O primeiro discurso foi divulgado quando do falecimento de Mathias Leh, e o segundo é a publicação da transcrição de relatos de imigrantes. Nesse conjunto de fontes, busca-se analisar a constituição do sentido identitário em *Entre Rios*.

Nessa perspectiva, acompanhamos Jeanne Marie Gagnebin em seu inspirador texto, intitulado *O que significa elaborar o passado?* Segundo ela:

(...) É justamente porque não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva, como dizia Maurice Halbwachs, e temos o sentimento tão forte de caducidade das existências e das obras humanas, que precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança. Criamos, assim, centros de memória, organizamos colóquios, livros, números especiais, recolhemos documentos, fotografias, restos e simultaneamente, jogamos fora quilos e quilos de papel, não lembramos de muitos nomes e perdemos a conta de outros tantos acontecimentos ditos importantes.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: \_\_\_\_\_ **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 97-8.

Portanto, nesse trabalho, ao focalizar os discursos que produzem sentidos de identidade, busca-se analisar os seus principais argumentos, nos quais eventos do passado da colônia e dos suábios são revisitados, reinterpretados e reatualizados e que, desse modo, formam uma memória coletiva, que é um dos principais suportes da identidade suábia.

## CAPITULO I

### **“APÁTRIDAS EM BUSCA DE UMA NOVA PÁTRIA”: deslocamentos, adaptação e encontros.**

*Pão e banana já anunciam a passagem da penúria para a fartura na nova terra.*<sup>42</sup>

Neste capítulo, aborda-se o surgimento da denominação suábios do Danúbio, no período do entre-guerras, e o processo que resultou no deslocamento dos suábios, após a Segunda Guerra Mundial. Foram dos Bálcãs para a Áustria e, posteriormente, parte destes veio para o Brasil, onde se fundou a colônia Entre Rios. Além dos discursos presentes em jornais que noticiaram aos paranaenses a chegada do grupo ao Brasil, a análise enfoca os relatórios sobre os primeiros anos da colônia. Tais relatórios apresentam discursos sobre o ambiente guarapuavano, o processo de adaptação dos suábios e o seu encontro com os então habitantes da área onde foi fundada a colônia.

#### **1.1 *Donauschwaben*: identidade étnica e diáspora**

---

<sup>42</sup> Jornal **O Diário**. Santos: 6 de outubro de 1951. p. 01.

O surgimento do termo suábios do Danúbio (*Donauschwaben*) está relacionado ao contexto do pós-Primeira Guerra Mundial,<sup>43</sup> quando o Império Austro-Húngaro<sup>44</sup> foi desmembrado e a região que era também habitada pelos membros deste grupo foi dividida - mediante a assinatura de tratados - entre a Hungria, Iugoslávia e Romênia. Além do Tratado de Versalhes, há

(...) um cortejo de tratados que põem fim à guerra com os aliados da Alemanha, com os herdeiros ou com as potências balcânicas. Esses tratados têm todos o nome de castelos ou residências reais dos subúrbios parisienses: O Tratado de Sévres com o Império Otomano, o de Trianon com a Hungria, o de Saint-Germain com a Áustria, o de Neully com a Bulgária. São assinados entre 1919 e 1920.<sup>45</sup>

O Tratado de *Saint-Germain*, assinado em 1919, seguido do Tratado de *Trianon*, firmado no ano seguinte, além de estabelecerem a independência da Hungria, decretaram a transferência de extensas áreas do antigo Império Austro-Húngaro para a Polônia, Tchecoslováquia e para o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, proclamado em dezembro de 1918 - e que em 1929 recebeu o nome de Iugoslávia.<sup>46</sup>

No mapa a seguir, pode-se visualizar a distribuição dos países na Europa Central antes da Primeira Guerra Mundial:

---

<sup>43</sup> Ocorrida entre 1914 e 1918, a guerra - de acordo com Rémond, foi o resultado de um complexo conjunto de fatores, entre os quais, os movimentos de nacionalidade - foi deflagrada após o assassinato do herdeiro do trono Austro-Húngaro, Arquiduque Francisco Ferdinando, por um nacionalista sérvio, na cidade de Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina. A guerra tinha como principais beligerantes, de um lado a Tríplice Aliança, formada pelo Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Império Turco-Otomano, e do outro, a Tríplice Entente, composta pelo Império Russo, Sérvia, Império Britânico e França. Com a entrada dos Estados Unidos no conflito, em 1917, a Tríplice Aliança é derrotada, em 1918. RÉMOND, René. **O Século XX. De 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 2001. VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Primeira Guerra Mundial. Relações internacionais no século 20**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

<sup>44</sup> A formação do Império Austro-Húngaro ocorreu em 1867, sob o governo de Francisco José de Habsburgo. LASCHAN-SOLSTEIN, Godofredo von; LASCHAN-SOLSTEIN, Trude von. **Aspectos da História da Áustria Através de sua Evolução Cultural**. São Paulo: Editora Anchieta S/A. 1947. p. 14-15.

<sup>45</sup> RÉMOND, René. **Op. cit.** p. 30.

<sup>46</sup> LOHBAUER, Christian. **História das Relações Internacionais II. O século XX: do declínio europeu à era global**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 44-45. BRENER Jaime. **Tragédia na Iugoslávia. Guerra e Nacionalismo no Leste Europeu**. São Paulo: Atual. 1993. p. 14-15.

Figura n.º 2. Mapa da Europa Central (período anterior à Primeira Guerra Mundial)



FONTE: DONAUSCHWÄBISCHE KULTURSTIFTUNG. **Genocide of the Ethnic Germans in Yugoslavia 1944-1948**. München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 2003. p. 38.

As áreas pontilhadas, localizadas principalmente nas margens do rio Danúbio e de alguns de seus afluentes indicam as regiões ocupadas por aqueles que viriam a ser posteriormente denominados “suábios do Danúbio”.

O maior número de suábios encontrava-se na área que viria a fazer parte da Iugoslávia, nas regiões denominadas Banat, Batschka e Baranja, as quais eram coletivamente denominadas Vojvodina.<sup>47</sup> Isso pode ser visualizado no mapa a seguir, que apresenta a nova configuração dos Estados Nacionais após a Primeira Guerra Mundial:

Figura n.º 3. Mapa da Europa Central (período posterior à Primeira Guerra Mundial).



<sup>47</sup> DONAUSCHWÄBISCHE KULTURSTIFTUNG. **Genocide of the Ethnic Germans in Yugoslavia 1944-1948**. München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung, 2003. p.23.

FONTE: DONAUSCHWÄBISCHE KULTURSTIFTUNG. **Op. cit.** p. 39.

Embora a criação dos novos Estados indicasse o triunfo de demandas eslavas-nacionalistas na região, com o desmembramento do Império Austro-Húngaro verifica-se também a intensificação de conflitos étnicos na região. Nesse sentido, Rémond afirma o seguinte:

Claro está que ainda subsistem minorias, porém menos numerosas do que antes de 1914, e são agora as nacionalidades dominadoras de ontem que são sujeitas a seus antigos vassallos: as minorias húngaras, na Tchecoslováquia, na Transilvânia romena ou na Iugoslávia.<sup>48</sup>

No caso da Iugoslávia, não se tratava somente de lutas de eslavos e húngaros nacionalistas contra populações de origem alemã, mas também de conflitos que envolviam croatas, eslovenos e sérvios.<sup>49</sup> Portanto, a criação de novos países não solucionou os conflitos que contribuíram para a eclosão do conflito mundial. Pelo contrário, é neste contexto que se verifica a intensificação das lealdades nacionais<sup>50</sup> e de organização e fortalecimento de grupos étnicos.

É nesse contexto que também surge a denominação *Donauschwaben*, suábios do Danúbio. Pois, de acordo com Anton Scherer, professor da universidade de Graz, Áustria, antes de 1920, o termo suábios (*Schwaben*) era a denominação de todos os alemães e descendentes que no século XVIII colonizaram o médio Danúbio. Além disso, por exemplo, na Bósnia também os austríacos eram denominados suábios,<sup>51</sup> sendo que o termo variava dependendo da região, como é o caso das denominações “suábios do Sudeste”

<sup>48</sup> RÉMOND, René. **Op. cit.** p. 32.

<sup>49</sup> SOARES, Jurandir. **Iugoslávia: guerra civil e desintegração**. Porto Alegre: 1999. BRENER Jaime. **Op. cit.** Uma interessante análise sobre os movimentos pan-eslavista e pan-germanista encontra-se em: ARENDT, Hannah. **O Sistema Totalitário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. p. 295-347.

<sup>50</sup> Para uma análise da “questão nacional”, ver: HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Programa mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990. Para o autor, o apogeu do nacionalismo se deu no período compreendido entre o final da Primeira Guerra Mundial e 1950. GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

<sup>51</sup> SCHERER, Anton. **Wortkundliche Studien Etymologien und Deutsch-sudosteuropäische Sprachliche Interferenzen**. Graz: Donauschwäbisches Archiv. 2002. p.3 Basta observar que antes desta data, as organizações de origem alemã, como as mencionadas acima, não utilizam o termo *Donauschwaben*.

(*Südostschwaben*), “suábios do Leste” (*Schwaben im Osten*) ou “suábios do Banat” (*Banater Schwaben*).<sup>52</sup>

Em um artigo intitulado *Seit 42 Jahren heißen wir Donauschwaben (Faz 42 anos que nos chamamos Suábios do Danúbio)*,<sup>53</sup> Scherer afirma que a referida denominação foi cunhada em 1922 por Robert Sieger, professor de Geografia na Universidade de Graz. No entanto, Sieger, falecido em 1927, nunca fez uso do termo em seus escritos, mas apenas em suas conferências e aulas. Em seus estudos, Sieger desenvolveu reflexões cujos temas eram povo, populações, nação e nacionalidade, fronteiras e limites naturais, notadamente da região onde os suábios do Danúbio viviam.<sup>54</sup> Além disso, o geógrafo participou da delegação austríaca, por ocasião das conferências de paz ocorridas ao final da Primeira Guerra Mundial.<sup>55</sup>

A utilização do termo em publicações se deve ao geógrafo alemão e suábio, Hermann Rüdiger, membro do *Deutschen Auslands-Institut –DAI–* (Instituto Alemão para o Exterior) de Stuttgart. Rüdiger afirma que usou o termo pela primeira vez quando, em 1922, proferiu uma conferência na universidade de Graz. Segundo ele, o termo nasceu de uma conversa com Robert Sieger, mas não poderia afirmar com certeza se foi ele ou Sieger quem utilizou o termo primeiro.<sup>56</sup>

Rüdiger definiu “suábios do Danúbio” da seguinte forma:

Suábios do Danúbio, em amplo significado da palavra, são os habitantes das regiões de colonização alemã ao longo do médio Danúbio aproximadamente de Ofenpest até Orsova,

<sup>52</sup> SCHERER, Anton. **Donauschwäbische Bibliographie 1935-1955**. Das Schriftum über Donauschwaben in Ungarn, Rumänien, Jugoslawien und Bulgarien sowie – nach 1945 – in Deutschland, Österreich, Frankreich USA, Canada, Argentinien und Brasilien. München: Verlag des Südostdeutschen Kulturwerks. 1966. p.07.

<sup>53</sup> SCHERER, Anton. *Seit 42 Jahren heißen wir Donauschwaben*. In: **Volkskalender 1964**. Ein Jahrbuch des Gesamten Donauschwabentums. Ulm: Kultur- und Socialwerk der Donauschwaben. 1964.

<sup>54</sup> Ibidem. p. 63-64.

<sup>55</sup> Ibidem. p. 67.

<sup>56</sup> RÜDIGER, Hermann. **Die Donauschwaben in der Südslawischen Batschka**. Stuttgart: Ausland und Heimat Verlags. 1931. p.01. Entre as publicações de Rüdiger, destaca-se o dicionário *Handwörterbuchs des Grenz- und Auslandsdeutschums*, publicado em 1933.



principalmente na grande região de planície, a qual apresenta suas fronteiras naturais no prolongamento dos Cárpatos ao Norte e ao Sudeste as áreas por ele percorridas.<sup>57</sup>

Trata-se, portanto, de uma definição que relaciona elementos geográficos e humanos. Ao nomear o grupo desta forma, o geógrafo também disponibilizou ferramentas para reforçar as reivindicações dos suábios acerca de sua permanência na área, a qual também era ocupada por magiares, croatas, romenos e sérvios.

Neste sentido, cabe lembrar que, ao final da Primeira Guerra Mundial, a assinatura do tratado de Trianon, em 1920, além da distribuição dos territórios do antigo Império Austro-Húngaro, permitiu a permanência de minorias nos países recém-criados. No caso dos habitantes de etnia alemã (*Volksdeutschen*), os quais estavam distribuídos principalmente em áreas de fronteira dos países recém-criados, havia o desejo manifestado por seus líderes em obter maior espaço político e de manterem uma distinção étnica. Temos, como exemplos disso: a criação, em 1919, em Neusatz, Iugoslávia, do jornal *Deutsche Volksblatt*, em 1920 a formação da *Schwäbisch-Deutsche Kulturbund* (Federação Cultural Suábia-Alemã); e, em 1922, a fundação do partido dos alemães (*Partei der Deutschen*) e da cooperativa Agrária. A cooperativa e a Federação Cultural Suábia-Alemã estabeleceram seções locais em todas as comunidades de origem alemã.<sup>58</sup>

A partir de 1925, o governo iugoslavo implementou políticas restritivas às minorias étnicas. No caso dos habitantes de origem alemã, as principais foram as restrições ao funcionamento de escolas alemãs, a proibição das sociedades germânicas e a legislação que

---

<sup>57</sup> „Donauschaben“ im weisten Sinne des Wortes sind die Bewohner der deutschen Siedlungsgebiete längs des Mittellaufs der Donau, etwa von Ofenpest bis nach Orsova, im wesentlichen also der großen Tieflandstriche, die durch die Ausläufer der Karpathen im Norden und im Südosten und die Donaudurchbrüche natürlich begrenzt sind. Ibidem. p.02.

\* Todas as citações e menções em línguas estrangeiras, salvo indicação em contrário, são traduções livres do autor. As citações literais serão traduzidas para a língua portuguesa no corpo do texto, com a transcrição do texto no original em nota de rodapé.

<sup>58</sup> SENZ, Josef Volkmar. **Geschichte der Donauschwaben**. München-Sindelfingen: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1990. p.197-199.

estabelecia restrições para a aquisição de propriedades situadas numa faixa de 50 quilômetros das fronteiras internacionais.<sup>59</sup>

Essa situação só se reverteu com as pressões do governo alemão, principalmente a partir da segunda metade da década de 1930. Nesse contexto, as antigas lideranças das organizações dos grupos étnicos germânicos, de caráter nacional liberal, foram substituídas por representantes do movimento de renovação nacional radical (*Erneuerungsbewegung*). O principal líder, eleito sob forte pressão do órgão governamental alemão denominado Escritório para Alemães no Exterior, foi Sepp Janko. Para ele, o principal objetivo do nacional-socialismo (nazismo) era a união de todos os indivíduos de origem alemã. Ele estava convencido de que a relação de sangue era o fator de união entre os alemães que viviam na Alemanha e os alemães do exterior.<sup>60</sup>

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha tinha como aliados na região os governos da Romênia, Hungria, Bulgária e, inicialmente, da Iugoslávia. No entanto, dois dias depois da assinatura de sua adesão ao Eixo, em 20 de março de 1941, o governo iugoslavo foi deposto por meio de um golpe de Estado, realizado por oficiais “anti-alemães”, o que resultou na invasão do país pelas tropas alemãs.<sup>61</sup>

Com a tomada da região pelo exército alemão, ocorreu também a intensificação dos conflitos étnicos, principalmente entre sérvios e croatas. No que diz respeito à reação armada aos invasores, destacaram-se os *partisans*, uma organização de guerrilheiros comunistas liderados por Josep Broz Tito. Em 1944, os *partisans*, apoiados pelo exército russo, acabaram por vencer as tropas alemãs, as quais também eram apoiadas por grupos de habitantes de origem alemã<sup>62</sup>, entre eles, os suábios do Danúbio. Estes, na sua maioria, foram expulsos de

<sup>59</sup> DONAUSCHWÄBISCHE KULTURSTIFTUNG. **Op. cit.** p. 23-24.

<sup>60</sup> *Ibidem.* p. 24.

<sup>61</sup> BRENER, Jaime. **Op. cit.** p.47.

<sup>62</sup> Uma das organizações criadas por descendentes de alemães para combater os guerrilheiros chefiados por Tito foi a “Divisão Príncipe Eugen”. A denominação é alusiva ao Príncipe Regente Eugen, que comandou as tropas do exército austro húngaro na expansão dos turcos da região no século XVII. Para mais informações ver:

suas terras, mortos ou feitos prisioneiros em campos de trabalho forçado na Iugoslávia e na Rússia.<sup>63</sup>

A derrota da Alemanha resultou também numa multidão de desalojados, ou deslocados de guerra, oriundos de diferentes partes da Europa. Entre eles, estava parte da população suábica do Danúbio, a qual passou a viver em campos de refugiados, principalmente na Áustria. *Entre 1944/1950 o pequeno país acolheu mais de 1.500.000 'displaced persons' e, entre estes, algumas centenas de milhares de suábios do Danúbio*<sup>64</sup>.

Ao final da guerra, a maioria dos integrantes do grupo foi conduzida por órgãos como *Auxílio Suíço à Europa* e a Organização das Nações Unidas para diferentes regiões da Europa e América. Uma parte dos refugiados, constituída por 500 famílias, em torno de 2.500 pessoas, as quais, na sua maioria, eram descritas como “apátridas”<sup>65</sup> foram, após contatos com autoridades, trazidas para o Brasil. No país, depois de receberem convites para se fixar nos Estados de Goiás e Paraná, optaram pelo último, onde fundaram a Colônia Entre Rios, em 1951.<sup>66</sup>

---

CASAGRANDE, Thomas **Die Volksdeutschen SS-Division “Prinz Eugen”**. Die Banater Schwaben und die National-Socialistischen Kriegsverbrechen. Frankfurt: Campus Verlag, 2003.

<sup>63</sup> Casagrande afirma que no período compreendido entre dezembro de 1944 a janeiro de 1945, entre 27.000 a 30.000 habitantes de origem alemã que vivia na Iugoslávia foram deportados para a União Soviética. *Ibidem*. p. 300.

<sup>64</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p.20.

<sup>65</sup> Cf. listas de passageiros dos navios *Conte-Biancomano* e *Provence*, que partiram de Genova, em 1951 e 1952. Ao todo foram sete grupos de imigrantes, sendo que o primeiro navio, o *Provence*, com 222 pessoas, partiu de Genova em 22 de maio de 1951 e chegou ao porto de Santos no dia 6 de junho. In: *Liste Nominative du I Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Provence" depart 22 Mai, 1951. Liste Nominative du II Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Provence" depart 21 Septembre, 1951. Liste Nominative du III Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Provence" depart 9 November, 1951. Liste Nominative du IV Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Provence" depart 28 Decembre, 1951. Liste Nominative du V Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Conte Biancemano" depart 12 Janvier, 1952. Liste Nominative du VI Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Provence" depart 13 Fevrier, 1952. Liste Nominative du VII Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Conte Biancemano" depart 12 Janvier, 1952. Liste Nominative du VIII Transport de Refugiés "Volksdeutsche" Émigrant au Brésil par le S/S "Provence" depart 13 Fevrier, 1952.* As listas apresentam o local de nascimento, idade, sexo, filiação, profissão, domicílio, estado civil e nacionalidade, a maioria descrita como apátrida.

<sup>66</sup> ELFES, Albert. **Op.cit.**, p.23.

Antes de analisar esse processo, cabe apresentar brevemente as entidades de ajuda humanitária, que a partir de 1944, desenvolveram ações no sentido de buscar alternativas para resolver a questão dos refugiados de guerra. Como já foi mencionado, entre os diversos grupos de refugiados, encontravam-se os “suábios do Danúbio”, que viviam na Áustria, instalados, na sua maioria, em campos de refugiados, ou trabalhando como empregados em propriedades agrícolas.

Conforme Barreto, ex-diretor do Departamento de Estrangeiros, da Secretaria Nacional de Justiça e presidente do Comitê Nacional para os Refugiados, em 1946 a Assembléia Geral das Nações Unidas estabeleceu os seguintes princípios da condição de refugiados:

- 1- O problema dos refugiados tem alcance e caráter internacional;
- 2- Não se deve obrigar o regresso ao país de origem aos refugiados que expressarem objeções válidas ao retorno;
- 3- Um órgão internacional deveria ocupar-se do futuro dos refugiados e pessoas deslocadas; e
- 4- A tarefa principal consistiria em estimular o pronto retorno dos refugiados a seus países e ajudá-los por todos os meios possíveis.<sup>67</sup>

Para tratar do problema dos refugiados, foi criada em julho de 1947 a IRO Organização Internacional de Refugiados (*International Refugee Organisation*), entidade ligada à ONU e que substituiu a UNRRA (*United Nations Relief and Rehabilitation Administration*), Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas, entidade criada pelos aliados ainda durante a guerra, em 1943.<sup>68</sup>

Além da IRO, havia outras entidades que se ocupavam com o problema, principalmente ligadas às instituições religiosas, como a Igreja Católica e a Evangélica Luterana. De acordo com Anton Hochgatterer, uma destas instituições era a Assistência

---

<sup>67</sup> BARRETO, Paulo Teles F. **Das Diferenças Entre os Institutos Jurídicos do Asilo e do Refúgio**. In: [http://www.mj.gov.br/snj/artigo\\_refugio.htm](http://www.mj.gov.br/snj/artigo_refugio.htm) Acesso em 17/03/2007.

<sup>68</sup> WILK, Inge Annemari, REMLINGER, Madalena Jung. **Op. cit.** p. 21.

Espiritual aos Refugiados (*Flüchtlingseelsorge*). O diretor da entidade, na Arquidiocese de Salzburg, Áustria, era o padre franciscano (e suábio) Josef Sabinus Stefan, um personagem que se destacou na tarefa de encontrar um destino para os refugiados suábios que lá se encontravam. *Encontrar um novo lar para o nosso povo*, era o lema do religioso suábio.<sup>69</sup>

Uma de suas propostas era estabelecê-los na Áustria, na forma de colônias. Mas, em função da desfavorável situação da economia e a escassez de terras naquele país, nem todos os refugiados, principalmente os agricultores suábios do Danúbio, poderiam ser fixados nessa região. O retorno aos países de origem como a Iugoslávia, Hungria e Romênia, não era visto como uma possibilidade pelos refugiados (uma objeção considerada válida pela ONU), pois tais países após a guerra passaram a ser governados por regimes comunistas.<sup>70</sup>

A solução inicial, para Stefan, era a emigração para os Estados Unidos e para a Argentina. Para ele, o mais importante era a possibilidade de uma emigração em grupo dos suábios, especialmente os agricultores. Nesse sentido, havia a promessa de ajuda por parte da *Caritas Internacional*, entidade de assistência humanitária ligada ao Vaticano. Tal comprometimento se deu principalmente por meio da influência do Arcebispo de Salzburg, D. Andreas Rohrer, o qual também entrou em contato com conhecidos que residiam em países de clima temperado, como Chile, Argentina, Paraguai, Canadá e Bolívia, a fim de sondar possíveis locais para a emigração de uma parte dos suábios.<sup>71</sup>

Para Hochgatterer, o fator decisivo para as intenções de Stefan foi o entendimento que este teve com Monsenhor Crivelli, então diretor da Federação Caritas Suíça (*Schweizer Caritasverband*) em Luzerna, Suíça, secretário geral da *Caritas Internacional* em Roma, e que também desempenhava um papel de liderança na Ajuda Suíça à Europa, entidade criada em 1947, em substituição o Auxílio Suíço (*Schweizer Spende*). A “Ajuda Suíça à Europa” era

---

<sup>69</sup> HOCHGATTERER, Anton. **Op. cit.** p. 33.

<sup>70</sup> *Ibidem*.

<sup>71</sup> *Ibidem*.

uma organização de cúpula que dirigia as demais organizações de assistência do referido país, como a Federação Caritas Suíça, a Obra de Assistência da Igreja Evangélica Luterana da Suíça (*Hilfswerk der Evangelischen Kirchen der Schweiz*), o Auxílio Operário Suíço (*Schweizer Arbeiterhilfswerk*) e a Cruz Vermelha Suíça.<sup>72</sup>

Com o objetivo de resolver o problema dos refugiados da Europa, principalmente os de etnia alemã (genericamente denominados *Volksdeutschen*) que se encontravam na Áustria, aconteceu em Luzerna, nos dias 22 e 23 de novembro de 1948, uma reunião dos grupos especializados na questão dos refugiados, denominados *Profugi* e *Migratio*, da *Caritas Internacional*. Em sua saudação aos delegados, Crivelli afirmou que não se tratava somente de se pensar numa emigração dos refugiados para o além-mar, mas também em uma colocação de parte deles na Europa. Ao final do congresso, votou-se uma resolução, na qual a Agência de Migração do Vaticano (*Vaticano Migration Bureau*) deveria atuar junto a IRO no sentido defender a proteção legal aos povos de etnia alemã na Áustria<sup>73</sup> e também pressionar para que a entidade encontrasse meios de promover sua colocação em outros países.<sup>74</sup>

Por seu turno, a direção da “Ajuda Suíça a Europa” resolveu constituir uma comissão de trabalho para tratar da questão. Além disso, disponibilizou recursos para a elaboração de um plano de trabalho e nomeou Janos Vayda, representante da *Caritas* suíça na América do Sul, com sede no Rio de Janeiro, para que negociasse com o governo brasileiro as condições para receber refugiados.<sup>75</sup>

Neste contexto de negociações, é preciso considerar que, de acordo com o estudo de Maria do Rosário R. Salles, a retomada da imigração pelo governo brasileiro após a Segunda Guerra Mundial se deu a partir de 18 de setembro de 1945, quando o governo de Getúlio

---

<sup>72</sup> Ibidem. p.35.

<sup>73</sup> De acordo com Remlinger e Wilk, entre 1949 e 1952, a questão dos refugiados foi discutida no parlamento austríaco, mas somente em julho de 1952 algumas leis foram promulgadas concedendo-lhes alguns direitos, como o de exercer uma profissão. REMLINGER, Madalena Jung, WILK, Inge Annemari. **Op. cit.** p. 22-23.

<sup>74</sup> HOCHGATTERER, Anton, **Op. cit.** p. 35.

<sup>75</sup> Ibidem. p.12.

Vargas sancionou o Decreto lei n.º 7967. A partir disso, o Brasil assinou vários acordos com países afetados pelo conflito, a fim de possibilitar a vinda de deslocados de guerra, sendo os mais importantes firmados com a Itália, Espanha, Portugal, Japão, Holanda e a ONU.<sup>76</sup>

Além da “Ajuda Suíça à Europa” ter se incumbido da execução do projeto da imigração, outras organizações internacionais tiveram participação. Entre elas, estavam a “Sociedade São Rafael”, de Hamburgo, na Alemanha, a “Secretaria para Indústria, Artesanato e Trabalho”, (BIGA), de Berna, Suíça, a “Organização para Alimentos e Agricultura”, (*Food and Agriculture Organisation- FAO*), de Washington, Estados Unidos, a IRO, o “Comitê Internacional da Cruz Vermelha” e a “Secretaria de Trabalho Internacional” (*Bureau International du Travail – BIT*), de Genebra, Suíça.<sup>77</sup>

Inicialmente, foram feitos contatos com o governo do Estado de Goiás, o qual, por meio do Engenheiro Químico Jesco Wolf Puttkamer Filho, representante daquele Estado junto ao Conselho de Imigração e Colonização, buscava povoar o Estado por meio da imigração. Em 29 de dezembro de 1949, uma comissão dirigiu-se para Goiás, a fim de realizar os estudos para a fixação do grupo em seu território.<sup>78</sup>

A comissão era composta pelo Padre Josef Stefan, o Engenheiro Agrônomo Michael Moor, perito em cooperativas na Áustria e H. H. Georg Bormet, sacerdote da Diocese de Bomfim, no Estado da Bahia, o qual atuou como tradutor e secretário da comissão.

O governo de Goiás ofereceu quatro áreas para a localização dos refugiados. Após a execução dos estudos foi elaborado um projeto, que previa a aquisição de 25.000 hectares de

---

<sup>76</sup> SALLES, Maria do Rosário R. **Imigração, Família e Redes Sociais. A Experiência dos ‘Deslocados de Guerra’ em São Paulo, no Pós Segunda Guerra Mundial.** In: <http://www.abep.nepo.unicamp.br> p.04. Acesso: 17/03/2007.

<sup>77</sup> HOCHGATTERER, ANTON. **Op. cit.** p. 13. ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 44.

<sup>78</sup> MAGALINSKI, Jan. Imigração Dirigida para Goiás. In: **Jornal Entre Rios.** Guarapuava: Nº 78, 30 de janeiro de 1991. p. 18-19.

terras e a vinda das primeiras 500 famílias, que quais seriam distribuídas em sete vilas, além de indicar que, nos primeiros anos, o trabalho seria executado coletivamente.<sup>79</sup>

A comissão encaminhou o projeto para a “Ajuda Suíça à Europa”, que o submeteu à apreciação das demais entidades participantes e de especialistas em América do Sul do BIT e da FAO. Algumas entidades posicionaram-se a favor e outras contra o empreendimento. Entre os principais argumentos contrários à realização do empreendimento em Goiás, cita-se a grande distância dos centros consumidores e o fato da produção agrícola em Goiás basear-se no cultivo do arroz, considerado pelos analistas das organizações supracitadas como um produto sujeito à grande flutuação de preços. Diante disso, o conselho incumbiu Michael Moor, auxiliado por especialistas, de encontrar outras áreas, localizadas nos Estados do Paraná e de São Paulo, mais “propícias” para a realização do projeto.<sup>80</sup>

A notícia de que grupos de imigrantes europeus buscavam regiões para se estabelecer no Brasil despertou o interesse do então governador do Estado do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto. Ele, que já estava fomentando a implantação dos núcleos populacionais de Castrolândia,<sup>81</sup> formado por imigrantes holandeses e de Witmarsum,<sup>82</sup> composto por descendentes de imigrantes teuto-russos (menonitas), nos municípios de Castro e Palmeira, respectivamente, encarregou Lacerda Werneck, então Secretário da Agricultura do Estado, de tentar convencer o grupo a se fixar no Paraná.<sup>83</sup>

Werneck conseguiu marcar uma reunião com a comissão suábica:

Soube, então, que a equipe, (...) havia recebido uma generosa oferta do Sr. Pedro Ludovico -Governador de Goiás - e havia decidido aceitar as condições, embora a grande distância que separava o local onde seriam localizados os centros de consumo, particular esse que não

<sup>79</sup> FRÖSCH, Max. **Op. cit.** p.12.

<sup>80</sup> *Ibidem.* 14.

<sup>81</sup> Para mais informações sobre Castrolândia e Carambeí, ver: NASCIMENTO, Maria I. M. CORDEIRO, Sonia V. A. L. Escola Evangélica: Uma Instituição Educacional da Imigração Holandesa Na Região dos Campos Gerais do Paraná. In: **REVISTA HISTDBR On-line**. Ponta Grossa: UEPG, n.º 18, 2005. p. 100-113.

<sup>82</sup> Sobre a colônia Witmarsum, ver: PAULS JR. Peter. **Witmarsum in Paraná**. Curitiba: Imprimax, 1976.

<sup>83</sup> WERNECK, Lacerda. Um pouco de história. In: ELFES. Albert. **Op. cit.** p. XXXVI-XXXIX.



agradava à organização suíça que superintendia o plano da “Ajuda Suíça aos Refugiados de Guerra”, dirigida por um Cardeal Suíço. Perguntou-me o Dr. Moor qual a região de campos nativos no Paraná mais fértil e que pela sua topografia, permitisse alta mecanização da lavoura.<sup>84</sup>

Lacerda Werneck mostrou, por meio de um mapa, áreas no município de Clevelândia, localizado no Sul do Paraná, que foi rejeitado pelo grupo em função da distância da linha férrea. Diante da recusa, Werneck indicou uma área situada na região dos Campos Gerais, no município de Ponta Grossa.

O local, após ser feita uma observação *in loco*, também foi recusado, em função da pequena profundidade e da alta acidez do solo.<sup>85</sup> O mesmo ocorreu após o exame de uma área em Goioxim, próxima ao município de Guarapuava. Entre os motivos para a não aceitação da área disponibilizada, estava o seu tamanho, considerado pequeno, (...) *topografia não muito aconselhável para a mecanização, campos entremeados por capões, algumas regiões com pedregulho e pedra (...)*<sup>86</sup>.

Como última tentativa, Werneck indicou uma área que estava à venda, a Fazenda *Sobrado*, localizada no município de Pinhão, também próxima à Guarapuava:

Após atravessarem em perigosa balsa o rio Jordão, penetraram nos campos de Entre Rios e ficaram deslumbrados com a planície, a extensão dos campos, a vestimenta dos campos nativos. Coletaram vinte amostras de terra - examinaram o pH e decidiram voltar para Curitiba. Na manhã seguinte (...) traziam um ultimatum transmitido com muita diplomacia e sutileza. Ficariam no Entre-Rios se possível fosse - outra localização não aceitariam face às condições magníficas que os campos de Entre Rios apresentavam.<sup>87</sup>

Outro passo dado pelo governo paranaense foi o envio, em nove de abril de 1951, de uma correspondência para a representação da “Ajuda Suíça à Europa”, no Rio de Janeiro. A carta apresentava as seguintes vantagens para o empreendimento ser realizado no Paraná: o fato de no Estado já existirem experiências com a colonização alemã e de estas terem

---

<sup>84</sup> Ibidem. p. XXXVI.

<sup>85</sup> Ibidem. p. XXXVII.

<sup>86</sup> Ibidem.

<sup>87</sup> Ibidem. p. XXXVIII.

proporcionado,<sup>88</sup> tanto no desenvolvimento da agricultura como da indústria, o fato do estudo da comissão suábica ter mostrado a viabilidade da implantação da colônia no município de Guarapuava. Além disso, a partir das solicitações da “Ajuda suíça à Europa”, o governo paranaense se comprometia em oferecer os seguintes itens para viabilizar a implantação da colônia:

Trabalhos de medição e loteamento da área a ser colonizada, às expensas da secretaria do Estado;  
Construção da estrada de comunicação entre Guarapuava e a nova colônia;  
Transporte dos colonos e de seus pertences desde o porto até a área a ser ocupada;  
Mediação de professores brasileiros conhecedores da língua alemã e de um médico;  
Fornecimento de sementes e mudas;  
Acomodação, por tempo limitado, do grupo pioneiro, na cidadezinha de Guarapuava;  
Fornecimento de 100 porcos de criação, inclusive 50 varões, 50 vacas holandesas e dois touros, bem como 1.000 dúzias de ovos de galinhas de raça para chocar.<sup>89</sup>

Cabe destacar que, em agosto de 1950, por meio do Conselho de Imigração e Colonização, o presidente Getúlio Vargas posicionou-se favorável à vinda para o Brasil da primeira leva, constituída por 500 famílias. A ressalva de que não dispunha de recursos financeiros para o projeto, mas que envidaria esforços no sentido de facilitar a obtenção de recursos para financiá-lo, também influenciou na recusa do projeto de Goiás.

O compromisso do governo federal materializou-se no início de 1951, quando a “Ajuda Suíça à Europa” decidiu-se pela implantação do projeto no Paraná.

Por decreto de 15 de janeiro de 1951 do então presidente da República Getúlio Vargas foi possibilitado o financiamento da colonização e pautada, através do Banco do Brasil, com fundos oriundos de ágios sobre importações especiais da Suíça. Procurava-se combinar o interesse do Brasil na imigração de agricultores qualificados com os interesses comerciais de exportadores e industriais suíços. (...) O governo suíço concedia ainda uma contribuição especial de 8.000.000,00 francos suíços para o transporte marítimos das famílias emigrantes. Despesas de

---

<sup>88</sup> Elfes sugere que a decisão pela instalação da colônia no Paraná sofreu influência dos exemplos de Carambeí e Terra Nova, onde foram estabelecidas colônias de imigrantes holandeses e alemães, respectivamente, no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto. As interpretações do governador sobre a imigração no Estado serão objeto de análise no segundo capítulo.

<sup>89</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** 45-46. O autor não apresenta a definição das raças de todos os animais e aves.

transporte que excedessem essa soma seriam custeadas pelo ICEM – Intergovernmental Committee for European Migration, organização que substituiu a mencionada IRO.<sup>90</sup>

Após receber a confirmação da escolha da área, o governo do Paraná se empenhou em desapropriar as fazendas que existiam na área pretendida pelos suábios, declarando-as áreas de utilidade pública por meio do decreto n.º 1.229, de 18 de maio de 1951.<sup>91</sup>

Os argumentos presentes no decreto são os seguintes:

Considerando a necessidade de se incrementar o plantio do trigo em condições ecológicas e técnicas que possibilitem o seu desenvolvimento;

Considerando a conveniência de se estimular a iniciativa privada através de uma campanha racional e também com medidas objetivas e práticas que a ela concorram;

Considerando que as terras situadas na zona de Entre Rios, no município de Guarapuava são das mais favoráveis a essa cultura, não só pela sua qualidade, como também pela possibilidade que apresentam no sentido do uso dos modernos processos de triticultura, emprego de adubos e maquinário especializados;

Considerando, finalmente, a crise de trigo que se debate, há longos anos, o país, com referência ao abastecimento do cereal.<sup>92</sup>

Como é possível perceber, as justificativas para a desapropriação das referidas propriedades baseiam-se em aspectos naturais, econômicos e que contemplavam as necessidades da população brasileira com relação ao abastecimento de trigo.<sup>93</sup> Ao considerar o clima de Guarapuava como propício para tal fim, pode-se também inferir que o texto do decreto sugere que a criação de gado seria uma atividade entendida como sendo menos racional e produtiva para a região e para o país.

---

<sup>90</sup> Ibidem.

<sup>91</sup> **Diário Oficial do Estado do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná. n.º 3. Ano XXXIX. 19 de maio de 1951.

<sup>92</sup> Ibidem.

<sup>93</sup> O cultivo de trigo, já em meados do século XIX, foi objeto de políticas do governo paranaense. Em 1860, José Francisco Cardoso, então Presidente da Província do Paraná, em relatório à Assembléia Legislativa, manifestou sua intenção de estimular a produção do cereal por meio da mão-de-obra imigrante, projeto que contava com o apoio do governo imperial. In: SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural. 1995. p. 144. A produção do cereal, considerada como estratégica no setor de segurança alimentar, também foi objeto de ações do governo de Afonso Camargo, em 1916, e posteriormente, em 1928, durante a gestão de Caetano Munhoz da Rocha, pai de Bento. Em 1928, quando o jornalista e historiador Romário Martins era diretor do Departamento de Agricultura, foi lançada a campanha “Cruzada do trigo”. Em Guarapuava, por exemplo, durante a campanha foi registrada a produção de 1.670 quilos de trigo por hectare. In: MARTINS, Romário. **Plantando Dá. Os Serviços Officiaes de Agricultura do Estado do Paraná**. Suas organizações e ações até 31 de maio de 1930. Curitiba: Departamento de Agricultura. 1930. Mimeo.

Inicialmente, a maioria dos fazendeiros resistiu em “ceder” suas terras. Alguns aumentaram o valor de suas propriedades,<sup>94</sup> mas concordaram em sair mediante um acordo, no qual o governo do Estado se comprometia, entre outras coisas, em ceder terras no Norte do Paraná para o cultivo de café, produto de destaque nas exportações do Estado daquele período.<sup>95</sup>

Para a aquisição das terras, uma área que totalizava 22.000 hectares, sendo aproximadamente 10.000 hectares de campo e 12.000 hectares de florestas de araucárias e imbuías, foi constituída, em 5 de maio de 1951, a Cooperativa Agrária Ltda.,<sup>96</sup> sob a direção de Moor, o qual também fora dirigente da antiga cooperativa Agrária em Neusatz.<sup>97</sup> O contrato de venda, assinado em 29 de maio de 1951, além de apresentar o preço das terras e o pagamento de valores referentes às araucárias e às imbuías, permitia que os proprietários mantivessem os rebanhos de gado no local, os quais deveriam ser gradativamente retirados até o mês de abril de 1952.<sup>98</sup>

Ao mesmo tempo, na Áustria, procedeu-se a divulgação do projeto por meio de jornais e, em seguida, a seleção das quinhentas famílias que iriam emigrar. Foram adotados os seguintes critérios:

Considerava-se, em primeiro lugar, camponeses e artesãos.

Dava-se preferência às famílias numerosas, também posteriormente, por ocasião da distribuição de terras.

Não se aceitavam candidatos envolvidos em delitos políticos ou de guerra.<sup>99</sup>

---

<sup>94</sup> FRÖSCH, Max. *Op. cit.* p.25.

<sup>95</sup> De acordo com Lustosa de Oliveira, os antigos proprietários receberam 5.000 alqueires na Serra dos Dourados, hoje município de Umuarama, sendo que Oliveira recebeu uma área de 1.500 alqueires. ESTECHE, Paulo. O Sopro de Modernismo em Guarapuava. In: **Jornal de Entre Rios**, Guarapuava: n.º 101, 13.01.92. p. 12.

<sup>96</sup> ATA DA ASSEMBLEIA DE CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE COOPERATIVA “COOPERATIVA AGRARIA DE PERSONALIDADE LIMITADA”. Guarapuava: 05 de maio de 1951.

<sup>97</sup> ESTECHE, Paulo. **Op. cit.** p.12.

<sup>98</sup> CONTRATO DE COMPRA E VENDA DE TERRAS. Curitiba: 29 de maio de 1951.

<sup>99</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 47.

De acordo com Wilk e Remlinger, a divulgação deu-se principalmente na região austríaca de *Oberösterreich*, onde se concentrava a maior parte dos refugiados. Inicialmente, apresentaram-se 7.047 pessoas, totalizando 1.668 famílias. No entanto, com a chegada de “más notícias” da colônia Entre Rios, muitos candidatos desistiram. De acordo com os dados de Hochgatterer, Wilk e Remlinger, ao final foram reunidas apenas 2.446 pessoas, sendo que 2.014 eram originárias da Iugoslávia, 119 da Romênia, 16 da Hungria 285 da Áustria e 12 de outros países.<sup>100</sup> A maior parte do suábios chegou ao Brasil entre os anos de 1951 e 1952, em sete transportes. Entretanto, há divergências quanto a esses dados.

Para os Spiess, o número de imigrantes é maior. Para esses autores, a relação dos transportes e das datas das partidas e chegadas dos imigrantes ao Brasil é a seguinte:

O primeiro contingente formado por 222 pessoas, a bordo do navio “Provence”, partiu de Genova em 22 de maio de 1951 e chegou a Santos no dia 6 de junho de 1951.

O segundo contingente formado por 96 pessoas, a bordo do navio “Lavosier”, partiu de La Havre em 31 de agosto de 1951. A chegada em Entre Rios ocorreu no dia 15 setembro de 1951.

O terceiro contingente formado por 531 pessoas, a bordo do navio “Provence”, partiu de Genova em 21 de setembro de 1951 e chegou a Entre Rios no dia 8 de outubro de 1951.

O quarto contingente formado por 500 pessoas, a bordo do navio “Provence”, partiu de Genova em 9 de novembro de 1951 e chegou ao Brasil no dia 23 de novembro de 1951.

O quinto contingente formado por 462 pessoas, a bordo do navio “Provence”, partiu de Genova em 28 de dezembro de 1951 e chegou a Santos no dia 11 de janeiro de 1952. A Entre Rios, o grupo chegou no dia 15 de janeiro de 1952.

O sexto contingente formado por 233 pessoas, a bordo do navio “Conte Biancomano”, partiu de Genova no dia 12 de janeiro de 1952. Chegou a Entre Rios no dia 28 de janeiro de 1952.

O sétimo contingente formado por 413 pessoas, a bordo do navio “Provence”, partiu de Genova no dia 15 de fevereiro de 1952. Chegou a Santos em 29 de fevereiro de 1952 e a Entre Rios no dia 3 de março de 1952.<sup>101</sup>

O restante dos imigrantes chegou ao Brasil em outras três levadas, sendo a primeira em 1953, composta por 26 pessoas e as outras duas nos meses de agosto e novembro de 1954. A primeira formada por 23 pessoas e a última por apenas 4 pessoas.<sup>102</sup>

---

<sup>100</sup> REMLINGER, Madalena Jung, WILK, Inge Annemari. **Op. cit.** p.35-36. HOCHGATTERER, Anton. **Op.cit.** p. 59.

<sup>101</sup> SPIESS, Rosina, SPIESS, Cristiana, SPIESS, Walter. **Op cit.** p.4.

<sup>102</sup> Ibidem.

No início de junho de 1951, chegou a Guarapuava o primeiro grupo de suábios, composto por agricultores, artesãos, operários, motoristas, bem como pelos membros dirigentes da colônia e da “Ajuda Suíça a Europa”. Alojados provisoriamente em um colégio em Guarapuava, estes iniciaram a construção das cinco vilas divididas em lotes, cujo tamanho era de 1/2 hectare, espaço reservado para a construção de uma casa e também para a formação de hortas e pomares.<sup>103</sup> Com relação à infra-estrutura das vilas, dispostas na forma de um pentágono e distantes cerca de 4 a 5 km entre si, Remlinger e Wilk comentam que (...) *em cada uma encontravam-se uma escola, uma igreja, um armazém, um bar, uma ferraria, um cemitério e um campo de futebol (...).*<sup>104</sup>

Inicialmente, o trabalho foi realizado coletivamente sob a coordenação da Agrária, tanto na construção das casas e estradas quanto nos campos e lavouras. Foram utilizados tratores na preparação da terra para o cultivo de cereais, especialmente o trigo e o arroz.<sup>105</sup> De acordo com Rolf Odebrecht, engenheiro agrônomo e funcionário do Banco do Brasil, que atuou na colônia entre 1952 e 1955, foram constituídas sete cooperativas.

A cooperativa central com seis filiadas. Eram cinco aldeias, cada aldeia tinha sua cooperativa. A sexta cooperativa filiada era a dos não-agricultores. Ela era formada pelos motoristas, artesãos, pessoal que trabalhava na serraria, na usina elétrica movida a máquina a vapor, (à lenha), na marcenaria, na oficina que consertava os tratores e caminhões e o pessoal do escritório e alguns comerciantes, que juntos formavam a sexta cooperativa filiada.<sup>106</sup>

Acerca da expectativa dos fazendeiros quanto ao sucesso do projeto de colonização realizado pelos suábios, Antônio Lustosa de Oliveira, um dos desapropriados da época que também exercia o cargo de deputado estadual, narra o seguinte:

---

<sup>103</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 49.

<sup>104</sup> REMLINGER, Madalena Jung; WILK, Inge Annemari. **Op. cit.** p.43.

<sup>105</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 48.

<sup>106</sup> ODEBRECHT, Rolf, ODEBRECHT, Renate S. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Blumenau: 26 de agosto de 2005. A.A.

Foi um tanto duvidosa. Imagine – pensava-se na época-, plantar milho, trigo, onde criamos boi, na coxilha? Para a agricultura, a terra boa era só de mata, derrubando e plantando. No campo nativo, só boi. Ninguém acreditava que, com adubo e os processos modernos, fosse possível produzir trigo e arroz. Até então, no Brasil, só se cultivava arroz no banhado. No começo eles sofreram, passaram quase miséria. O trigo crescia até 20 centímetros e amarelava. Mas eles fizeram experiências até que prosperaram. Muitos guarapuavanos imaginavam que não ia dar certo, mas só ficaram imaginando.<sup>107</sup>

Lustosa de Oliveira foi um dos proprietários que apoiou o projeto do governo, tendo inclusive participado nas negociações que convenceram os demais fazendeiros a vender suas terras. O fragmento acima demonstra a visão destes com relação àquilo que poderia ou não ser cultivado na região. Cultivar os campos com trigo, por exemplo, não era uma atividade vista pelos fazendeiros como uma opção econômica.

As interpretações acerca dos ambientes indicados e não indicados para a agricultura não é exclusividade desses fazendeiros. O geógrafo Leo Waibel, em um artigo publicado em 1949, analisou as discussões em torno do cultivo das regiões de mata e de campos nos planaltos do Sul do Brasil, e concluiu que os referidos campos poderiam ser cultivados e colonizados, (...) *se forem aplicados métodos agrícolas intensivos e se for assegurado um mercado para produtos comerciais compensadores (...)*.<sup>108</sup>

Portanto, a escolha do município de Guarapuava como lugar para a fixação do grupo não se deu aleatoriamente. Ela foi precedida por negociações entre a organização “Ajuda Suíça à Europa”, o governo brasileiro, o Estado de Goiás e, finalmente, com o Paraná. Outro fator determinante foi o exame de alguns aspectos da área, como a distância dos centros urbanos, o clima e a qualidade do solo.

---

<sup>107</sup> ESTECHE, Paulo. **Op. cit.** p. 12.

<sup>108</sup> WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, n.º 2. Ano XI, Abril-Junho de 1949. p. 208.

## 1.2 Notícias de uma Imigração: A chegada dos imigrantes pela imprensa paranaense

A vinda dos refugiados também foi objeto de matérias de jornais, sobretudo paranaenses. A análise sobre tais matérias permite perceber como a chegada e a identificação dessas pessoas foi dada a conhecer aos leitores do Paraná, além de divulgar qual ou quais eram os propósitos do governo estadual e os benefícios que tal empreendimento proporcionaria à população paranaense e brasileira.

Para Alzira Alves de Abreu, a mídia, além de descrever um acontecimento também participa de sua construção. De acordo com ela,

(...) O acontecimento é apresentado pela mídia depois que ele passou por um processo de formatação, de apresentação e de sentido, processo a que é submetido o acontecimento pelos operadores da mídia. Um fato ocorrido em qualquer lugar do mundo não se transforma em acontecimento sem que haja um tratamento da informação, sem uma retórica produzida pelos órgãos de imprensa, dando à ocorrência um discurso que lhe dá uma conotação de realidade entendida e apreendida pelo público.<sup>109</sup>

Partindo desta perspectiva, para analisarmos como a vinda dos suábios foi dada a conhecer pela imprensa, em especial a paranaense, trabalhamos com: *O Diário*, *Jornal Gazeta do Povo*, *Diário da Tarde*, *O Estado do Paraná* e *Folha do Oeste*. Com exceção do *O Diário*, que pertence ao acervo do Museu de Entre Rios, os demais estão disponíveis no acervo da Biblioteca Pública do Estado do Paraná. O primeiro é um jornal de Santos, local do desembarque dos imigrantes. Os três seguintes são jornais produzidos em Curitiba, de perfil empresarial e de grande circulação. O jornal *Folha do Oeste* foi fundado em 1948 em Guarapuava.<sup>110</sup> Seu proprietário era Antonio Lustosa de Oliveira, já citado deputado estadual da época, desapropriado por motivo da instalação dos colonos.

---

<sup>109</sup> ABREU, Alzira Alves. Acontecimento e Mídia. **Colóquio História e Imprensa**. Rio de Janeiro: 1998. p. 60.

<sup>110</sup> PILOTTO, Osvaldo. **Cem Anos de Imprensa no Paraná**. Curitiba: I.H.G.E.P. 1976. p. 64-65.



No Porto de Santos, em 5 de outubro de 1951, desembarca o terceiro grupo, composto por 514 pessoas refugiadas da Segunda Guerra Mundial. O fato foi acompanhado por jornalistas do jornal *O Diário*, que no dia seguinte estampou em suas páginas uma reportagem, cujo título é: *A maior leva do após-guerra - especializados na cultura do trigo - apátridas em busca de uma nova pátria*.<sup>111</sup>

O título expressa a junção de duas expectativas. A primeira se refere aos interesses dos governos brasileiro e paranaense, desejosos de aumentar a produção de trigo no país e assim reduzir as importações do cereal. A segunda indica o objetivo dos refugiados: encontrar uma nova pátria.

Acompanhando os imigrantes vieram 4 funcionários da “Ajuda Suíça à Europa”, dois moços e duas moças servindo de intérpretes e de assistentes para todas as necessidades dos viajantes até o Estado Sulino, de onde retornarão à Europa para regressar com as novas levas. Enquanto esses funcionários faziam uma refeição ao ar livre, à beira do cais, nossa reportagem pode conversar com os mesmos. Uma das moças nos explicou que os imigrantes ora chegados estavam na Iugoslávia, antes da guerra. Depois se viram refugiados na Áustria e teriam de acabar voltando para aquele país, mas a pobreza, porém não lhes permitira tentar uma nova vida na Europa. A solução foi o Brasil, para onde todos se encaminham com extraordinária esperança. Concluiu nos dizendo que as mudanças políticas e de geografia da Europa tornaram Apátridas todos esses homens aos quais, dá a melhor assistência a “Ajuda Suíça à Europa”, desejosa de trazer para o Brasil 20 mil famílias nessas condições e espalhadas na região danubiana.<sup>112</sup>

A reportagem transmite a notícia de forma extremamente branda. A guerra e a expulsão que levou os recém-chegados à condição de “apátridas” não são mencionadas. Em vez disso, menciona-se apenas as “mudanças políticas e geográficas na Europa”, sem mais explicações. O tom é otimista. As informações referem-se mais a um futuro promissor no Brasil (terra da fartura), do que ao passado na Europa. A identificação dessas pessoas está mais próxima a de viajantes, os quais “estavam na Iugoslávia antes da guerra”, do que de pessoas que foram expulsas de seus lares.

---

<sup>111</sup> Jornal *O Diário* Op. cit.

<sup>112</sup> Ibidem. p.06.

De Santos, o grupo se deslocou até o município de Guarapuava, situado na região Centro-Oeste do Estado do Paraná, onde se juntou aos membros dos dois grupos anteriores, que estavam construindo a infra-estrutura da colônia Entre Rios.<sup>113</sup>

Sobre a chegada ao Brasil do primeiro grupo de refugiados, o jornal paranaense *Gazeta do Povo*, em de 05 de junho de 1951, apresentou uma extensa reportagem sobre o assunto:

#### Camponeses da Europa Central para o Paraná

Pelo navio 'Provence' passou pelo Rio, com destino ao porto de Santos, o primeiro grupo de imigrantes suíços, composto de 222 pessoas, trazidos para o Brasil pela Ajuda Suíça à Europa, sob os auspícios diretos dos governos do Brasil e da Suíça. Este grupo de imigrantes compõe-se de agricultores e operários.

A iniciativa deste plano de colonização foi tomada, em 1948, pela União de Caridade, plano que depois foi transferido à Ajuda Suíça à Europa, que é o órgão central de todas as organizações de auxílio suíças.

Os elementos trazidos são camponeses da Europa Central, do grupo dos suábios do Danúbio, que viviam na Hungria Meridional, Iugoslávia e Romênia, e que, em consequência da guerra, foram obrigados a localizar-se como deslocados na Áustria.

Em suas antigas pátrias constituíam forte agrupamento de camponeses e pelo seu trabalho de dezenas de anos transformaram o solo improdutivo no celeiro de trigo da Europa. Os imigrantes são especializados no cultivo do trigo e do milho e também exploram, com sucesso, a criação de porcos.<sup>114</sup>

A ênfase aqui é nas atribuições produtivas do grupo de recém-chegados. São classificados como ótimos produtores de trigo e milho, capazes de transformar um solo improdutivo em celeiro agrícola, o que certamente despertaria a simpatia dos leitores, pois poderiam fazer o mesmo em solo paranaense. O título do artigo identifica-os de acordo com sua atividade econômica (camponeses), com o espaço geográfico de onde eles são provenientes e somente depois há a identificação étnica: a de serem suábios do Danúbio. Mas o fato de serem trazidos para o Brasil por uma instituição de ajuda suíça transforma-os em imigrantes suíços.

---

<sup>113</sup> Ibidem. p. 05 e 06.

<sup>114</sup> Jornal **Gazeta do Povo**. Curitiba: 05 de junho de 1951. p.01.

A reportagem segue informando que os mesmos serão localizados no município de Guarapuava, onde (...) *a cada família serão entregues 4 hectares de terras como propriedade, porém, toda a área será trabalhada em conjunto sob o sistema de cooperativa, (...)*.<sup>115</sup> De acordo com esta notícia, parece que há uma clareza na forma como se daria a distribuição de terras e principalmente sobre o sistema de trabalho na colônia. Como será demonstrado mais adiante, essa não era a forma de trabalho preferida pelos imigrantes e a distribuição dos lotes não se processou de maneira tranqüila.

O trabalho para a formação desse “novo celeiro” que, segundo o jornal, duplicaria a produção agrícola do município, seria realizado com a utilização de “aparelhamentos e maquinarias mais modernos”, constituídos de “(...) *30 tratores, 10 caminhões, 140 arados, 12 serras, uma central elétrica, máquina para o beneficiamento de arroz, moinho de trigo, carpintaria, oficinas e semeadoras.*”<sup>116</sup> Portanto, não se tratava de apenas trazer bons agricultores, mas da intenção de modernizar a agricultura no Estado, representada também pela introdução da mecanização na referida atividade econômica.

Por fim, é informado que o projeto prevê ainda a vinda de vinte mil famílias. O financiamento se daria da seguinte forma:

Um grupo de fábricas suíças obteve autorização do Banco do Brasil para exportar para o Brasil cerca de 31 milhões de francos suíços em mercadorias de origem suíça, essenciais à economia de nosso país, pondo à disposição da Ajuda Suíça à Europa uma contribuição correspondente para o financiamento da colonização. O espírito de boa vontade das autoridades brasileiras, especialmente o Banco do Brasil, muito auxiliou para o bom êxito do financiamento original, que não acarreta qualquer ônus para o governo brasileiro.<sup>117</sup>

Cabe observar que, se não há despesas diretas por parte do governo brasileiro, por outro lado, o mesmo contribuiria de forma indireta para o empreendimento, deixando de arrecadar os impostos das importações, principalmente das aquisições das máquinas. Diversas

---

<sup>115</sup> Ibidem.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> Ibidem.

máquinas agrícolas e equipamentos elétricos para as instalações do moinho e as serrarias, por exemplo, foram adquiridos na Alemanha e Áustria antes mesmo da escolha da área a ser ocupada e chegaram ao Brasil no mês de julho de 1951.<sup>118</sup>

No dia seguinte, outro jornal paranaense, o *Diário da Tarde*, transcreveu uma matéria do jornal *A Gazeta de São Paulo*, intitulada *Chega a Primeira Leva de Imigrantes para o Paraná*:

O prestigioso órgão “A Gazeta de São Paulo” publicou em seu número de ontem, interessante notícia a respeito da vinda de imigrantes alemães para o Paraná, que hoje transcrevemos, levando em conta o transcendental interesse que representa para o Estado tal acontecimento:

Eis a notícia:

‘Uma das conseqüências da 2ª Guerra foi o deslocamento de populações da Europa. O problema passou a exigir dos governos daquele continente providencias no sentido de conseguir o aproveitamento de homens, mulheres e crianças, privados de um momento para outro de prosseguir no ritmo normal de suas atividades. Principalmente para os agricultores, fugidos das zonas rurais mais atingidas, mister se tornava uma solução, notadamente para milhares de seres humanos que se refugiaram na Áustria, onde ficaram até agora abrigados pelo governo daquele país. Uma parcela desses deslocados chegou ontem a Santos, viajando pelo navio francês “Provence”, sob o patrocínio da Sociedade Suíça de Ajuda à Europa e com a aquiescência do governo brasileiro. Há pouco mais de quatro meses, a “Caritas” e a Sociedade Suíça de Ajuda à Europa, após entendimento com os governos do Brasil e Áustria, acertaram a vinda para o nosso país de 5 mil deslocados de origem alemã, que se achavam em território austríaco. Como se trata em sua quase totalidade de agricultores, a Sociedade Suíça de Ajuda à Europa adquiriu no Estado do Paraná 10 mil alqueires de terras a fim de dar trabalho àqueles imigrados.

Ontem, no “Provence” chegou a primeira leva de imigrantes composta de 222 pessoas, todos agricultores, que vêm para o Brasil desejosos de trabalhar, trazendo em sua companhia as mais variadas maquinarias agrícolas, cujo valor ascende a cerca de 8 milhões de cruzeiros. Trazem grande número de tratores da mais moderna fabricação, arados e outras ferramentas, sendo especialistas em plantação de trigo e milho.<sup>119</sup>

Aqui, as causas da vinda dos suábios para o Brasil são explicadas com mais detalhes.

O grupo é identificado como “imigrantes alemães”, mas também como “seres humanos” e principalmente “agricultores”, cujo desejo era, por meio de sua acomodação no Brasil, retomar ao seu modo de vida, interrompido pela guerra, ou seja, produzir cereais, como o milho e o desejado trigo, algo que seria de interesse “transcendental” para o Estado do Paraná.

<sup>118</sup> FRÖSCH, Max. Guarapuava. **Op. cit.** p. 26.

<sup>119</sup> Jornal *Diário da Tarde*. Curitiba: 07 de junho de 1951. p. 01.

Cabe destacar que a importância dispensada pelo órgão de imprensa à produção de trigo não se restringiu às notícias sobre a vinda dos suábios. Também pode ser visualizada, por exemplo, na publicação, no mês anterior, de duas matérias sobre o cultivo de trigo no Estado. A primeira, cujo título é *Trigo: auto-suficiência significará, em termo preciso, a independência de 1952*<sup>120</sup> e a segunda, num tom alarmante: *Farinha de trigo será racionada?*.

<sup>121</sup> Portanto, a vinda dos suábios se justificaria na medida em que eles seriam a solução para o problema da escassez do cereal e diminuiriam também a necessidade de importação.

No dia 20 de junho, o jornal *Gazeta do Povo* voltou ao assunto “vinda dos suábios”. Na matéria, há a identificação dos mesmos como refugiados alemães e novamente a menção de que seu (...) *embarque que não trará ônus ao tesouro nacional*.<sup>122</sup>

Rio 19 (Asapress) refugiados da raça germânica, denominados ‘Donauschwaben’, e ‘Wolksdoutsch’, [sic] encontram-se atualmente asilados na Áustria, sob os cuidados da União Suíça de Caridade, entidade controlada pelo governo helvético e o Vaticano, poderão, a qualquer momento, embarcar para o Brasil, sem qualquer ônus para o tesouro nacional. Nesse sentido, o vice-presidente do Conselho de Imigração e Colonização já se comunicou com o chefe do governo solicitando sua anuência. Esclareceu que este grupo nada possui em comum com os ‘deslocados de guerra’. Ao contrário, é formado por elementos que consultam aos interesses imigratórios do país, sob qualquer ponto de vista. Viriam em número de 2.500 e seriam localizados em Guarapuava, no Paraná, onde o Conselho de Imigração e Colonização já adquiriu terras para a colonização.<sup>123</sup>

O jornal menciona, com base em informações do “Conselho de Imigração e Colonização”, tratar-se de refugiados e não de “deslocados de guerra”. Essa é uma informação no mínimo confusa, pois não explica o que diferencia “refugiados” de “deslocados de guerra” e silencia as causas que levaram tais pessoas a essa condição. É de se supor que para o jornal, relacionar os imigrantes da “raça germânica”, com a guerra, não seria algo muito bem visto pelos leitores. A explicação final objetiva enfocar apenas fatores positivos para a política imigratória brasileira.

<sup>120</sup> Jornal **Diário da Tarde**. Curitiba: 18 de maio de 1951. p. 01

<sup>121</sup> Jornal **Diário da Tarde**. Curitiba: 28 de maio de 1951. p. 01

<sup>122</sup> Jornal **Gazeta do Povo**. Curitiba: 20 de Junho de 1951. p.01.

<sup>123</sup> Ibidem.

O jornal *O Estado do Paraná*, no dia 18 de julho de 1951, publicou sob o título *Revelam-se os Imigrantes Localizados em Guarapuava*, a seguinte matéria:

Imigrantes europeus foram localizados pelo governo do Estado no município de Guarapuava. Provêm os agricultores ali situados, de regiões produtoras de trigo, e são os mesmos técnicos especializados nessa cultura. Iniciando a colonização das áreas que lhes foram destinadas, evidenciam os imigrantes europeus extraordinário dinamismo e espantosa capacidade de organização. Não há exagero em afirmar que esses agricultores realizarão trabalho de utilidade pública inestimável para o país, servindo à cultura do trigo que vão realizar, de modelo ou “Standard” aos nacionais. Nem vai demérito aos brasileiros, em tal assertiva, pois esses alienígenas trazem-nos uma mostra de padrão mais desenvolvido de agricultura, servindo-se de métodos mecanizados e dentro de bases cooperativistas <sup>124</sup>

Apesar do título, que pressupõe uma revelação sobre quem são os imigrantes, novamente parece existir um receio em designá-los como “alemães”. Os termos usados, “imigrantes europeus” e “alienígenas” são denominações amplas para designar o grupo em questão. As características do grupo voltadas para a produção de trigo são enfatizadas, especialização que os diferencia dos agricultores nacionais. A forma de organização dos imigrantes, bem como a maneira como executariam o trabalho, considerada mais desenvolvida, é apresentada como um exemplo, um padrão para os agricultores nacionais.

A reportagem continua com a descrição da forma como se daria a organização e as ações destes a fim de atingirem seus objetivos, como a construção de armazéns com “dimensões avantajadas,” que serviriam como moradia provisória enquanto as residências não ficassem prontas. Outro aspecto é a formação da cooperativa e a sua inscrição na Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado, o que demonstra a índole dos colonos, comprometidos com o governo estadual. Para o jornal, (...) *tal operosidade é de molde autorizar previsão de grandes sucessos. Aguardemos, pois, considerável crescimento na produção do trigo paranaense.*<sup>125</sup>

---

<sup>124</sup> Jornal **O Estado do Paraná**. Curitiba: 18 de julho de 1951. p.03.

<sup>125</sup> Ibidem.

Na matéria de 21 de julho de 1951, o mesmo jornal, finalmente, identifica o grupo como sendo “imigrantes germânicos”, os quais irão revitalizar a produção agrária do Estado. As terras em Guarapuava onde seriam instaladas as famílias são descritas como férteis. Outra característica apontada é o uso de máquinas modernas, as quais (...) *reduzira-lhes 50% de trabalho a ser executado em nossos meios rurais.*<sup>126</sup>

A matéria segue com a descrição do grupo, composto de “homens, mulheres e crianças”, sua condição de fugitivos de guerra e o Brasil como sendo sua “nova pátria”. Tais pessoas buscam um “trabalho honesto e compensador”, que constituiria seu ideal de vida “progressiva e útil”.<sup>127</sup> Ao adjetivar tais pessoas desta maneira, busca-se novamente qualificá-las como desejáveis para o desenvolvimento do Estado.

Nesse sentido, além de apresentar a área a ser cultivada<sup>128</sup> e as subvenções do Banco do Brasil para a realização do projeto, a matéria jornalística tece um comentário acerca da seleção dos imigrantes:

A rigorosa seleção na arregimentação desses imigrantes foi uma das características do bom andamento da iniciativa, pois os organismos dessa gente acostumados às condições ecológicas como a de nosso Estado, não sofrerão fortes reações para a adaptação. Será um mero deslocamento, com capacidade física já acomodada. Cumpre que ressaltemos aqui nestas colunas, num critério de justo reconhecimento, a atitude de ilustre homem público do Paraná, que com sua clarividência e boa vontade, soube antever com bastante positividade as vantagens de tal cometimento contribuindo de maneira precisa e eficaz para a efetivação e concretização desse intento. Trata-se do Sr. Lacerda Werneck, Secretário de Agricultura que, em sua administração, vem dando provas de alta competência como nas iniciativas da natureza que ora divulgamos. Homem forte e dado ao amanho da terra nas férteis e produtivas regiões guarapuavanas abrindo uma senda de proficuidade maior, para um Paraná economicamente equilibrado e respeitado.<sup>129</sup>

---

<sup>126</sup> Jornal **O Estado do Paraná**. Curitiba: 21 de julho de 1951. p. 03.

<sup>127</sup> Ibidem.

<sup>128</sup> *Para que se tenha uma idéia desse espontâneo movimento imigratório, delinearemos aqui o projeto de aplicação das atividades dessa gente, para o corrente ano, que constará do cultivo de 500 alqueires de batatas, 500 de trigo, 500 de milho, 200 de arroz, 200 de cebola e 20 alqueires de alfafa, sendo que aproximadamente mil alqueires serão aproveitados no plantio de adubos verdes.* Ibidem.

<sup>129</sup> Ibidem. O papel de Lacerda Werneck junto ao projeto será analisado mais adiante.

A justificativa para a seleção não se baseou apenas no fato de pessoas apresentarem características positivas, como a capacidade de produzir cereais, a “operosidade” e a “honestidade”. Outro aspecto indicado e que se supõe contribuir para o sucesso do projeto, é a suposta familiaridade entre o clima de Guarapuava e o clima da região de origem dos imigrantes. Ou seja, há uma combinação entre elementos naturais e humanos.

Tal junção pode ser percebida também nas matérias do jornal guarapuavano *Folha do Oeste*, intituladas *Colônia Entre Rios*<sup>130</sup> e *Colonos para Guarapuava*<sup>131</sup>. A primeira reportagem inicia mencionando o fato de terem sido retirados os entraves relacionados à aquisição da área para a realização do empreendimento. O objetivo, novamente, era a produção de trigo, adjetivado como “o precioso cereal”, cuja produção, insuficiente no país, é tida como um dos maiores problemas para a economia nacional. A matéria sugere que bastaria apenas inserir agricultores afeitos à referida cultura para se obter uma boa produção, pois:

As terras, em questão, por sua qualidade e grande fecundidade, são as melhores: - Clima, altitude, extenso tabuleiro de campo e matas, tudo nestes vales, promissoramente oferece margem à exploração do cultivo do decantado ouro branco, que até há bem pouco tempo adquiriríamos os mercados estrangeiro em sua totalidade, na de milhões de toneladas anualmente importadas, com um dispêndio superior a um décimo dos orçamentos nacionais. (...) Guarapuava será um futuro celeiro de trigo, quiçá um dos maiores do sul do Brasil, e a União terá nele, um forte colaborador na melhoria do plano econômico de todo o país.<sup>132</sup>

A segunda matéria identifica aqueles que irão produzir o trigo: os “imigrantes de raça germânica”. O jornal, num tom claramente favorável ao empreendimento, afirma que tais colonos viriam a auxiliar no desenvolvimento agrário local.

Em uma matéria publicada no mês de novembro de 1951, o mesmo jornal afirma que viriam, no total, 20 mil famílias suíças para o Brasil. A nova leva de imigrantes viria se juntar

---

<sup>130</sup> Jornal **Folha do Oeste**. Guarapuava: 10 de junho de 1951. p.01.

<sup>131</sup> Ibidem. p.04

<sup>132</sup> Ibidem. p 01.



à primeira colônia, (...) *organizada racionalmente, de modo a conseguir perfeita fixação do elemento colonizador cercando-o de todos os recursos indispensáveis.*<sup>133</sup>

A idéia de que a vinda de imigrantes estabeleceria um novo padrão no trabalho rural do município é encontrada também numa matéria que aborda as relações entre os imigrantes e os trabalhadores rurais brasileiros. Segundo a *Folha*, na área desapropriada, encontravam-se cerca de 100 famílias que trabalhavam para os proprietários das fazendas. Tais famílias seriam ocupadas como empregadas da cooperativa, o que segundo o órgão de imprensa, (...) *melhoraria suas condições de vida. Além disso, a cooperativa aperfeiçoará seus conhecimentos e lhes dará instrução em matéria agrícola.*<sup>134</sup> Ou seja, além de ser justificada pela produção do cereal, a vinda dos suábios melhoraria as condições de vida de pessoas “menos favorecidas” no local.

Como se pode perceber, a imprensa paranaense publicou várias matérias sobre a imigração do contingente de refugiados, identificando-os de diferentes maneiras: “apátridas”, “suíços”, “camponeses”, “alienígenas” e, em menor quantidade, “alemães”, etc. Em todas as matérias, tais denominações são acompanhadas por adjetivações positivas, notadamente a de serem trabalhadores e cujo fruto deste trabalho seria principalmente o trigo.

Outro aspecto comum nos discursos presentes nos jornais é a noção da existência de um progresso rumo ao futuro representado pela produção de trigo e a utilização de máquinas. Em todos, está presente a interpretação de que a vinda dos suábios constitui uma importante ação dos governos paranaense e brasileiro para o desenvolvimento do Estado e do país.

Nas reportagens, não há a descrição de detalhes sobre as condições de sua vida na Europa e o processo de sua vinda para o Brasil. Além disso, não dão conta da forma como se deu a escolha de Guarapuava como local onde seria fundada a colônia Entre Rios. Trata-se,

---

<sup>133</sup> Jornal **Folha do Oeste**. Guarapuava: 11 de novembro de 1951. p. 04

<sup>134</sup> *Ibidem*.

portanto, de uma visão da superfície. Escavar um pouco esse terreno pode nos revelar detalhes que expliquem melhor o processo e a fixação do referido grupo, bem como compreender melhor os critérios da escolha da área e os primeiros anos da colônia.

### 1.3 Relatórios dos primeiros anos da colônia

Diferentemente das matérias jornalísticas, a maioria dos fazendeiros da região não acreditava no êxito do projeto. Porém, a “Ajuda Suíça à Europa” entendia que aquele ambiente era o mais indicado para o estabelecimento dos colonos suábios. O relatório intitulado *Bericht über die Siedlungs-Aktion Brasilien* (Relatório sobre a Ação da Colônia no Brasil),<sup>135</sup> elaborado pelo órgão nos primeiros anos de instalação da colônia, descreve as principais características desse espaço geográfico onde estava sendo implantada: o município de Guarapuava. A forma e o conteúdo do documento possibilitam a análise de como esse ambiente foi interpretado, quais aspectos eram percebidos como vantagens, como indicadores das possibilidades de êxito do projeto.

O texto inicia apontando a mudança em relação ao local de implantação da colônia, de Goiás para o Paraná. Em seguida, no item denominado *Paraná – Geographie und Wirtschaft* (Paraná - Geografia e Economia) indica a localização geográfica do Estado e os Estados com os quais faz fronteira. Informa as condições, consideradas boas, das vias de transporte e tráfego, para Curitiba, São Paulo e Santos, constituídas por linhas férreas, rodovias pavimentadas e linhas aéreas. Com relação à economia, o relatório afirma que esta é

---

<sup>135</sup> SCHWEIZER EUROPÄHILFE. **Bericht über die Siedlungs-Aktion Brasilien**. Mimeo. S. d. De acordo com funcionários do museu de Entre Rios, o relatório foi elaborado, provavelmente em 1951, por representantes da entidade, que participaram da escolha do local para o estabelecimento da colônia.

predominantemente agrícola, destacando-se a exportação de café e de madeira, mas que já existia o início de uma industrialização.<sup>136</sup>

O segundo item, *Der Bezirk Guarapuava* (A Região de Guarapuava), descreve o município de Guarapuava, sua localização geográfica, altitude e condições geológicas. Os terrenos são descritos como sendo levemente ondulados, atravessados por numerosos rios e riachos, e o clima sem períodos de secas. Indica a existência de grandes extensões de pastagens, entremeadas por “belas” florestas de pinheiros, pequenas ilhas de florestas, as quais poderiam ser utilizadas para a obtenção de madeira e lenha. Outros aspectos dessa paisagem são a sua altitude em relação ao nível do mar (entre 1.000 a 1.100 metros), sua extensão territorial (11.600 Km<sup>2</sup>) e o total da população em 1950: 68.000 pessoas.<sup>137</sup>

O item apresenta ainda dois elementos. O primeiro são detalhes sobre o clima, apresentado como um dos melhores em todo o Brasil e muito propício para o europeu. O verão é considerado não tão quente e o inverno não tão frio, como na antiga pátria dos suábios do Danúbio. Isso é respaldado por meio dos números referentes à temperatura máxima, medida nos últimos 20 anos que antecederam a colonização, 34,6° C na sombra, e a temperatura mais baixa: -4,5° C. A média de ocorrência de geadas é calculada em 17 noites por ano, mas com a ressalva que duram apenas algumas semanas. Durante o dia, as temperaturas novamente aumentam até atingirem temperaturas de primavera.<sup>138</sup>

Chama à atenção a interpretação das condições climáticas desse ambiente e o modo como foi divulgada. Ela tem como objetivo legitimar a escolha dessa área para a fixação dos suábios. É baseada na comparação do clima de Guarapuava com o dos Bálcãs, na qual o primeiro é descrito positivamente, melhor até que o segundo. Mesmo a geada, um fenômeno

---

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> Ibidem.

<sup>138</sup> Ibidem. Tais dados, provavelmente, foram levantados pelo geógrafo Reinhard Maack, que acompanhou a comissão que escolheu a área para o estabelecimento da colônia. Os instrumentos utilizados pelo geógrafo estão expostos no museu da colônia.

que pode prejudicar muito a agricultura, é descrita como algo que ocorre apenas em algumas semanas do ano. O inverno em Guarapuava teria temperaturas que durante o dia se elevariam até uma temperatura “agradável”, o que, para os europeus, seriam semelhantes às encontradas na primavera daquele continente.

A precipitação pluviométrica é calculada em cerca de 1.600 m/m, com maior ocorrência no verão e menor no inverno. Não há uma estação seca e outra chuvosa. Essas condições, somadas ao solo avaliado como apropriado, criariam possibilidades de cultivo consideradas muito “vastas”.<sup>139</sup>

Outro aspecto da paisagem encontra-se descrito no item número 3. Trata-se da cidade de Guarapuava.

(...) É uma pequena cidade do interior, com prefeitura, delegacia de polícia, fórum, 6 modestos hotéis, igreja, médicos, dentistas, farmácia, um hospital novo, uma maternidade, oficinas de automóveis, grande número de terrenos – quase todos à venda – cafés, cinemas; diversas escolas primárias – e escolas de nível médio, um ginásio, uma escola de comércio e um seminário. As casas, exceto os edifícios de destaque e umas poucas dúzias de belas moradias, são de madeira, construídas com só um andar, e muito modestas. Como é um centro de uma excelente zona agrícola, vive a cidade do comércio com agricultores e pecuaristas e acima de tudo das serrarias, atualmente a cidade conta com mais de 100, sendo uma parte delas muito moderna.<sup>140</sup>

A descrição geral da cidade, com número de habitantes, atividades comerciais, escolas e hospitais, revela um local que, apesar de pequeno, apresentava infra-estrutura básica para os moradores. Além, é claro, do clima e paisagem rural que fazem parte desse ambiente.

Outro aspecto que merece destaque é a extração da madeira, notadamente da araucária e imbuia, a qual naquele período era uma importante atividade econômica não só de

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> (...) ist eine kleine, Ländliche Stadt, mit dem Sitz der Präfektur, Polizeikommando, Gericht, 6 Hotels für bescheidene Ansprüche, Kirche, Aerzte, Zahnärzte, Apotheken, ein neues Spital, eine Gebärklinik, Autowerkstätten, zahlreiche Länden, - die ungefähr alles verkaufen – Kaffees, Kinos; verschiedene Primar – und Mittelschulen u.a. ein Gymnasium, eine Handelschule und ein Lehrerseminar. Die Häuser abgesehen von einigen repräsentativen Gebäuden und ein paar Dutzend schöner Villen, sind aus Holz, einstöckig gebaut und sehr bescheiden. Als Zentrum von einer ausgezeichneten landwirtschaftlichen Zone, lebt die Stadt vom Handel mit den Bauern und Viehzüchtern, und vor allem von den Sägewerken, von denen es gegenwärtig im Bezirk über 100 gibt, zum Teil sehr modern eingerichtet. Ibidem.

Guarapuava, mas do Paraná. A existência dos chamados capões de mato, áreas de mata rodeada por áreas de campo, com as referidas espécies, também foi um fator que despertou o interesse dos membros da equipe suábica.

Acerca do funcionamento da atividade madeireira, Lustosa afirma que:

Vendiam os pinheiros primitivos a 5 mil réis cada um. Na Cachoeira, onde eu vivia antes dos suábios, eu não vendi pinheiro. Quando vendi a terra para a colonização, foram 18 mil pinheiros e de 6 a 8 mil imbuías. Eu fui o único que não vendi pinheiro, porque não precisava. Havia 220 serrarias em Guarapuava, serrando pinheiro dia e noite. Às vezes eu encontrava 70 caminhões puxando madeira, um verdadeiro formigueiro.<sup>141</sup>

As araucárias e imbuías constavam nos contratos de compra e venda das fazendas, porém, os seus valores foram calculados separadamente. Elas mediam mais de 15 polegadas (38,10 cm) e serviram de matéria prima para a construção das primeiras casas da colônia. Mais tarde foram também comercializadas.<sup>142</sup>

O relatório segue com a apresentação do *Lebensmittelpreise* (preços de gêneros alimentícios). Os produtos descritos são: açúcar, arroz, banha de porco, farinha de trigo, feijão, farinha de milho, manteiga, sal, salame, mel, leite, batata, alho, cebola, carne de gado e de porco, frango, ovos, banana e laranja. Os produtos são acompanhados pela indicação de seu valor, determinado em cruzeiros, e suas respectivas unidades de medida. Abaixo há uma observação, indicando que um cruzeiro tem aproximadamente o valor de um xelim austríaco.

O quinto e último item, intitulado “Entre Rios,” dá-nos outras pistas sobre o porquê da escolha da área para a colonização: o fato de ela estar localizada relativamente próxima a uma estrada que liga a capital do Estado, Curitiba, à fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Também, a existência da estação ferroviária de Góes Artigas, a cerca de 20 quilômetros a leste da colônia, (...) *que por enquanto é a estação final da linha férrea, da qual há previsão de continuação para Guarapuava, que em aproximadamente 6 meses estará*

<sup>141</sup> ESTECHE, Paulo. *Op. cit.* p. 13.

<sup>142</sup> CONTRATO DE COMPRA E VENDA DE TERRAS. *Op. cit.*

*concluída*<sup>143</sup>. Complementa esse sistema de comunicação e de ligação, a construção de uma estrada pavimentada com pedras, com uma extensão de 12 quilômetros, da cidade de Guarapuava até a colônia, cuja previsão para o término era de 6 meses.<sup>144</sup>

Percebe-se que a escolha do local para a instalação da colônia não levou somente em conta as condições geológicas e climáticas da área, mas a existência de vias de comunicação e projetos para construí-las ou ampliá-las, visando ao escoamento e comercialização da produção e também ao recebimento de produtos industrializados.

O relatório transmite a impressão de que se tratava de uma área que reuniria, portanto, as condições ideais para a implantação do novo lar dos suábios. No entanto, nele não menciona ingrediente principal da colônia: os colonos, para os quais a vida, nos primeiros anos, também foi marcada por problemas relacionados à produção agrícola e às crises financeiras e sociais.

A fim de examinar a situação da colônia e a viabilidade de conceder mais recursos para o empreendimento, em fevereiro de 1952, a “Ajuda Suíça à Europa” encomendou uma pesquisa ao suíço Walter Gossner.<sup>145</sup> Nascido em 1904, Gossner estudou administração de empresas em Viena, Paris e Freiburg. Na década de 1930, em função da crise econômica na Suíça, resolveu emigrar para a Argentina, quando o governo suíço solicitou que, ao passar pelo Brasil, procurasse as autoridades brasileiras para pleitear o aumento de cota para imigrantes suíços. Gossner acabou permanecendo no país, tendo enviado vários relatórios para o seu país de origem sobre colônias alemãs e suíças, como a de “Nova Helvetia”, em Santa Catarina.<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup> SCHWEIZER EUROPÄHILFE. **Op. cit.**

<sup>144</sup> *Ibidem*.

<sup>145</sup> Em fevereiro de 1952, o cônsul da Suíça em São Paulo, E. Daberllay, enviou-lhe uma carta, comunicando que ele havia sido escolhido como membro de uma comissão que, a pedido da direção da “Ajuda Suíça à Europa”, examinaria a situação da colônia Entre Rios. GOSSNER, Walter. **Op. cit.**

<sup>146</sup> Em seus relatórios, Gossner não recomendou o estabelecimento de colônias suíças no Brasil, pois estes, entre outros motivos, se “caboclizavam” com o passar do tempo. Como se verá no relatório, Gossner apresenta a colônia suábica como uma exceção. In: INSTITUTO HANS STADEN. **Ficha biográfica de Walter Gossner.**

A estada de Gossner na colônia durou cerca de cinco dias. Durante este período, coletou dados na cooperativa e também obteve informações sobre a situação social da colônia por meio de conversas com os diretores da Agrária e com alguns colonos. Ao retornar para São Paulo, redigiu o relatório e o encaminhou para a organização suíça.<sup>147</sup>

O relatório possui 63 páginas. Na introdução, apresenta o modo como as informações foram coletadas, seguindo então, com a descrição das “influências da conjuntura internacional” sobre o empreendimento. O suíço argumenta que a “conjuntura internacional” se caracterizava pelo crescimento populacional e pelo deslocamento de pessoas do campo para a cidade, condição que se desenhava como sendo favorável à condução do plano de colonização. O mesmo juízo o autor atribui à situação da colônia em relação ao Brasil e, principalmente, em relação ao Estado do Paraná, onde, em sua opinião, a natureza, a economia e a situação política seriam aspectos favoráveis ao projeto. Ao final desta parte, ele complementa que, no Estado, a xenofobia é uma raridade.<sup>148</sup>

Em seguida, são descritas as “condições naturais” da colônia. Semelhante ao relatório da Ajuda Suíça à Europa, analisado anteriormente, tais condições são qualificadas como “saudáveis para o elemento europeu”. Além do clima, e da topografia, o regime de chuvas e o tipo de solo apresentam-se como propícios para a realização do empreendimento.<sup>149</sup>

Dito isso, Gossner se volta ao exame do que denominou de “condições organizacionais e pessoais de Entre Rios”. Para ele, de forma geral, a “Ajuda Suíça à Europa” não descuidou do que ele denominou “material humano” (*Menschenmaterial*), pois recrutou quase exclusivamente famílias, e não pessoas isoladas. Tal argumento baseia-se no fato de se tratar de pessoas que descendem de colonos com uma longa tradição de agricultores

---

S.D. Mimeo. Ver também: “Walter Gossner”. In: **Boletim Instituto Hans Staden**. São Paulo: Instituto Hans Staden. n.º 7. Setembro de 1980. p. 01-05.

<sup>147</sup> Ibidem.

<sup>148</sup> Ibidem. p. 04-05.

<sup>149</sup> Ibidem. p.05.

“independentes”, que já conheciam a fundo as modernas técnicas e métodos de cultivo e que faziam uso de modernos equipamentos, como tratores, semeadores e colhedoras.<sup>150</sup>

A vinda de pessoas com tais atributos constituía-se também num patrimônio para o Brasil, pois, ele ressalta, são na sua maioria “aplicados” (*strebsam*), “progressistas” (*fortschrittlich*), “diligentes” (*fleissig*), “sadios” (*gesund*) e “resistentes” (*widerstansfaehig*).<sup>151</sup>

No âmbito das atividades agrícolas, Gossner qualifica-os como pragmáticos, pois não hesitavam em adotar novos métodos a fim de maximizar a produção. Todavia, não foi verificada a mesma situação com respeito à “faculdade de adaptação” (*Anpassugsfaehigkeit*) dos suábios à sociedade brasileira. Mas não se trata de uma característica totalmente negativa, pois, para ele, a pequena adaptação se deve à forte tradição cultural familiar dos suábios. Possuem grande número de filhos e as mulheres seriam “acostumadas ao trabalho duro”. Somam-se a isso os acontecimentos decorridos na Segunda Guerra Mundial, que contribuíram para que a maioria dos imigrantes fosse “perturbada emocionalmente” (*seelisch zerruettet*).<sup>152</sup>

Para um melhor detalhamento de suas impressões sobre a colônia, Gossner dividiu-as em dois campos. De um lado descreveu as características físicas dos colonos e de outro as suas qualidades morais, sociais e culturais. No primeiro, Gossner reafirma que se trata de uma “raça de pessoas” (*Schlag von Menschen*) que na maioria, gozava de excelente saúde, pois são “vigorosas” e “resistentes”. Tal juízo se justifica, segundo ele, pelo fato de não ter encontrado nenhum dos 2.500 habitantes da colônia na enfermaria. A maioria dos atendimentos na enfermaria seria apenas para a realização de suturas causadas por acidentes.<sup>153</sup>

Com relação às denominadas “feridas oriundas do clima” (*Klimawunden*), seriam, segundo ele, em parte causadas pela alimentação errada dos suábios, caracterizada pelo alto

---

<sup>150</sup> Ibidem.

<sup>151</sup> Ibidem. p.14.

<sup>152</sup> Ibidem.

<sup>153</sup> Ibidem.



consumo de gordura de porco e de toucinho e carente de vitaminas e de cálcio. Outro fator que levava os colonos à enfermaria eram as erupções cutâneas, que ele presumiu serem causadas por uma árvore, a “aroeira brava”.<sup>154</sup> A utilização do termo *Klimawunden* sugere que os problemas de saúde não se davam em função de eventual fraqueza dos colonos. A doença não estaria no corpo destes; antes, teria causas exteriores.

O autor afirma que, assim como a urticária e a “febre do feno”, as erupções cutâneas são sintomas de doenças alérgicas, às quais, nem todas as pessoas eram suscetíveis. Além disso, baseado em sua própria experiência como imigrante no Brasil, ele previa que com o passar do tempo, a maioria das pessoas tornar-se-ia imune a essas plantas.<sup>155</sup> Isso demonstraria a capacidade de adaptação dos colonos às condições ecológicas locais.

Outro dado que atestaria a boa saúde dos colonos era o número de nascimentos (120) em relação ao de falecimentos. De acordo com informações que Gossner obteve com Monsenhor Crivelli, somente duas crianças morreram na colônia, sendo que uma das mortes foi provocada por um raio, portanto, um fator não ligado à condição física. Além disso, previu o aumento da natalidade, pois constatou que quase toda semana ocorria um casamento.<sup>156</sup>

Quanto aos “aspectos morais, sociais e culturais”, Gossner reafirmou que se tratava de gente “trabalhadora”. Esta característica poderia ser verificada por meio da inspeção das plantações (bem cuidadas) nos lotes individuais, localizados nas vilas. No entanto, o contrário se daria nas áreas de trabalho coletivo, localizadas fora das áreas urbanas. Acerca disso, o autor mencionou a seguinte fala de um colono: (...) *Espere até nós termos nossas próprias terras, então você nos verá já às duas ou três horas da madrugada em nossos campos trabalhando (...).*<sup>157</sup>

---

<sup>154</sup> Ibidem.

<sup>155</sup> Ibidem.

<sup>156</sup> Ibidem.

<sup>157</sup> „Warten Sie, bis wir unser eigenes Land haben, dann werden Sie uns schon um 2 oder 3 Uhr morgens auf unsern Feldern arbeiten sehen”. Ibidem. p.15.

Para ele, relatos deste tipo não eram esporádicos, mas representavam a opinião geral dos colonos e demonstravam que não desejavam ser “*Kolchosenbauern*”, expressão que pejorativamente era utilizada pelos suábios para designar os agricultores que trabalhavam as terras coletivas na Rússia. Segundo ele, os colonos reivindicavam a instalação de um sistema de economia privada, no qual seriam proprietários individuais das terras onde trabalhavam.<sup>158</sup>

Gossner, no entanto, ressaltou que, ao mesmo tempo, todos reconheciam que a força da colônia estava na união e, por conseguinte, as idéias cooperativistas estariam enraizadas entre eles. Completa o quadro (mais positivo do que negativo) o fato dos agricultores e outros trabalhadores viverem em um ambiente em que (...) *reina um forte e saudável espírito familiar*.<sup>159</sup>

Na seqüência da descrição destes aspectos positivos, que sugerem uma comunhão de interesses e opiniões entre os colonos, Gossner apresentou alguns aspectos negativos. O primeiro seria o “tolo” (*unkluges*) isolamento dos colonos em relação aos habitantes nacionais. Para ele, a “superioridade econômica, social e cultural da colônia” em relação aos vizinhos brasileiros, poderia causar ressentimentos nacionalistas por parte destes. Todavia, esse perigo, que lhe pareceu grande quando da sua chegada à colônia, mostrou-se menor, ao conhecer melhor os colonos que se portavam de maneira inteiramente “cordial” (*freundlich*) e “atenciosa” (*zuvorkommend*) para com os visitantes. Gossner posiciona-se crente de que com o tempo e a contribuição da escola e da igreja, o problema do isolamento dos colonos seria superado.<sup>160</sup>

O que o autor diagnosticou como grave foi a “perturbação emocional dos colonos”. O problema estaria ligado às experiências na Europa, nos tempos de guerra, quando perderam sua pátria, suas propriedades e em muitos casos membros de suas famílias. No entanto, ele

---

<sup>158</sup> Ibidem.

<sup>159</sup> Ibidem.

<sup>160</sup> Ibidem.

comentou que se deveria tentar transformar tais lembranças em estímulos, o que reforçaria o trabalho para a construção de uma (...) *nova, talvez mais bela pátria*.<sup>161</sup> Nessa afirmação, Gossner aponta uma saída para as angústias dos colonos: “trabalhar” com a memória.

Outros problemas detectados por Gossner foram a falta de confiança entre alguns colonos e seus líderes, o que foi uma ameaça a existência da colônia mesma, e o “medo do futuro”. Acerca do primeiro problema, ele ressaltou que a maioria dos colonos possuía as mais sólidas confianças nas possibilidades do solo e na sua própria capacidade de prosperar por meio do trabalho. No entanto, estariam “desconfiados”, porque temiam que a colônia se tornasse mais uma “empresa coletiva” (*Kolchosenbetrieb*) do que uma economia baseada na propriedade privada.<sup>162</sup>

Acerca do “medo do futuro”, Gossner afirmou que as mulheres em idade madura representariam a “força moral e a segurança com relação ao futuro”. Já com relação aos jovens moços e moças, sua impressão era a de que estes se esqueceriam facilmente de seu passado, pois eram atraídos pelas “tentações da vida na cidade”. Segundo ele, é perceptível que as moças não se entusiasmavam quando, para preparar o solo para o plantio, eram necessárias semanas seguidas na tarefa de destocar as centenárias imbuías e pinheiros. Já os homens adultos sofriam em função de ainda não poderem trabalhar de forma autônoma, além de se preocuparem com seu futuro econômico, com a rolagem das dívidas, etc.<sup>163</sup>

Em seguida, Gossner resume suas impressões sobre os colonos, não só agricultores, mas também os artesãos e trabalhadores das indústrias. Afirmou que, de todas as colônias do Brasil que conheceu, Entre Rios possuía o melhor “material humano”, tanto em relação às suas qualidades físicas, quanto morais e sociais. De todos os outros grupos que colonizaram o

---

<sup>161</sup> „(...) *ein Ansporn zum Einsatz aller Kraefte, um eine neue, vielleicht noch schoenere Heimat aufzubauen.*“  
Ibidem.

<sup>162</sup> Ibidem.

<sup>163</sup> Ibidem.

Brasil, (alemães, italianos, suíços e assim por diante) os suábios seriam o grupo “mais homogêneo” e que reuniria, em diferentes modos, as características físicas individuais com as virtudes sociais, pois o desejo pessoal de progredir estaria ligado à concepção de que o progresso individual deveria estar relacionado com o interesse geral da colônia. Eles estariam inclusive acima dos japoneses, no que se refere à utilização de modernas técnicas agrícolas. O único parêntese Gossner estabeleceu em relação à colônia holandesa de Castro, e ainda assim em função de não a ter visitado. <sup>164</sup>

Ao lado das “melhores características imagináveis” dos colonos suábios, encontravam-se outros fatores, os quais, para o autor, também estariam ligados ao êxito duradouro da colônia. O primeiro item é a administração da colônia, no qual Gossner identificou o trabalho coletivo como sendo uma das falhas do empreendimento. Para ele, os lotes deveriam ser divididos e cultivados de maneira autônoma. <sup>165</sup>

O segundo estaria ligado à relação entre a direção da colônia e os especialistas em agricultura. Neste aspecto, Gossner afirmou que era “clara a falta de colaboração entre eles”, o que resultaria em prejuízos psicológicos e materiais. Para ele, tratava-se de um “erro fatal”, quando os especialistas somente executavam as tarefas, em vez de terem a função de aconselhar e dar assistência técnica aos agricultores. <sup>166</sup>

O terceiro item era as relações entre a direção da colônia e os colonos. Também neste aspecto o autor percebeu falhas de ambos os lados, conseqüência, segundo ele, da visível falta de confiança. Para ele, os dirigentes da colônia e os colonos “não puxavam a corda para o mesmo lado”, mas sim, trabalhavam um contra o outro. Mas Gossner ressalva, ao lado desses pontos negativos, um positivo. Este seria a direção da colônia, tendo à frente Michael Moor

---

<sup>164</sup> Ibidem. p.16.

<sup>165</sup> Ibidem.

<sup>166</sup> Ibidem. O autor não especifica quais seriam as tarefas executadas pelos especialistas.

que, com “grande competência e experiência” na área de técnicas de colonização, conseguiu organizar os trabalhos e construir a colônia rapidamente.<sup>167</sup>

Em seguida, Gossner apresentou a forma como a colônia estava sendo organizada. Tratava-se, segundo ele, de uma típica colônia formada por pequenas vilas (*Dorfsiedlung*), uma colônia de aldeamento, na qual cada colono possuía sua casa com 1/2 hectare de terra na vila, sendo que a área principal de cultivo situava-se fora da vila, em uma distância média de um a dois quilômetros.<sup>168</sup>

Para ele, este sistema era novo no Brasil e apresentava vantagens e desvantagens. As vantagens seriam principalmente os aspectos culturais e sociais, como a facilidade do contato entre os colonos, a assistência médica e a proximidade com a escola e a igreja. Tais aspectos, portanto, facilitariam a participação dos colonos na vida comunitária. As desvantagens estariam relacionadas, principalmente, à área econômica, na qual a perda anual de tempo e de energia constituía uma respeitável soma, pois dificultaria as visitas diárias dos colonos aos campos e lavouras.<sup>169</sup>

Para reduzir o tempo e a energia gastos no deslocamento, Gossner propõe que os colonos adquirissem bicicletas e montarias e, com o tempo, pudessem construir ao lado do curral e do galpão uma casa simples, na qual uma parte da família poderia pernoitar durante a semana. Os idosos e crianças permaneceriam morando na vila.<sup>170</sup>

Como vantagens decisivas deste sistema, o autor observou que a posse do lote por parte do colono, determinaria de antemão a valorização da terra por parte de cada proprietário, em oposição ao outro sistema – o de trabalho coletivo – onde, com o passar dos anos, se verificaram “grandes injustiças”. A outra vantagem seria que este sistema permitiria uma

---

<sup>167</sup> Ibidem. p.17

<sup>168</sup> Ibidem.

<sup>169</sup> Ibidem.

<sup>170</sup> Ibidem.

divisão quase quadrada das parcelas ocupadas por “colonos livres” (*Siedlerlose*), em contraposição ao sistema geral de parcelamento de terras no Brasil (notadamente nas de imigração de alemães e italianos), as quais geralmente são retangulares, o que dificultaria uma eficiente exploração econômica.<sup>171</sup>

Gossner também teve acesso aos planos para a partilha dos lotes. Fora calculado que cada agricultor receberia uma casa com 1/2 hectare de terras no interior da vila. Já as terras localizadas fora das vilas seriam assim divididas: 20 hectares seriam destinados para o chefe da família e sua esposa, para cada filho 10 hectares e as filhas receberiam 5 hectares. Já para os suábios que não eram agricultores seriam destinados 1/2 hectare no interior da vila e 1 hectare fora desta.<sup>172</sup> Gossner ressalta que, ao ser projetada a divisão das terras desta maneira, não se pensou em levar em consideração a topografia, a existência de acesso à água e a fertilidade do solo, sendo que cada colono ficou entregue à própria sorte.<sup>173</sup>

Do total da área, cerca de 80% a 90% deveria transformar-se em propriedade privada. O restante da área deveria ser destinado para as igrejas, escolas, indústrias, pastagens coletivas, estações de pesquisa agropecuária, praças, estradas etc. Com relação às florestas, grande parte ficaria na condição de propriedade da comunidade. Uma parte, sugere Gossner, deveria ser dividida entre os colonos, onde estes poderiam se abastecer de lenha e madeira para ser utilizada nas construções.<sup>174</sup>

---

<sup>171</sup> Ibidem.

<sup>172</sup> Ibidem. p.18. De acordo com Gappmaier e Elfes, ao final de março de 1953, a divisão e distribuição das terras foi completada, sendo efetuada da seguinte forma: Cada família (casal) recebeu meio hectare na vila, para a edificação da moradia, jardim e horta, 1 hectare situado na periferia da vila, destinado à formação de pastos para alimentar os animais, 15 hectares de campos para cultivo de cereais e 4 hectares de florestas. Cada filho (ou outro membro da família) acima de 12 anos, recebeu 8 hectares de campos e cada filha (ou outro membro da família) acima de 14 anos, recebeu 4 hectares. GAPPMAIER, Josef. **Op. cit.** p. 75 e ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 50.

<sup>173</sup> Ibidem.

<sup>174</sup> Ibidem.

Por fim, profere o seu juízo a respeito da forma como a colônia foi organizada. Afirma que Entre Rios era “claramente mais vantajosa” em comparação ao sistema existente no Brasil há 100 anos e ainda predominante.<sup>175</sup>

Em seguida, Gossner tratou da cooperativa agrária, descrevendo sua fundação, organização e estatutos. Novamente classificou o “material humano” da cooperativa como sendo de “primeira categoria” (*erstklassig*). Com referência à direção da colônia, ao lado de um trabalho positivo ele lembrou da existência de numerosos e graves pontos de conflito (*Gefahrenpunkten*)<sup>176</sup> que, se não fossem logo resolvidos, poderiam arruinar todo o trabalho realizado até então. Mesmo assim, ressaltou ele, prevaleciam vantagens sobre as desvantagens.<sup>177</sup>

Em seguida, o relatório apresenta de forma detalhada as informações sobre a produção, o escoamento e as demandas de consumo da colônia. A extensa descrição tratou também das características do solo, dos recursos que poderiam ser obtidos por meio da exploração das florestas, nas quais é destacada a existência de espécies de valor comercial como a araucária, imbuia, canela, entre outras.

Outro foco de considerações foi a situação da agricultura. A primeira cultura é o trigo, para a qual o solo e o clima são considerados ótimos. Junto a essas condições, somavam-se os colonos, que traziam de sua antiga pátria grande experiência no cultivo do cereal, além do prazer em fazê-lo. O trigo poderia ser vendido na forma de farinha o que resultaria em maiores rendimentos aos produtores. Além disso, seus subprodutos poderiam ser utilizados como adubo, no caso da palha, e como alimento para os animais, no caso do farelo. Outro

---

<sup>175</sup> Ibidem.

<sup>176</sup> Nesse momento, Gossner não menciona quais seriam os pontos de divergência. Mas fatos como a rapidez com que foi realizada a divisão dos lotes, sem levar em conta a qualidade e o relevo dos solos, por exemplo, e a saída de Moor da colônia, em 1954, acusado de fraude, indica a gravidade e a extensão dos conflitos ocorridos nos primeiros anos da colônia. COOPERATIVA AGRÁRIA. **Ata da Assembléia Geral Extraordinária**. 23 de outubro de 1954. (Mimeo).

<sup>177</sup> Ibidem. p. 19.

fator positivo para a produção do cereal, era o interesse do governo brasileiro, que garantiria o preço mínimo de venda para o produto.<sup>178</sup>

Outros aspectos econômicos da colônia descritos incluíam a criação de gado, tanto para a produção de carne como para a de leite, de suínos para a obtenção de banha e carne, de galinhas para o abate e produção de ovos, criação de abelhas e de bicho-da-seda. O relatório segue mostrando as ações e os dados referentes à indústria, ao artesanato e uma extensa descrição da situação das estradas e das distâncias dos centros consumidores como Guarapuava, Curitiba e São Paulo.<sup>179</sup>

A seguir, Gossner descreveu a situação financeira da colônia. Depois de mostrar detalhadamente as operações financeiras da Agrária, ele concluiu que o débito da colônia era tolerável, embora a liquidez estivesse numa situação de risco. Recomendou que se devesse realizar ajustes financeiros, evitar investimentos errados e introduzir um eficaz controle de fluxo de caixa.<sup>180</sup>

Ao final do relatório, após a apresentação de um resumo dos seus diagnósticos, a maioria favorável ao empreendimento, Gossner conclui que a vitalidade da colônia estava construída sobre pressupostos organizacionais, humanos, econômicos e naturais saudáveis. Com relação à ameaça à existência e progresso da colônia, ele mencionou a dois perigosos fatores. O primeiro seria a “falta de confiança entre os colonos” e com relação ao trabalho coletivo e o segundo se referia à instabilidade econômica.<sup>181</sup>

Segundo ele, o futuro da colônia e a felicidade de seus habitantes dependeriam da eliminação destes dois males. Resolvê-los era uma tarefa que também estava no âmbito das

---

<sup>178</sup> Ibidem. p. 24-39. Os outros produtos descritos são: milho, o arroz, aveia, cevada, centeio, trigo sarraceno, batata e outros tubérculos, como a mandioca, feijão, verduras, tabaco, lúpulo, pimenta, girassol, soja, uva e frutas.

<sup>179</sup> Ibidem. p. 39-55.

<sup>180</sup> Ibidem. p. 61.

<sup>181</sup> Ibidem. p.63.



possibilidades da Ajuda Suíça à Europa, que, ressalta, deveria contribuir decisivamente para essa questão.

Se ela resolver essas dificuldades, então ela não ajudou somente as 2.500 pessoas, que participam do empreendimento colonial da Agrária, para que tenham uma existência mais segura economicamente e socialmente. Mas, além disso, contribuiu para o sucesso de um tipo de colonização, o que, pelo menos na história colonial brasileira, brilha como novo e único e para o qual eu desejo do fundo do coração que seja pioneiro para o futuro.

Portanto, o parecer de Gossner, com algumas ressalvas, foi favorável ao empreendimento. Apesar das previsões otimistas do autor, notadamente acerca das atribuições positivas de seus habitantes, o relatório permite perceber, diferentemente do relatório da “Ajuda Suíça à Europa”, analisado anteriormente, o dissenso, os conflitos e problemas ocorridos no interior do novo lar dos suábios. O principal foco de tensões estava relacionado à medição - concluída em abril de 1952 - e distribuição das terras, que foi realizada por meio de um sorteio, conforme o esquema descrito por Gossner.<sup>183</sup>

De acordo com Elfes, a colônia sofreu, nos primeiros anos, várias crises de ordem financeira, de relacionamento entre os dirigentes e os colonos e decorrentes das más colheitas, ocasionadas por problemas climáticos e também técnicos:

(...) No primeiro ano de cultivo, as terras nem sempre reagiam como se havia esperado; freqüentemente faltavam adubos e implementos importantes. Os arados e outros equipamentos trazidos da Alemanha para a tração animal eram próprios para o pesado cavalo europeu e para os solos de cultura antiga; nem sempre correspondiam às novas necessidades de uso em Entre Rios ou, então, mostravam-se muito pesados para os leves cavalos regionais.<sup>184</sup>

Para Elfes, tais dificuldades foram a principal causa da reemigração de 32 famílias de agricultores e 28 “não agrícolas”, ocorrida entre os anos de 1953 e 1954.<sup>185</sup> As dificuldades também resultaram na saída de Moor da colônia. O cargo de dirigente da colônia foi ocupado por René Bertholet, representante da “Ajuda Suíça à Europa” no Rio de Janeiro, o qual obteve

---

<sup>183</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 50.

<sup>184</sup> *Ibidem.* p.55.

<sup>185</sup> *Ibidem.* p. 58.

créditos junto a bancos brasileiros, o que contribuiu para que a partir de 1955 a produção agrícola da colônia obtivesse resultados satisfatórios.<sup>186</sup>

O registro do desenvolvimento econômico durante os primeiros anos de existência da colônia pode ser verificado no livro intitulado *Guarapuava: a colônia de refugiados suábios do Danúbio no Brasil (Guarapuava: die donauschwäbische Flüchtlings-Siedlung in Brasilien)*.<sup>187</sup> Trata-se de uma publicação realizada pelo “Auxílio Suíço ao Exterior” (*Schweizer Auslandhilfe*), denominação que a partir de 1956 substituiu a “Ajuda Suíça à Europa”. O autor é Max Frösch que, na condição de funcionário da instituição suíça, atuou na colônia durante os primeiros anos.

O livro inicia com uma rápida descrição dos antecedentes históricos dos suábios na Europa e os motivos que os levaram à imigração para o Brasil. Em seguida há uma pequena descrição da história do Brasil, denominado “terra de imigração” (*Einwanderungsland*), e o grande aumento de sua população, ocorrida a partir de 1840 a 1958, quando passou de cinco milhões para sessenta milhões de habitantes. Segundo Frösch, isso se deve em grande parte a imigração de italianos, portugueses, espanhóis, alemães, japoneses e suíços. O fluxo imigratório foi restringido durante a Segunda Guerra Mundial, sendo reiniciado ao final do conflito, quando o país passou a ser o destino de muitos refugiados de guerra.<sup>188</sup>

Frösch afirma que a chegada dos imigrantes e a sua integração à economia local, possibilitaria, além do acréscimo da população, o “desenvolvimento econômico e civilizacional” do país. Isso aconteceria por meio da produção industrial e o cultivo de áreas do interior. O produto destacado pelo autor é o trigo, cuja produção era insuficiente para o abastecimento interno, com o qual eram gastas grandes somas na importação. Neste sentido, a vinda dos suábios era uma forma encontrada pelo governo brasileiro de aumentar a produção

---

<sup>186</sup> FRÖSCH, Max. **Op. cit.** p. 50.

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> *Ibidem*. p.09

de trigo e, por outro lado, vinha ao encontro dos interesses dos suábios na sua busca por um novo lar.<sup>189</sup>

Em seguida, Frösch descreve as negociações entre a instituição suíça e o governo brasileiro, bem como o desenvolvimento econômico anual da colônia, representado pelos números referentes à produção agrícola da colônia. O texto é ilustrado com várias fotografias que apresentam imagens aéreas, cenas da colheita do trigo realizada tanto manualmente como por máquinas, plantações de trigo etc. Mas a fotografia que ilustra a capa do final do livro chama a atenção para outro aspecto.

Figura n.º 4: Fotografia presente na capa do livro de Max Frösch.

---

<sup>189</sup> Ibidem. p. 10.



FONTE: FRÖSCH, Max. **Op. cit.**

Intitulada “Primeiro Encontro em Outro Mundo” (*Erste Begegnung in einer anderen Welt*), a imagem simboliza o encontro entre os imigrantes e a população brasileira. Trata-se de um encontro isento de conflitos que sugere também a união entre os dois povos. Notem que a criança negra está falando amavelmente com a menina imigrante e a forma como segura a sua mão insinua que ambos os povos estariam na infância, no começo de uma vida em conjunto.

A fotografia indica, portanto, uma questão bastante relevante na época: o lugar dos imigrantes na sociedade nacional brasileira; como se deu o contato e a convivência entre os imigrantes e os habitantes próximos à colônia (questão que Gossner de maneira rápida

denominou “faculdade de adaptação”) e que outros autores denominaram “aculturação”. Nesse sentido, objetiva-se mapear como essa questão foi apresentada nos discursos comemorativos pelo governo paranaense e também por pessoas ligadas a entidades, cujo objetivo era a preservação da cultura alemã no Paraná. Esse é o objeto de análise do próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### *“ACULTURAÇÃO” E IDENTIDADE ÉTNICA*

A vós todos, vindos de todos os setores da Pátria Grande, a saudação do Paraná que está **amanhecendo**. (...) A vós todos um recado do Paraná para o Brasil: Isto aqui tem características regionais nossas, específicas. Temos manchas louras; gente loura de olhos azuis, mas que é tão brasileira quanto àquela que mais o seja. Temos aqui brasileiros de sobrenomes muito complicados, mas que se honram deste nosso Brasil, como nós outros possuímos sobrenomes portugueses. Podeis levar a certeza de que aqui se está construindo alguma coisa diferente no Brasil (...) Mas nessa construção o que se mantém é a fidelidade à tradição brasileira, cujas raízes mergulham no Cristianismo, que está na essência de nossa formação. Podeis levar essa certeza de que não existe no Brasil, pedaço mais brasileiro do que este, porque temos consciência de nossa unidade, da unidade desta grande Pátria que está florindo para o mundo, dentro do qual o Paraná está firmando sua personalidade, - tão moço ele é, que vai apenas fazer cem anos, e cem anos nada significam na história de uma coletividade.<sup>190</sup>

No capítulo anterior, abordamos a vinda dos suábios para o Paraná e a formação da colônia Entre Rios. Neste capítulo, buscaremos analisar como era projetada a inserção do grupo na comunidade paranaense, quais discursos foram elaborados para dar conta desta questão e qual era a situação da colônia nos seus primeiros anos de existência.

---

<sup>190</sup> NETO, Bento Munhoz da Rocha. Discurso pronunciado na sessão de instalação de um dos congressos comemorativos do centenário. In: **Ilustração Brasileira**. Edição Comemorativa do Centenário do Paraná. Ano XLIV, N.º 224. Rio de Janeiro: Edição da S. A. “O Malho”. 1953. p. 19. Grifo nosso.

## 2.1 Um povo em formação: discursos identitários no Centenário do Paraná

O discurso do governador - apresentado na epígrafe deste capítulo - indica a forma como este entendia a formação da população paranaense. Tratava-se de uma concepção que visualizava um Estado cuja população estaria em vias de “firmar sua personalidade”, ou seja, seria uma população que ainda não tinha contornos identitários definidos.

Munhoz da Rocha nasceu em Paranaguá em 1905. Além da atividade política, ocupou o cargo de professor de História da América na Universidade Federal do Paraná e produziu vários textos, cujos temas versam sobre o Paraná e os destinos do Brasil. Em um de seus artigos, intitulado “caldeamento de raças”, Munhoz apresenta suas reflexões acerca da formação do povo paranaense.

(...) Até 1853, éramos São Paulo. (...) Mas hoje, não somos mais, nem filhos de São Paulo. Somos nós mesmos. Nem seria recomendável à capacidade criadora do grande Estado, se alegássemos a cada passo a nossa origem. Estamos criando, em aspectos característicos, um pedaço da civilização brasileira. Não temos o tipo etnicamente definido do paranaense – como não existe o tipo racial brasileiro. Mas aí vai uma grande diferença. Fundem-se no Paraná, subordinadas ao elemento disciplinador do nosso poder de adaptar, quase todas as raças européias. (...) Só em futuro muito remoto fixaremos o nosso homem-padrão, homogeneizado por um lento caldeamento de caracteres distintos.<sup>191</sup>

Em ambos os discursos, há a interpretação de que a formação de um “tipo étnico” paranaense se daria num longo período de tempo. Sendo o Paraná um Estado que estaria na sua “infância”, ou no seu “amanhecer” histórico, obviamente a personalidade de seu povo estaria por ser formada.

Cabe destacar que o território paranaense estava sendo ocupado por contingentes humanos de várias origens. As terras do Sudoeste e Oeste do Estado estavam sendo ocupadas, principalmente a partir de 1940, por populações oriundas do Rio Grande do Sul e Santa

---

<sup>191</sup> NETO, Bento Munhoz da Rocha. A Significação do Paraná. Caldeamento de Raças. In: NETO, Bento Munhoz da Rocha. **O Paraná. Ensaios**. Curitiba: Farol do Saber. 1995.p.42.

Catarina, enquanto que a região Norte era ocupada por agricultores oriundos especialmente de São Paulo, interessados no cultivo de café.<sup>192</sup>

Neste contexto, o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto também promoveu políticas que visavam atrair contingentes imigratórios europeus. Mas se tratava de um tipo específico de imigrante: agricultores especializados no cultivo de trigo. Sobre isso, o jornal *Diário da Tarde*, de 12 de abril de 1951, publicou o artigo do jornalista Dulcídio T. de Lacerda, o qual teceu a seguinte avaliação dos planos do governador:

Na sua série de palestras habituais radiofônicas pela P. R. B. -2, em atenção aos interesses coletivos, o Governador Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, entre outros assuntos ventilados, abordou dois de suma importância ao Estado. A colonização e a cultura do trigo na região do 3º planalto do Paraná. (...) Para cá, depois da Primeira Guerra Mundial e principalmente nesta última, tem vindo uma grande leva de emigrantes com o rótulo de “agricultores” e que sendo comerciantes ambulantes, aplicando aqui as suas atividades em prejuízo do comércio organizado e que paga grandes tributos, ou sustenta empregados caros e mantém lojas adequadas a uma grande cidade civilizada e próspera. Muitos deles vão ser vendedores de bilhetes de loterias com uma robustez a prova e aplicam métodos até do “conto do pacote”. (...) O que precisamos é de imigrantes agricultores e também de operários especializados.<sup>193</sup>

As palavras do jornalista reforçam o discurso acerca da necessidade da seleção dos imigrantes que viriam para o Estado. Não são todos os imigrantes europeus aptos para ajudar na formação do povo paranaense. Tal seleção teria como principal critério a atividade econômica: o trabalho na agricultura e nas indústrias.<sup>194</sup> Há, portanto, a necessidade de se separar o “joio do trigo”, pois os imigrantes não constituem um grupo homogêneo.

---

<sup>192</sup> WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, Brasil Pinheiro; BALHANA, Altiva Pilatti. Nota Prévia ao Estudo da Ocupação da Terra no Paraná Moderno. In: **Boletim da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: n.º 7, 1968. p. 06-08. Sobre a ocupação do Extremo Oeste do Paraná ver: FREITAG, Liliane da Costa. **Fronteiras Perigosas: migração e brasilidade no Extremo Oeste paranaense (1937-1945)**. Cascavel: Edunioeste, 2001.

<sup>193</sup> LACERDA, Dulcídio T. de. *A Colonização e o Cultivo de Trigo no Terceiro Planalto*. In: **Diário da Tarde**. Curitiba: 12 de abril de 1951. p. 02.

<sup>194</sup> Uma interessante análise acerca de discursos jornalísticos que apresentam um conflito entre agricultores e mercadores no Paraná, na década de 1930, foi realizada por Beatriz Anselmo Olinto. OLINTO, Beatriz Anselmo. **Pontes e Muralhas: diferença, lepra e tragédia no Paraná no início do século XX**. Guarapuava; UNICENTRO, 2007. p.73.



Além das atribuições relacionadas ao trabalho dos imigrantes, a seleção deveria levar em conta outros aspectos, como se pode ler na seqüência da matéria.

(...) Disse o ilustre Governador Munhoz da Rocha Neto que está tratando de trazer uma leva de emigrantes holandeses para atividades rurais da indústria de laticínios em Carambeí, onde encontrarão possibilidade de chegada. O que por intermédio do Conselho Nacional de Emigração para trazer emigrantes alemães para localizá-los no 3º planalto, como agricultores. Ora, quanto ao primeiro, aliás, é o melhor colono europeu para o Brasil devido às qualidades de pecuária e à agricultura adiantada, pois em Java e na Guiana demonstrou como é um elemento sem preconceitos racistas. Quanto ao segundo, inteligente e bom agricultor, como com vistas para a indústria, haja vista o que fez no Vale do Itajaí e nas colinas do Rio Grande do Sul, porém devemos selecioná-los devido à infiltração daquela filosofia absurda e que tanto mal causou a pátria de Goethe.<sup>195</sup>

Portanto, diferentemente dos imigrantes holandeses, qualificados como ideais para a ocupação do Estado, a vinda de alemães deveria ser objeto de uma cuidadosa seleção. Nesse sentido, não bastaria para o candidato a emigrante ser alemão, agricultor ou operário. O grupo desta etnia deveria ser formado por pessoas cuja índole possibilitasse o processo de amalgamamento, de aculturação em terras paranaenses. E como fazer essa seleção? Por meio da exclusão daqueles identificados com certa *filosofia absurda*: o nazismo.

Ao final, a matéria projeta o futuro que tais políticas governamentais iriam proporcionar ao Estado:

No nosso Planalto eles podem trazer muita cultura, não só do trigo, mas de aveia, centeio, milho e outras mais. A pouco, o Dr. Lacerda Werneck, ilustre Secretário de Agricultura, esteve no Rio na reunião do conclave da conferência do trigo na qual propôs a organização de silos para a conservação e oportuna moagem do nosso trigo. Ótima medida (...).

A campanha do trigo entre nós iniciada pela primeira vez em 1916, no governo do Dr. Afonso Camargo, com Romário Martins como diretor do Departamento de Agricultura e repetida pelo mesmo em 1928, falhou pela falta de silos e transporte. Chegou-se a produzir perto de 30 mil toneladas – o que foi alguma coisa para a época. Portanto, a lembrança do Dr. Werneck é oportuna e bem sugerida e que sejam em breve uma realidade para a cultura do trigo. (...) Com agricultura mecanizada em moldes racionais, teremos com sobra possibilidades de enriquecer nossos produtores e a nação terá a sua consolidação completa. Se tivéssemos além do café mais carne para exportar, quão farta não seria a nossa balança exportadora só com esses dois produtos!

<sup>195</sup> LACERDA, Dulcídio T. **Op. Cit.**

Não nos falta meios, somente incrementar e, portanto, o Governador Munhoz da Rocha Neto organizando o que prometeu irá prestar um grande serviço ao seu Estado.

<sup>196</sup>

Portanto, a escolha e a vinda de determinados imigrantes são encaradas como parte de um projeto que visava ao futuro do Estado, como celeiro agrícola do Brasil. Isso seria viabilizado por agricultores capazes – europeus – propensos  aculturao – sem a perda, portanto, de seus aspectos positivos – e que utilizem a mecanizao na produo de cereais.

O entendimento de que os planos do governo de fomentar a vinda de contingentes de imigrantes europeus, no caso os suábio do Danúbio, trariam enormes benefícios econômicos e sociais para o Paraná, era compartilhado também por políticos oriundos de Guarapuava. O exemplo mais expressivo encontra-se no discurso do fazendeiro e deputado estadual guarapuavano Lustosa de Oliveira, intitulado *Esta terra tem dono!* Proferido na Assembléia Legislativa do Paraná e depois publicado no jornal *Gazeta do Povo*, no dia primeiro de junho de 1951, e posteriormente em seu jornal, *Folha do Oeste*, em 11 de novembro de 1951. O discurso de Oliveira é um elogio à postura dos fazendeiros ao se desfazerem de suas terras em vista do projeto que beneficiaria todo o Estado.

Vejamos os argumentos do deputado:

Sr. Presidente, em nossa última estadia em Guarapuava, naquele rincão de nossa querência, compartilhamos do desespero indescritível que dilacerava o corao de um grupo de antigos fazendeiros, ameaçados de ver as suas ricas terras expropriadas pelo governo do estado, de conformidade com o decreto n. 1229, de 18 de maio corrente, decreto que declarou de utilidade pública a zona de Entre Rios, naquele município, onde se encontram os melhores campos de pastagens nativas, com o propósito de localizar ali uma colônia de imigrantes europeus, que se dirigem ao Paraná sob as expensas da Cooperativa Agrária Ltda., com sede na cidade de Guarapuava.

Qual a atitude que tiveram aqueles magníficos trabalhadores da prosperidade pastoril de Guarapuava?

Mesmo diante do inopinado dessa medida governamental, que vinha ferir direitos incontestáveis os proprietários de fazendas nem por isso se opuseram ao decreto mencionado, ou aos seus objetivos, embora lhes assistisse o direito de impugná-lo. Preferiram atender, amistosamente, os reclames da iniciativa, que visava dar novo impulso à economia local, e

---

<sup>196</sup> Ibidem.

assim entraram em entendimento com a Cooperativa Agrária Ltda. e o governo do Estado, para obter uma fórmula que conciliasse os interesses dos proprietários de fazendas e os objetivos da iniciativa governamental.<sup>197</sup>

Oliveira valoriza os fazendeiros e a atividade econômica destes como sendo também algo próspero, e não estagnado.<sup>198</sup> É, assim, uma imagem diferente daquela presente nos discursos dos jornais e do governo. Outro elemento presente neste discurso é a noção da propriedade como sendo um direito natural, que não pode ser questionado - nem mesmo pelo Estado. Mas, ao final do trecho, também indica tendência dos proprietários para o não-conflito. Ou seja, constrói uma imagem destes como pessoas amistosas, propensas à conciliação, como podemos ler na seqüência:

E assim concordaram em ceder as suas terras à cooperativa Agrária, numa demonstração de altiloqüente grandeza patriótica, que bem exterioriza o desejo de progresso que os anima, quando está em jogo o bem coletivo da comunidade guarapuavana. Não quiseram os descendentes dos primitivos povoadores imitar o gesto desassombrado do audaz cacique 'Guairacá', quando enfrentando os invasores dos seus domínios, conclamava as suas aguerridas tribos, com o seu grito de guerra: - "Esta terra tem Dono!" Preferiram os fazendeiros de Entre Rios abrir os braços e acolher os seus irmãos da velha e conturbada Europa, com um exemplo de solidariedade cristã, ensejando-lhes em terras brasileiras, o direito à paz, de liberdade e de trabalho construtivo, em benefício do Paraná e do Brasil.<sup>199</sup>

Nesta parte, Oliveira deixa implícito o direito à resistência, pois são os donos das terras. No entanto, estes concordam em "ceder", pois há algo que uniria fazendeiros e imigrantes: a idéia de progresso nacional e a *solidariedade cristã*. Nesse ponto, Oliveira marca a identificação entre fazendeiros e imigrantes e a diferenciação destes com os indígenas: os índios não são cristãos.

---

<sup>197</sup> OLIVEIRA, Lustosa. "Esta Terra tem Dono!" In: Jornal **Gazeta do Povo**. Curitiba: 01 de junho de 1951. p.01.

<sup>198</sup> Para um estudo sobre a situação econômica social da região no período, ver: SILVA, Joseli Maria. Processos Econômico-Sociais Regionais e seus Impactos sobre a Estrutura Urbana de Guarapuava – Pr. In: **Revista de História Regional**. Vol. 2, nº1 Ponta Grossa: UEPG 1997. p. 9-42.

<sup>199</sup> OLIVEIRA, Lustosa. **Op. cit.**

Senhor Presidente, diante desse episódio marcante, dessa admirável atitude demonstrada pelos fazendeiros guarapuavanos, não podemos permanecer em silêncio, usando esta tribuna para congratulá-los, entusiasticamente, com aqueles bravos descendentes dos Siqueira Cortes, dos Lustoza, dos Martins, dos Ferreira Caldas e dos Ribas, pela deliberação que tiveram despojando-se de suas propriedades tradicionais, para nelas serem localizados outros lutadores, que desejam produzir nos campos guairanaenses o miraculoso grão de trigo, em tal quantidade, capaz de abastecer não só as populações do oeste, como as de outras regiões do Estado.

Ao encerrarmos esta nossa tosca oração, Sr. Presidente, não o fazemos sem formular votos de pleno êxito aos tricultores da raça germânica que se estão dirigindo a Guarapuava, fazendo nossas as palavras de Romário Martins: - “Lavrador! Lavra a tua gleba, planta a tua seara, colhe o teu pão! Em cada espiga do teu trigo brilharão, ao sol amigo de nossa pátria, o ouro de tua abundância e a glória do Paraná”<sup>200</sup>

Portanto, ao contrário do que sugere o título do discurso, não se trata de uma oposição ao projeto. Pelo contrário. Oliveira afirma que os fazendeiros tiveram, diferentemente dos indígenas,<sup>201</sup> antigos ocupantes da região, um comportamento de aceitação, de doação visando ao bem dos interesses coletivos estatais. Dessa forma, os imigrantes e fazendeiros estariam irmanados por meio da mesma crença religiosa e comungariam de um mesmo interesse em prol da prosperidade do Paraná.

No entanto, o discurso do deputado silencia o fato dos fazendeiros recusarem inicialmente em ceder suas terras e que coube a ele a tarefa de convencê-los a mudar de opinião. Um de seus argumentos era que a formação da colônia valorizaria as terras da região.<sup>202</sup> O discurso também pode ser entendido como uma forma de Oliveira pressionar e agilizar a liberação das escrituras de posse das áreas escolhidas pelos fazendeiros, situadas no Norte do Estado.<sup>203</sup>

<sup>200</sup> Ibidem.

<sup>201</sup> Na década de 1970, Oliveira mudou seu juízo acerca do chefe indígena Guairacá, suposto autor da frase “Esta terra tem dono”. Em vez de considerar o indígena um símbolo do obstáculo à ocupação das terras pelos brancos, Oliveira adotou a concepção de Romário Martins, para o qual, em seu livro *Guairacá*, publicado em 1941, o referido chefe indígena seria um símbolo da nacionalidade brasileira. Segundo Martins, Guairacá, no século XVI, teria defendido a região que correspondia ao “Extremo Oeste da antiga Quinta Comarca da Província de S. Paulo” da invasão dos espanhóis e portugueses. Em 1978, Oliveira foi um dos principais idealizadores de uma campanha que construiu em Guarapuava um monumento em homenagem a Guairacá. In: OLIVEIRA, Antonio Lustosa. **Sonho de Romário Martins. Monumento a Guairacá**. Guarapuava: Ed. Litero-técnica. 1978.

<sup>202</sup> ESTECHE, Paulo. **Op. cit.** p.13.

<sup>203</sup> A liberação de algumas escrituras não foi imediata. Isso motivou Oliveira, por duas vezes, em 1954 e 1955, a discursar na Assembléia Legislativa, solicitando a expedição dos títulos de posse. In: OLIVEIRA, Lustosa de. **Na Tribuna Parlamentar (1954-1958)**. Curitiba: Gráfica Mundial Ltda. 1958. p.44-96.

A concepção de que o Paraná era o palco onde diferentes povos se irmanariam viria a ser divulgada de forma mais contundente em 1953, quando das comemorações do centenário de emancipação política do Estado. Neste contexto, foram produzidos e divulgados discursos que apresentam imagens de um Estado que se encontrava num ritmo acelerado de desenvolvimento e cuja população caminhava (ou corria) unida, em busca de um mesmo objetivo: O progresso do Paraná.

Os preparativos para festividades do centenário iniciaram ainda em novembro de 1952, quando, por meio do decreto n.º 1.039, o governador criou a “Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná”, uma autarquia presidida por Newton Carneiro. Esta foi encarregada de organizar as festividades. Em julho de 1953, a Comissão publicou um relatório sobre as atividades que estavam sendo planejadas para a efeméride. Além da organização da “Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba”, foram efetuados contatos com membros da “etnia japonesa”, que organizaram uma comissão em Londrina, com o grupo “polono-brasileiro” e com o grupo étnico germânico, para que estes participassem das festividades.<sup>204</sup>

No caso do grupo “étnico germânico”, constituiu-se a “Comissão Brasileira Representativa do Grupo Étnico Germânico”. Esta apresentou dezesseis sugestões, sendo a primeira, e também principal, a publicação de um (...) *‘Memorial Histórico’*, no qual será demonstrada histórica e estatisticamente a atuação dos ancestrais germânicos no Estado do

---

<sup>204</sup> ATIVIDADES DA COMISSÃO DE COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO PARANÁ. Curitiba: n.º 2. julho de 1953. p.04. As festividades também incluíam a construção de obras arquitetônicas, como o Centro Cívico - conjunto de prédios que centralizam as repartições públicas estaduais - e monumentos em Curitiba. Para uma análise da construção de marcos culturais e arquitetônicos nas comemorações do centenário do Paraná, ver: BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. Símbolos e Monumentos: As comemorações de emancipação política do Paraná nos Logradouros de Curitiba. Ponta Grossa: **Revista Publicatio** UEPG: Vol. 14, n.º 1, junho de 2006. p. 7-20.

*Paraná (...)*.<sup>205</sup> A publicação deveria destacar a participação do grupo étnico nas áreas da educação, arte, ciência, indústria, comércio, agricultura e na vida política e religiosa.<sup>206</sup>

Para a tarefa, os membros da comissão solicitaram a ajuda de “amigos mais idosos” e entraram em contato via rádio e cartas com “colônias agrícolas” e “grupos urbanos” de diferentes partes do Estado, para que enviassem dados para a elaboração do memorial.<sup>207</sup> O resultado foi a publicação, em novembro daquele ano, do livro intitulado *O Paraná e os Alemães. Estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos*,<sup>208</sup> cuja redação coube a Werner Aulich.<sup>209</sup>

Com cinco capítulos, o livro apresenta um panorama da ocupação do território paranaense por imigrantes alemães e seus descendentes. Na introdução, o autor menciona que se trata de um trabalho científico, no qual foram empregados os conceitos “assimilação”, “marginalidade” e “aculturação”, (...) *fórmulas sociológicas cunhadas e empregadas, sobretudo por sociólogos e antropólogos americanos (...)*.<sup>210</sup> Mas, pelo fato de serem suscetíveis a diferentes interpretações, tais conceitos foram utilizados sem a preocupação de

<sup>205</sup> ATIVIDADES DA COMISSÃO **Op. Cit.** p.13.

<sup>206</sup> *Ibidem*.

<sup>207</sup> *Ibidem*.

<sup>208</sup> AULICH, Werner. **O Paraná e os Alemães. Estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos.** Publicação comemorativa ao 1º Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná. Curitiba: Editado pelo Grupo Étnico Germânico do Paraná. 1953. De acordo com o prefácio redigido por Reinhard Maack, o Instituto Hans Staden, entidade sediada em São Paulo, intermediou os contatos entre a Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Estado do Paraná e Aulich.

<sup>209</sup> Werner Aulich nasceu na Alemanha, em 1º de abril de 1906. Doutor em filosofia, veio para o Brasil em 1939. Trabalhou em São Paulo como jornalista e vendedor, tendo adquirido uma pequena propriedade na localidade de Terra Nova, Paraná. In: BOSSMANN, Reinaldo. *Dr. Werner Aulich, Nachruf und Würdigung*. In: **Deutsche Nachrichten**. São Paulo: 22 de outubro de 1972.

<sup>210</sup> AULICH, Werner **Op. cit.** p. 9. De acordo com o autor, o trabalho foi inspirado nas pesquisas de Gilberto Freyre, E. Roquete Pinto, Egon Schaden e Emílio Willems. O último autor, devido aos seus estudos sobre assimilação e aculturação de imigrantes alemães no Brasil, publicados na década de 1940, pode ser considerado um dos principais representantes da antropologia americana. Para Willems, (...) *o processo de assimilação consiste no aparecimento de atitudes novas emocionalmente associadas a valores culturais novos com que o imigrante vai abrangendo contato. (...) A coexistência, na personalidade, de normas de comportamento incompatíveis produz o estado de marginalidade cultural (...)*. O conceito aculturação refere-se (...) *às mudanças nas configurações culturais de dois ou mais grupos que estabeleceram contatos diretos e contínuos*. WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil.** Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1980. p. 07, 09, 21, respectivamente.

explicitá-los, (...) *uma vez que as peculiaridades conceptuais destes termos decorrem com suficiente clareza dos respectivos contextos.* <sup>211</sup>

No terceiro capítulo, o sub-capítulo, cujo título é *A missão dos suábios do Danúbio*, descreve a chegada dos imigrantes no Estado e o desenvolvimento da colônia de Entre Rios. O título transmite a idéia de que a chegada desses imigrantes ao Estado foi uma obra do destino, como que se a história tivesse sido pré-determinada, e não fruto das ações, desejos, interesses humanos, casualidades, etc. A “missão” do grupo seria desenvolver a agricultura no Estado e servir como (...) *exemplo digno de ser imitado (...).* <sup>212</sup> Esse discurso também passa a idéia de que eles vieram ajudar e não que estavam sendo ajudados. Isso os torna sujeitos da ação que envolve em nível local a construção da colônia e, por extensão, contribuíram para a formação do Paraná e do Brasil.

Ao final do livro, após descrever o desenvolvimento de outras localidades formadas ou habitadas por pessoas de origem alemã, bem como as contribuições de alemães em diferentes áreas, Aulich conclui que os empreendimentos agrícolas dos “elementos germânicos” seriam uma manifestação (...) *essencialmente caracterológica de uma aculturação bem sucedida. Eis o último elo na corrente: os imigrantes alemães, hoje firmemente radicados no Paraná, transformam-se em verdadeiros cidadãos brasileiros.* <sup>213</sup>

Além do livro de Aulich, no bojo das comemorações houve várias outras publicações que mostravam a pujança do Estado que estava completando seu centenário. Duas delas apresentaram reportagens detalhadas sobre a recém fundada colônia Entre Rios. Trata-se da *1º Centenário da Emancipação Política do Paraná* <sup>214</sup> e da já citada *Ilustração Brasileira*. <sup>215</sup>

<sup>211</sup> Ibidem.

<sup>212</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>213</sup> Ibidem. p 105.

<sup>214</sup> GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná 1853-1953.** Edição do Governo do Estado. 1953.

<sup>215</sup> Esta foi uma das principais publicações comemorativas contratadas pelo governo para divulgar as festividades do centenário do Estado. Fundada no Rio de Janeiro, em 1909, a revista *Ilustração Brasileira*, que circulava em outros países da América e também na Espanha, destacava-se como órgão de publicação de efemérides. Ela foi o

A primeira é dividida em vários textos, sendo que cada um aborda um tema paranaense.<sup>216</sup> Para nossos propósitos, selecionamos o artigo intitulado *Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná*, redigido por José Nicolau dos Santos, professor catedrático da Faculdade de Direito e de Geografia Humana, na Universidade do Paraná.<sup>217</sup> Como o título indica, Santos apresenta uma visão panorâmica da história dos núcleos de imigrantes no Estado, destacando suas origens, maneiras de ocupação do solo e a produção agrícola.

Santos afirma ser a colônia Entre Rios um exemplo de um sistema original de colonização. Seu argumento é o seguinte:

(...) Tem ela a base orgânica de uma *cooperativa de produção*, ou seja, nela não predomina decisivamente nem o fator *trabalho* nem o fator *capital*. É um esforço conjugado de ambos. É uma cooperação desses duplos elementos de produtividade que se aliam à *natureza*, como terceiro fator, para desenhar um novo e curiosíssimo estilo em empresa colonial.<sup>218</sup>

A seguir, Santos descreve a forma como ocorre a divisão de tarefas na colônia, sob a coordenação da cooperativa, os valores despendidos para a compra de máquinas e também para custear o plantio e a colheita do trigo, arroz, batatas linho e aveia.<sup>219</sup> Por fim, apresenta um trecho de um relatório enviado pelo geógrafo Ernesto Pujol à Câmara de Expansão Econômica do Paraná:

(...) Comemos o pão feito na padaria da colônia com trigo semeado seis meses antes. (...) A impressão que se tem dessa colônia é a de um milagre feito à vista do público, a de uma demonstração prática das possibilidades de serem os milagres planejados executados. Quem pensaria, em junho de 1951, apenas seis meses depois, nos campos a vinte quilômetros de Guarapuava, comer-se-ia o pão nesse intervalo brotado da terra, de sementes nela lançadas por alemães foragidos da Iugoslávia e que então se encontravam na Áustria? Os colonos fazem esforços tremendos para aprender o português, que vão misturando com francês e inglês, mas

---

*Órgão Oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas Comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário da República do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.* In: **Ilustração Brasileira**. Op. cit.

<sup>216</sup> Os demais temas abordam a história do Paraná, literatura, ensino, artes plásticas e literatura, ciências e os aspectos econômicos. Ibidem.

<sup>217</sup> Ibidem. p.90-104.

<sup>218</sup> Ibidem. p. 99. Grifos do autor.

<sup>219</sup> Ibidem. p. 101-100.



as crianças já dizem “bom dia” e “muito obrigado”. O sentimento geral é de alívio por estarem a milhares de quilômetros distanciados da Europa, dos bombardeios e invasões. O problema do Brasil é, em toda a parte, um problema de povoamento. Se uma iniciativa como essa, de que resultou a fixação de dois mil alemães nos arredores de Guarapuava, fosse desdobrada e multiplicada, este País se organiza da noite para o dia. <sup>220</sup>

Trata-se de um discurso exemplificador. Ele reforça a imagem de que Entre Rios representaria um exemplo para o Paraná e para o Brasil em dois aspectos: o sucesso econômico representado pela produção de trigo e o esforço dos imigrantes para aprenderem a língua portuguesa, o que demonstra sua tendência em se juntar (e melhorar) a sociedade paranaense e brasileira.

Semelhantes elementos discursivos podem ser encontrados na *Ilustração Brasileira*. Sob o título *Frutos de nova orientação agrária. A colonização alemã no planalto de Guarapuava*, o texto destaca que a vinda dos suábios do Danúbio era consequência das intenções do governo para desonerar a economia nacional dos gastos com a importação de trigo. Os imigrantes são classificados como tendo (...) *aptidões pessoais e físicas, adaptadas às nossas condições ecológicas*. <sup>221</sup>

O texto menciona também a “calorosa” recepção que os suábios receberam ao chegar a Guarapuava, o que demonstrava (...) *a satisfação de podermos contar com elementos de tão alto valor, integrando a sua sociedade*. <sup>222</sup> Essa afirmação, que pressupõe um processo de junção entre os nativos e os imigrantes, é reforçada com a apresentação de uma fotografia que mostra um grupo folclórico suábio. A fotografia é acompanhada com a afirmação de que as 500 famílias (...) *prometem se radicar no Brasil e fazer de seus filhos bons brasileiros*. <sup>223</sup>

Figura nº 5: Fotografia “suábios na colônia Entre Rios”.

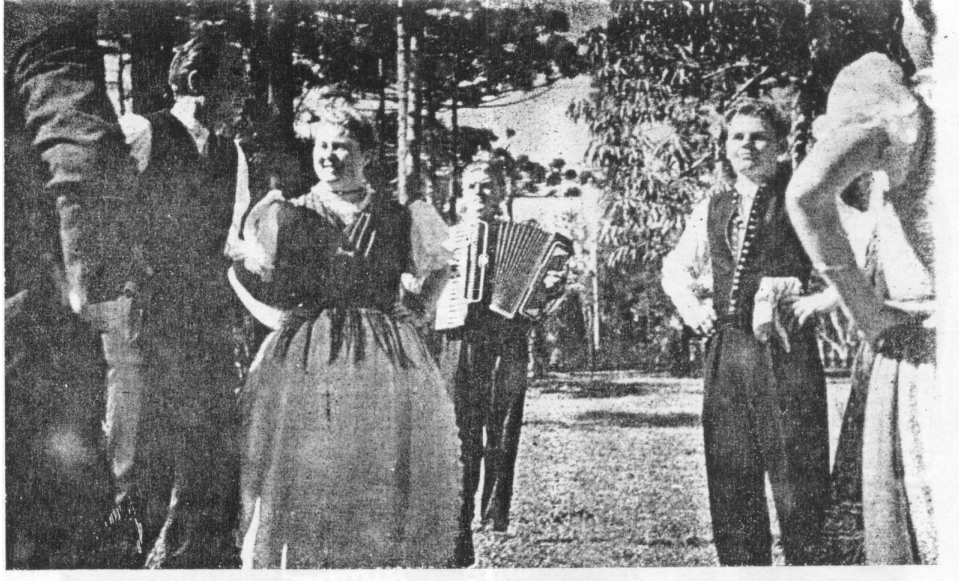
---

<sup>220</sup> Ibidem. p.100.

<sup>221</sup> Revista **Ilustração Brasileira**. Op. cit. p. 161.

<sup>222</sup> Ibidem.

<sup>223</sup> Ibidem.



FONTE: Revista **Ilustração Brasileira**. Op. cit. p. 161.

A mesma fotografia é apresentada no relatório de atividades da “Comissão de Comemorações do Centenário”, mas a inscrição abaixo dela é a seguinte: *suábios da colônia Entre Rios, nas proximidades de Guarapuava, dançando sob os pinheiros, com seus trajes originais que vem de há mais de 200 anos. Figurarão no grandioso desfile de 19 de dezembro.*<sup>224</sup>

Na mesma página da publicação, há outra fotografia com três mulheres suábias. Logo abaixo a inscrição é a seguinte: *Há um sorriso permanente iluminando os trigais da Colônia Entre Rios – Guarapuava – Paraná.*<sup>225</sup>

<sup>224</sup> ATIVIDADES DA COMISSÃO DE COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO PARANÁ. **Op. cit.** p.04.

<sup>225</sup> Revista **Ilustração Brasileira**. Op. cit. p. 161.

Figura n.º 6: Fotografia “Mulheres suábias na colônia Entre Rios”.

FONTE: Revista **Ilustração Brasileira**. Op. cit. p. 161.



Como se pode perceber nas imagens (figura nº 5 e 6), dois elementos registram o modo como estava sendo percebida a inserção dos suábios na sociedade paranaense: de um lado, a sua integração; de outro, a manutenção de sua identidade étnica, simbolizada pelos trajes típicos. A frase atribuída ao governador Bento Munhoz resume esta visão: *Ninguém pode ser um bom brasileiro se não honrar sua herança cultural.*<sup>226</sup> O Paraná, assim, seria uma espécie de mosaico de povos, pois cada qual deveria se esforçar para preservar seu patrimônio cultural próprio.

Outro aspecto que deve ser levado em conta é o caráter comemorativo dessas publicações. Como geralmente acontece nestas ocasiões, não há o propósito de veicular informações inoportunas. Não são momentos de apresentar o dissenso, mas de reforçar

---

<sup>226</sup> „Niemand kann ein guter Brasilianer sein, der nicht seinen kulturellen Erbe Ehre macht“. In: LEICHT, Sebastian; VETTER, Roland. **Donauschwaben in Brasilien**. Passau: Verlag Passavia. 1982. p. 5.

imagens positivas, no caso dos suábios, de mostrar o êxito da colônia inserido numa imagem idealizada de um Estado que estaria no rumo certo, em vias de “amanhecer”.

Deve-se lembrar que naquele ano houve o parcelamento das terras na colônia, realizado sem levar em consideração o relevo e a qualidade do solo. Medida que resultou, para muitos colonos, em graves problemas para se manterem como proprietários. Neste período, 9% dos agricultores e um terço de todas as famílias de artesãos abandonaram Entre Rios.<sup>227</sup> Esse fenômeno ocorreu de forma mais efetiva a partir de 1958, e (...) *alcançou seu ponto culminante em 1962, com 42 famílias, ficando, por muito tempo, maior que o acréscimo natural da colônia.*<sup>228</sup>

O pessimismo pode ser contagioso. Um reemigrante induzia outros, até que o movimento ameaçou, finalmente, a existência da colônia. Portanto, a partir de 1966, a Direção da Cooperativa Central começou a esforçar-se no sentido de melhorar, decididamente, as condições de vida e de trabalho em Entre Rios, material e culturalmente (...).<sup>229</sup>

Mas não foi somente a direção da cooperativa que se ocupou dessa questão, cujas soluções, além de apoio financeiro aos colonos, também envolviam medidas de “cunho moral”.<sup>230</sup> Esse apoio e incentivo para que os suábios permanecessem na colônia teve também como idealizador um membro do grupo étnico germânico do Paraná: Helmuth Abeck, para quem os recém-chegados representavam um revigoramento na cultura germânica do Estado, enfraquecida em função da política de nacionalização implementada por Vargas e também em decorrência da Segunda Guerra Mundial.<sup>231</sup>

---

<sup>227</sup> KOHLHEPP, Gerd. **Op. cit.** p.115.

<sup>228</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p.58.

<sup>229</sup> Ibidem. p. 60.

<sup>230</sup> As ações da cooperativa para sanar os problemas econômicos e culturais da colônia são objeto de análise do terceiro capítulo.

<sup>231</sup> Para mais informações ver: ABECK, Helmuth. **Colaboração Germânica no Paraná nos Últimos 50 Anos (1920-1979)**. Curitiba: CRM, 1980.

## 2.2 O Raiar do Oitavo Dia: a teatralização do encontro

Em 1964, Abeck <sup>232</sup> publicou a peça teatral bilíngüe, intitulada *O Raiar do Oitavo Dia-Der Morgen des Achten Tages*. <sup>233</sup> Na introdução, o autor informa que a peça é baseada nos fatos históricos ocorridos nos dez primeiros anos de existência da Colônia de Entre Rios, a partir de sua fundação em 1951, pelos suábios do Danúbio. (...) *Dez anos depois, estes imigrantes já estão profundamente enraizados (sic) na comunidade brasileira e, com o seu trabalho, seu exemplo e sua técnica adiantada, alteraram o semblante de uma vasta região.*<sup>234</sup>

Trata-se, conforme as palavras do autor, de uma narrativa de ficção baseada em fatos reais. Nela são demonstradas as suas interpretações acerca do que denominou “processo de aculturação” desses imigrantes na sociedade brasileira. Ao informar a platéia de que a peça é uma ficção baseada em fatos reais, Abeck estabelece uma espécie de pacto, <sup>235</sup> no qual o cenário representa algo real: é onde a platéia (suábia) vive e, assim, também poderia se identificar com alguns dos personagens. Portanto, embora seja declaradamente um texto de ficção, sua importância reside no fato de tornar visíveis alguns elementos que não aparecem (ou que são tratados superficialmente) em publicações sobre a colônia: as relações entre os imigrantes e os que já habitavam as terras destinadas a eles, bem como a manifestação de sentimentos como incerteza, desesperança, fragilidade por parte dos pioneiros suábios.

---

<sup>232</sup> Filho de imigrantes alemães, oriundos da Namíbia, África, Abeck nasceu em 24 de junho de 1916, em Itajaí, Santa Catarina. Em Curitiba, graduou-se em Química pela Universidade Federal do Paraná, tendo exercido a função de 2º tenente do exército e posteriormente trabalhado na livraria Braun. Foi sócio fundador da Sociedade dos Amigos da Cultura Germânica, exerceu a presidência da Comissão 25 de Julho, de Curitiba, e (...) *dedicou-se a formar o que chamou de Arquivo Paranaense de Imigração, um trabalho que consumiu anos e muita perseverança*. Durante esse período, publicou vários textos acerca da presença alemã no Paraná. GODOY, Manoel. Quem é Helmuth Abeck. In: **Jornal de Entre Rios**. 31 de agosto de 1992, p. 13. De acordo com o jornal, a peça foi apresentada por duas vezes, obtendo tendo grande sucesso de público.

<sup>233</sup> ABECK, Helmuth. *O Raiar do Oitavo Dia... Op. cit.*

<sup>234</sup> *Ibidem*. p. 05.

<sup>235</sup> Baseado em Coleridge, Umberto Eco denomina esse acordo ficcional, que o leitor precisa aceitar tacitamente, de “suspensão da descrença”. Para mais informações ver: ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994. p. 81-102.

Os personagens são Fabrício, um “pobre peão caboclo”, sua mulher Ana, os filhos, José Carlos e Rita, os quais contavam com idade entre 8 e 10 anos e Luciano, filho mais velho do casal, que na época da chegada dos suábios tinha a idade de 20 anos. Há também Inês, uma moça da vizinhança, com 18 anos. Os outros personagens são Willi um imigrante, sua mulher Gertrud e os filhos menores dos mesmos, Gretel e Hansel, também com idades entre 8 e 10 anos. No segundo ato, há a inserção do personagem Roberto, um professor teuto-brasileiro. Acompanha a apresentação um grupo de danças folclóricas.<sup>236</sup>

A peça está dividida em três atos que representam a passagem dos dez anos da colônia e, conseqüentemente, as mudanças nas idades dos personagens, os quais deveriam ser substituídos de acordo com os atos.

O início do primeiro ato apresenta a descrição do cenário onde se desenrola a peça:

(...) a orla de um capão, nos campos de Guarapuava. No primeiro plano, uma frondosa imbuia, arbustos, pinheirinhos. Pouco adiante, à esquerda, uma pobre choupana de caboclos. Ao longe, as características colinas dos campos gerais, com capões e alguns pinheiros disseminados. É uma tarde de maio de 1951.<sup>237</sup>

O cenário é de uma paisagem pouco transformada pelos seres humanos que ali viviam. Não há a descrição das fazendas que existiam, as quais foram desapropriadas para a instalação da colônia. Sugere que os únicos habitantes são “caboclos”, os quais viviam em condições de pobreza.

No prólogo, quando a cortina é aberta, é recitado, acompanhado por um fundo musical, o seguinte texto:

No sexto dia Deus criara a terra. Vastas planícies e montanhas escarpadas. Regiões glaciais e desertos abrasadores. Rios caudalosos e oceanos imensos. Estepes ensolaradas e florestas sombrias. **Aqui** o Gênio Criador, num assombro de benevolência, colocara de tudo um pouco: Colinas suaves cobertas por campos verdejantes, capões e pinheiros pitorescos como ilhas encantadas num imenso mar. Lagos amenos e rios fertilizantes. Invernos de sadio rigor e

<sup>236</sup> ABECK, Helmuth. **Op. cit.** p. 06.

<sup>237</sup> Ibidem. p.07

verões de um calor fecundo. Em tudo o áureo meio-termo, a predestinação da felicidade. – Deus olhou a sua obra e achou-a bem feita. No sétimo dia Ele descansou. E com Ele descansou a terra, mergulhada num sono profundo de muitos milênios. Os nossos rios se povoaram de peixes, pelos ares vieram os pássaros, em nossos campos pastava o cervo altivo, guarás e onças pardas lutam, em nossos capões, pela supremacia. Bandos de gralhas azuis semeavam vastos pinheirais. O vento, ciciando, acariciava as copas dos pinheiros, sacudia as frondosas imbuías, brincava com as folhas das humildes erveiras. De quando em quando, os bugres de pele bronzeada varavam campos e matas, à procura de alimentos. Mas a terra dormia...<sup>238</sup>

Trata-se de uma paráfrase do relato do Gênesis acerca da criação da terra. Diferentemente das outras partes do globo terrestre, na região onde se instalaria a colônia há uma característica da criação de Deus que chama a atenção: o “meio termo”. Não há excesso no tamanho das colinas e nem na cobertura vegetal, composta pela intercalação entre florestas e campos. A esta paisagem idílica soma-se a presença dos primeiros seres humanos, os “bugres”, como eram denominados, os quais viviam sem cultivar a terra, portanto ela “dormia”.

A seguir, o texto menciona a chegada à região e a fixação dos primeiros “homens brancos”, os bandeirantes paulistas:

Depois vieram os primeiros homens brancos. Eles possuíam o segredo do fogo e da pólvora. Vinham em busca de aventuras, de riquezas e de escravos. Pela primeira vez, o medo e o terror alvoroçaram a terra. Alguns poucos aqui construíram as suas habitações, tomaram posse de vastas regiões e consideraram-se donos absolutos de tudo. Deram a esta terra o nome de Guarapuava. Fundaram cidades e aldeias. Em outros continentes, nesse tempo, já raiava um novo dia. Aqui, porém, a terra continuava dormindo...<sup>239</sup>

O trecho sugere que a chegada dos “homens brancos” e a tomada da região se constituíram numa ação que não enfrentou forte resistência das populações que ali viviam. No

---

<sup>238</sup> Ibidem. Negrito do autor.

<sup>239</sup> Ibidem.

entanto, deve-se salientar que as tentativas iniciais dos bandeirantes em se estabelecer na região, datadas de 1768, foram repelidas pelos indígenas.<sup>240</sup>

Além disso, em função da principal atividade econômica dos novos povoadores ser a criação de gado, Abeck considera que a terra ainda continuava em repouso, estado que é modificado com o advento do século XX.

E assim veio o século 20 da era cristã. Em muitos países as populações haviam crescido demasiadamente e o espaço tornara-se insuficiente. Correntes migratórias demandavam as regiões de baixo índice demográfico. Um dia chegaram, também, a esta região guarapuavana. Chegaram em apreciável número, ruidosos, com todos os seus pertences, com máquinas e motores. – Quem pode dormir com o roncar dos motores?- A própria terra teve que acordar. Raiava, também aqui, o alvorecer do novo dia, do oitavo dia da criação. Corria o ano de 1951.

<sup>241</sup>

De modo análogo aos jornais analisados no capítulo anterior, também neste trecho o texto não menciona a guerra como fator de expulsão dos suábios da Europa. A escassez de espaço e o aumento demográfico são as causas da imigração e a escolha de Guarapuava se deve ao seu “baixo índice demográfico”. Nesse enredo de uma história judaico-cristã, a chegada dos suábios marca o raiar do oitavo dia, quando a eles se projeta a missão de dar continuidade à obra divina, que durara sete dias. Neste dia, a terra é finalmente é acordada para ser arada e cultivada.

Após a leitura do prólogo, iniciam-se as encenações que precedem o alvorecer do oitavo dia na região. A primeira cena apresenta José e Carlos, dois personagens qualificados como (...) *garotos caboclos de 8 a 10 anos, maltrapilhos, descalços, sujos, que se esgueiram por entre os arbustos, à espreita de uma caça. José empunha uma atiradeira, pronto para*

<sup>240</sup> Baseado no historiador paranaense Romário Martins, El-Khatib afirma que, em 1809, o governador–Geral da Capitania de São Paulo enviou uma “Bandeira Povoadora” para a região, a qual fundou, em 27 de junho de 1810, um pequeno arraial fortificado, denominado Atalaia. Em 1819, cerca de dez quilômetros dali, foi fundada a Freguesia de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava. Atalaia, por sua vez, foi atacada e destruída por indígenas em 26 de abril de 1825. EL-KHATIB, Faissal. **História do Paraná**. Vol. 4º. Curitiba: GRAFIPAR, 1969. p.113. Acerca dos conflitos entre brancos e indígenas no Paraná ver: MOTA, Lucio Tadeu. **A Guerra dos Índios Kaingáng: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: UEM, 1994.

<sup>241</sup> ABECK, Helmuth. **Op. cit.** p.08.



*soltar a pelota.*<sup>242</sup> Essa descrição reforça a imagem acerca da condição da população local: a de serem meros caçadores e coletores.

Essa condição pode ser verificada no diálogo que se segue, após os garotos terem abatido e levado uma codorna para Ana, sua mãe:

Carlos - Que bom! Vamos ter caldo para o pirão. Como mamãe vai ficar contente. – Mamãe! Mamãe! O Zé matou uma codorna! – (para o irmão) Como faz tempo que não comemos mais carne. Vai ser um banquetão! (...).

Ana – Uma codorna? Que maravilha! Vamos já preparar para o jantar. Graças a Deus, vamos ter um caldinho e carne. Desde que Fabrício sofre dessas dores de reumatismo, não tivemos mais carne, e o pobrezinho fica cada vez mais fraco. Corram para casa e vão depenando! Eu também já vou. Só quero ajuntar uns paus de lenha para o fogo.<sup>243</sup>

O diálogo deixa explícita a condição de pobreza dos personagens, dependentes da vontade divina para conseguirem sobreviver numa parte do mundo onde a obra de Deus ainda permanecia conforme Ele havia criado. Não se trata de uma terra de fartura, já que uma pequena ave é considerada um grande banquete.

O diálogo que se segue demonstra outras facetas desse ambiente, do qual os personagens fazem parte, e o seu antípoda: a cidade.

Ana – (Ajuntado lenha:) Pobrezinhos dos meus rapazes. São tão bonzinhos! Que pena que têm que viver nestes cafundós, onde não existem recursos. Quando vejo os meninos da cidade, sadios, bem vestidos, bem alimentados, indo para a escola, me dá uma vontade de chorar...

Carlos – Não fique triste, mamãe. Luciano diz que, quando voltar da Capital, nos ensinará a ler e escrever.<sup>244</sup>

A passagem apresenta algumas pistas sobre o que, no entender do autor, poderia melhorar a vida dos personagens: a educação formal das escolas. Ter instrução seria uma espécie de passaporte para sair daquela situação de miséria. Era o que o filho mais velho objetivara ao planejar ir estudar na capital.

---

<sup>242</sup> Ibidem. p.09

<sup>243</sup> Ibidem.

<sup>244</sup> Ibidem. p.10.

Além disso, outro fator da pobreza dos personagens é relacionado à concentração da propriedade de terras.

Ana – Oh, como seria bom... E quantas vezes aqui não sabemos nem o que comer. O velho fazendeiro, podre de rico, não se importa com os pobres. Se ao menos nos desse um pedaço de terra para plantar. Mas que! ... Só pensa no seu gado, na criação. Da gente ele só se lembra quando o serviço aperta. É uma tristeza. Que será de nós, minha nossa Senhora?

Carlos - Mamãe, o Luciano vai ficar muito tempo fora?

Ana - Oh o Luciano! Pobre do meu filho! Vai nos deixar... Não há outro jeito. Pretende ir para longe, para a Capital. Tenho tanto medo! Tantos moços que foram para a cidade, de lá nunca mais voltaram. Pobrezinho do Luciano, é tão inteligente, mas não pode nem mesmo aprender a ler e escrever. Não há escola. E não temos os meios, como o fazendeiro, que manda os seus filhos para a capital, onde aprendem a andar de “cadilac” e se formam doutor. Mas o pobre não pode; pobre tem que servir de capacho a vida toda. (...) Pobre Luciano, que será dele? Mas certamente será melhor assim; será melhor ele ir do que morrer nestes matos, de fome, como os dois irmãos dele e os filhos do Juca e tantos outros. Criança aqui mais morre do que se cria. A Virgem Maria há de proteger o meu Luciano!<sup>245</sup>

O trecho dá uma idéia da estrutura social local. Demonstra que ali não há chances de ascensão social para os pobres caboclos. A única forma de um indivíduo sair dessa condição é por meio da instrução em escolas na capital.

A terceira cena apresenta um diálogo entre Rita e sua mãe, Ana. Nele são comentados os atos do fazendeiro, que, em função do pasto ruim e conseqüentemente da queda da produção de leite, o nega aos personagens em favor dos terneiros, além de querer os pinhões apenas para tratar os porcos. A penúria dos caboclos não se deve à vontade divina, mas ao egoísmo de alguns homens. A cena termina com a conversa sobre a venda das terras para imigrantes europeus:

Ana – (...) Dizem que o fazendeiro vai vender as suas terras, a peso de ouro, para uma turma de imigrantes lá da Europa. É como diz o teu pai: “para rico tudo dá certo, até os bois dão cria, mas pobre não tem jeito.” Se os fazendeiros, que é nossa gente, nos exploram assim, que dirá os estrangeiros? Oh meu Deus! Só tristeza de todo o lado! Até não se tem mais gosto de viver.

<sup>246</sup>

---

<sup>245</sup> Ibidem.

<sup>246</sup> Ibidem. p. 11.

Os lamentos de Ana demonstram, além de uma explicação acerca das diferenças sociais, – a sorte dos ricos e azar dos pobres – uma aversão aos estrangeiros. Estes são vistos como exploradores, qualificados como piores que os locais. Nesta interpretação, a vinda dos imigrantes apenas agravaria a situação de penúria em que viviam os caboclos.

Na quarta cena, antes de partir, Luciano lamenta sua condição de pobreza e a falta de perspectivas de mudança, caso permaneça ali.

Luciano – (...) Triste sina a do pobre, que não tem uma esperança de futuro em sua terra natal! E eu gosto tanto destes campos tão lindos, com os seus capões sombreados e pinheiros gigantes. Mas o que adianta tudo isto, se não há futuro? Era preciso que alguém arrancasse esta terra do sono profundo em que está mergulhada. Se eu fosse alguém, se ao menos soubesse ler e escrever, como gostaria de lutar por este meu torrão natal! (...).<sup>247</sup>

A vegetação e o relevo da região são percebidos pelo personagem nativo apenas na sua forma estética, e não como recursos, como algo que possa ser utilizado e transformado em bens econômicos. Outro aspecto da fala de Luciano introduz a próxima fase da história local, a qual está relacionada com a chegada dos imigrantes e com o desenvolvimento da agricultura, fatos que tiram a terra do repouso e marcam o início da melhora: o oitavo dia.

Na quinta cena, Luciano se despede e promete voltar. Na seqüência, (sexta cena) enquanto a família olha Luciano se afastar, escutam o ruído de caminhões se aproximando.

Fabício – Devem ser os imigrantes que compraram as terras do fazendeiro, e que querem plantar trigo nestes campos.

Ana – Trigo nestes campos? Mas estes campos nunca produziram nada! Aqui só dá barba-de-bode e samambaia!

Fabício – É. Eles vão ter que trabalhar muito. E se vão vencer é muito duvidoso. Nestas terras, até hoje, só se criou gado e porcos, e se cortou madeira e erva-mate. “Foi para isto que Deus criou os campos”, dizem os fazendeiros. – Será que estes imigrantes vão ter sorte?

Ana – Mas então eles não sabem que estas terras são fracas para a plantação? Malmente dá mandioca. Aqui nunca vai dar trigo!<sup>248</sup>

---

<sup>247</sup> Ibidem. p. 12.

<sup>248</sup> Ibidem. p. 14.

Novamente é salientada a ignorância dos habitantes locais acerca das possibilidades daquela terra. Por outro lado, deve-se lembrar que a peça teatral foi escrita e encenada *a posteriori*, mais de dez anos após a fundação da colônia. A dúvida acerca do êxito da empreitada, presente no diálogo, tem a intenção de mostrar as dificuldades e dessa forma valorizar o trabalho dos imigrantes, principal platéia da peça.

A cena é também o momento que mostra o primeiro contato com os imigrantes:

Carlos – Papai, um dos caminhões vem para este lado. Vai parar aqui.

(Ouvem-se vozes, ordens em alemão, como “Weiter rechts! Passt auf! Noch etwas weiter! So ist es gut!” etc.)

Rita – Que gente engraçada, papai. Eles têm cara vermelha e cabelo amarelo!

José – E que olhos esquisitos. Eles são russos, mamãe? São tão diferentes da gente aqui da terra.

Ana – Devem ser alemães. Escutem a fala deles.<sup>249</sup>

Curiosamente, os caboclos analfabetos conseguem identificar a nacionalidade dos recém-chegados por meio da fala destes. Talvez seja um mecanismo que o autor utilize para tornar mais dinâmica a leitura desta fase. Mas, de toda forma, nesse comentário, o falar a língua alemã é um elemento de identificação dos suábios.

Na cena seguinte, ao escolher uma árvore como local de abrigo, há o primeiro diálogo:

Fabício – Boa tarde!

Gertrud – (que acaba de entrar da direita, com Hansel e Gretel, esta última com uma boneca:) O que ele disse? “Boa tarde”? Deve significar boa tarde. – Sim, boa tarde, pessoal! Mas como a aparência deles é lastimável! E como são sujos! (esfarrapados) – Crianças, não se aproximem tanto deles.

Rita – Puxa, a gente não entende o que eles falam. Mas que boneca linda que a menina tem. – Menina, vem brincar comigo!

Gretel – Mamãe, eu acho que ela queria brincar comigo. Posso?

Gertrud – (com rispidez) Nein, nein!

Ana – Nossa Senhora, que gente antipática!<sup>250</sup>

<sup>249</sup> Ibidem.

<sup>250</sup> Gertrud – *Was sagt der? “Boa tarde”? Das soll wohl “guten Tag” heissen. – Ja, guten Tag, ihr Leute! – Wie sehen die aber jaemmerlich aus! Und wie schmutzig! (zerlumpt) – Kinder, geht nicht so nahe ran. Gretel - Mutti, ich glaube, die wollen mit mir spielen. Darf ich?.* Ibidem.

Neste momento, o autor procura mostrar que no primeiro contato entre os dois grupos ocorre uma manifestação de aversão por parte dos imigrantes aos receptivos caboclos. O estranhamento é justificado pela aparência dos nativos: sujos e com as roupas esfarrapadas, características que estabelecem uma diferença e impedem o contato social mais íntimo. Inversamente ao observado por Norbert Elias,<sup>251</sup> aqui o grupo constituído pelos habitantes mais antigos (os estabelecidos) está em uma posição de inferioridade. Os recém-chegados, os *outsiders*, é que estão numa condição de superioridade, são os novos proprietários das terras cuja auto-imagem é de serem mais limpos.

Apesar da demonstração pouco amistosa, Fabrício, ao ver que irão pernoitar sob o pinheiro, convida-os, por meio de gestos, para dormirem em sua casa.

Willi – O que, nós devemos dormir na barraca? De modo algum! Nós preferimos dormir sob esta árvore. Aliás, quando realizarmos o plantio aqui, vocês precisarão desaparecer! (Acompanha suas palavras com gestos bruscos) Isso também irá acontecer com essa cabana.

Fabrício – Vocês estão vendo? Ele quer nos expulsar daqui!

Ana – Vai destruir a nossa choupana! Que gente! Vamos embora, antes que ele nos bata!

Inês – Eles talvez não nos quissem ofender. Eu acho a senhora bem simpática. E as crianças louras são tão bonitinhas...

Fabrício – Eu vejo um futuro negro na nossa frente! Esta gente não se compreende. O que será de nós? (Voltando-se para Willi:) Mas daqui eu não saio não! Moro aqui desde criança. Temos Lei no Brasil! Saberemos defender os nossos direitos, nem que seja no tiro! Não saio não, ouviu?! Não saio! (Sai à esquerda, encostado na mulher. Os outros nativos permanecem no palco, ao lado).<sup>252</sup>

Em nota de rodapé, Abeck indica que este é o momento em que o conflito começa, mas sugere que ao regente da peça fique o critério de abrandar ou enriquecer as expressões, conforme o público. O conflito não se dá pela falta de compreensão entre pessoas de línguas diferentes, ou pelo caráter dos dois grupos (não há oposição entre o bem e o mal), mas ocorre em função da ocupação da área. Chama a atenção para o fato de o caboclo aclamar a lei, antes

<sup>251</sup> ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000. p. 28-29.

<sup>252</sup> *Was, in der Bude sollen wir schlafen? Kommt garnicht in Frage! Wir schlafen lieber unter diesem Baum. Uebrigens, wenn wir hier pflanzen, werdet ihr verschwinden muessen.* (Acompanha suas palavras com gestos bruscos) *Auch die Huette da wird dann weg kommen!*. ABECK, Helmuth. **Op. cit.** p. 15.

do uso da força, algo que, pelo menos no Paraná daquele período, não era muito comum quando se tratava de conflitos envolvendo posse de terras.<sup>253</sup>

A justificativa para o estranhamento dos imigrantes com a presença dos nativos é apresentada na oitava e última cena do primeiro ato. Willi comenta que a informação que lhe haviam dado era de que estas terras estavam livres da presença de pessoas e se questiona o que esses caboclos estariam fazendo ali. Por outro lado, Gertrud, tentando temporizar a situação de conflito, comenta que o nativo não os teria entendido direito, era apenas um problema de comunicação.<sup>254</sup>

Ela também observa que a aparência dos mesmos era de pessoas doentes, como se não tivessem comida suficiente, e sugere ao marido que deveriam tentar entender-se com eles novamente. Se, na cena anterior, a visão dos caboclos sujos motivou a repulsa, o afastamento por parte de Gertrud, que impediu que seus filhos brincassem com os filhos dos caboclos, nesse momento, sua interpretação acerca das características físicas dos caboclos se baseia na sua condição de pobreza. Eles não teriam culpa de sua condição.

Em seguida, Rita se aproxima de Gretel e após uma troca de palavras sobre como se pronuncia a palavra boneca nas línguas alemã e portuguesa, começam a brincar juntas em silêncio. Desta vez, os pais de Gretel não a repreendem e conversam a respeito de suas expectativas com relação ao novo lar.

Willi - O que você acha, Trude, nós teremos sucesso aqui?

Gertrud - E porque não teríamos? Nós estamos todos tão felizes, finalmente saímos da Europa, aquele formigueiro semidestruído. Aqui nós temos menos dificuldades, basta apenas lembrar dos anos de guerra e das hordas selvagens em nossa terra natal, para então nos reanimarmos.

Willi – Sim, o que nós passamos, não queremos passar mais uma vez. O Brasil nos recebeu de braços abertos e devemos procurar viver nele como se fosse nossa segunda pátria. O solo parece ser bem pobre. Mas toda natureza daqui lembra muito nossa terra natal, Puszta. Eu

---

<sup>253</sup> Um bom exemplo da forma como eram “resolvidos” os conflitos agrários no Estado do Paraná encontra-se em: WACHOWICZ, Ruy C. **Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização**. Curitiba: Litero-técnica. 1985. MYSKIW, Antonio Marcos. **Colonos, Possesores e Grileiros: conflitos de terra no Oeste paranaense (1961-66)**. Dissertação (Mestrado em História) Niterói: UFF, 2002.

<sup>254</sup> ABECK, Helmuth. **O Raiar.. Op. cit.**

acho que nós, e todas as famílias que vieram conosco, não de sentir-se bem nesse país. Espero não desapontar esta terra.

Gertrud – Nós precisamos cultivá-la bem e com esmero. É só pensar que nós novamente temos uma gleba sob os pés e podemos semear trigo! Como precisamos agradecer a Deus por isso! Naturalmente, sentiremos saudades da antiga terra. Mas, lá sob a colina deve nascer a aldeia; então teremos sempre nossos compatriotas como vizinhos.<sup>255</sup>

A comparação entre o antigo lar, na Europa e o novo exprime a idéia da impossibilidade do retorno. Isso se dá em função das motivações da imigração: a alta densidade demográfica e a guerra. O Brasil é representado como lugar da paz, onde os imigrantes são recebidos amistosamente, e também é a terra do futuro promissor, mas isto só se cumprirá por meio do trabalho árduo. O agradecimento a Deus remete a platéia ao enredo do prólogo, como se isto estivesse nos desígnios divinos, o que, por si só, deve ser visto como principal motivação para a permanência dos suábios no local, juntamente com o fato de a região lembrar a terra natal.

Mas o texto também expõe as interpretações sobre as diferenças entre a antiga e a nova pátria. Enquanto Rita e Gretel brincam com a boneca, Hansel, ao lado de José, conversa com sua mãe sobre a existência de tigres e índios no local. Hansel questiona o porquê de ele ainda não ter visto nenhuma destas criaturas típicas do Brasil. José, ao ouvir a palavra tigre, responde que ali não há tigres, mas Gertrud chama a atenção do filho para que este não se afaste muito da colônia, pois poderia sim haver tigres e também índios.<sup>256</sup> Como é perceptível,

---

<sup>255</sup> Willi – Na, Trude, was meinst du? Wird es uns hier gelingen?

Gertrud – Warum sollte es nicht? Wir sind ja alle so froh, endlich aus dem halbzerstoerten Ameisenhaufen Europa heraus zu sein. Wenn es uns hier schwer fallen sollte, brauchen wir bloss an die Kriegsjahre zu denken, und an die wilden Horden die sich in unsere Heimstaetten eingekistet haben. Dann werden wir schon gerne alles auf uns nehmen.

Willi – Ja, was hinter uns liegt, wollen wir nicht noch einmail durchmachen. Brasilien hat uns mit offenen Armen aufgenommen, und wir wollen versuchen, es als unsere zweite Heimat zu lieben. Der Boden scheint hier ja recht arm zu sein. Die ganze Beschaffenheit erinnert aber sehr an unsere heimatliche Puszta. Ich glaube, wir, und alle Familien, die mit uns gekommen sind, werden uns in diesem Lande wohlfuehlen. Hoffentlich enttaeuscht uns der Boden nicht.

Gertrud – Wir muessen ihn eben gut bearbeiten und sorgfaeltig duengen. Nur zu denken, dass wir wieder Scholle unter den Fuessen haben und Weizen saen Koennen! Wie muessen wir Gott dafuer danken! Das Heimweh wird uns natuerlich zu schaffen machen. Aber dort ueber dem Huegel soll ja das Dorf entstehen; da haben wir dann immer landsleute in naechster Naehe. Ibidem. p. 16.

<sup>256</sup> Ibidem.

tigres e índios, fazem parte do imaginário sobre o país. Colocá-los juntos reforça a imagem de que ambos fazem parte da paisagem natural. Isso, de certa forma, desumaniza as populações indígenas e as exclui da possibilidade do entendimento e da convivência com os novos moradores e da sua participação na obra do oitavo dia.

A cena continua com a menção a outro fenômeno da natureza: o palco é escurecido e é apresentada uma imagem da lua cheia. Todos os personagens admiram o fenômeno. Em seguida, ao lado onde estão os brasileiros, com um violão é cantada a melodia “Luar do Sertão”. Hansel exclama o quão bela é a canção e Gertrud comenta que pessoas que tenham semelhantes canções não podem ser más, por isso, poderão se entender. Do lado dos alemães, acompanhados de um acordeom, é cantada a melodia intitulada “*An Den Mond*” (À Lua).<sup>257</sup>

Ao final do ato, portanto, as desavenças são colocadas de lado. A percepção de gostos musicais em comum sugere a existência de uma comunhão espiritual, as canções remetem a sentimentos comuns que são despertados pela lua cheia. Isso é reforçado pela fala de Inês a respeito da música cantada pelos imigrantes ao encerrar o primeiro ato: “(...) *Que linda canção. E que saudade se apodera da alma da gente. Deus que dê paz a todos os homens e alivie o sofrimento do nosso povo!*”<sup>258</sup> O pano cai lentamente. É o final do primeiro ato.

O segundo ato representa o cenário após a passagem de cerca de vinte meses.

(...) O cenário é o mesmo, porém os campos, ao longe, estão cultivados, vendo-se trigo colhido etc. Por detrás da colina aparecem alguns telhados novos, uma igreja em construção. O nível de vida dos nativos apresenta sensível melhora em relação ao primeiro ato, o que se traduz em cores mais sadias, vestimenta melhor, choupana melhorada etc. É mês de dezembro, época de natal.<sup>259</sup>

A chegada dos imigrantes trouxe a prosperidade para a região, pois tiraram a terra do seu “sono”. Isso resultou também na melhora nos padrões de vida dos chamados nativos. O

---

<sup>257</sup> Ibidem. p.17

<sup>258</sup> Ibidem.

<sup>259</sup> Ibidem. p. 19.



texto indica que a transformação não se deu de maneira fácil, mas foi fruto de um extenuante trabalho. Isso é mostrado na primeira cena, na qual Willi, Hansel e Gretel trabalham no fundo do palco.

O diálogo tem início com Willi afirmando que está farto de trabalhar dia e noite e o trabalho não rende o que ele espera. O imigrante ressalta que até mesmo a mulher e as crianças precisam trabalhar como mouros. Nesse instante entra Gertrud, que traz um cesto com alimentos, e pede paciência ao marido. Ela distribui os alimentos (pão de centeio e toucinho) e comenta que essa ação também relembra a forma de trabalho “na antiga pátria”.<sup>260</sup> Ao relatar que se trata da repetição de uma ação executada no passado, quando viviam na Europa, Gertrud busca inserir novamente uma continuidade na vida dos colonos e, desta forma, renova-lhes o ânimo.

Outro aspecto do diálogo se refere ao clima. Os personagens demonstram que se trata de uma cena onde sofrem com o calor. Gertrud comenta que, mesmo sendo o segundo Natal que passam ali, ainda não consegue se acostumar com o Natal sem neve. No entanto, ela afirma que o calor tem suas vantagens, sem dizer quais, e que a isso eles também irão se habituar. Willi afirma que a mulher é uma das poucas que ainda não perdeu o ânimo, contrariamente a muitos imigrantes que estavam emigrando para a Alemanha, país que precisava de força de trabalho. Ele propõe à mulher que façam o mesmo.<sup>261</sup>

A resposta da mulher é significativa:

Gertrud – Não, Willi; Aqui está nosso futuro; aqui vamos resistir. Você apenas está desanimado, pois novamente a colheita foi muito ruim. Mas o que podemos fazer em relação a isso, e o que pode a terra, se o tempo foi tão desfavorável. Mas precisamos tentar outra vez. Veja: Neste ano nosso trigo foi estragado pela chuva; mas o arroz está ótimo. Enquanto que aqui nós tivermos comida suficiente, eu não gostaria de voltar para a Europa. O querido Deus não nós deixará desamparados.<sup>262</sup>

<sup>260</sup> Ibidem.

<sup>261</sup> Ibidem.

<sup>262</sup> Gertrud – Nein, Willi; HIER ist unsere Zukunft, HIER wollen wir aushalten. Du bist ja nur mutlos, weil die Ernte wieder so schlecht ausgefallen ist. Aber was koennen wir dafuer, und was kann der Boden dafuer, dass die

A fala faz lembrar as dificuldades da produção do principal cereal, o trigo. É também uma importante mensagem para o público, para que este não desanime. Gertrud tem a convicção de que no futuro as coisas irão melhorar. Isso se dará não só pela vontade dos homens, pelo seu trabalho, mas pela vontade de Deus. As dificuldades seriam provações pelas quais os suábios teriam que passar para alcançar a graça desejada.

Willi também lamenta que os nativos não querem ajudar no trabalho da lavoura. O pouco interesse pelo trabalho pode ser percebido também na fala de Inês, tendo ao fundo do palco os colonos em movimento contínuo, simulando estarem trabalhando.

Inês – Como esta gente trabalha! É dia e noite. Nem sei quando descansam. Se a nossa gente trabalhasse ao menos a metade, isto aqui poderia ser um jardim. Mas os nossos parecem doentes. E nunca ninguém lhes ensinou a trabalhar assim. Muitos não se importam. São displicentes. Só Luciano, o meu Luciano era diferente (...). Garanto que se o Luciano estivesse aqui, não se negaria a trabalhar junto com os alemães. Pois todo o resultado do trabalho deles fica aqui, eles não levam nada para o estrangeiro. Desde que os imigrantes vieram para cá, faz quase dois anos, quanta melhoria! Agora tem escola; as crianças podem aprender a ler e escrever sem ter que sair. Tem um médico na aldeia. Podemos comer carne, ovos, queijo. Tem pão. Leite em abundância. Só passa fome quem não quer trabalhar mesmo. – Não sei porque é que a nossa gente não quer colaborar com os estrangeiros. Isto aqui poderia estar bem melhor do que já está e garanto que muitos imigrantes, que agora pensam em abandonar a terra, sentir-se-iam mais encorajados. Se dependesse de mim... Ah, se dependesse de mim... (Sai pela esquerda)<sup>263</sup>

A fala de Inês, uma cabocla, confirma e dá continuidade a afirmação de Willi. Ela visa chamar a atenção da platéia não-imigrante para as vantagens da instalação da colônia. Não se trata de estrangeiros que vieram para explorar as riquezas locais, mas sim, de pessoas que vieram produzir riquezas, algo de que os nativos não são capazes, ou não se interessam em fazer. Trata-se de uma tentativa de inculcar uma cultura do trabalho também para os locais.

---

*Witterung so unguenstig gewesen ist. Aber das muss sich ja auch mal aendern. Sieh doch: Der Wiezen ist uns dieses Jahr verregnet; der Reis steht aber um so schoener. Solange wir hier noch satt zu essen haben, moechte ich nicht nach Europa zurueck. Der liebe Gott wird uns schon nicht zugrunde gehen lassen. Ibidem. p.20.*

<sup>263</sup> Ibidem. p. 21.

A terceira cena estabelece uma espécie de confirmação da fala de Inês. Na cena, a forma de os nativos sobreviverem não variou muito. José, com uma espingarda “pica-pau” conversa com Carlos, relembrando a vez em que mataram a codorna com uma pelotada, (...) *mas agora, com o tabuco, vai ser muito melhor* (...), comenta Carlos.<sup>264</sup>

Essa percepção do trabalho pelos nativos sugere que estes, mesmo com a oportunidade de melhorar seu padrão de vida aprendendo com os imigrantes, preferem continuar na sua antiga situação. É época de férias escolares, em vez de trabalharem com os imigrantes, os meninos preferem caçar.

Nesse momento eles encontram o professor Roberto, o qual lhes dá uma lição acerca do melhor período para a caça. Ele explica que aquela era a época em que os pássaros têm seus filhotes e, portanto, matar uma codorna adulta significava também a morte de cinco ou seis filhotes. Mas não se trata de uma nova sensibilidade em relação aos animais, como se pode ver na seqüência da fala do professor: (...) *Mas se vocês esperarem até maio, junho, quando os filhotes estiverem crescidos, em vez de uma, vocês podem matar seis. Compreenderam? Não é melhor esperar?*<sup>265</sup> Diante da explicação, os garotos concordam em esperar a época certa para caçar.

A passagem sugere também a ausência de conhecimentos acerca dos animais e aves, ou seja, é preciso alguém de “fora” da localidade, com conhecimento formal, para explicar-lhes qual é o momento correto para a caça e que agora também existem leis a respeito que regulamentam a atividade. Os meninos também questionam a razão de a caça ser permitida, “antes dos alemães chegarem”.

Roberto – Vocês caçavam, porque não sabiam. Ou não queriam saber... Mas agora sabem, não é? Agora vocês são meninos educados que vão para a escola e querem se tornar homens úteis

---

<sup>264</sup> Ibidem.

<sup>265</sup> Ibidem. p. 22.

e bons brasileiros, não é mesmo? Além disso, é preciso que saibam: existe uma lei que proíbe a caça nesta época. Ninguém pode ser um bom brasileiro quando desobedece a uma lei.<sup>266</sup>

Se, por um lado, há uma maior tecnologia para se obter alimentos junto à natureza, por outro, a busca por alimentos na mata passa a ser disciplinada. Seu objetivo não é a preservação dos animais e aves, mas o aumento do número destes seres e, conseqüentemente, a possibilidade de haver mais animais para serem abatidos. O paradoxo é que a chegada de estrangeiros constitui uma espécie de linha divisória que marca a inserção destes nacionais na qualidade de brasileiros, é nas escolas, construídas pelos imigrantes, onde se aprende o comportamento de um bom brasileiro.

Na cena seguinte, Willi se queixa novamente de o trabalho não ser fácil e também da falta de sorte. Roberto recomenda que não desista enquanto houver esperança. O professor conta que ali as condições são bem melhores do que aquelas encontradas pelos seus avós, imigrantes alemães, que se viram totalmente sozinhos nas espessas matas do Rio Grande do Sul. Segundo ele, naquele Estado, os imigrantes sofreram com a febre, com roubos praticados pelos índios, animais selvagens e ameaça de todo tipo de pragas. Destaca que, somente com muita luta, seus ascendentes resistiram e conseguiram construir para seus filhos uma existência digna. Finaliza aconselhando os suábios a se apoiarem mutuamente para, assim, renovarem o ânimo.<sup>267</sup>

O personagem Roberto, além de ser professor é descendente de alemães que chegaram ao Brasil no século XIX. Portanto, representa um elo entre os imigrantes e a nova terra. Isso pode ser verificado em duas situações: A primeira é a comunicação por meio da língua alemã; a segunda é o conhecimento da cultura brasileira mediado por uma experiência anterior de imigração. Assim, ele é o encarregado de ensiná-los nesta nova terra e a sua presença sugere

---

<sup>266</sup> Ibidem.

<sup>267</sup> Ibidem .p. 23

que os suábios seriam a continuidade do movimento de imigração alemã em massa, iniciado em 1824.

Ao argumento do professor de que o clima é favorável para os imigrantes Willi retruca com a afirmação de que neste solo não cresce nada. Roberto responde que as terras do campo são ácidas e pobres, mas de fácil correção. Novamente cita o caso de seus avós que despendiam o primeiro ano para derrubar a mata e fazer o arroteamento, sem o uso de máquinas. Já na colônia, pela região ser constituída principalmente por campos não existia a dificuldade representada pela mata fechada.<sup>268</sup>

Roberto explica também que a pouca quantidade de húmus no solo será resolvida com o auxílio de técnicos especialistas. Desta forma, o solo poderá ser melhorado gradualmente com o passar dos anos. Para o professor, a péssima colheita não é somente devida à qualidade do solo, mas também está associada às condições climáticas que neste momento são desfavoráveis, constituindo um quadro anormal para a região.<sup>269</sup>

Gertrud comenta já ter falado isso para o marido, mas que ele tem esperanças de retornar para a Europa, onde acredita haver melhores perspectivas de vida. Roberto, num tom mais contundente, tenta demover o imigrante dessa idéia.

Roberto – Mas não na terra, como agricultor, como agricultor livre! Você preferiria ir para a Europa para, seja em qual abafada empresa for, ser um subordinado trabalhador de fábrica, um discreto número, uma ovelha anônima no rebanho? Aqui lhe acena a liberdade, aqui o espaço ainda é amplo, aqui você pode ser seu próprio senhor!<sup>270</sup>

Nesta cena pode-se perceber claramente que, apesar de ser uma peça de ficção, trata-se de uma discussão que se remete à saída de muitos colonos que foram para cidades como

---

<sup>268</sup> Ibidem.

<sup>269</sup> Ibidem.

<sup>270</sup> Roberto – *Aber nicht auf dem Lande, als Bauer, als freier Landwirt! Wuerde sie es vorziehen, in Europa, in irgendeinem muffigen Betrieb, ein untergeordneter Fabrikarbeiter, eine unscheinbare Nummer zu sein, ein namenloses Schaf in der grossen Herde? Hier winkt Ihnen die Freiheit, hier ist der Raum noch nicht beengt, hier Koennen sie Ihr eigener Herr sein!* Ibidem. p. 23 e 24.

Curitiba e São Paulo, ou mesmo para a Alemanha. De acordo com Elfes, do início da colônia até 1954, 60 famílias reemigraram para a Europa. Em 1958, houve uma nova onda de retorno com 25 famílias, cujo ponto mais alto ocorreu em 1962, com a saída de 42 famílias.<sup>271</sup> O personagem Roberto pode ser visto como a encarnação de Abeck, tentando dissuadir prováveis espectadores a mudar de idéia e incentivá-los a ficar na colônia.

Mas o discurso de Roberto não convence Willi, que menciona novamente a não disposição dos nativos em trabalhar para eles:

Willi – Isto tudo que você disse é belo e bom. Aqui eu não sou só meu senhor, mas também meu próprio e único servo. Não se encontra ajudante. Os brasileiros não querem não. Eles são doentes e preguiçosos e estão sempre pensando em travessuras.<sup>272</sup>

A interpretação de Willi acerca dos *brasileiros* associa a doença e a preguiça a uma nova característica dos nacionais, a não-seriedade. Ficar pensando em travessuras denotaria a falta de capacidade deste grupo em ter uma atitude de seriedade e de comprometimento com o progresso do local. Nesta afirmação, Willi desqualifica os *brasileiros* como sujeitos participantes da construção do oitavo dia, pois a classificação destes como *infantis* implica também em não tratá-los como sujeitos totalmente autônomos. Dessa maneira, temos a elaboração de uma noção em que os *brasileiros* ainda não estariam com sua capacidade completamente desenvolvida. Da mesma forma que o Paraná da época estaria amanhecendo - para tomarmos emprestadas as palavras de Munhoz - tais pessoas ainda estariam no estágio infantil de sua existência.

Roberto, no entanto, afirma que os nacionais não são tão ruins e explica que esse comportamento se deve ao fato de eles nunca terem sido habituados ao trabalho disciplinado.

---

<sup>271</sup> De acordo com Elfes, entre 1951 e 1971, reemigraram, completas, 284 famílias e 80 tiveram membros que deixaram a colônia. ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 58-59.

<sup>272</sup> Willi – *Das alles ganz schoen und gut. Hier bin ich nicht nur mein eigener Herr, sondern auch mein eigener und einziger knecht. Man findet ja keinen Helfer. Die Brasilianer wollen ja nicht. Sie sind krank und arbeitsscheu und stets auf Schabernack bedacht.* ABECK, Helmuth, **Op. cit.** p.24.

Além disso, são subnutridos e freqüentemente doentes. Conclui dizendo que os imigrantes teriam que somente compreendê-los corretamente. Diante disso, Willi responde que irá tentar mais uma vez.

Na quinta cena, o diálogo inicia-se com o agradecimento de Ana ao professor por ensinar seus filhos, algo que ela classifica como um progresso maravilhoso. O professor concorda e responde com uma pergunta sobre o quanto as coisas melhoraram com a chegada dos imigrantes, ao que a mulher responde afirmativamente.

Mas isso não consegue convencer Fabrício. O diálogo que se segue é exemplar:

Fabrício – Mas o ambiente está envenenado. Estes imigrantes são rudes e não nos compreendem, parece que nos desprezam. É um inferno! Seria melhor que voltassem de onde vieram.

Roberto – (com gravidade) Este seu desejo poderá se tornar realidade antes que o senhor pensa. Os alemães estão a ponto de abandonar tudo isto aqui. Estão cansados!

Ana – (Assustada) Nem diga uma coisa dessas, professor! E vão fechar a escola? Que será de nós, então? Cairemos novamente nas unhas de algum fazendeiro? E os nossos filhos continuarão na ignorância? Morrendo, talvez, na miséria? – Fabrício, isto não pode acontecer!

Fabrício – Sim, não pode. Mas o que é que você quer que eu faça? Nós é que não poderemos alterar as coisas.

Roberto – Pois eu acho que sim, senhor Fabrício. A situação é tal que poucas gotas poderão fazer a água correr. E estas gotas bem que poderia ser um pouco de boa vontade, uma palavra amiga, um conselho, uma ajuda, a sua colaboração, a colaboração de todos. Eu sei que eles, os alemães, aceitariam a sua ajuda de braços abertos. Eles precisam de ajuda. E eles têm boa vontade. O que envenena o ambiente é unicamente a falta de compreensão de ambas as partes, é a falta de harmonia. Aqui se encontram dois povos diferentes, distintos. Uma aproximação entre os dois exige sacrifício de ambos os lados. Cada parte cedendo um pouco de seu orgulho possibilitará caminharem juntos, sem atritos. Vale a pena fazer este sacrifício, pois ele traria o progresso e o bem estar a este rincão.

Fabrício – São palavras...

Ana – Fabrício, acho que o professor tem razão. Os alemães não são ruins; eles são é diferentes da gente. Eu pareço estar começando a compreendê-los. <sup>273</sup>

Temos, nas palavras de Ana e Roberto, uma interpretação de interdependência dos dois povos. A saída dos imigrantes poria a perder o projeto do oitavo dia e causaria um retrocesso neste “rincão”. A percepção da possibilidade de um convívio mútuo entre os dois povos é de uma mulher, Ana. A exemplo de Gertrud, quando Willi não estava disposto a

---

<sup>273</sup> Ibidem. p. 25.

conviver com os caboclos. São de Ana as principais manifestações para que os imigrantes permaneçam.

No momento seguinte, a atenção dos personagens volta-se para Luciano que se aproxima, vestido de farda. Ele está retornando do serviço militar. O recém-chegado fala o seguinte:

Luciano – E agora eu voltei e hei de trabalhar incansavelmente... para o progresso deste pedacinho de Brasil. Eu vi de passagem e com grande alegria, que isto aqui cresceu, desenvolveu-se. Posso avaliar o grande esforço que os imigrantes aqui estão empregando para arrancar esta terra do sono em que dormia, arrancá-la da estagnação e da improdutividade.

José – Puxa, que palavra difícil: improdut...

Luciano – Mas vi também, com grande apreensão, a enorme dificuldade com que lutam, a ponto de quererem desanimar. Eu acho que agora depende de nós, meus pais e meus conterrâneos, salvar esta obra, iniciada com tanta esperança, do aniquilamento. Depende da nossa boa vontade, da nossa compreensão, da nossa ajuda. Isto aqui não pode voltar para trás; não podemos permitir que isto caia na antiga letargia. É preciso que todos emprestemos, com decisão, os nossos braços a esta tarefa de gigantes!<sup>274</sup>

Essa fala indica a visão de um brasileiro instruído e vai ao encontro do pensamento de Roberto, Ana e Gertrud, que defendem a permanência dos imigrantes na região, além disso, ele também prega a colaboração dos brasileiros para impedir que a terra caia no sono. Construir o oitavo dia não é mais uma tarefa só dos imigrantes, mas deve ser objeto do esforço de todos os que ali vivem.

As palavras de Luciano deixam sua mãe admirada, pois o filho (...) *fala como um deputado*.<sup>275</sup> Seu pai, por outro lado, reafirma que a terra é muito mais deles do que dos “estrangeiros”. (...) *Nós é que deveríamos arrancá-la da lama, não eles (os estrangeiros)*.<sup>276</sup>

Mas a fala de Luciano traz elementos que resignificam o patriotismo:

Luciano – Sim, mamãe, papai. Eu não sou mais aquele Luciano que vos deixou há dois anos. E se for preciso, ainda falarei muito mais do que um deputado, para comover o nosso povo a deixar de lado todos os ressentimentos e colaborar com quem de tão boa vontade derrama rios

<sup>274</sup> Ibidem. 26.

<sup>275</sup> Ibidem. p. 27.

<sup>276</sup> Ibidem.



de suor pela nossa terra e nos traz gratuitamente a sua técnica adiantada e a riqueza da sua cultura. Se todos juntos, brasileiros e imigrantes, trabalharmos ombro a ombro, como irmãos, não há o que não vençamos! E isto aqui, num futuro próximo, será uma terra bendita, um verdadeiro celeiro para as populações brasileiras. Este é o objetivo que temos que atingir, custe o que custar!

Roberto – (entusiasmado) Bravo, Sr Luciano! Isto é que é verdadeiro patriotismo!(...).<sup>277</sup>

As falas de Roberto e Luciano trazem pistas sobre como Abeck concebe o patriotismo. Não se trata de uma aversão aos estrangeiros ou uma posição xenófoba. Sua interpretação é de que ser patriota é acima de tudo trabalhar para o desenvolvimento econômico do país. Manter uma distinção cultural e falar em uma língua não-portuguesa não é, portanto, sinônimo de antipatriotismo.

Em seguida, Roberto apresenta Luciano a Willi e afirma que o brasileiro está disposto a colaborar. Willi aceita a ajuda e garante que, com ajuda, a colônia obterá êxito. Em função do pedido do filho, Fabrício também concorda em ajudar e que irá conversar com seus conterrâneos a fim de convencê-los a colaborar com os imigrantes. O aperto de mãos entre Willi e Fabrício celebra o início de uma nova fase na colônia.<sup>278</sup>

As duas últimas cenas deste ato apresentam entendimento entre os personagens. As crianças Rita e Gretel brincam de Natal juntas durante a sétima cena. Na oitava, Luciano reencontra Inês, lhe dá um abraço e a pede em noivado. Ao ver a cena, Gertrud exclama: *Que abraço! Agora vocês estão novamente juntos.*<sup>279</sup> Willi convida todos para comemorar: (...) *Vamos beberr uma chops! Venham todos, vamos lá para casa, vamos beber uma boa pinga.*<sup>280</sup> Luciano insiste que na qualidade de noivo, é ele quem deve convidar para a festa e esta será no salão da aldeia. (...) *Vamos festejar o meu regresso, brindar o futuro da Colônia e*

---

<sup>277</sup> Ibidem.

<sup>278</sup> Ibidem.

<sup>279</sup> Ibidem. p. 29.

<sup>280</sup> Ibidem.

comemorar.... o meu noivado com Inês!,<sup>281</sup> seguem aplausos e felicitações dos demais personagens.

O terceiro ato refere-se aos festejos dos dez anos da colônia. A descrição do cenário indica que este deve ser o mesmo dos atos anteriores. (...) *As colinas, no fundo, estão cobertas de trigais maduros e arrozais verdejantes. Por cima da colina aparecem numerosos telhados da aldeia e a torre da igreja, já concluída. É um domingo.*<sup>282</sup>

Willi e Gertrud inspecionam as plantações e admiram o estado do trigal, o que prenuncia uma ótima colheita. Gertrud exclama que não pode agradecer a Deus suficientemente por ter abençoado o trabalho, enquanto que Willi lembra que isso também se deu à custa de muito esforço. Complementa que conseguiu pagar as prestações da terra não mais tem dívidas da casa e do curral. É hora de fazer um balanço dos dez anos que estão ali e quando lembram dos compatriotas que abandonaram a colônia, Willi reconhece que a esposa estava certa em querer ficar. Além disso, afirma ele, (...) *desde que as relações com nossos vizinhos brasileiros melhoraram, vivemos em harmonia e em paz. Com certeza, não temos do que nos queixar.*<sup>283</sup>

Na segunda cena, os dois encontram com Ana e Fabrício. O diálogo que segue também ilustra o clima amistoso e de compreensão entre eles:

Gertrud – Como vai, Dona Ana? Como vai o reumatismo, Sr Fabrício?

Fabrício – Ah, *verflucht Schuainerai!* O meu reumatismo não quer passar mesmo. É a idade...

– Está bonito o trigo este ano. Vai dar boa colheita.

Willi – Oh, sim... Muito bom. Seu trigo também bom. Nós pensa, prasilero capeça ruin... Mas prasilero aprendeu mais depressa que nós... (Todos riem)<sup>284</sup>

---

<sup>281</sup> Ibidem.

<sup>282</sup> Ibidem. p.30.

<sup>283</sup> (...) *Und seit dem das Verhaeltnis zu unseren brasilianischen Nachbarn sich gebessert hat, leben wir harmonisch und in Frieden. Wir haben bestimmt keinen Grund zur Klage.* Ibidem.

<sup>284</sup> Ibidem. p. 31.

O uso do termo “maldita porcaria” (*verflucht Schweinerei*) indica que não só os alemães aprenderam a língua portuguesa, mas também que os brasileiros adotaram o usos de alguns termos alemães. Chama a atenção o fato de Gertrud falar português mais fluentemente do que Willi. É uma conversa de vizinhos, cuja atividade é a mesma: a agricultura, especificamente a produção de trigo, o que demonstra a efetiva mudança do modo de viver dos brasileiros.

Todos estão se preparando para a festa do décimo aniversário da colônia. Hansel e Gretel, agora moços, estão vestidos com trajes típicos suábios. Hansel pergunta para Ana e Fabrício se Rita irá à festa e Ana confirma. Gretel insinua que (...) Hansel *namoriert* die Ritinha.<sup>285</sup>

Gertrud – (Fazendo-se de surpresa) – Nossa senhora! Isso é interessante! Então logo teremos um deputado na família – E por que não? Por isso Rita é tão aplicada no estudo da língua alemã! – Finalmente todos aqui somos UM só povo. Afinal de contas isso depende da compreensão mútua e do nível cultural. A maioria dos nossos compatriotas, mesmo meu bom Willi, o qual conhece somente algumas palavras da língua portuguesa, já se candidataram a obter a cidadania brasileira.

Willi – Por isso eu poderei tornar-me um bom brasileiro! Para isso não preciso falar! – Pra ser bom brasileiro, non precise falar... Importante como falar é finalmente o trabalho e a realização. Por isso, eu não preciso renegar meu caráter alemão!<sup>286</sup>

Ao ouvir ir as palavras de Willi, Roberto concorda e complementa:

Está muito certo, senhor Willi, ninguém deve renegar sua origem e tradição. (...) Um traidor jamais será bem vindo no seio da Família Brasileira. Eu me sinto 100% brasileiro e tenho orgulho da minha origem alemã, sempre me esforçarei para que os valores culturais legados pelos meus antepassados sejam conservados e cultivados para minha pátria brasileira.<sup>287</sup>

<sup>285</sup> Ibidem.

<sup>286</sup> *Das wird já interessant! Dann haben wir bald ainen Abgeordneten in der Familie. – Nun ja, warum auch nicht? – Deshalb lernt die Rita auch wohl so fleissig Deutsch! – Schliesslich wird hier ja doch alles EIN Volk. Letzten Endes kommt es já auf das gegenseitige Verstaendnis na, und auf das kulturelle Niveau. Die meisten unserer Landsleute, sogar mein guter Willi, der kaum erst einige Brocken Portugiesisch kann, haben sich já bereits schon um die brasilianische Staatsbuergerschaft beworden...*

*Willi – Deshalb kann ich doch ein guter Brasilianer werden! Dazu brauche ich doch nicht zu reden! (...) Wichtiger als Reden ist doch schliesslich die Arbeit und die Leistung. Mein deutsches Wesen brauche ich deshalb doch lange nicht zu verleugnen!* Ibidem. p. 32.

<sup>287</sup> *Ich fuehle mich als 100% iger Brasilianer und bin doch stolz auf meine deutsche Herkunft und werde stets bestrebt sein, die von meinen Vorfahren ererbten Kulturwerte meinem brasilianischen Vaterland zu erhalten und nutzbar zu machen.* Ibidem.

Portanto, não há contradição entre ser cidadão brasileiro e manter sua cultura alemã. Novamente é uma mensagem que procura incentivar a platéia a manter suas características culturais, que também constituem uma espécie de valor para a pátria brasileira. Em seguida, Roberto coordena o último ensaio do grupo de danças folclóricas para as festividades dos 10 anos da colônia.

Na cena seguinte acontecem as festividades. Após o hasteamento da bandeira e o desfile de máquinas agrícolas, ocorre a apresentação do grupo de danças. (...) *Todos os componentes do grupo envergam trajes típicos, as moças com coroas de espigas de trigo sobre as cabeças.* <sup>288</sup> Luciano e Inês entram no palco, o agora deputado parabeniza o grupo, afirmando que tais danças (...) *parecem exprimir um pedacinho da alma e do caráter do povo que as criou, durante séculos* (...). <sup>289</sup>

Luciano também fala da sua admiração com o progresso do lugar, o que é traduzido por Roberto em língua alemã à platéia. Nesse momento há uma espécie de simbiose. A mistura da platéia que assiste a apresentação do grupo de danças, a platéia-ficção, e a que está vendo a peça, que poderíamos chamar de platéia real, alvo da mensagem de Abeck.

Na qualidade de político, Luciano profere o seguinte discurso, que é traduzido para a língua alemã por Roberto:

Luciano – Cumpre agradecer este fabuloso progresso, em primeiro lugar a este punhado de valorosos imigrantes, que com um esforço inaudito reproduziram aqui, embora em menor escala, o “*Wirtschafts-Wunder*”, o milagre econômico, da terra dos seus antepassados. Este esforço titânico, num decênio, transformou a fisionomia de toda a região, de todo um município. Onde os seus tratores e os seus arados ainda não sulcam os campos, os moradores nativos copiaram-lhes o exemplo e participam ativamente desta autêntica batalha da produção. (...) Este progresso, porém, tem outro aspecto: Quando deixei esta terra, há dez anos, descalço, maltrapilho, doente, o meu povo, este valente povo caboclo, levava uma existência de sofrimento, de subalimentação, de sujeição, de miséria, de ignorância e analfabetismo. O contato com o elemento novo ergueu-o, suspendeu-o do pó. Hoje o seu nível é bem outro, hoje

---

<sup>288</sup> Ibidem. p.33.

<sup>289</sup> Ibidem.

ele está bem alimentado, bem vestido, integrado no trabalho, seus filhos têm escola, seus doentes têm hospital, enfim, é um povo que pode colocar-se ao lado de qualquer povo do mundo (...). E ainda um terceiro aspecto precisa ser focalizado: o aspecto brasileiro-nacionalista deste empreendimento. Contrariamente ao que acontece com muitas outras empresas e investimentos estrangeiros, aqui o imigrante tem a sua vista voltada exclusivamente para o Brasil. Daqui nenhum real é levado para o além-mar. O fruto de todo este trabalho fica integralmente em nosso país, cuja cidadania grande número destes imigrantes já requereu. (...) Tempos houve, em que a incompreensão ameaçou destruir esta obra patriótica. O amor pela pátria comum, porém, finalmente provou ter mais força. E ambas as partes, nativos e imigrantes, souberam se amoldar. Os nativos aprenderam ordem, organização e método de trabalho, e copiaram muitos hábitos de bem-viver, enquanto que os imigrantes perderam boa parte da sua rudeza e inflexibilidade, as quais substituíram pelas belas qualidades de coração, tão características da nossa gente. E assim operou-se o GRANDE MILAGRE DA ACULTURAÇÃO, que fez de dois povos diferentes um amálgama homogêneo, sobre o qual se alicerçará, seguramente, o futuro da nossa pátria.<sup>290</sup>

O discurso marca o encerramento da peça e resume seu enredo e então, é cantado o hino nacional. A fala permite entender como o autor interpreta o processo de “aculturação”, que é concebido não como perda de valores culturais, mas como união das características positivas de ambos os povos. Na sua visão, a “aculturação” proporcionaria aos nativos a possibilidade de mudarem sua visão e conduta acerca do trabalho, enquanto que aos imigrantes trouxe uma modificação na forma de estes se relacionarem entre si e com outros povos. Para Abeck, a junção produziu uma mistura homogênea, o que de certa forma, neste raiar do novo dia, dá prosseguimento à obra divina, alicerçada na mistura e na colaboração entre caboclos e imigrantes, agora também cidadãos brasileiros.

É importante dizer que esta peça teatral não pretende narrar os fatos como “realmente aconteceram”, ou a situação em que a colônia se encontrava dez anos após sua fundação. Ela é uma espécie de discurso exemplificador. Por meio dela, Abeck procura apresentar como a colônia deveria, ou poderia, ser: um local de tranquilidade social e progresso econômico. É, portanto, uma forma de incentivar os suábios a permanecerem e trabalharem, com o auxílio

---

<sup>290</sup> Ibidem. p. 34-5.

dos nativos, para alcançarem esta condição idealizada, ou seja, de construir uma nova *Heimat*.<sup>291</sup>

### 2.3 Ao fechar das cortinas: angústias, incertezas e dissensos

Mas, quando as cortinas são fechadas, a platéia se depara com o fazer da vida real. Um panorama desse período pode ser encontrado no relatório de Arpad Szilvassy,<sup>292</sup> intitulado *Aspectos Gerais da Colonização Comunitária Européia no Paraná*.<sup>293</sup>

Redigido em 1965, o documento é fruto de uma viagem de “pesquisas sociológicas” realizada no Paraná, entre 21 de fevereiro e 7 de abril de 1965, com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Szilvassy visitou Carambeí, Castrolandia e Arapoti, núcleos formados por imigrantes holandeses; Witmarsun, formado por menonitas, a colônia Entre Rios e na região Oeste do Estado, as localidades de Toledo, Vila Nova, Marechal Cândido Rondon, formadas por migrantes oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.<sup>294</sup>

Para cada área visitada, foi redigido um capítulo. A metodologia para a coleta de dados é semelhante à empregada por Gossner. Szilvassy realizou entrevistas com (...)

---

<sup>291</sup> De acordo com a antropóloga Giralda Seyferth, *Heimat* é um termo derivado da palavra *Heim* – lar. (...) *No seu sentido mais restrito, a verdadeira Heimat de uma pessoa é o seu lar, o que dá a idéia de uma pátria construída. Assim, é possível para um alemão, construir para si uma Heimat no estrangeiro, uma vez que o termo não se aplica especificamente à Alemanha, mas ao local onde tem seu lar.* In: SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 46. Daí a utilização do termo, pelos suábios, para designar sua antiga morada na Iugoslávia como sendo a *alte Heimat* - velha pátria e a colônia como sendo a sua *neue Heimat* - nova pátria.

<sup>292</sup> Nascido na Hungria, em 1912, Szilvassy trabalhou em New York, Estados Unidos, como professor visitante da Fundação Kossutho. Em 1963, veio ao Brasil na qualidade de professor na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. INSTITUTO MARTIUS STADEN. **Ficha pessoal de Arpad Szilvassy**. São Paulo. (Mimeo).

<sup>293</sup> SZILVASSY, Arpad. **Aspectos Gerais da Colonização Comunitária Européia no Paraná**. São Paulo: 1965. (Mimeo).

<sup>294</sup> *Ibidem*. p.1.

*diferentes líderes das respectivas colônias, como também através de conversações com pessoas representando todas as camadas sociais e através de observações pessoais. Em pequena parte foi utilizado também material ainda não publicado.*<sup>295</sup>

Para os propósitos desta pesquisa, analisaremos apenas o terceiro capítulo do relatório, cujo título é *A Colônia de Entre Rios no Município de Guarapuava*.<sup>296</sup> No primeiro item, intitulado *Aspectos Históricos*, Szilvassy, com base numa conversa com o padre da colônia, descreve brevemente a história da ocupação das áreas do Médio Danúbio pelos suábios e a divisão do território entre a Iugoslávia e a Romênia. Segundo ele:

Somente depois desta divisão tomavam consciência os suábios do Danúbio de sua etnia e começaram a cultivar mais conscientemente suas tradições folclóricas e traços culturais que eles desenvolveram nesta região na base germânica influenciada pelos elementos culturais do ambiente. A grande maioria dos suábios do Danúbio é católica romana e esta religião marcou essencialmente este grupo étnico, que contava antes da expulsão e destruição pelos comunistas da Iugoslávia, Romênia e Hungria, um meio milhão de almas.<sup>297</sup>

A afirmação de que após o desmembramento do Império Austro-Húngaro os suábios tomaram consciência de sua condição de grupo étnico, indica a idéia de que a partir de então eles tornam-se sujeitos da história. Portanto, eles se assumem como sujeitos da história antes de vir para Guarapuava. Ter consciência de sua identidade é valorizar a sua cultura mediante a preservação de manifestações folclóricas. A descrição indica, de forma clara, a influência da fonte de informações: o padre da colônia. Para o padre, o principal indicador de identidade não seria a origem étnica, mas a religião do grupo. Isso fica mais claro quando o autor afirma que a causa da expulsão do grupo, após a Segunda Guerra Mundial, não se deu somente devido à participação destes na (...) *luta contra o comunismo, mas principalmente sua*

---

<sup>295</sup> Ibidem.

<sup>296</sup> Ibidem. p.1. Em cada capítulo, a numeração das páginas é reiniciada.

<sup>297</sup> Ibidem.

*religião católica que representa nesta região de transição entre o Ocidente e o Oriente a herança cultural da Europa Ocidental (...).*<sup>298</sup>

Tal interpretação permanece na seqüência do texto, em que Szilvassy afirma a expulsão menos “radical” na Hungria e na Romênia do que na Iugoslávia, onde além da expulsão, havia (...) *campos de aniquilação e só uma pequena minoria de 10.000 de meio milhão de suábios sobreviveram ao genocídio (...).*<sup>299</sup> Os sobreviventes perderam suas propriedades (...) *de maneira que não podiam mais exercer sua religião e sua herança cultural e foram assim forçados a adaptar-se ao sistema coletivista da vida econômica (...).*<sup>300</sup>

Cabe ressaltar que a vinculação da identidade suábica com a religião é apresentada de forma mais contundente pelo clero católico do que pelo luterano. Além do depoimento do padre que forneceu as informações para Szilvassy, essa vinculação também foi verificada nas mensagens de religiosos católicos, presentes em publicações da década de 1970 - que são analisadas no próximo capítulo desta tese – e em entrevista realizada com um ex-padre da colônia.<sup>301</sup>

Ao final do item, o autor menciona outro indicador de identidade do grupo: o fato de serem produtores de trigo.

Os suábios do Danúbio são característicos pela sua alta cultura agrícola, que fizeram dos territórios destruídos e invadidos pelos turcos, uma das mais ricas regiões agrícolas da Europa, que forneceu trigo para as regiões industriais de toda a Europa. Depois da expulsão, os suábios do Danúbio fixaram-se transitoriamente na Áustria e Alemanha, países que não foram em posição de proporcionar-lhes uma residência permanente, por isso a única solução que lhes possibilitava a utilização de suas ricas experiências agrícolas foi o caminho de imigração para os países fora da Europa.<sup>302</sup>

---

<sup>298</sup> Ibidem.

<sup>299</sup> Ibidem.

<sup>300</sup> Ibidem. p.2.

<sup>301</sup> De acordo com Padre José Werth, os suábios (...) *perderam suas terras e aldeias por causa da guerra e do comunismo.* WERTH, Padre José. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Guarapuava: 15 de outubro de 2007. A.A.

<sup>302</sup> SZILVASSY, Arpad. **Op. cit.** p.2.



O item seguinte é a fundação da Colônia Entre Rios. Szilvassy descreve a formação da colônia, tamanho da área, a divisão dos lotes entre as famílias, (sem mencionar o período quando ocorreu o trabalho coletivo) e a infra-estrutura da cooperativa. De acordo com ele, com a utilização dos equipamentos fornecidos pela cooperativa, (...) *os colonos iniciaram suas atividades de transformar o campo bruto em uma paisagem de alta cultura agrícola.* <sup>303</sup>

Para ele, apesar dos reveses iniciais, a colônia (...) *se desenvolveu muito bem.* <sup>304</sup> Tal constatação é corroborada pelos números referentes à expansão da área cultivada e ao aumento da produção de trigo e arroz.

Trigo: área plantada em 1952 foi de 2.300 hectares com uma produção de 1.300 toneladas. Em 1963 a área aumentou para 2.960 hectares e a produção para 2.400 toneladas.

Arroz: nenhuma área plantada em 1952. Em 1963 foram plantados 11.200 hectares com uma produção de 9.000 toneladas. Em 1962 com 10.700 toneladas. <sup>305</sup>

Ele ressalta que essa expansão beneficiou apenas alguns agricultores suábios. Esses, por meio de financiamentos obtidos junto ao Banco do Brasil, a partir de 1959, começavam a arrendar terras fora da gleba da colônia. Além disso, as boas colheitas dos suábios fizeram com que alguns fazendeiros da redondeza também iniciassem o cultivo de arroz e de trigo. <sup>306</sup>

De acordo com o autor, a maioria dos colonos suábios não pode aumentar sua área de cultivo (...) *econômico com maquinaria agrícola (...).* <sup>307</sup> Das 354 famílias de lavradores, 317 possuíam menos de 80 hectares. Para ele, este tamanho inviabilizava o uso lucrativo da mecanização nas lavouras. *Sobrevém assim uma restrição sensível da vida familiar. Naquelas famílias que não participam neste desenvolvimento, as dificuldades financeiras e a diminuição do padrão de vida criam um clima de insegurança quanto ao futuro.* <sup>308</sup>

---

<sup>303</sup> Ibidem. p.3

<sup>304</sup> Ibidem.

<sup>305</sup> Ibidem. p. 4.

<sup>306</sup> Ibidem.

<sup>307</sup> Ibidem . p.5

<sup>308</sup> Ibidem.

Neste sentido, Szilvassy descreve o seguinte quadro da colônia, cujo reflexo mais claro é a reemigração de muitos colonos:

A respeito da reemigração nota-se que as causas dela são complexas e não se pode isolar um único fator como responsável por esse fenômeno. O suábio do Danúbio é um homem simples, frugal e trabalhador. Frequentemente ouve-se nas colônias que o colono não se sente enraizado em Entre Rios e está mal adaptado ao novo ambiente. Fora das causas econômicas, certamente as causas psicológicas são mais interessantes para o estudo da reemigração. Cada um deles tem uma experiência pessoal bem diferente, isto é, ele ainda não digeriu os abalos psicológicos sofridos em consequência da guerra. Uma vez afastado de sua terra natal o suábio dificilmente pode fixar-se em um certo lugar, sendo movido por uma certa inquietude. Ele também não pode identificar-se com nenhum outro povo; sendo considerado estrangeiro mesmo na Alemanha tendo sotaque e certos costumes da Europa oriental. Apesar disso, muitos gostariam de ir para lá atraídos pelos laços familiares e principalmente pela prosperidade da Alemanha. Mas outros dizem também que eles não querem ser cidadãos de segunda classe, cuja língua e cultura é mal tolerada e gostariam de viver num país onde todos falam a mesma língua e onde suas crianças podem ser educadas na própria língua e cultura deles. Cada um dos reemigrantes sai com 30 até 40 milhões de cruzeiros, esse fato mesmo poderia provar que não só causas econômicas são a motivação para a reemigração.<sup>309</sup>

Como se pode visualizar no trecho, antes de explicar as causas dessa situação de crise da colônia, Szilvassy estabelece o primeiro fato: a positivação do sujeito suábio, como *frugal*, *trabalhador* e *simples*. O problema, então, não residiria nesse sujeito, mas, na sua avaliação, no ambiente externo, seja na colônia, seja devido às suas experiências na Europa. Szilvassy é o primeiro autor que mostra a má adaptação dos suábios ao ambiente - diferentemente dos jornais e dos discursos do governo paranaense, que afirmavam que haveria uma fácil adaptação dos imigrantes em terras guarapuavanas. Outro aspecto do relatório é o fato de apresentar a diferenciação, a não-identificação, entre os suábios e alemães. Estes seriam grupos com línguas - sotaques - e costumes distintos, daí também a não adaptação do suábio na Alemanha.

Os bons resultados obtidos não devem iludir-nos acerca da existência desses problemas. (...) outros destacam que a colônia está mal situada, a sua terra é magra necessitando grandes quantidades de adubo químico; a altura acima de mil metros não permite duas safras; a

---

<sup>309</sup> Ibidem.

isolação do colono de um centro urbano onde eles poderiam passar algumas horas de divertimento em um ambiente para eles não tão estranho como, por exemplo, Guarapuava, são outros motivos citados para a reemigração.

Muitos acham que a colônia deveria ser fundada no Paraná ocidental nas zonas florestais perto de Cascavel, Toledo ou Mal. Cândido Rondon, onde os suábios teriam a oportunidade de adaptar-se ao novo ambiente por intermédio dos teuto-brasileiros.

Muitos se queixam que o brasileiro quer dele uma assimilação demais depressa, não deixando a suas crianças a chance de serem educadas na sua cultura tradicional também.

Em síntese, o colono sente-se abandonado pelo governo estadual, federal e mesmo pela Alemanha, que poderia fazer algo em interesse de maior bem estar cultural destes novos imigrantes, **que vivem verdadeiramente em um deserto cultural onde mal existe algum traço de moderna civilização urbana e onde o colono só pode ocupar-se com o árduo trabalho agrícola ou passar o tempo nos bares da colônia. O medo de se rebaixar culturalmente e caboclar-se faz com que certos elementos se retirem da colônia, foi observado que o nível cultural da colônia baixa-se cada vez mais desde a fundação dela.**<sup>310</sup> (Grifo nosso)

Neste trecho, o autor apresenta outros aspectos acerca das divergências de opiniões na nova terra. Não há o consenso sobre o melhor local para a fixação da colônia, nem a respeito do ambiente dos Campos Gerais e nem sobre a relação com os vizinhos não-suábios. Não é em Guarapuava o lugar propício para a adaptação dos suábios e nem os caboclos compõem o grupo que facilitaria a integração dos suábios na comunidade paranaense, mas a região Oeste do Estado e os teuto-brasileiros que lá vivem.

Diferentemente da imagem encontrada no final da peça de Abeck, de que colônia era um local onde havia somente o consenso, onde todos, “brasileiros” e os suábios, estariam irmanados “puxando a corda para o mesmo lado”, o quadro apresentado por Szilvassy indicava justamente o contrário. Em vez de haver um processo positivo, de amalgamamento, de aculturação - como pregava Munhoz - há o receio, por parte dos suábios, de que a mistura entre os povos os rebaixe culturalmente - é o acaboclar, a versão negativa do acultramento. Outro aspecto que difere no relatório da peça teatral é a ingestão de bebida alcoólica. Se, na peça teatral, o beber juntos é significado como algo festivo, indício de confraternização, nessa

---

<sup>310</sup> Ibidem. p. 8-9.

avaliação esse ato seria um sinal do rebaixamento cultural. Beber nos bares significaria a falta de opções culturais.

A síntese final, apesar de apontar possíveis soluções, como a ajuda dos governos brasileiro e alemão, sugere um elemento que nos faz questionar inclusive a identificação dos suábios como *colonos simples*, apresentada pelo autor no início do trecho. A impressão que se tem, ao lermos a queixa relacionada à falta de um *moderno ambiente urbano* próximo da colônia, além do receio da caboclicização, é que o campo seria o lugar dos rebaixados. Parece que se trata mais de reivindicações de cidadãos - ou dos moços e moças que sucumbiram às tentações da cidade, citados por Gossner - do que propriamente de agricultores preocupados em produzir trigo. Como, então, tornar o oitavo dia possível?

## CAPÍTULO III

### **MEMÓRIAS DE JÚBILO: Elaboração de sentidos identitários em publicações comemorativas (1971 e 1976)**

Há duas décadas, os campos de Guarapuava ganhavam uma nova população (...). Eram famílias que, saídas de sua terra natal, a Iugoslávia, viam no Brasil e, principalmente, no Paraná, o Eldorado com que todos sonham. E aqui, no dia a dia de trabalho honesto, o povo suábio soube conquistar a confiança e admiração de todos, transformando imensos campos vazios numa fonte de recursos dos mais rentáveis: a triticultura. Hoje, o Brasil inteiro conhece a Colônia Entre-Rios. Sabe que o Paraná é o segundo produtor de trigo do Brasil. E reconhece que devemos aos colonizadores suábios essa hegemonia, essa posição de destaque no cenário agrícola do Brasil.<sup>311</sup>

A partir de 1966, concomitantemente ao processo reorganização fundiária da colônia, liderada por Mathias Leh, então presidente da cooperativa Agrária, verifica-se a produção de narrativas sobre a história dos suábios e de Entre Rios. Nessas narrativas, elaboradas e divulgadas quando das comemorações dos 20 e 25 anos de criação de Entre Rios, é possível visualizar - como na mensagem do então Secretário de Estado do governo do Paraná, acima citada - a elaboração de uma memória coletiva, principal suporte da identidade suábiana-danubiana.

#### **3.1 A reestruturação da colônia**

Conforme vimos no capítulo anterior, um expressivo número de suábios estava deixando a colônia, inicialmente se dirigindo para cidades como Curitiba e São Paulo e depois

---

<sup>311</sup> OSÓRIO, Carlos A. Meissner. Aos Cooperados da Colônia “Entre-Rios”. In: ELFES, Albert. **Op. cit.** p. IX.

para a Europa.<sup>312</sup> Dentre os motivos para esse êxodo, Gerd Kohlhepp destaca o parcelamento das terras em função de heranças. De acordo com ele, devido ao fato de as áreas tornarem-se cada vez menores e isso inviabilizava economicamente a mecanização, muitos agricultores então venderam suas terras e abandonaram a colônia.<sup>313</sup>

Na avaliação do geógrafo, outro aspecto desse fenômeno, principalmente na primeira metade dos anos 60, foi a conseqüente divisão entre suábios que conseguiram, por meio de arrendamento e depois a compra, aumentar sua área de terras, e aqueles que viam suas propriedades diminuírem a cada partilha. Para ele, (...) *o grupo étnico-social dos suábios do Danúbio foi, pelo crescente potencial de conflitos, levado a uma crise latente, que colocava em perigo a coesão do grupo.*<sup>314</sup>

A partir da segunda metade da década de 1960, quando Mathias Leh assumiu a presidência da cooperativa Agrária, com o intento de resolver tais problemas, foi realizada uma reorganização fundiária na colônia. De acordo com o Engenheiro Agrônomo Anton Gora, a cooperativa Agrária iniciou um projeto que consistiu na aquisição de áreas mais distantes da colônia, que foram vendidas para alguns cooperados.<sup>315</sup>

A aquisição das áreas se deu por meio da criação, em 1968, da cooperativa do *Fundo Fundiário*, órgão que financiava a compra das áreas a serem revendidas aos associados. De acordo com Elfes, o sistema funcionava da seguinte forma:

(...) a Cooperativa compra dos minifúndios, as miniparcelas situadas dentro de Entre Rios, oferecendo, ao mesmo tempo, outras glebas maiores, fora do perímetro, com dimensões que variam entre 110 a 150 hectares. Concomitante, oferece créditos a longo prazo, até 12 anos,

<sup>312</sup> Karl Gehring, pastor da Igreja Evangélica Luterana de Cachoeira de 1952 a 1954, afirma que neste período São Paulo e Curitiba eram os destinos daqueles que saíram da colônia. De acordo com ele, a imigração para a Alemanha só aconteceu mais tarde, quando do milagre econômico alemão (*Wirtschaftswunder*). GEHRING, Karl. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Joinville: 17 de outubro de 2007. A. A.

<sup>313</sup> KOHLHEPP, Gerd. **Op. cit.** p.115

<sup>314</sup> *Ibidem*.

<sup>315</sup> Anton Gora é descendente de imigrantes suábios do Danúbio e trabalha na Cooperativa Agrária. Formou-se como Engenheiro Agrônomo pela UFPR, em 1975. Em 1976 começou a trabalhar na Agrária. GORA, Anton. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Entre Rios, 08 de agosto de 2005. A.A.

para o desenvolvimento das glebas recém adquiridas. As miniparcelas compradas dentro da Colônia servem para completar outros estabelecimentos pequenos ou médios, situados dentro do perímetro. Desta forma, os suábios do Danúbio realizam uma “reforma agrária pacífica”, oriunda da iniciativa particular, efetuando, ao mesmo tempo, uma concentração das parcelas dentro da colônia. Ambos os fatos chamaram a atenção das autoridades brasileiras competentes, sendo julgados exemplares.<sup>316</sup>

Além de relatar o funcionamento do sistema de aquisição de novas áreas, Elfes procura mostrar que a colônia seria um modelo exemplar para o Brasil. Semelhante aos discursos veiculados pela imprensa quando da criação de Entre Rios, novamente a colônia é apresentada como uma referência para projetos agrários em outras partes do país, que na época encontrava-se em plena ditadura militar.

Os resultados da iniciativa da Agrária, combinados com iniciativas individuais de alguns suábios que arrendavam áreas posteriormente adquiridas, podem ser vistos na seguinte tabela:

| Área da propriedade | 1964                    |                      | 1971                    |                               |
|---------------------|-------------------------|----------------------|-------------------------|-------------------------------|
|                     | Número de proprietários | Porcentagem do total | Número de proprietários | Porcentagem do total          |
| Abaixo de 20 ha     | 197                     | 51,7 %               | 19                      | 8,2 %                         |
| Entre 20 e 50 ha    | 136                     | 35,7 %               | 63                      | 27,3 %                        |
| Entre 50 e 100 ha   | 30                      | 7,9 %                | 53                      | 22,9 %                        |
| Acima de 100 ha     | 18                      | 4,7 %                | 96                      | 41,6 %                        |
| <b>Total</b>        | <b>381</b>              | <b>100,0 %</b>       | <b>231</b>              | <b>100,0 %</b> <sup>317</sup> |

Elfes também cita quatro projetos de aquisição de áreas que somavam 6.600 hectares. Parte dos recursos do projeto era oriundo da própria cooperativa e parte obtida por meio de financiamentos com juros reduzidos junto ao BRDE (Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul) e do Banco do Brasil. Para ele, as dimensões e o formato das novas áreas, além de (...) *tirar as famílias minifundiárias de seu aperto territorial (...) permitiam um trabalho*

<sup>316</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 69.

<sup>317</sup> Ibidem. p. 66 e 67.

*dentro dos mais modernos conhecimentos tecnológicos, relativamente à conservação do solo (...).*<sup>318</sup>

Cabe lembrar que essa reestruturação agrária estava relacionada ao contexto do processo denominado “Revolução Verde”. Trata-se de um (...) *modelo de modernização agrícola cuja difusão em nível mundial ocorreu principalmente a partir de 1960 (...)*,<sup>319</sup> que se caracterizava pela monocultura mecanizada com larga utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos.

Na colônia, esse modelo também passou a ser aplicado na produção de trigo. Se, até aquele momento, a produção do cereal mostrava (...) *resultados pouco satisfatórios*,<sup>320</sup> a partir de então, aumentou. Isso também se deu, em grande medida, pela política agrária federal que estimulava a triticultura com créditos bancários e garantia de preços.

A partir de 1966, Guarapuava alcançou o oitavo lugar na produção de trigo entre os municípios brasileiros. A política agrária do governo federal manteve a cotação do trigo (...) desde os fins da década de cinquenta, a mais ou menos US\$ 100,00 por tonelada do cereal, enquanto que, no mesmo período a cotação mundial oscilava entre US\$ 55,00 a US\$ 60,00. Ao mesmo tempo a maquinaria agrícola experimentou uma baixa em consequência da política governamental de impostos. Um mesmo tipo de trator que, por exemplo, tinha custado em 1962, DM 35.000,00, custou em 1970, apenas DM 25.000,00. Daí ter sido facilitada ao agricultor, a mecanização do trabalho agrícola.<sup>321</sup>

Além disso, por meio de um acordo entre o governo brasileiro e a República Federal da Alemanha, a cooperativa recebeu como doação máquinas e também produtos, como fertilizantes. Também foram providenciados recursos para aquisição de calcário, utilizado na correção e fertilização do solo. A Agrária então revendeu as máquinas para os cooperados, sendo que o dinheiro recebido foi utilizado, por exemplo, para a construção e manutenção da

---

<sup>318</sup> Ibidem. p. 69.

<sup>319</sup> ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio Ambiente e Dinâmica de Inovações na Agricultura**. São Paulo: FAPESP, 1998. p. 70.

<sup>320</sup> ELFES, Albert. **Op cit.** p.73

<sup>321</sup> Ibidem. p. 76.



Escola Dona Leopoldina.<sup>322</sup> Além disso, os convênios possibilitaram o envio por parte do Serviço Voluntário Alemão (DED), de uma professora para ministrar durante dois anos aulas de língua alemã e (...) *duas educadoras domésticas para a instalação e o desenvolvimento de jardins de infância.*<sup>323</sup>

No campo das pesquisas agropecuárias, cabe citar que a ajuda alemã se deu também por meio do envio de um grupo de técnicos alemães para trabalhar em uma estação experimental de Entre Rios, ligada ao Instituto de Pesquisa Agropecuária Meridional – IPEAME.<sup>324</sup> Um dos técnicos, vindo em 1968, da Alemanha é o Engenheiro Agrônomo Franz Jaster, que participou de experimentos de campo realizados nas estações experimentais de Londrina, Ponta Grossa e em áreas que estavam em processo de expansão agrícola no segundo e terceiro planaltos, entre elas a Colônia Entre Rios.<sup>325</sup>

Jaster afirma que Mathias Leh apoiou os experimentos, cujos principais objetivos eram a fertilização do solo e o desenvolvimento de técnicas que aumentassem a produção de trigo e soja. Segundo ele, na época também houve o envio para a Agrária de 30 colhedoras da marca Class-Cônsul e uma carga de navio de adubo fosfatado. Tais materiais, entre outros, foram repassados aos cooperados e o dinheiro resultante disso foi aplicado em instalações da cooperativa.<sup>326</sup>

Desta forma, temos no contexto da “Revolução Verde”, os subsídios do governo brasileiro em conjunto com a ajuda da Alemanha, bem como as mudanças na administração

---

<sup>322</sup> GORA, Anton. **Op. cit.**

<sup>323</sup> Ibidem. p. 86.

<sup>324</sup> IPEAME. **Relatório Final.** Apresentação resumida das metas, objetivos, execução e resultados do projeto de janeiro 1968 até dezembro 1972. Mimeo.

<sup>325</sup> Franz Jaster formou-se como Engenheiro Agrônomo, em 1953, pela Justus von Liebig Universität, na cidade de Gissen, Alemanha. Em 1956, chegou ao Brasil como funcionário da seção de irrigação da empresa alemã Mannesmann. No Estado do Espírito Santo, atuou na administração de fazendas de café e em projetos de irrigação em plantações de cacau. Em 1963, Jaster retornou para a Alemanha. Em função de um acordo de cooperação técnica, firmado em 1963 pelos governos brasileiro e alemão, Jaster retornou ao Brasil em 1968, onde trabalhou como Engenheiro Agrônomo no Estado do Paraná, junto ao IPEAME. JASTER, Franz. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 11 de agosto de 2005.

<sup>326</sup> Ibidem.

da cooperativa, encabeçada por Mathias Leh. Esses elementos possibilitaram o aumento da produção e da área cultivada dos suábios.

Cabe destacar que, nesse processo de compra de novas terras - diferentemente da peça teatral analisada no capítulo anterior e também da concepção de Elfes, de que se trataria de uma *reforma agrária pacífica* - a cooperativa se envolveu num conflito relacionado à posse da área denominada *Invernada Paiol de Telha*, cuja propriedade é reivindicada por um grupo de descendentes de escravos.<sup>327</sup>

Além do crescimento econômico da colônia, a gestão de Mathias Leh foi marcada pela intensificação de atividades que visavam à “preservação” da cultura suábia em Entre Rios. Entre as principais ações na década de 1970, apoiadas pela Agrária, destacam-se a criação de um museu, a publicação de dois livros, o incentivo aos grupos de danças folclóricas, a construção e apoio ao colégio Imperatriz Dona Leopoldina, onde há a ênfase ao ensino da língua alemã. Na década de 1980, temos a criação do Jornal de Entre Rios e de uma emissora de rádio como seqüência dessa iniciativa.

Nessas ações já é possível visualizar a produção e cristalização de discursos de identificação, ancorados principalmente em narrativas que apresentam determinado sentido histórico do grupo. Tais discursos foram veiculados principalmente em momentos comemorativos, como a data da fundação da colônia. É o que será abordado a seguir.

### **3.2 A Produção de uma memória coletiva: “Suábios no Paraná” e “Entre Rios”**

Os sucessos obtidos pela nova gestão da Cooperativa Agrária passaram a ser apresentados de forma vigorosa nas comemorações da fundação da colônia, principalmente em intervalos de cinco anos. Neste sentido, em 1971, nas comemorações do vigésimo

<sup>327</sup> Sobre essa questão ver: HARTUNG, Miriam Furtado. **O Sangue e o Espírito dos Antepassados**. Escravidão, herança e expropriação no grupo negro Invernada Paiol de Telha – PR. Florianópolis: NUER/UFSC, 2004.

aniversário de Entre Rios, acontece a publicação do livro de Albert Elfes, *Suábios no Paraná*,<sup>328</sup> e em 1976, em função dos 25 anos, o livro *Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana*.<sup>329</sup>

A análise destas publicações permite perceber, além do desenvolvimento econômico da colônia, a concepção do seu sentido histórico, inscrito em narrativas que se instituem também como indicadoras da identidade suábia. Dito de outro modo, tais discursos comemorativos podem ser entendidos como importantes instrumentos de elaboração de uma memória coletiva suábia-danubiana, pois essas duas obras serão as principais referências para os textos publicados nas décadas seguintes pelo jornal da colônia.<sup>330</sup>

Começaremos pelo livro de Elfes. As 40 páginas iniciais apresentam mensagens de políticos, como o Governador do Paraná, de religiosos, como o Bispo de Guarapuava, os cônsules da Áustria e da República Federal da Alemanha, membros da cooperativa, entre outros, congratulando a colônia pelo seu aniversário. Nesse sentido, deve-se lembrar, conforme Bourdieu, que (...) *a eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que enuncia no próprio ato de enunciá-lo é proporcional à autoridade daquele que o anuncia* (...).<sup>331</sup> Ou seja, são mensagens de pessoas que ocupam lugares que fazem reconhecer a legitimidade dos discursos que proferem.

Ao total são 30 mensagens, cujos conteúdos estão permeados por representações que constroem a identidade suábia principalmente por meio de uma história comum. Considerando que muitas apresentam discursos semelhantes, optou-se por apresentar as

<sup>328</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.**

<sup>329</sup> COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA. **Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana**. Campinas: CARTGRAF Ltda. 1976 (?)

<sup>330</sup> O primeiro caso de repetição desse discurso verifica-se no livro publicado por Abeck. Esse autor se baseia totalmente no texto (e utiliza as mesmas fotografias) do livro de Elfes. In: ABECK, Helmuth. **Entre Rios – Neue Heimat**. Ijuí: Empresa Jornalística Ulrich Löw S. A. 1973.

<sup>331</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 111.

análises das 12 mensagens que melhor ilustram esse discurso de identificação. Em seguida a análise terá como foco os indicadores da identidade suábica presentes no texto de Elfes.

A primeira mensagem que parabeniza a colônia pelo seu aniversário é a de Haroldo Leon Peres, então Governador do Estado do Paraná, intitulada *Entre Rios, Uma Síntese*.

Vejamos o primeiro parágrafo:

A história da Colônia Entre Rios não começa apenas em 1951. Tem suas raízes num rico passado de exemplos, em que a busca do solo fértil e as aspirações de liberdade compuseram a herança indivisível do povo suábico, uma parcela da qual o Paraná acolheu, propiciando ao Brasil uma experiência que hoje avaliamos na sua justa grandeza.<sup>332</sup>

Há indicação de como essa história é concebida pelo governante: em termos coletivos. Tratar o passado dessa forma pressupõe que se deva omitir, ou deixar de lado, as ações individuais. É uma história do grupo. Essa abordagem constitui um importante mecanismo discursivo de formação de uma identidade grupal.

Mas quais foram as ações deste grupo no passado? Para Peres, resumem-se na busca de terra, solos férteis e de liberdade. É, portanto, um passado coletivo construído por ações positivas, que podem servir como modelo universal. Inclusive, o governador sugere que se deva olhá-los como um exemplo a ser seguido, não somente pelos descendentes dos imigrantes, mas também pelos demais cidadãos paranaenses. Portanto, é um passado que tem a função de servir como guia no presente (1971).

No parágrafo seguinte, temos a menção de outra característica dos suábios: a faculdade de antever as possibilidades de sucesso, projetar e colher os frutos de seu trabalho.

Em 20 anos de trabalho, os suábios de Entre Rios se acostumaram a estabelecer marcos e a vencê-los numa faina característica dos que estão munidos de certa visão profética, de enxergar além das aparências, de antever o futuro. Com a certeza dos que sabem que “este é o lugar”, os suábios da etnia alemã, que da Iugoslávia aqui chegaram em 1951, operaram uma excepcional revolução agrária nos Campos Gerais. E o trigo floresceu graças à inteligência do

---

<sup>332</sup> PERES, Haroldo Leon. *Entre Rios, Uma Síntese*. In: ELFES, Albert. **Op. cit.**

homem afeito ao trato da terra, disposto a recorrer à tecnologia para que o pão chegasse abundantemente às nossas mesas. E o milagre gerado pela inteligência e pelo amor ao trabalho está aqui projetado: nas 50 mil toneladas de trigo que as terras dadivosas de Entre Rios, regadas pela dedicação dos que compõem a Cooperativa Central Agrária Ltda. fornecerão ao Brasil este ano.<sup>333</sup>

Nesses termos, a identidade dos suábios se estabelece pela diferenciação (além de modelo) dos agricultores suábios em relação aos demais agricultores paranaenses, pois os primeiros conseguiriam *antever o futuro*. Semelhante às matérias dos jornais apresentadas no primeiro capítulo, os suábios seriam os que conseguiram perceber a viabilidade dos solos dos campos de Guarapuava para a produção de cereais, daí a reafirmação que legitima a escolha daquele município para o estabelecimento de Entre Rios.

Essa percepção está aliada ao fato de os suábios terem conhecimento e adotarem modernas técnicas de cultivo e, principalmente, por se caracterizarem como agricultores laboriosos, pois (...) *o trigo, o arroz e a soja de Entre Rios não são frutos de geração espontânea. Brotam da terra porque o homem trabalha (...)*.<sup>334</sup> O governador finaliza lembrando o apoio de seu governo, de maneira semelhante ao ocorrido no governo de Munhoz, (...) *20 anos atrás*.<sup>335</sup>

A mensagem seguinte é a do então Ministro da Agricultura, Luiz Fernando Cirne Lima, que congratulou a (...) *todos os dirigentes e associados da Cooperativa Agrária – do presente e do passado- (...) pelo muito que têm feito pelo progresso em prol dessa comunidade*.<sup>336</sup> Mencionar os antepassados estabelece uma tradição de feitos e interesses mantidos e compartilhados através dos tempos. Assim sendo, o grupo é formado pela identificação entre as realizações das pessoas do presente com as do passado. Lima também afirma a existência de interesses que ligam o Ministério da Agricultura e, por extensão, o

---

<sup>333</sup> Ibidem.

<sup>334</sup> Ibidem.

<sup>335</sup> Ibidem. Grifo nosso.

<sup>336</sup> LIMA, Luiz Fernando Cirne. Mensagem. Ibidem. Grifo do autor.

governo brasileiro à cooperativa. Ambos estariam unidos pela (...) *tarefa comum de valorização do homem do campo, organização da produção rural, abastecimento das populações e criação de excedentes para exportação.* <sup>337</sup>

Nesse sentido, a mensagem de Erhard Eppler, Ministro para a Cooperação Econômica da República Federal da Alemanha, reforça o papel dos colonos suábios nesse projeto do governo brasileiro. Segundo ele, embora os suábios obtivessem ajuda dos governos brasileiro e da República Federal da Alemanha, (...) *sem os próprios esforços dos colonos, este auxílio não teria nenhum fruto, ou somente resultado insignificante.* <sup>338</sup>

Ao final da mensagem, Eppler também indica que a contribuição dos suábios não se restringe à colônia, mas ao restante da nação brasileira. E, usando o exemplo da inauguração do colégio com curso de técnico agrícola, reafirma a vinculação e o compromisso destes com o Brasil, pois os (...) *formandos certamente desempenharão as suas atividades em outras localidades do País, prova, de que os colonos são cômicos dos seus deveres para com a sua nova Pátria.* <sup>339</sup>

Nessa direção, temos a mensagem seguinte, do senador Mattos Leão. Para o senador, a cooperativa (...) *antecipou-se ao apelo da **Revolução** em prol da expansão e modernização agrícola.* <sup>340</sup> Ou seja, implicitamente há afirmação de que não é pela participação política, mas por meio da agricultura dotada do “pacote tecnológico” que se dá a inserção dos suábios na vida do país, neste momento, mergulhado na ditadura militar. Ao usar o termo “revolução”, em vez de golpe, Leão assume o discurso da ditadura, pois era a forma usada pelos partidários da ditadura militar para designar o golpe de Estado de 1964. <sup>341</sup>

<sup>337</sup> Ibidem.

<sup>338</sup> EPPPLER, Erhard. Saudação do Senhor Ministro Federal para Cooperação Econômica da República Federal da Alemanha. **Ibidem.** p. III.

<sup>339</sup> Ibidem.

<sup>340</sup> LEÃO, João de Mattos. Mensagem. **Ibidem.** p. IV. Grifo nosso.

<sup>341</sup> Para uma análise da ditadura militar, ver: FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: **Revista Brasileira de História. Brasil: do ensaio ao golpe (1954-1964)**. Vol. 24, n.º 47. São Paulo: ANPUH. p. 29-61.

A adoção de moderna tecnologia para a produção de cereais é mencionada também por Wolfgang Wimmers, encarregado de Negócios da Embaixada da República Federal da Alemanha. Wimmers inicia sua saudação citando o seguinte provérbio, segundo ele, (...) *uma geração atrás ainda valia em relação à colonização agrícola, (...): A primeira geração enfrenta a morte, a segunda a miséria e só a terceira encontra o pão.*<sup>342</sup> Logo em seguida, ele afirma que a colônia, por meio de (...) *tecnologia moderna, administração atualizada, cooperação sadia de homens tenazes e laboriosos conseguiram desmentir um velho ditado, criando prosperidade e bem-estar social.*<sup>343</sup>

As próximas mensagens têm a história como principal mote. É o caso do deputado paranaense Nivaldo Kruger. Ele afirma que a vinda dos suábios iniciou o capítulo de uma nova fase do que ele adjetivou como a *fértil* história de Guarapuava. É uma narrativa que não menciona as adversidades relacionadas ao solo, clima e, como Gossner verificou, de “confiança entre os colonos”. Pelo contrário. Para Kruger, essa nova fase histórica que Guarapuava passou a viver teria aliado as condições naturais de solo e clima e as pessoas de Guarapuava com *sentimentos nobres e a (...) disposição sincera dos emigrantes de se fixarem e de fazer sua esta terra e deste povo seus irmãos (...).*<sup>344</sup>

Nessa perspectiva, tal como o solo e o clima, as qualidades dos habitantes também são adjetivadas positivamente. Somente uma sociedade *fértil* pode gerar uma história fértil. Assim, podemos inferir, no reverso da medalha, que em terras e populações estéreis, o progresso não se opera e a história não vinga, pelo menos uma história cuja intenção é a harmonia entre seus personagens.

Em sua saudação, Sepp Schwarz, Secretário para Perseguidos, Refugiados e Feridos de Guerra do Estado de Baden-Württemberg, Alemanha, afirma que os acontecimentos

<sup>342</sup> WIMMERS, Wolfgang. Saudações. ELFES. Albert. **Op. cit.** p. V.

<sup>343</sup> Ibidem.

<sup>344</sup> KRUGER, Nivaldo. Saudações aos Suábios. Ibidem. p. VI.

terríveis da Segunda Guerra Mundial resultaram, especialmente na Iugoslávia, em perseguições a *tudo que era alemão*,<sup>345</sup> entre eles, os suábios, cuja filiação a essa etnia é aqui reafirmada. Schwarz estabelece em seu texto as semelhanças e continuidades entre fatos ocorridos em diferentes tempos e espaços. Vejamos um trecho:

Como seus antepassados após as guerras contra os turcos, também estes colonos tinham de começar de novo e, do Nada construir uma nova Pátria. Vinte anos após a fundação desta Colônia podemos constatar com satisfação e júbilo como se aprovou de novo aquele tenaz espírito colonizador, que habilitou os antepassados a tão grandes obras.<sup>346</sup>

Nesses termos, embora haja mudança nas temporalidades, há a permanência do grupo, que devido a suas características positivas conseguiu repetir seus feitos. Tal repetição é também um indicador de identidade. Para Schwarz, inclusive o fato de haver a diminuição da população suábia da colônia, de 2.500 pessoas para 1.800 em 1971, confirma essa tenacidade e esse espírito laborioso dos suábios que permaneceram.

Ao final, Schwarz afirma que os representantes dos suábios do Danúbio que vivem na Alemanha farão parte dos festejos dos 20 anos da colônia e apresenta a intenção da *Haus der Donauschwaben*, de Sindelfingen, de (...) *ser o centro cultural e Pátria espiritual para todos os suábios do Danúbio do mundo*.<sup>347</sup> Portanto, há uma reafirmação das ligações entre grupos de suábios dispersos pelo planeta.

Já o Arcebispo D. Andréas Rohrer, de Salzburg, Áustria, após narrar rapidamente seu papel e o do padre Stefan com relação à resolução da situação dos suábios que viviam na Áustria na condição de refugiados, lembra que ao lado dos sucessos, a colônia teve reverses.

---

<sup>345</sup> SCHWARZ, Sepp. Palavras de Saudação para o Jubileu do 20º Ano de Existência da Colônia dos Suábios do Danúbio em Entre-Rios – Brasil. Ibidem. p. X.

<sup>346</sup> Ibidem.

<sup>347</sup> Ibidem. p. XI.



No entanto, ele os justifica situando o grupo junto à humanidade, pois tais aspectos estariam (...) *na esfera do humano - do demasiado humano (...)*.<sup>348</sup>

A mensagem do religioso termina referindo-se ao comportamento que se espera dos suábios no futuro:

Se os colonos conservarem, também no futuro, suas boas virtudes: dedicação, união, amor à humanidade, tolerância, **alegria em ter filhos** e fé em Deus, então não nos precisamos preocupar com a vossa colônia.<sup>349</sup> (Grifo nosso)

Trata-se, portanto, de um tipo de conduta que todo o suábio deve possuir e preservar. A continuidade do grupo no futuro por meio da preservação das características positivas herdadas é possível somente por meio do nascimento de filhos. Eles são o instrumento de preservação do passado no futuro.

No texto do cônsul da Áustria, Erwin Rainer Harbach, temos uma narrativa que apresenta a gênese dos suábios do Danúbio. De acordo com ele, a fim de proteger as fronteiras do império austríaco, a imperatriz Maria Theresia lançou mão de militares e também de agricultores, pois, (...) *uma paz eterna nestas ocasiões deveria ser alcançada nos Bálcãs por agricultores milicianos do centro da Europa especialmente da Suábia: com isto nasceu o Suábio do Danúbio, nome que se tornou um conceito nos séculos vindouros.*<sup>350</sup>

Nesta descrição, os suábios seriam os defensores das fronteiras da Europa. Trata-se de “guerreiros agricultores”, cuja função se desdobrava na produção de alimentos e na defesa militar das fronteiras do império. Além disso, para ele, (...) *este grande grupo de destemidos e laboriosos agricultores logo foi, na nova pátria o baluarte da cultura alemã, da paz e do progresso, missão esta que ainda hoje cumpre apesar de tantas tormentas e mágoas.*<sup>351</sup> A

<sup>348</sup> ROHRACHER, D. Andreas. Mensagem. Ibidem. p. XII.

<sup>349</sup> Ibidem.

<sup>350</sup> HARBACH, Erwin Rainer. Ibidem. p. XIX.

<sup>351</sup> Ibidem.

missão do grupo, portanto, era assegurar a paz naquela região da Europa, mas como lá isso não foi possível, foi-lhes dada a chance de cumprir essa missão no Brasil.

Observa-se também que a narrativa apresenta a passagem de uma identificação europeia para a alemã sem explicar como se deu esse processo. Isso acontece também no parágrafo seguinte, quando em uma frase se opera a passagem de um período situado entre a chegada do grupo na região do Médio Danúbio e a sua expulsão, no final da Segunda Guerra Mundial. A expulsão e a ida destes para a Áustria são narradas da seguinte forma:

Quando, em 1945, soou a hora mais amarga da história dos Suábios do Danúbio e os partisanos do Tito procuraram destruir com brutalidade todos os descendentes dos velhos pioneiros de Maria Theresia em território Iugoslavo, uma grande parte das famílias suábias retirou-se à “Mater Austriae”. Nosso país, ele mesmo passando por duras provas, sangrando de mil feridas acolheu os patrícios das planícies do Danúbio, com braços abertos.<sup>352</sup>

O cônsul afirma, por fim, que os suábios (...) *com igual fervor, laboriosidade e prazer no trabalho* (...) <sup>353</sup> contribuíram para o reerguimento da Áustria. Entretanto, ele silencia os motivos da saída dos refugiados da “Mater Austriae”.

Se no texto do cônsul os suábios são vistos como defensores da Europa e da cultura alemã, no discurso do Bispo de Guarapuava, Frederico Helmel, temos outro elemento de identificação. Mas antes, vejamos como ele narra a expulsão do grupo de sua antiga pátria.

Vinte anos passaram desde que tomaram a decisão de dizer Adeus à velha Pátria para aqui, no Brasil, fundar uma nova. Após muita procura estabeleceram-se aqui, começaram a plantar o campo e aqui ergueram suas asseadas casas. Vê-se-as de longe. A todos vêm de Guarapuava através da faixa montanhosa que separa sua Colônia da cidade – abre-se de repente uma vista maravilhosa: vastos campos zelados, o verde carregado dos trigais, e no meio o brilho branco de suas bonitas casas.

Um quadro de paz! Tudo exala paz: o vasto céu azul com as nuvens calmas, a paisagem em colinas extensas, os campos de cereais ondulados, as pequenas aldeias com as torres pontiagudas das igrejas.<sup>354</sup>

<sup>352</sup> Ibidem. Conforme os relatos de imigrantes, publicados no *Jornal de Entre Rios*, a maioria dos suábios deixou a Iugoslávia em outubro de 1944, e não em 1945, como afirma o cônsul. Os relatos presentes no jornal serão analisados no próximo capítulo.

<sup>353</sup> Ibidem.

<sup>354</sup> HELMEL, Bispo Frederico. Ibidem. p. XXI.

A rigor, ser expulso do lar e sofrer com a morte de familiares e/ou amigos são eventos que podem ser caracterizados de várias maneiras, menos com um simples “adeus”. O final do parágrafo assemelha-se mais à imagem descrita no encerramento da peça de Abeck, pois também apresenta uma imagem idílica e idealizada da colônia em 1971, formada por belas casas em meio aos trigais. É esta a imagem que ele procura cristalizar na memória da colônia.

No parágrafo seguinte, o Bispo faz referência aos conflitos da Europa e a sua relação com os suábios:

Mas, nós o sabemos, e os senhores o comprovam de experiência própria, um destino cheio de mágoas sulcou o rosto de seu povo. Era o seu destino de ser sempre um povo das fronteiras. Há mais de 200 anos foram chamados pela imperatriz, para serem pioneiros e guardiões do Império do Leste – de um império conscientemente cristão – contra o perigo dos otomanos. Durante centenas de anos cumpriram brilhantemente esta tarefa. Somente as turbulências da Segunda Guerra Mundial os levaram embora. Como náufragos vieram para a Áustria e Alemanha, como apátridas para o Brasil, para Guarapuava. Ei-los aqui finalmente, há vinte anos!<sup>355</sup>

Semelhante ao discurso do cônsul da Áustria, o Bispo cita o fato dos antepassados do suábios de Entre Rios terem sido defensores do império austríaco, mas com o acréscimo de mais um elemento: a cristandade. Nomeá-los “defensores da cristandade” é estabelecer mais um indicador da identidade suábia. Ela está ligada ao destino, cujo sentido é a de uma tarefa que permaneceu no tempo sendo cumprida pelas gerações e só com a guerra, sem explicações sobre suas causas, eles foram impedidos de lá continuarem cumprindo sua missão.

Ao final do parágrafo, o Bispo faz uso dos termos *náufragos* e *apátridas* para identificar os antepassados do grupo. O primeiro termo pode evocar a imagem de um acidente, ou de uma catástrofe natural. Portanto, não está situado na esfera das motivações humanas. É neste nível que estaria a explicação da relação entre a saída do grupo de sua terra natal com a Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>355</sup> Ibidem.

Mas, se na Europa eles perderam essa condição, o Brasil se apresentava como lugar da redenção, do encontro com uma nova pátria. Para Helmél, pátria,<sup>356</sup> nesse caso, é um conceito amplo:

(...) O Brasil quer ser sua Pátria, Pátria de vossos filhos, de seu povo. Pátria não é apenas o solo, o ganho. É muito mais, é o aconchego na estima dos outros, é consciência própria perante o destino do país. O conceito Pátria nasce, sabendo-se unido na plenitude do povo, com toda a diversidade dos valores culturais trazidos e achados. Assim, nós lhes damos mais um “Bem-vindos”, sabendo deveras dos valores que os senhores aqui depositam. Nós os queremos assim como são, com suas particularidades que se entrosam tão harmoniosamente na soma do povo e País.<sup>357</sup>

O conceito de pátria expresso neste trecho indica a possibilidade de permanência de características culturais próprias, semelhante aos discursos do governador Bento Munhoz. No entanto, se nos discursos do governador o tom se limitava ao desejo para que conservassem seus traços culturais, na mensagem do Bispo há também o alerta de um perigo:

Mas, também esperamos algo dos senhores! De sua História sabemos que defenderam a cultura e fé cristãs. Naquele tempo, o inimigo veio do Oriente, mais tarde os ameaçou de todos os lados, hoje está em meio de nós todos, em meio dos senhores. Seu rosto também mudou. Nos alvares era um reino, mais tarde uma ideologia, hoje é o vazio deixado por falta de ideal ou idealismo. Durante séculos os senhores conservaram fielmente os bens de seu povo, santificaram os valores espirituais. Hoje não há mais a ameaça da perseguição. Mas, também isto encerra certo perigo, a saber, que não serão mais alertadas as forças que os destacaram.<sup>358</sup>

Temos, portanto, enumerados os inimigos da cultura e fé cristã. No passado eram os turcos otomanos, seguidos do comunismo. No presente (1971), seria a ausência de idealismo, leia-se o perigo de esquecerem sua identidade, sua cultura, que é ligada às esferas religiosa e laica. A paz encontrada na nova pátria traz em seu bojo o perigo do esquecimento. Há, portanto, a necessidade de vigilância constante dos valores religiosos que os identifica e liga aos seus antepassados.

<sup>356</sup> De acordo com a filósofa Marilena Chauí, a partir do século XVIII, esse termo começou a ser usado para designar (...) *o território cujo senhor é o povo organizado sob a forma de Estado independente* (...). CHAUI, Marilena. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 16.

<sup>357</sup> HELMEL, Bispo Frederico. *Ibidem*.

<sup>358</sup> *Ibidem*.

Na sua colônia existe uma capela consagrada a Santa Maria, a padroeira de seu povo, em lembrança às vitórias do príncipe Eugênio sobre os turcos e em agradecimento para sua libertação do mais grave perigo – quando as ondas de ódio ameaçaram fechar por cima de suas cabeças. Não consintam os senhores que um monumento de pedra seja toda sua expressão de gratidão, mas conservem-na também em seus corações! Uma gratidão verdadeira, sincera perante o Doador de todos os bens, sobretudo da preciosa liberdade e da nova Pátria.<sup>359</sup>

Em seguida, temos o texto de Lacerda Werneck, que narra como foi o processo de escolha da área onde foi fundada a colônia Entre Rios e as ações do governo do Estado da época para viabilizar sua instalação. Ao final, visualiza-se a concepção de quais aspectos do passado devem ser iluminados pela história a ser contada no livro: a harmonia, o consenso e o êxito da colônia.

Iria longe, muito longe, uma descrição histórica da colônia de Entre Rios, quatrocentas páginas de um livro seria pouco para contar tudo, - dar nome aos bois – dizendo dos que ajudaram, dos que atrapalharam, falando das dificuldades, das vitórias e derrotas – dizendo enfim, como foi possível e difícil esse monumento que é hoje a Colônia Entre Rios, que fez substituir por 5 toneladas de trigo e 4 de soja, um alqueire de campo nativo que mal comportava um boi, naquela região.<sup>360</sup>

O texto seguinte é o prefácio, intitulado *O significado de Entre Rios*, do ex-governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Ele relembra as suas realizações referentes à criação no Estado das colônias de imigrantes europeus de Castrolândia, Witmarsum e Entre Rios, sendo a última considerada por ele o (...) *núcleo mais importante de repercussão mais decisiva para o futuro de uma grande região do Paraná*.<sup>361</sup>

Em seguida, Munhoz afirma que a vinda dos suábios é consequência da Segunda Guerra Mundial. Ele não menciona detalhes sobre o conflito que resultou em milhares de mortos e feridos. No entanto, Munhoz encontra nesse acontecimento um sentido positivo: (...) *foi um enriquecimento humano que o Paraná e o Brasil lucraram, com a devastação*

<sup>359</sup> Ibidem. p. XXII.

<sup>360</sup> WERNECK, Lacerda. Um pouco de história. Ibidem. p. XXXVIII.

<sup>361</sup> NETO, Bento Munhoz da Rocha. A significação de Entre-Rios. Ibidem. p. 5.

*européia e sobretudo com os problemas surgidos na colcha-de-retalhos, sob o aspecto cultural, do centro do velho continente.*<sup>362</sup>

A visão de Munhoz é no mínimo ambígua, pois entende que a vinda para o Paraná de grupos etnicamente heterogêneos é uma vantagem, enquanto que na Europa, a manutenção de características culturais distintas por parte de grupos étnicos constituiria um problema. O uso do termo *colcha-de-retalhos*, sugere inclusive uma depreciação dos povos que compõem países multiétnicos, pois retalhos são geralmente sobras de tecidos, sem muito valor. Vejamos a seqüência de seu texto:

No Brasil como em toda a América, não obstante os fortes contingentes europeus que convergiram no século XIX, distribuindo-se desigualmente por vários pontos de nosso território, a tradição original nossa, de mundo novo, fez sempre coincidir nação e cultura ainda com as diversificações regionais de um continente como é o Brasil.

Na Europa central, as contingências políticas, principalmente as mudanças dinásticas das velhas monarquias exigiram estatutos especiais para numerosos núcleos de população que, ora pertenciam a um Estado, ora a outro, mas conservaram, como era natural, suas características culturais, entre as quais, como elemento básico, a língua.

Foi o que aconteceu com os suábios, juridicamente iugoslavos, mas culturalmente alemães, ao abandonar sua velha região em vista da implantação do regime comunista que contrariava frontalmente suas heranças e tradições.<sup>363</sup>

Neste trecho, Munhoz reafirma suas idéias da época de governador, quando da instalação da colônia. Cabe destacar que a saída dos suábios não se deu em função de que o comunismo contrariava suas heranças e tradições. Tratava-se, na quase totalidade dos casos, de um perigo de vida. As pessoas fugiram para se salvar.

O fator “cultura” como base para explicação aparece também quando Munhoz aborda a escolha da área onde seria instalada a colônia. De acordo com ele, Guarapuava foi escolhida em função do clima ser mais favorável ao trabalho dos lavradores europeus e pelo terreno possibilitar o uso da mecanização. Inclusive, ele ressalta que assistiu à ocorrência de nevascas

---

<sup>362</sup> Ibidem.

<sup>363</sup> Ibidem.

na região. <sup>364</sup>Portanto, para ele, o frio seria um importante fator que explica o êxito dos suábios em Guarapuava.

A vida prática demonstrou nos primeiros anos, pelo menos para alguns suábios, o contrário. Basta lembrar o relato de Sylvassy. Como demonstramos no capítulo anterior, uma das queixas dos colonos era justamente o clima da região. Muitos desejavam que a colônia fosse instalada na região oeste do Paraná, onde a temperatura média é mais alta e há a possibilidade de mais safras por ano.

Mas, para Munhoz, a chegada dos suábios só trouxe benefícios, que vão desde o aumento da produção agrícola até a valorização dos Campos Gerais - incluindo a não derrubada de florestas. Isso teria influenciado inclusive os agricultores brasileiros, que também adotaram novas técnicas no trabalho com a terra. <sup>365</sup> Nesse sentido, na conclusão Munhoz retoma suas considerações acerca do Paraná como lugar onde estaria se operando uma amálgama entre povos de diferentes origens.

Como a pequena propriedade de colonos de todas as origens emoldura a paisagem paranaense, a convivência com eles, velha de século e meio, deu ao paranaense o hábito, já tradição nossa, de bem assimilá-los à cultura luso-brasileira de nosso país, em moldes que trazem um mínimo possível de atritos.

O paranaense, como os brasileiros do sul, se habituou ao fenômeno sociológico da aculturação. Compreende as diversidades dos outros. Conhece as diversidades que permanecem, ainda que modificadas. Encontra-se, no Paraná, com menos frequência aquele comportamento feito de hostilidade aos estrangeiros, mais comum nas regiões brasileiras de pouca incidência deles. <sup>366</sup>

Nessas frases, o Paraná seria uma verdadeira terra de imigração (*Einwanderugsland*), para usar a expressão de Frösch. É o lugar do encontro amigável de povos que aos poucos vão se misturando. Novamente Munhoz menciona a aculturação como algo positivo para os suábios e para o Paraná. Mas isso só é possível, segundo ele, porque o estrangeiro que chega

---

<sup>364</sup> Ibidem. p.7.

<sup>365</sup> Ibidem.

<sup>366</sup> Ibidem. p. 8.

ao Estado, assim como no restante do sul do Brasil, é também aquele afeito ao trabalho. O que não acontece em outras regiões do Brasil, pois, (...) *nessas regiões o estrangeiro é geralmente o intermediário, aquele que não se fixa, que se isola e enriquece rapidamente. No sul, não. O estrangeiro aqui trabalha com dureza, luta ombro-a-ombro com todos, sofrendo, produz e cria progresso verdadeiro.*<sup>367</sup>

É, portanto, o trabalho que realiza a identificação, no sul do país, entre os povos de origens diferentes. Temos, dessa forma, a imagem de uma conjugação de interesses (do estrangeiro e do paranaense, ambos adjetivados positivamente como trabalhadores) que vão dando forma ao povo paranaense. Mas Munhoz adverte (...) *a assimilação não se processa, como um milagre, sem obstáculos, e no Paraná se sabe, com razoável freqüência, em certo nível de observadores, que é assim.*<sup>368</sup> E ele explica quais seriam esses obstáculos: (...) *a sobrevivência de hábitos tradicionais, a permanência da língua materna em família e os casamentos no próprio grupo.*<sup>369</sup>

No entanto, logo em seguida ele minimiza a importância desses obstáculos, mostrando que não representam uma barreira intransponível para a assimilação dos estrangeiros. Pois, no Paraná (...) *sabemos que os fatos evoluem e se transformam, e conhecemos as contribuições que, em nossos estados do sul do Brasil, enriquecem nossas sub-culturas regionais.*<sup>370</sup> Além disso, Munhoz indica o lugar onde se opera a assimilação, por mais contraditório que pareça: na tradição paranaense.

Nossa tradição está em nosso poder de assimilar sem atritos maiores em nossa capacidade de compreensão. Em outras épocas, na pré-história das comunicações e, portanto, das longas segregações, os problemas se resolveram. Hoje, com a multiplicação dos meios de comunicação, acima de tudo, com a televisão, quando todos vizinham todos, a convivência intensificada e obrigatória, condição essencial para a aculturação, acelera o processo.<sup>371</sup>

---

<sup>367</sup> Ibidem.

<sup>368</sup> Ibidem.

<sup>369</sup> Ibidem.

<sup>370</sup> Ibidem.

<sup>371</sup> Ibidem.



É no mínimo paradoxal o uso do termo tradição como categoria explicativa para o processo de assimilação. Ainda mais quando ela é pensada como algo que está de mãos dadas com tecnologias de comunicação, que acelerariam tal processo. Tem-se impressão de que, nessa perspectiva, a aculturação é encarada como um fim em si mesmo, da qual a história humana não teria como fugir. Ela seria, portanto, um processo lento e irreversível, não há espaço para caminhos diferentes.

Por último, Munhoz lança mão de sua condição de administrador público e professor para legitimar suas afirmações:

Tenho divulgado, como homem de governo, como político e como professor, que para a assimilação à cultura brasileira, ninguém exige de ninguém a renúncia às suas origens. Ninguém pode ser bom brasileiro, não se honrando de sua cultura de origem. O Brasil é um país de igualdade e de igualdade de oportunidades sem estatutos discriminatórios. É um país que se desenvolve e se projeta com grandeza no cenário internacional. Já aparece, bem situado, em muitas estatísticas internacionais. Sabemos que esse fato concorre mais para a assimilação, que nosso ambiente de há um século.

Sabemos nós, brasileiros do Paraná, que a assimilação pode tropeçar, pode ser retardada, mas se desenvolve dentro de suas leis e de seus padrões. Nós brasileiros do Paraná, nos habituamos com os processos de assimilação nas condições nacionais. Sabemos como favorecê-la, como incentivá-la. Tem sido nosso ofício nossa função histórica.<sup>372</sup>

Nota-se que é um discurso direcionado principalmente aos suábios. Nesses termos, ocorre a legitimação da manutenção de suas características culturais do grupo, o que não estaria em oposição a sua identificação como brasileiros. Pelo contrário. A primeira reforça a segunda. Novamente, Munhoz reafirma suas convicções de 1954, analisadas no segundo capítulo. Trata-se, então, de disciplinar e ordenar a inserção dos suábios na nação brasileira, para que suas características positivas, numa lenta assimilação, não se percam neste processo.

---

<sup>372</sup> Ibidem.

Por fim, o texto de Munhoz provoca a seguinte indagação: não seria também a assimilação (ou aculturação) desordenada também o objeto de vigilância, pleiteada pelo Bispo Helmel?

Em seguida temos o Preâmbulo, de autoria de Mathias Leh. O presidente da Agrária informa que o objetivo do livro é relatar o desenvolvimento da colônia entre 1951 e 1971. Para Leh, o relatório deve contribuir para (...) *retificar distorções surgidas* (...).<sup>373</sup> Não há a indicação de quais distorções teriam que ser corrigidas pelo livro. Mas pode-se especular que, se na sua gestão à frente da cooperativa ele procurou corrigir os rumos da colônia, o livro seria também um instrumento que serviria para homogeneizar determinada narrativa da colônia, formando assim a sua memória oficial.

O autor do livro é caracterizado como um (...) *agrônomo alemão independente, conhecedor dos problemas da agricultura do Brasil, não pertencendo ao grupo dos suábios do Danúbio e, portanto, neutral* (...).<sup>374</sup> Trata-se de estabelecer a posição do autor como alguém habilitado para a tarefa e principalmente ser de fora da colônia, o que permitiria legitimar uma pretensão de isenção em relação às possíveis distorções na memória dos depoentes, ou na forma de analisar os documentos. Acerca disso, Leh observa que o autor obteve pleno acesso aos arquivos da cooperativa, mas o material mais importante são os questionários preenchidos pelos colonos.<sup>375</sup>

Pode-se indagar então acerca da característica dos questionários e, principalmente, da possibilidade do colono objeto do questionário tentar imprimir nele sua visão da colônia. Pois, como sabemos, nem autor e nem as testemunhas podem ser caracterizados como *neutros*.

Ambos, em diferentes graus, participam da produção de sentido do acontecimento narrado.

---

<sup>373</sup> LEH, Mathias. Preâmbulo. Ibidem. p.11.

<sup>374</sup> Ibidem. O livro não traz informações sobre o motivo da escolha de Elfes para ser o autor deste livro e nem sobre a sua biografia. De acordo informações prestadas por meio de correio eletrônico por seu filho, Alberto Elfes, seus pais eram engenheiros agrônomos, formados em Bonn, Alemanha - mas sua mãe não exerceu a profissão. Em 1950 vieram para o Brasil. Elfes desenvolveu projetos de desenvolvimento agrícola e realizou pesquisas em Alagoas, Rio de Janeiro, litoral do Paraná, Piauí, São Paulo, além do Chile.

<sup>375</sup> Ibidem. Infelizmente, Elfes não trata da metodologia de análise empregada na pesquisa e também não há registro do destino dado aos referidos questionários

Outro aspecto presente no texto de Leh é a concepção de que o relatório não deve servir apenas para contar as agruras do passado e a forma como foram vencidas. O livro deve ser encarado como um (...) *balanço intermediário no caminho para um futuro promissor* (...).<sup>376</sup> Assim, de certa forma, sendo realizado por uma pessoa legitimada como *neutra*, o livro é uma espécie de prestação de contas da colônia e da gestão de Leh. Também se inscreve na reafirmação e legitimação dos projetos para o futuro de sua gestão.

Para o presidente da cooperativa, o livro é também uma forma de prestar agradecimento aos “protetores” dos suábios em todo o mundo, aos agricultores, operários, colaboradores e funcionários. Especial agradecimento é dirigido à (...) *mulher suábica, que nos joelhos moldou o campo, ajudou o marido na sua faina sob o sol abrasador e tinha que ter ainda tempo para ser mãe de suas crianças – ela é que ofereceu os maiores sacrifícios*.<sup>377</sup> De fato, muitas mulheres, além de participarem na construção das primeiras casas e das lidas do campo, foram trabalhar como domésticas em São Paulo, sendo que parte dos ganhos era enviada para a família na colônia.<sup>378</sup> Mas, a frase está também inserida numa representação da mulher-mãe como elemento básico da manutenção da identidade suábica. Ela é quem cuida dos filhos ensina a língua (dialeto suábico) e que transmitiria os valores fundamentais da vida em comunidade.

Ao final do preâmbulo, Leh afirma que (...) *este estudo não quer ressaltar a obra de alguns, mas honrar a da comunidade, efetuada em espírito cooperativo*.<sup>379</sup> Portanto, trata-se de uma edição que visa congratular o grupo, os feitos da coletividade e não aqueles individualmente executados. Isso insere o texto de Elfes como sendo uma história dos homens

---

<sup>376</sup> LEH, Mathias. Preâmbulo. ELFES, Albert. **Op. cit.**

<sup>377</sup> *Ibidem*.

<sup>378</sup> É o caso de Katharina Hech. In: HECH, Katharina. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 14 de março de 2006. A. A.

<sup>379</sup> LEH, Mathias. Preâmbulo. ELFES, Albert. **Op. cit**

e mulheres suábias vivendo em sociedade e, assim, reafirma o sentido coletivo da caminhada do grupo no tempo.

Inicia-se então o texto de Albert Elfes. A primeira frase é uma citação de uma passagem bíblica: *Aquele que põe a sua mão no arado e olha para trás, aquele não é enviado para o reino de Deus (Luc. 9, 62).*<sup>380</sup> Elfes não faz nenhum comentário sobre essa passagem. Mas, se a relacionarmos com as palavras de Leh, podemos interpretá-la como um chamado ao leitor suábio para que este tenha o olhar focalizado para o futuro, para as futuras realizações. E o livro pode ser entendido como um instrumento que tem a função de sistematizar o passado na forma de uma narrativa coerente que aponte para este futuro.

Em seguida, no sub-capítulo intitulado *Entre Rios*, o autor elabora um resumo histórico da colônia, em que faz coro às mensagens e saudações analisadas anteriormente. Entre Rios seria a história de um (...) *pequeno grupo amargurado de imigrantes sem lar, (...) que se estabeleceram no mal-conceituado solo estéril dos campos do sul de Guarapuava (...) e começaram a construir sua nova pátria (...).*<sup>381</sup> A imagem final desta história é o sucesso da colônia em 1971, cujo (...) *nível de vida dos camponeses é elevado e o sistema educacional desenvolveu-se acima da média (...)*<sup>382</sup> e onde existe a maior (...) *concentração de máquinas agrícolas e consumo de adubo artificial.*<sup>383</sup> Trata-se, portanto, de uma história de sucesso na qual os (...) *camponeses são os figurantes principais do “drama.”*<sup>384</sup>

Logo em seguida, temos o sub-capítulo intitulado *Quem são os suábios do Danúbio?* Nele, Elfes apresenta, com base em bibliografia publicada em língua alemã, a definição de quem seriam os personagens desse “drama”. É uma definição de um sujeito coletivo estabelecida por meio de uma narrativa histórica. Para isso, Elfes parte de uma situação geral

<sup>380</sup> ELFES, Albert. **Op. cit.** p. 13.

<sup>381</sup> Ibidem.

<sup>382</sup> Ibidem.

<sup>383</sup> Ibidem. p. 14

<sup>384</sup> Ibidem.

e atemporal, com a seguinte citação do livro de Friedrich Aereboe: (...) *os mais importantes fenômenos vitais do reino vegetal e animal provêm de manifestações de carência* (...).<sup>385</sup> Elfes afirma que isso se aplica também às migrações e complementa que esse fenômeno tem causas que ultrapassam as necessidades econômicas, pois (...) *a falta de liberdade, de direitos, de possibilidades de desenvolvimento, de espaço para iniciativa própria podem igualmente constituir fatores desencadeantes* (...).<sup>386</sup>

Para ele, assim como a história da humanidade como um todo, a história de grupos humanos também pode ser escrita a partir das migrações (...), *pois todos os povos e grupos humanos iniciam a sua história com a época na qual se estabeleceram em novas áreas de habitação*.<sup>387</sup> É essa perspectiva adotada para descrever a gênese do grupo suábio, formado a partir de deslocamentos do “povo alemão”.

Desde que o povo alemão apareceu na história, doou generosamente seus homens ao mundo todo, em guerras e cruzadas, migrações dos povos, na política de colonização e povoamento no leste e sudeste da Europa e, finalmente, numa constante emigração também para o além mar. Alemães, principalmente camponeses ofereceram contribuições valiosíssimas para a formação de novos estados e nações. Poder-se-ia definir como específica característica alemã do passado, essa procura de novas terras, de melhores condições de existência ou maior liberdade espiritual, que põem, salvo poucas exceções, nunca se expressou em guerras de conquista para o domínio de outrem, mas em atividade colonizadora.<sup>388</sup>

A gênese do “povo alemão” não é datada. Ela surge num tempo imemorrável e o sujeito coletivo – o povo alemão e, por extensão, o suábio - não se transforma com a passagem do tempo. É, portanto, um sujeito aistórico. A dispersão, de maneira semelhante a uma semente plantada por um semeador, seria uma das características identitárias desse povo. Portanto, seus laços de unidade não estão associados a um território específico, mas ao legado cultural comum.

<sup>385</sup> Trata-se do livro intitulado *Agrarpolitik*, publicado em 1928. Ibidem. p. 15.

<sup>386</sup> Ibidem.

<sup>387</sup> Ibidem.

<sup>388</sup> Ibidem.

No parágrafo seguinte, Elfes data o ano 800, quando (...) *o reino Alemão padecia de excesso populacional em algumas áreas férteis e densamente povoadas do leste e sul (...)*.<sup>389</sup> Essa seria a causa de migrações em direção ao Leste e Sudeste da Europa. Mas essa ainda não é a história dos suábios, pois os grupos de migrantes em questão (...) *foram em grande parte subjugados sob a forma de dependência hereditária pelos proprietários orientais, perdendo desse modo união étnica e liberdade individual e sendo finalmente absorvidos pelos povos eslavos e magiares*.<sup>390</sup> Esta, portanto, seria uma semente alemã que não vingou, pois foi absorvida, aculturada.

Em seguida, Elfes opera um salto de quase mil anos no tempo, quando as (...) *guerras turcas que se sucederam nos séculos XVII e XVIII devastaram e despovoaram províncias inteiras do antigo império austro-húngaro*.<sup>391</sup> Nota-se que a guerra e a ameaça possuem origem no “outro”, neste caso, do oriente.

Após expulsar os turcos da área do Danúbio Central, o Imperador Leopoldo da Áustria (1658-1705) convidou os seus súditos dos “Erblanden”, sul e sudeste da Alemanha, para novamente colonizar as áreas despovoadas. Inicia-se assim a história dos “Suábios do Danúbio” (...).<sup>392</sup>

Temos então a gênese do grupo étnico, embora Elfes observe que somente em 1922 a designação “suábios do Danúbio” começou a ser usada para nomear coletivamente os descendentes dos súditos do referido imperador.<sup>393</sup> A existência do grupo é dada como sendo anterior a sua nomeação. Além da função de fornecerem alimentos para a Europa, Elfes cita que também representavam um mecanismo de proteção utilizado pelo governo Austro-húngaro contra as pretensões dos turcos e russos.

---

<sup>389</sup> Ibidem

<sup>390</sup> Ibidem

<sup>391</sup> Ibidem

<sup>392</sup> Ibidem.

<sup>393</sup> Ibidem.

Assim, o papel da cultura alemã na antiga monarquia dos Habsburgos foi preponderante. Os colonos alemães defendiam o cristianismo, a realeza húngara e o império austríaco; fundaram a mineração e dominaram firmemente o comércio até meados do século passado (...). Até princípios do século passado e da Primeira Guerra Mundial, o alemão era a língua do comércio e a língua da ciência, e vários jornais e sociedades protetoras se incumbiam da sobrevivência da influência cultural alemã.<sup>394</sup>

Elfes trata também, de modo rápido, das relações entre os colonos alemães e os grupos eslavos e húngaros do Império. Segundo ele, após um período de cooperação, com a formação de comunidades mistas, a partir da metade do século XIX, (...) *com o fortalecimento econômico, político e cultural dos grupos não alemães fez com que (...) se desenvolvesse uma crescente consciência de nacionalismo que (...) acabou por tornar-se um nacionalismo verdadeiramente chauvinista (...)*.<sup>395</sup> Como se pode perceber, a origem do conflito está no outro, no não-alemão. São as pressões desses grupos que forçaram uma resposta dos suábios, no sentido de preservarem sua cultura camponesa. Essa luta é descrita da seguinte forma:

Por natureza, as populações rurais têm dificuldades em adaptar-se a quaisquer novas condições espirituais, e uma assimilação cultural coercitiva só poderia originar resistência. Surgiram divergências antes inexistentes entre os diferentes grupos étnicos, por causa da língua a ser adotada no ensino. Por causa dessas divergências, não conseguiam, por um lado, o contato desejável com o ambiente cultural húngaro e eslavo cada vez mais dominante e, por outro, não puderam conservar os contatos com a Áustria de língua alemã. Com isto terminaram por cair em isolamento espiritual, que levou finalmente ao estagnamento de sua evolução (...).<sup>396</sup>

O argumento, que está em consonância com a visão do ex-governador Munhoz, justifica a reação por parte dos suábios e qualifica como um erro qualquer tentativa de imposição da aculturação forçada. É, portanto, uma mensagem válida para o Brasil, pois um conflito dessa natureza prejudicaria a todos. É o exemplo do que não deve ser repetido na nova *Heimat*.

---

<sup>394</sup> Ibidem. p. 17.

<sup>395</sup> Ibidem. p. 18.

<sup>396</sup> Ibidem. p. 19.

A seguir, Elfes cita que com a dissolução do Império Austro Húngaro e a criação da Iugoslávia, Romênia e a “nova Hungria”, os suábios tornaram-se automaticamente cidadãos desses novos países. Nesse contexto, intensificaram-se (...) *os esforços para a aculturação dos grupos alemães em cada um dos povos anfitriões* (...).<sup>397</sup> Do lado dos alemães, cita que isso teve como efeito a renovação da resistência, baseada na (...) *maior perseverança nos costumes tradicionais e novas ondas de imigração*.<sup>398</sup>

No parágrafo seguinte, o autor aborda a Segunda Guerra Mundial da seguinte forma:

Com a ocupação do sudoeste europeu pelas tropas alemãs durante a Segunda Guerra, iniciou-se a maior catástrofe da história da população Danúbio-suábia. A justa resistência contra as forças ocupantes e a propaganda anti-nacional-socialista, dirigia-se agora também contra a população local alemã que falava a mesma língua das tropas de ocupação. Estimulados por slogans patrióticos, alguns jovens nativos alistaram-se voluntariamente na “*Wehrmacht*”, reforçando com isto o efeito da propaganda anti-alemã. A maior parte da juventude danúbio-suábia, porém, foi obrigada a alistar-se juntamente com membros de outras minorias étnicas, nas forças especiais do vencedor temporário. O que, para o observador não informado, parecia constituir falta de lealdade para com o povo anfitrião. Guerrilhas e represálias por parte das tropas ocupantes, torturas, atos de violência e todos os horrores de uma guerra injusta, alimentavam o ódio da população local contra os camponeses que, durante séculos, haviam convivido pacificamente com os outros grupos étnicos e contribuído decisivamente, com seu trabalho, para transformar esses mesmos povos em nações.<sup>399</sup>

Nesse ponto, Elfes desloca de maneira rápida o ponto de vista para o olhar do outro, cuja resistência é justa, embora este não soubesse distinguir os verdadeiros inimigos, pois, para o autor, a única coisa em comum entre os nazistas e os suábios seria a língua alemã. Em seguida, estabelece o grau de participação dos suábios (denominados nativos de um país cujo anfitrião é o outro) no conflito: de forma involuntária, ou por influência da propaganda nazista.

Essa representação está também presente no momento em que Elfes resume quem seriam os suábios do Danúbio de 1971:

---

<sup>397</sup> Ibidem.

<sup>398</sup> Ibidem.

<sup>399</sup> Ibidem. p.19-20.



Apesar de terem vivido muitas gerações fora da área cultural e lingüística propriamente alemã, os suábios do Danúbio de Entre Rios sentem-se como alemães, pertencentes, porém a um grupo de características definidamente próprias e hoje esparsos pela Europa ocidental e América. Em seu destino reflete-se um pedaço da turbulenta história européia. Expulsão e longos anos de permanência nos campos de refugiados terminaram com todas as suas esperanças de jamais poderem retornar à pátria. Assim, olham para frente e procuram crescer dentro da nova ordem em que agora se situam. Nisto seguem o exemplo de seus antepassados como pioneiros agricultores.<sup>400</sup>

O restante do livro de Elfes é dividido em temas que descrevem os campos do Paraná, alguns aspectos das colonizações européias anteriores, um panorama do município de Guarapuava, o desenvolvimento econômico do Paraná e principalmente o da colônia Entre Rios. O relato apresenta riqueza de dados e cifras sobre a produção agrícola, assim como mapeia valores referentes aos custos da produção, às ações da cooperativa, aos aspectos demográficos, à situação cultural, alguns aspectos negativos e por fim a relação da colônia com seus *derredores*.

Com relação aos aspectos demográficos, Elfes calculou a população da colônia, em 1971, em 3.500 habitantes, dos quais aproximadamente 2.000 eram membros do que ele denomina *operariado brasileiro*.<sup>401</sup> Nesta afirmação temos a construção de outro sujeito coletivo: o *operariado brasileiro*, o que nos faz lembrar das queixas de Willi - personagem da peça teatral de Abeck - de que os brasileiros não queriam se submeter à condição de servos dos suábios. Ao nomeá-los dessa maneira, de modo semelhante a Abeck, Elfes também demarca o papel destinado aos brasileiros da colônia: o de serem coadjuvantes na construção de Entre Rios.

Acerca da situação cultural, chama a atenção a divisão que o autor estabelece entre os suábios. Elfes divide-os em três grupos. O primeiro seria formado por indivíduos que fugiram de sua antiga pátria como adultos, sendo que muitos deles lutaram na guerra. Segundo ele, este grupo concebia o Brasil como um (...) *hospitaleiro país de asilo – o é ainda –*

---

<sup>400</sup> Ibidem. p. 22.

<sup>401</sup> Ibidem. p. 62-63.

*oferecendo-lhes proteção, espaço vital e base de existência econômica – mas nunca tornou-se-lhes uma segunda pátria (...).*<sup>402</sup> Nesse sentido, Elfes diagnostica-os como pessoas que (...) *nunca conseguiram superar completamente o choque sofrido com a expulsão e apresentam sentimentos de nostalgia (...)*<sup>403</sup> e complementa que, mesmo usufruindo do êxito econômico, (...) *muitos não conseguiam enraizar-se no novo ambiente, permaneceram inquietos, tendendo a um certo isolamento quando em ambiente estranho (...).*<sup>404</sup>

A explicação para esse comportamento Elfes encontra na relação com outros grupos:

Este fenômeno sempre se observa em grupos emigrados de sua pátria sob pressão ou perseguição política ou ideológica, ao contrário de movimentos migratórios espontâneos, cujos participantes sempre se ambientam muito mais rapidamente ao novo mundo. Uma população de agricultores que, devido às condições de seu trabalho, não podem viajar muito, sofrendo, inevitavelmente, a carência de contatos, só bem devagar pode apreender uma nova língua, adquirindo poucos conhecimentos e experiências novas além dos limites mais estreitos de seu trabalho diário.<sup>405</sup>

De acordo com Elfes, é desse grupo o maior número de pessoas que retornaram para a Europa. Quanto à situação dos filhos nascidos no Brasil e que permaneceram na colônia, Elfes afirma que (...) *conhecem suas regiões de origem somente por meio de narrações de seus pais ou talvez de seus avós (...).*<sup>406</sup> Portanto, diferentemente de seus pais, para essa geração (...) *Entre Rios, Guarapuava, Paraná, são sua Pátria (...).*<sup>407</sup> Além de falar a língua portuguesa, os membros dessa geração (...) *passam facilmente por cima de eventuais ressentimentos do grupo e encaram o futuro brasileiro cheios de confiança se já tem idade para tanto.*<sup>408</sup>

Entre esses grupos, Elfes situa um terceiro, que ele adjetiva como (...) *mais castigado, cuja lembrança é assombreada pela guerra e seus efeitos (...).*<sup>409</sup> Tal grupo seria composto

<sup>402</sup> Ibidem. p. 93.

<sup>403</sup> Ibidem. p. 94.

<sup>404</sup> Ibidem.

<sup>405</sup> Ibidem.

<sup>406</sup> Ibidem.

<sup>407</sup> Ibidem.

<sup>408</sup> Ibidem.

<sup>409</sup> Ibidem.

por pessoas que passaram sua infância e adolescência nos campos de refugiados na Europa e que (...) *guardam da velha pátria nada mais do que imaginações imprecisas, a não ser através de narrações e de literatura.*<sup>410</sup>

O estado traumático destas pessoas, para Elfes, foi agravado pelo fato de terem sofrido restrições relacionadas à instrução escolar. Ele ressalta que isso aconteceu tanto na Europa como depois no Brasil. Em função disso, estes ficaram (...) *expostos ao perigo de submergir no primitivismo cultural (...).*<sup>411</sup>

Mas no parágrafo seguinte, Elfes mostra que essa situação foi modificada a partir de 1966, com a instalação de uma Escola Central e, em 1968, com a fundação do Ginásio Imperatriz Dona Leopoldina e do Lar da Juventude, onde se (...) *cultiva música e folclore.*<sup>412</sup> Chama a atenção, o cuidado do autor em demonstrar o interesse e o florescimento cultural na colônia, ao citar o número de televisores (58), rádios (260), toca-discos (175) e 38 gravadores de som.<sup>413</sup> Tais equipamentos tornavam possível a participação dos colonos na (...) *vida econômica, política e cultural do país.*<sup>414</sup> Portanto, (...) *o perigo do isolamento e de esterilidade cultural foi afastado.*<sup>415</sup>

Quanto aos aspectos negativos, estes estariam ligados justamente ao fator que propiciou o desenvolvimento econômico da colônia: a rotação entre soja e trigo. Devido à especialização nessas culturas, Elfes observa a aceleração do processo de erosão, além da subutilização da mão-de-obra, formada por (...) *trabalhadores ambulantes que vivem na orla da colônia (...) em favelas e em precárias condições econômicas e sociais que vêm por sua vez influir negativamente na harmonia social da Colônia.*<sup>416</sup>

---

<sup>410</sup> Ibidem.

<sup>411</sup> Ibidem. p. 94.

<sup>412</sup> Ibidem. p. 98.

<sup>413</sup> Ibidem.

<sup>414</sup> Elfes cita também a existência de 75 famílias que possuíam algum tipo de instrumento. Ibidem.

<sup>415</sup> Ibidem. p. 107.

<sup>416</sup> Ibidem. p. 105.

Elfes lembra que, embora ocorresse situação semelhante nas regiões do país produtoras de açúcar, em Entre Rios isso poderia levar a (...) *perigosas interpretações chauvinistas*.<sup>417</sup> Mas ao final, ele indica também que, embora o problema persista ainda nas propriedades rurais, a cooperativa (...) *oferece mediante seu extenso programa de industrialização, muitas vagas novas e possibilidades de ganho, agindo assim como estabilizador social*.<sup>418</sup>

Ao final do livro, Elfes apresenta a seguinte conclusão:

Os suábios em conexão com outros grupos colonizadores dos campos gerais ajudaram a vencer o tradicional modo de pensar que conduz à estagnação econômica e social, indicando novos caminhos no cultivo do solo. O valioso trabalho dos colonos deve ser avaliado como o de uma equipe, executado dentro do grupo, com a conjugação de forças, contando, porém com o auxílio comunitário dos homens de seus arredores. Os suábios do Danúbio formam seres humanos que caíram, imerecidamente, na maior das penúrias, porém, que finalmente, encontraram a ajuda de outros seres humanos. Era gente com coragem para arcar com responsabilidades coletivas e individuais e que tinha e tem ainda a capacidade de dar conta de tais responsabilidades.<sup>419</sup>

O texto de Elfes contém 30 fotografias, cuja autoria é creditada a Karl Schaeffer, colono e secretário, durante alguns anos da cooperativa.<sup>420</sup> Semelhante ao texto de Frösch, tais imagens servem como ilustração, como evidências do passado e do presente (1971) e para reforçar o sentido das afirmações escritas, pois são acompanhadas por frases que explicam a imagem.

Para exemplificar esse aspecto do livro de Elfes, selecionamos oito fotografias.<sup>421</sup>

---

<sup>417</sup> Ibidem.

<sup>418</sup> Ibidem.

<sup>419</sup> Ibidem. p. 111.

<sup>420</sup> Ibidem. p. 113.

<sup>421</sup> Queremos enfatizar que neste trabalho não trataremos, por exemplo, do contexto de produção das imagens, mas apenas dos sentidos que Elfes - e os autores do livro *Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana*, que será analisado em seguida - atribuiu às imagens fotográficas. Sobre a relação história-conhecimento e a fotografia, ver: BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. BURKE, Peter. **Testemunha Ocular. História e Imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

A primeira fotografia (fig. 07) é do desembarque de um grupo de imigrantes no porto de Santos. Não há a identificação individual das pessoas, nem a data ou nome da embarcação. Em primeiro plano vemos dois homens e uma mulher. Na legenda, todos são identificados apenas como sujeitos coletivos: os imigrantes.

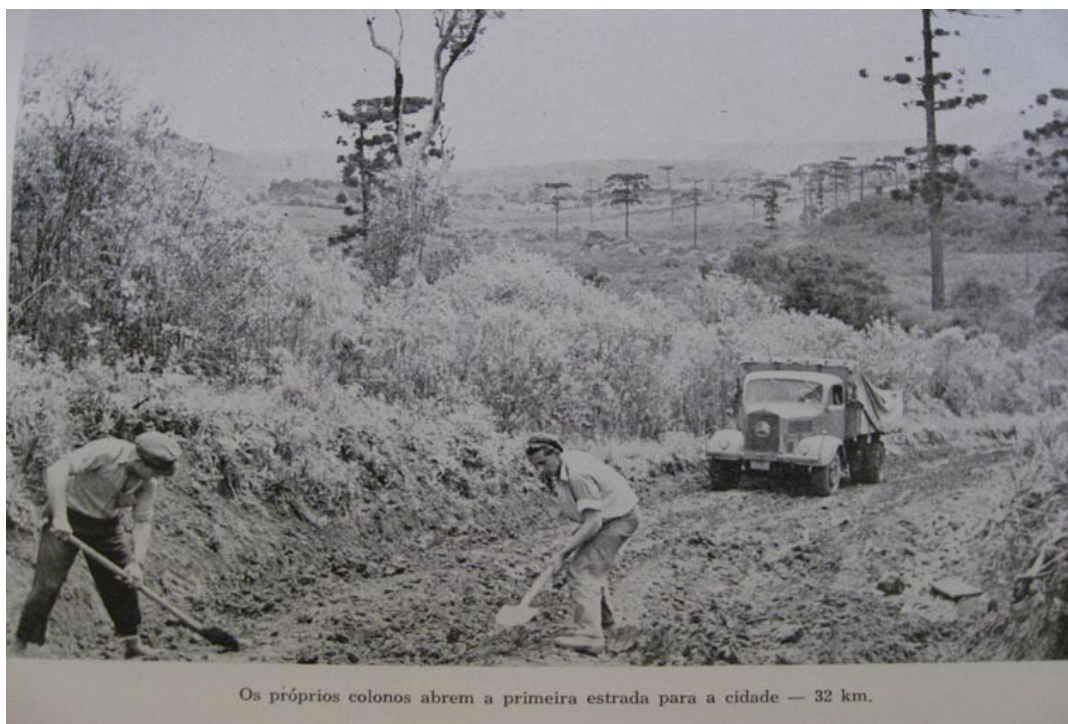
Figura nº 07: Desembarque de imigrantes suábios do Danúbio no porto de Santos.



FONTE: ELFES, Albert. **Op. Cit.**

Na segunda fotografia (fig. 08) temos à frente dois homens empunhando pás. Ao fundo está um caminhão parado. As rodas traseiras possuem correntes, instrumento utilizado para trafegar em estradas não pavimentadas em períodos de chuva. Novamente não temos as datas e a identificação dos fotografados. Ambos são identificados como colonos, mas é de se supor que poderiam ser motoristas da cooperativa. Embora a legenda afirme que se trata da abertura da primeira estrada, os instrumentos utilizados, bem como as correntes nas rodas traseiras do caminhão, nos leva a deduzir que eles estão apenas consertando um pequeno trecho da estrada que foi danificado pela chuva.

Figura nº 08: Reparos na estrada que liga a Colônia à Guarapuava



FONTE: Ibidem.

Na terceira fotografia (fig. 09), observamos um trator arando o solo. A legenda afirma que se trata da primeira aração, que marca a transformação do campo em terra para a agricultura. Na imagem seguinte (fig. 10), vemos a estrada inundada pela chuva e ao fundo um homem ao lado do trator. A legenda informa que é a chuva o fenômeno que causa a destruição das estradas. Esta é a única fotografia que indica um problema da colônia. É luta entre o suábio e a natureza. Portanto, temos silenciados outros elementos indicadores dos problemas da colônia, como as desconfianças entre colonos e dirigentes da cooperativa, os erros de planejamento, a má adaptação dos suábios neste ambiente, etc.

Figura nº 09: Imagem do preparo do solo na Colônia Entre Rios



FONTE: Ibidem.

Figura nº 10: Imagem de uma estrada alagada pela chuva em Entre Rios



FONTE: Ibidem.



Nas imagens seguintes, temos cenas que procuram mostrar o desenvolvimento da agricultura da colônia e as festividades. É o que podemos perceber na fotografia (fig. 12) que mostra o ministro da Agricultura Cirne Lima, ao lado de Mathias Leh, recebendo um ramalhete de flores de uma criança vestida tipicamente. Ao fundo, há dois fotógrafos. A imagem procura simbolizar o comprometimento dos suábios com o estado brasileiro e a manutenção de sua cultura, simbolizada pelo traje da criança.

Figura nº 11: Imagem da visita do Ministro da Agricultura Cirne Lima à Entre Rios



FONTE: Ibidem.

Os dois elementos - comprometimento com a nova pátria e a manutenção de seu patrimônio cultural - podem ser vistos nas três imagens seguintes. Na primeira (fig. 12), temos a colheita mecanizada e o trabalho se estendendo inclusive durante a noite - o que é

ênfâtizado na legenda. Nas duas imagens seguintes (fig. 13 e 14), temos grupos folclóricos posando à frente de uma lavoura de trigo. Ao fundo há a seguinte inscrição: *juventude a esperança do futuro*.<sup>422</sup> Ao lado, há um casal também trajado tipicamente. A inscrição é: *enfrentando novas responsabilidades*.<sup>423</sup> A junção, na mesma fotografia, de imagens de máquinas modernas e de pessoas vestindo trajes típicos procura relacionar a modernidade - o uso de máquinas - à projeção do futuro, cuja marca é a permanência do patrimônio cultural.

Figura nº 12: Imagem de uma colheita realizada durante a noite em Entre Rios



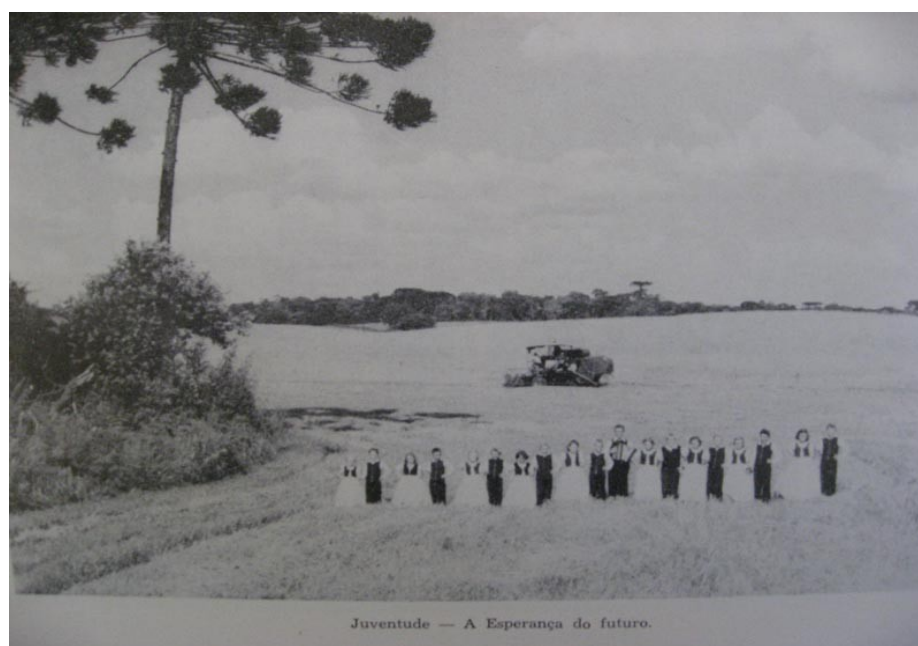
FONTE: Ibidem.

Figura nº 13: Um grupo folclórico de Entre Rios

---

<sup>422</sup> Ibidem.

<sup>423</sup> Ibidem.



FONTE: Ibidem.

Figura nº 14: Casal trajado com roupas típicas



FONTE: Ibidem.

Como se percebe, as fotografias não são auto-explicáveis. Seu significado é indicado pelo autor do livro. É por meio delas que se indica a leitura do passado, presente e futuro,

dotado de um sentido histórico que conjuga a produção de cereais, por meio do uso de máquinas, e a manutenção do seu patrimônio cultural, representado por jovens com trajes suábios.

Em 1976, quando das comemorações dos 25 anos da colônia, foi publicado o livro intitulado *Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana*.<sup>424</sup> Como o título indica, o livro é formado por fotografias acompanhadas de pequenos textos explicativos redigidos nas línguas alemã e portuguesa.<sup>425</sup> De acordo com Karl Leh, o objetivo era elaborar um texto diferenciado daquele das comemorações dos 20 anos da colônia.

Nós tínhamos o material escrito para as comemorações dos vinte anos da colônia, que era, talvez, de um nível técnico mais elevado. Era o livro de Albert Elfes intitulado “Suábios no Paraná”. Para as comemorações dos 25 anos, nós estávamos procurando alguma coisa nova, não queríamos ir pelo mesmo caminho de Elfes. Queríamos fazer um documentário visual, que atingisse um público maior, pois o livro de Elfes era um pouco elitista em alguns temas abordados.<sup>426</sup>

A primeira imagem é um mapa que mostra regiões do Sudeste europeu de onde vieram os colonos de Entre Rios (*Ehemalige Heimatgebiete der Siedler von Entre Rios*), seguida do prefácio, cuja primeira frase indica o “motor” da história dos suábios, pelo menos até a publicação do livro: as guerras. Vejamos o texto.

Guerras interferem profundamente na vida dos povos. Afirmção válida também para as guerras do império austro-húngaro contra os turcos, ocorridas entre 1683 e 1718, e que resultaram para a Áustria numa expansão territorial e no estabelecimento de condições para a emigração de alemães, os atuais suábios do Danúbio de suas terras de origem junto ao Reno Meno e Danúbio. Radicaram-se no baixo Danúbio, junto ao Theiss e ao Marosch. (...) Nas primeiras décadas muitos colonos foram dizimados por epidemias nas regiões pantanosas das baixadas panônicas; não obstante, o espírito pioneiro dos sobreviventes permaneceu inquebrantável. Nos 250 anos de obra colonizadora transformaram uma terra até então escassamente aproveitada num celeiro da Europa.<sup>427</sup>

<sup>424</sup> COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA. **Op. cit.**

<sup>425</sup> A redação em língua alemã foi realizada por Jakob Lichtenberger, a produção e tradução para língua portuguesa por Karl Leh, Herbert O. Koenig e Josef Lehmann. As fotografias são de Karl Schäffer, W. Jesco von Puttkamer e Franz Hermann. *Ibidem*.

<sup>426</sup> LEH, Karl. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 13 de outubro de 2007. A.A

<sup>427</sup> COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA **Op. Cit.**

Embora tenham experimentado reveses, inclusive a morte de muitos, o texto apresenta algo que não é derrotado: “o espírito pioneiro” deste povo. No final do trecho, pode-se traçar um paralelo entre o ambiente que eles encontraram na região do baixo Danúbio com o dos campos de Guarapuava: o subaproveitamento das terras e a sua transformação em solos altamente produtivos. Lá, para alimentar a Europa e aqui para produzir, principalmente, trigo para os brasileiros.

O segundo parágrafo inicia com a Primeira Guerra Mundial. Entretanto, há apenas a afirmação de que após o conflito, a área onde os suábios viviam foi repartida entre Hungria, Iugoslávia e Romênia. O parágrafo trata então da Segunda Guerra Mundial, ou melhor, do final dela, da seguinte forma:

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando avançava o Exército Vermelho, muitos suábios do Danúbio, da Romênia, Hungria e Iugoslávia abandonaram as terras onde se haviam radicado, fugindo rumo a oeste, tão somente para salvar suas vidas. A maioria dos alemães que permaneceram na Iugoslávia por sua fé, morreu nos campos de extermínio comunistas.<sup>428</sup>

Como nos dois conflitos anteriores, não há a descrição dos mesmos nem o papel desempenhado pelos suábios. Nestes episódios, eles são atores passivos. Sua participação não se dá pela opção em algum lado do conflito, mas em função de um motivo religioso, a “fé cristã”. Eles são novamente identificados como os defensores da cristandade, identificação que permanece no tempo e, portanto, nas gerações que se seguem. Antes, contra os turcos otomanos e na Segunda Guerra contra exército vermelho, representados como inimigos da cristandade.

O terceiro parágrafo afirma que, após *anos de desalento acendeu-se em 1951 uma chama de esperança para uma pequena parcela dos refugiados na Áustria (...)*<sup>429</sup> A chama é

---

<sup>428</sup> Ibidem.

<sup>429</sup> Ibidem.

representada pela *Schweizer Europahilfe*, que encaminhou as 500 famílias para o município de Guarapuava, onde sob a direção de Michel Moor foi fundada a cooperativa Agrária. Ao final do parágrafo, é reforçado o papel da cooperativa como grande suporte aos colonos na nova terra: (...) *Foi a Agrária que assistiu os colonos em suas fases de privação e continua hoje a garantir e coordenar os interesses econômicos, sociais e culturais da comunidade.*<sup>430</sup>

Ao final do prefácio é apresentado o objetivo do livro, como sendo uma (...) *tentativa de documentar vida e realizações dos colonizadores suábios em sua nova pátria.* Neste caso, documentar é também prestar contas aos leitores suábios, em língua alemã, e aos leitores brasileiros, daí a língua portuguesa. Procura-se demonstrar a gratidão ao Brasil, bem como as vantagens para o país que esta colonização proporcionou:

(...) Os órgãos governamentais brasileiros deram todo apoio aos imigrantes, abrindo-lhes todas as possibilidades para uma nova existência. Em 25 anos de colonização de Entre Rios, os pioneiros têm demonstrado, no planalto central do Paraná, que se fazem dignos das mãos que lhes estendem entidades governamentais brasileiras e européias. Seus conhecimentos técnicos, seu espírito empreendedor, sua aplicação e tenacidade deram início ao “Milagre do Trigo” no Paraná. Ainda hoje é notável a contribuição dos camponeses suábios na produção agrícola em sua nova pátria, o Brasil.<sup>431</sup>

O restante do livro é composto por 173 fotografias que são acompanhadas por pequenos textos que mostram o sentido que se deve extrair das mesmas, da mesma forma que as do livro de Elfes. No entanto, nesse livro, a narrativa busca retratar a história dos suábios desde o período em que os antepassados dos colonos viviam na Europa.

Para exemplificar a construção desta narrativa, selecionamos dez imagens. Na primeira (fig. n.º15), temos a junção de duas imagens. Na superior vemos um grupo composto por homens, mulheres e crianças que carregam pequenas trouxas. Ao lado temos um pequeno texto, escrito em língua alemã e portuguesa, que afirma que se trata da saída dos antepassados

---

<sup>430</sup> Ibidem.

<sup>431</sup> Ibidem.

dos suábios do Danúbio de suas terras natais, situadas junto aos rios Reno, Meno e Danúbio, para (...) *colonizar as terras reconquistadas aos turcos* (...).<sup>432</sup>

Na imagem inferior visualizamos cinco homens e uma mulher, que está sentada em uma pilha de madeira, e ao fundo duas casas, sendo uma parcialmente coberta. Um dos homens está com um papel em uma das mãos e por meio de um gesto com a outra indica para os demais uma das casas, o que sugere que se trata do chefe do grupo. Ao lado temos a inscrição que afirma ser a imagem da (...) *chegada dos imigrantes na nova terra, no baixo Danúbio, junto aos rios Theiss e ao Marosch*.<sup>433</sup>

Ao lado há duas gravuras de documentos (fig. n.º16) datados de 1774, sendo um, em função da imigração, que dispensa um dos colonos de seus deveres de súdito do ducado de Siegen na Alemanha, e o outro que confere a posse das terras no Banat, legitimando-a. Tais documentos são transformados em monumentos,<sup>434</sup> pois embora tenham sido elaborados em função de um único indivíduo, sua presença no livro indica que seu sentido é coletivizado, passando a representar os demais imigrantes da época.

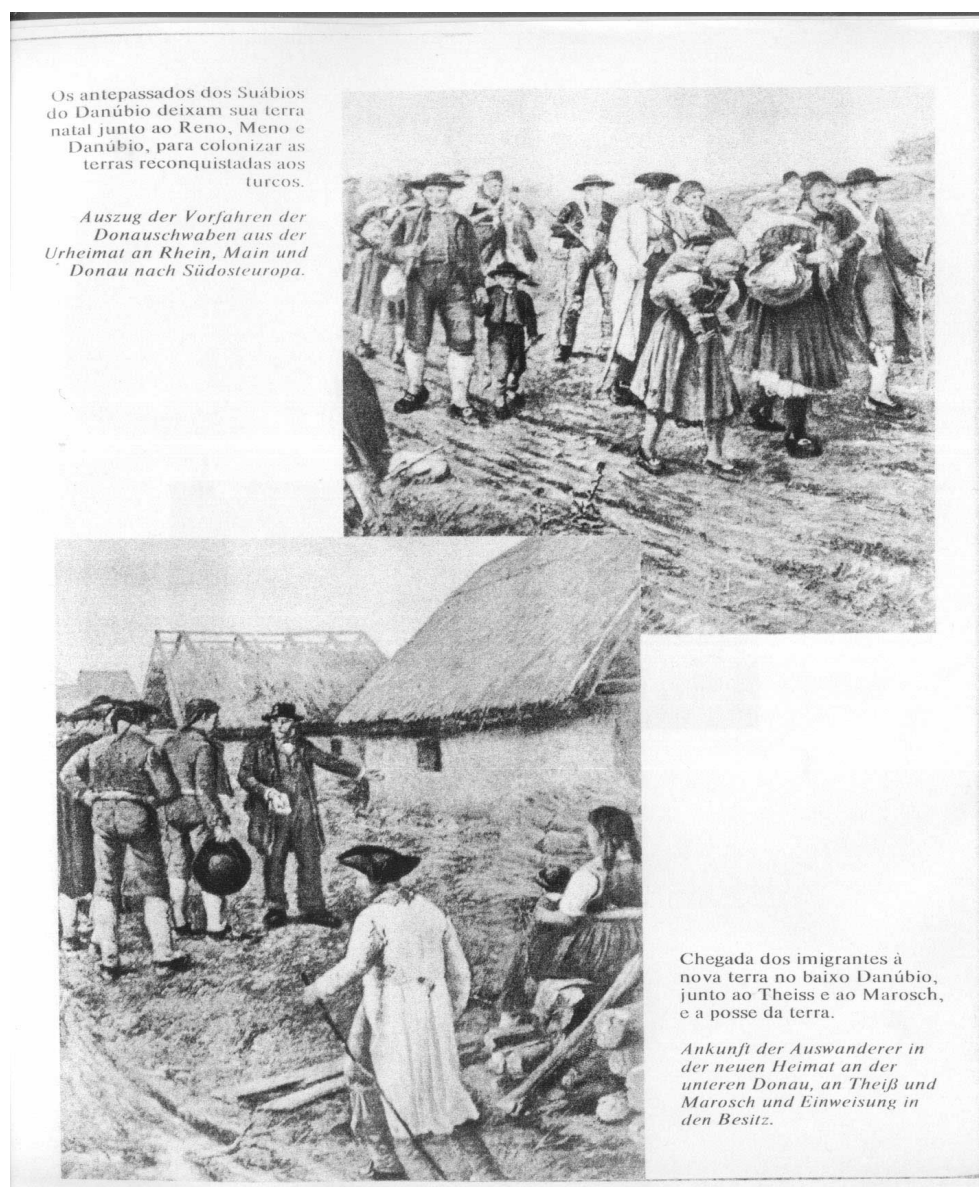
Figura nº 15: Início da ocupação das áreas do Sudeste Europeu pelos antepassados dos suábios do Danúbio

---

<sup>432</sup> Ibidem.

<sup>433</sup> Ibidem.

<sup>434</sup> Sobre a relação documento e monumento ver, LE GOFF, Jacques. **Op. cit.** p. 525- 541.



FONTE: COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA. **Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana.** Campinas: CARTGRAF Ltda. 1976.

Figura nº 16: Documentos de Georg Jung, referentes à sua emigração da Alemanha (esquerda) e à posse de terras na Hungria (direita).





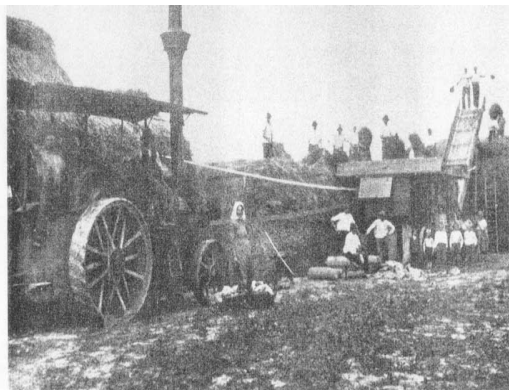
*casa de alvenaria.* <sup>436</sup> Na fotografia situada à direita, temos um casal de noivos vestindo trajes de casamento, com a afirmação de que a (...) *noiva, na maioria das aldeias, se trajava de preto.* <sup>437</sup> Nestas imagens, temos um sentido que visa apresentar os suábios como um grupo coeso, com as mesmas aspirações, pois utilizariam máquinas, possuiriam casas de alvenaria e adotariam a mesma vestimenta em casamentos.

Figura n.º 17: Aspectos da vida dos suábios no Sudeste Europeu

---

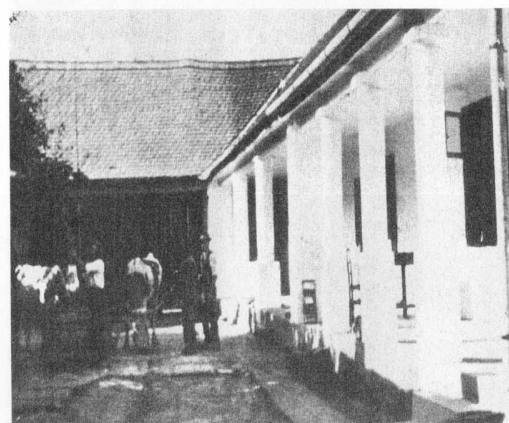
<sup>436</sup> Ibidem

<sup>437</sup> Ibidem.



A introdução da máquina no processo agrícola sempre foi o objetivo dos colonizadores.

*Der Drusch mit Dampfmaschine, Dreschkasten und Elevator bildete den Höhepunkt des bäuerlichen Jahres.*



Desenvolvendo a primitiva casa de chão de terra batida e coberta de junco, os colonizadores chegaram à imponente casa de alvenaria.

*Vom primitiven erdstampften und schiffgedeckten ersten Siedlerhaus entwickelten die Kolonisten mit der Zeit ein stattliches Triangelhaus.*



Um casal na celebração do casamento. A noiva, na maioria das aldeias, se trajava de preto.

*Ein Hochzeitspaar. Die Braut trug in den meisten Dörfern schwarze Tracht.*

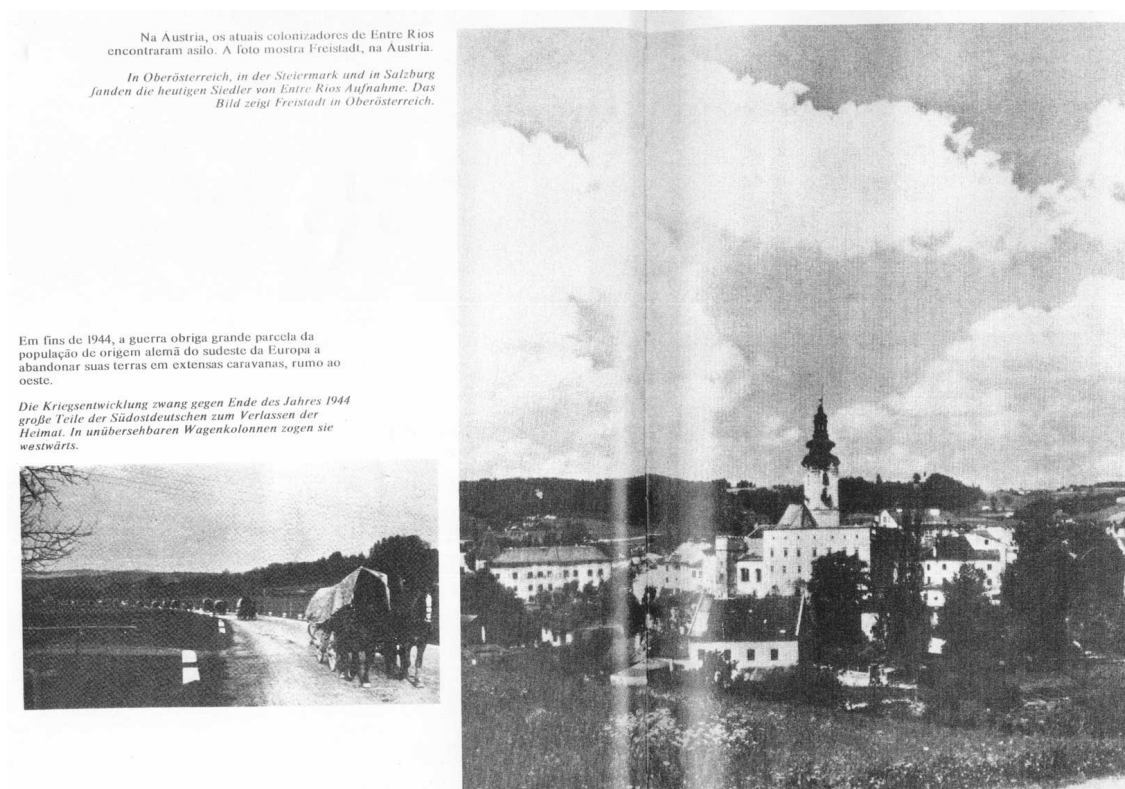
FONTE: *Ibidem.*

Na seqüência, há duas fotografias (fig. n.º 18). À esquerda observamos uma caravana de carroças. A legenda informa o seguinte: *Em fins de 1944, a guerra obriga grande parcela da população de origem alemã do sudeste da Europa a abandonar suas terras em extensas caravanas, rumo ao oeste.*<sup>438</sup> Ao lado, há uma imagem parcial de uma pequena cidade, cuja legenda afirma se tratar da cidade de Freistadt, na Áustria, onde os (...) *os atuais colonizadores de Entre Rios encontraram asilo.*<sup>439</sup> Não há informações sobre os motivos da fuga, ou sobre a guerra.

<sup>438</sup> *Ibidem.*

<sup>439</sup> *Ibidem.*

Figura n.º 18: Fuga dos suábios do Sudeste Europeu (esquerda) e vista parcial de Freistadt, na Áustria, onde muitos se refugiaram (direita).



FONTE: Ibidem.

Na seqüência (fig. ° 19) há três fotografias cujo tema é a vida do grupo na Áustria. A primeira apresenta uma mulher, à frente de uma casa, esvaziando um balde. Na legenda, as habitações são descritas como *barracas e alojamentos primitivos*.<sup>440</sup> Abaixo há quatro homens que representam (...) *um aglomerado de seres humanos aguardando futuro incerto*.<sup>441</sup> A seguir, temos uma fotografia que mostra nove pessoas, sorrindo e segurando nas mãos papéis descritos pela legenda como sendo os documentos de viagem. A cena é descrita por meio das seguintes palavras: *Seus rostos refletem novas esperanças*.<sup>442</sup> A outra é um

<sup>440</sup> Ibidem.

<sup>441</sup> Ibidem.

<sup>442</sup> Ibidem.

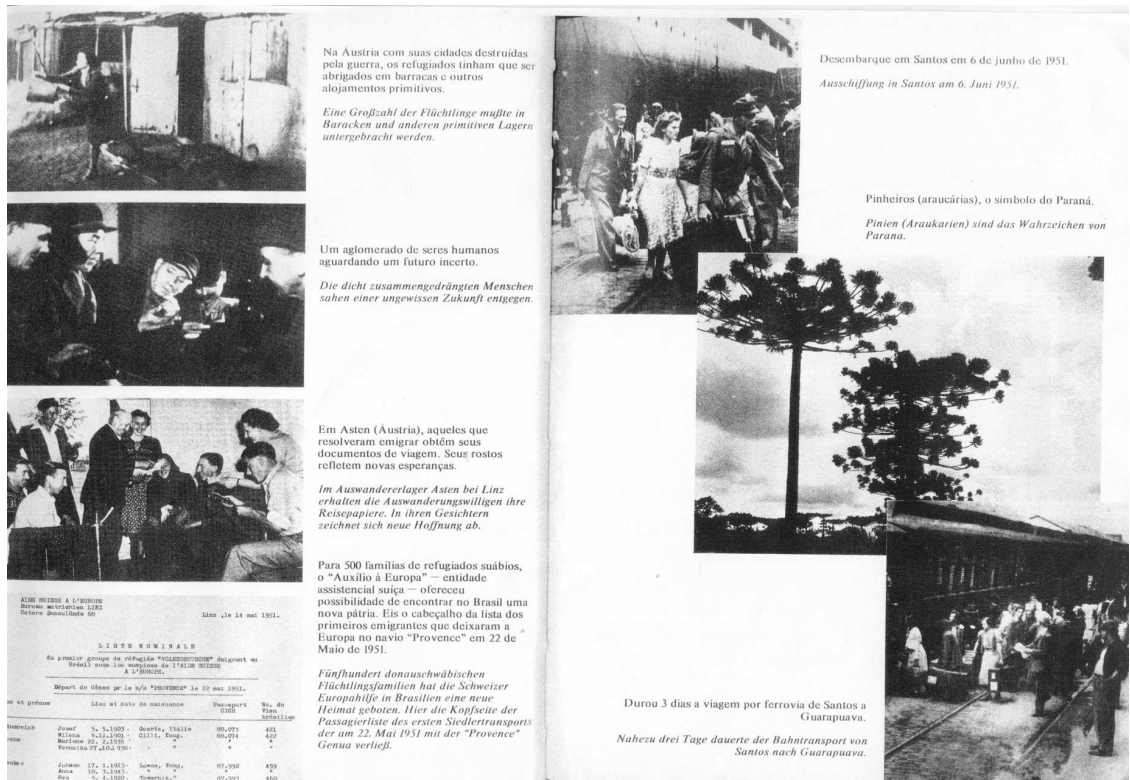
fragmento de uma das listas com os nomes das pessoas que viriam para o Brasil, descrito como o local que possibilitaria o *encontro de uma nova pátria*.<sup>443</sup>

Nas três fotografias ao lado, observa-se o desembarque do primeiro grupo no porto de Santos, duas araucárias, descritas como símbolos do Estado do Paraná e, abaixo, o embarque em trens para a viagem até Guarapuava.

Figura nº 19: Imagens de suábios refugiados na Áustria (esquerda), sua chegada ao Brasil e a viagem para Guarapuava (direita).

---

<sup>443</sup> Ibidem.



Na Áustria com suas cidades destruídas pela guerra, os refugiados tinham que ser abrigados em barracas e outros alojamentos primitivos.

*Eine Großzahl der Flüchtlinge mußte in Baracken und anderen primitiven Lagern untergebracht werden.*

Um aglomerado de seres humanos aguardando um futuro incerto.

*Die dicht zusammengedrängten Menschen sahen einer ungewissen Zukunft entgegen.*

Em Asten (Áustria), aqueles que resolveram emigrar obtêm seus documentos de viagem. Seus rostos refletem novas esperanças.

*Im Auswandererlager Asten bei Linz erhalten die Auswanderungswilligen ihre Reisepapiere. In ihren Gesichtern zeichnen sich neue Hoffnung ab.*

Para 500 famílias de refugiados suábios, o "Auxílio à Europa" — entidade assistencial suíça — ofereceu possibilidade de encontrar no Brasil uma nova pátria. Eis o cabeçalho da lista dos primeiros emigrantes que deixaram a Europa no navio "Provence" em 22 de Maio de 1951.

*Fünfhundert donauschwäbischen Flüchtlingsfamilien hat die Schweizer Europäische in Brasilien eine neue Heimat geboten. Hier die Kopfseite der Passagierliste des ersten Siedlertransports der am 22. Mai 1951 mit der "Provence" Genau vertieft.*

Desembarque em Santos em 6 de junho de 1951.  
*Ausschiffung in Santos am 6. Juni 1951.*

Pinheiros (araucárias), o símbolo do Paraná.  
*Pinien (Araukarien) sind das Wahrzeichen von Paraná.*

Durou 3 dias a viagem por ferrovia de Santos a Guarapuava.  
*Nahezu drei Tage dauerte der Bahntransport von Santos nach Guarapuava.*

ALTO BRUNO A L'EUROPE  
Bureau migrations SCS  
Bureau donauswabes de

Le 14 mai 1951.

S I S S E K O W I N A L D  
du premier groupe de réfugiés "EUROPEENNES" désigné au travail pour les montagnes du VAL DE BRUNO A L'EUROPE.

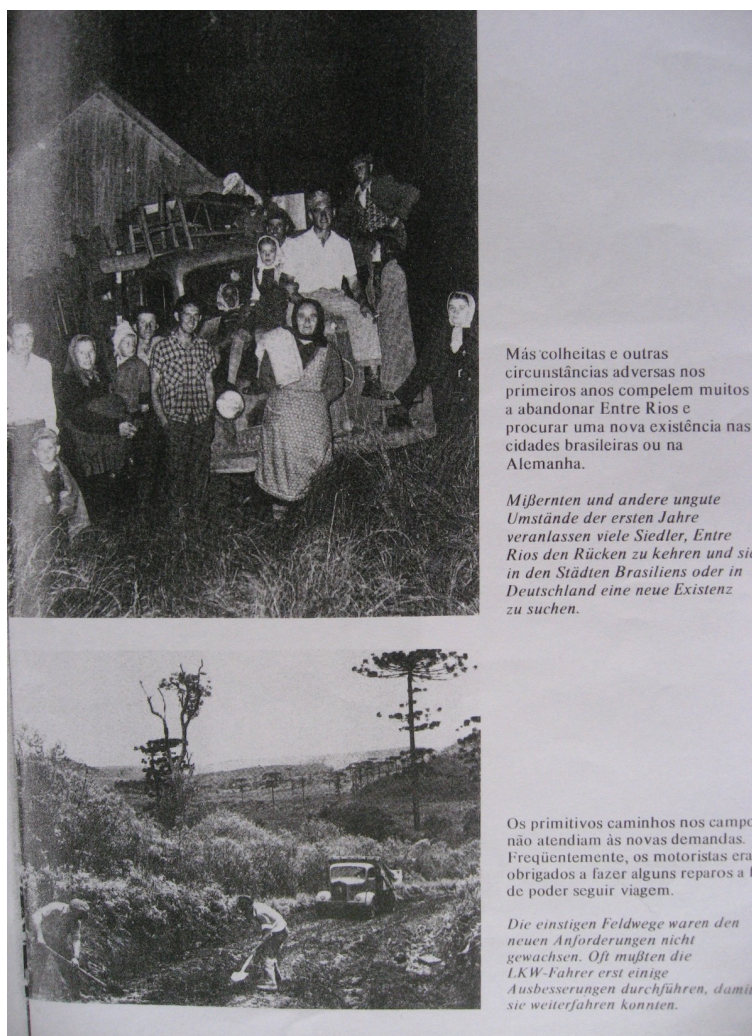
Départ de Gênes par le s/s "PROVENCE" le 20 mai 1951.

| no et prénom | Letra et date de naissance   | Numéro de passe | No. de visa |
|--------------|------------------------------|-----------------|-------------|
|              |                              | 010             | 0001110     |
| Joséph       | 5. 5. 1905 - Oberth, Sibille | 00,073          | 420         |
| Maria        | 6.11.1903 - Ollit, Seng-     | 00,074          | 420         |
| Maria        | 22. 1. 1905 - "              | "               | "           |
| Veronica     | 27.10.1905 - "               | "               | "           |
| Joséph       | 17. 1. 1901 - Sauer, Ringl-  | 07,090          | 429         |
| Anna         | 18. 5. 1903 - "              | "               | "           |
| Paul         | 20. 6. 1900 - "Hornbach,"    | 07,091          | 430         |

FONTE: *Ibidem.*

As 18 páginas seguintes do livro apresentam fotografias que visam retratar o trabalho coletivo e o desenvolvimento da colônia, que é representado por meio de imagens de colheitas e debulha do trigo. Em apenas três fotografias, temos representados os momentos de dificuldades. De maneira semelhante à interpretação presente em *Elfes*, os problemas são causados pela chuva. É o que podemos ver na seguinte imagem (fig. 20).

Figura nº 20: Imagens de uma família deixando a colônia (superior) e de dois homens realizando reparos na estrada que liga a Colônia à Guarapuava (inferior).



FONTE: Ibidem.

Como se pode ler na legenda da primeira fotografia, a destruição da plantação de trigo é atribuída às chuvas. Esse fenômeno natural seria o que motivou muitos suábios a saírem da colônia. A segunda fotografia é a mesma que está presente no livro de Elfes. Mas, enquanto que em Elfes a interpretação é positiva – é a abertura da primeira estrada que liga Entre Rios à Guarapuava – nesta ela é outra, é negativa, a começar pelo termo utilizado: *caminho primitivo*. A ação dos dois homens é também apresentada de outra forma: Não são dois

colonos abrindo a primeira estrada, mas motoristas fazendo reparos no caminho para poderem seguir viagem e escoar a produção da colônia.

Dali em diante, as fotografias só apresentam cenas de sucesso, de êxito: Colheitas, lavouras sendo pulverizadas com uso de aviões, exposição de gado, fotografias aéreas de modernas fazendas.

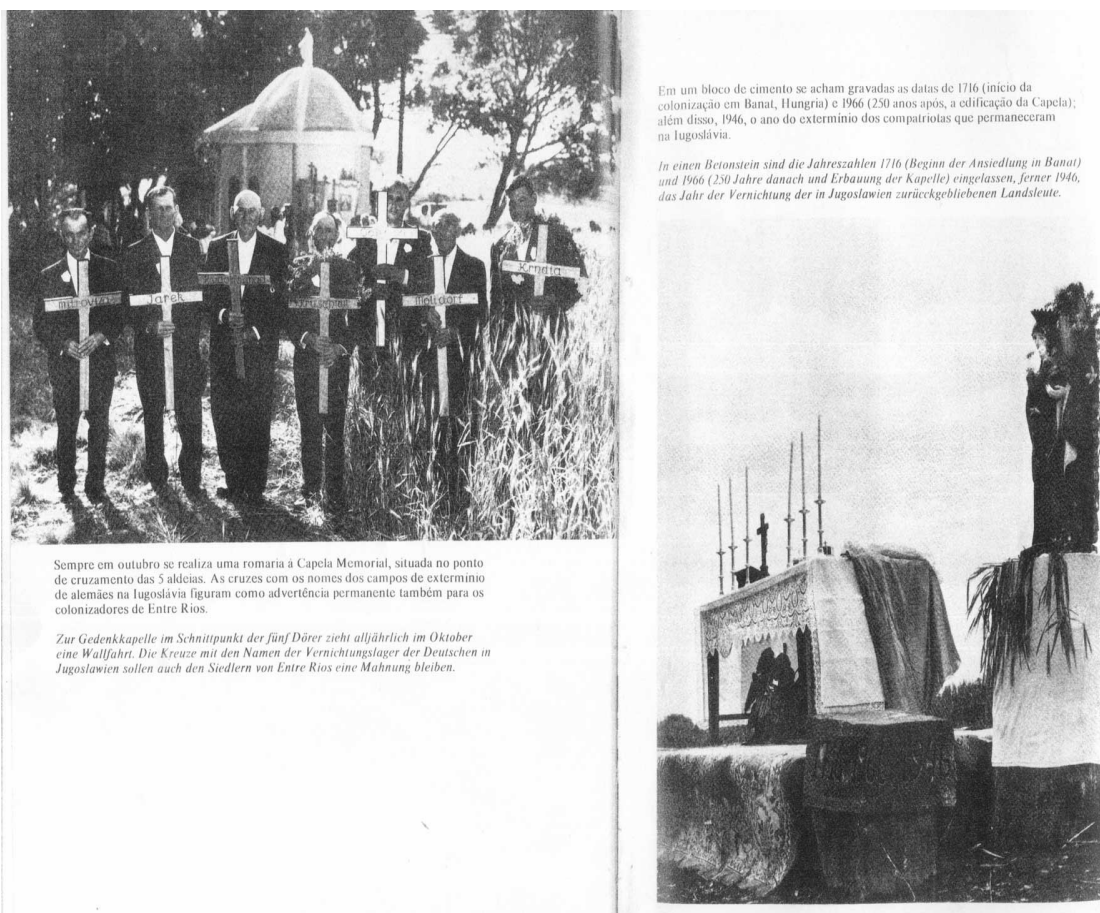
Há também fotografias cujos temas são os aspectos religiosos e culturais da colônia. Um dos aspectos religiosos que é reforçado por três fotografias é a *Wallfahrt* (fig. nº 21), uma procissão realizada anualmente, conduzida pelo padre e pelo pastor da Igreja Evangélica Luterana. A procissão é formada por grupos que partem de cada vila em direção a uma pequena capela situada na região central da colônia, que abriga a imagem de Santa Maria. Nesse ritual são carregadas cruzes que representam os campos de extermínio de alemães na Iugoslávia: Gakovo, Rudolfsnad, Jarek, Mitrovica, Krusevlje, Molidorf e Krndija.<sup>444</sup>

---

<sup>444</sup> TOZZETTO, Padre Jackson L. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 15 de outubro de 2007. A.A JANDREY, Pastor Milton. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Cachoeira: 15 de outubro de 2007. A.A;



Figura nº 21: Imagem da procissão que relembra os mortos em campos de extermínio na Iugoslávia (esquerda) e vista parcial do altar da Capela Memorial (direita).



FONTE: Ibidem.

De acordo com Padre José Werth, a procissão tem sua origem numa promessa feita pelos suábios, em conjunto com um padre, quando ainda estavam na Áustria: (...) *eles fizeram a seguinte promessa: se um dia tivessem mais uma vez uma chance de viver em uma nova terra, então eles iriam construir uma capela.*<sup>445</sup> A construção deste local, bem como o início das procissões, se deu quando o Padre Wendelin Gruber, que estaria com os suábios no momento da promessa, começou a atuar na colônia, o que ocorreu a partir de 1964.<sup>446</sup>

<sup>445</sup> WERTH, Padre José. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Guarapuava: 15 de outubro de 2007. A.A

<sup>446</sup> BOING, José. **Pfarrei Erzengel St. Michael von Entre Rios**. Entre Rios: 2006. Mimeo.

Na realização desta procissão, temos a transformação de uma experiência vivida por algumas pessoas em um passado partilhado pelo restante da comunidade suabia-danubiana de Entre Rios. Portanto, a *Wallfahrt* pode ser entendida como uma estratégia de construção de um mito que ancora a elaboração do sujeito coletivo suábio. Nessa perspectiva, nosso entendimento acerca do significado do mito acompanha a seguinte proposição de Alessandro Portelli:

(...) um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura.<sup>447</sup>

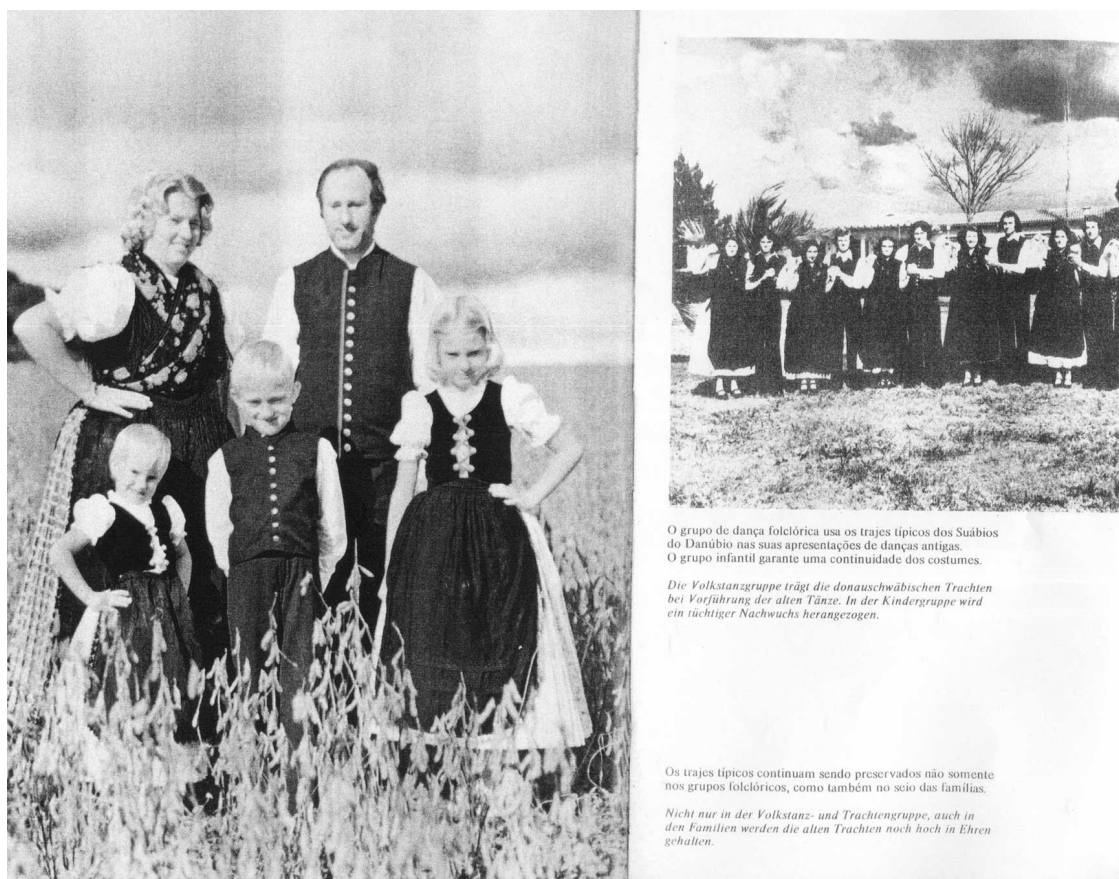
De maneira semelhante à comunidade pesquisada por Portelli, temos também em Entre Rios, na realização desta procissão, a constituição - de maneira solene - de um sentido sobre um acontecimento do passado que associa, por meio da ritualização e repetição anual, a identificação entre o sujeito suábio e a identidade cristã. É a sacralização da identidade e do passado do sujeito coletivo suábio, pois os acontecimentos passados passam a ser dotados de um sentido que extrapola a vontade dos homens. Sua explicação passa a situar-se no campo religioso e não mais somente na esfera das ações humanas.

Os aspectos culturais da colônia estão contemplados no livro por meio de fotografias de festas como as realizadas em função das comemorações da fundação da colônia, do museu histórico e de grupos folclóricos. No caso dos últimos, os melhores exemplos são as seguintes imagens (fig. nº 22).

---

<sup>447</sup> PORTELLI, Alessandro, O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 121.

Figura nº 22: Imagens de uma família suábica trajada tipicamente (esquerda) e de um grupo de danças folclóricas.



FONTE: Ibidem

Nestas duas imagens, e especialmente nas legendas, visualiza-se de forma clara o sentido que a publicação procura conferir à história dos suábios: o desenvolvimento progressivo e positivo da colônia, representado pela produção de cereais – motivo pelo qual os fotografados estão na lavoura – e a manutenção de seu patrimônio cultural, simbolizado pelos trajes típicos.

Tais aspectos positivos são apresentados na continuação do livro, por meio de imagens com os seguintes temas: o colégio, as visitas de políticos como o ex-governador Munhoz e o Ministro Cirne Lima e autoridades estrangeiras vindas da Áustria, Alemanha e Suíça, fotos de

não-suábios, empregados da cooperativa e de alguns fazendeiros suábios, as comemorações dos 150 anos da imigração alemã para o Brasil e, por fim, as instalações do moinho de trigo e informação de convênios entre a agrária e outras cooperativas do Paraná, cuja (...) *execução do projeto importa para a jovem geração de Entre Rios em uma nova missão.*<sup>448</sup>

Nessa perspectiva, não se trata de uma publicação que aborda somente o passado e o presente (1976) dos suábios e da colônia. Ela também aponta o futuro, que não é de rupturas, mas da necessidade de continuação - repetição- deste passado pelas novas gerações. É por meio delas que se busca perpetuar o grupo. As duas publicações não descrevem a história de ações individuais, mas de uma coletividade. Ser suábio, é fazer parte dessa história coletiva.

Além da publicação dos livros, a criação e a cristalização de uma memória coletiva suábia-danubiana deu-se por meio da constituição de outros suportes, como o museu da colônia, criado em 1971, e o *Jornal de Entre Rios*, em meados da década de 1980. Neles, também é possível verificar o enquadramento de memórias individuais, realizado por meio, por exemplo, da publicação de entrevistas de imigrantes suábios no referido jornal. É o tema do próximo capítulo.

---

<sup>448</sup> Ibidem.

## CAPÍTULO IV

### ***GUARDIÕES DA MEMÓRIA-IDENTIDADE***

Hoje atentos à necessidade de participar de um mundo multicultural, os suábios do Danúbio de Entre Rios e seus descendentes, ao lado do orgulho e da gratidão de ter no Brasil sua nova pátria, guardam o exemplo de seus antepassados e persistem para vencer os novos desafios: a profunda e rápida modernização da agricultura em tempos de globalização e a preservação das tradições que há séculos têm marcado sua própria identidade.<sup>449</sup>

A elaboração de um determinado sentido identitário do grupo suábio-danubiano está associada à constituição de uma memória coletiva. Como se pode notar na epígrafe acima, a coesão do grupo em torno de uma memória comum - inserida nas transformações tecnológicas do mundo contemporâneo – foi constituída por meio da produção de discursos sobre o passado, o presente e o futuro que pressionam as memórias individuais. Tais discursos devem ser compreendidos levando em consideração seus produtores e divulgadores - seus Guardiões - e os lugares de sua produção.

#### **4.1 *Heimatmuseum*: Um lugar da memória suábia**

Além da publicação do livro de Elfes, nas comemorações de 1971 houve a constituição do museu da colônia, inaugurado no dia 28 de outubro. Elisabeth Leh, esposa de Mathias, afirma que ele teve a idéia da constituição do museu em 1968, quando viajou para Sindelfingen, Alemanha, onde participou de um encontro dos *Donauschwaben*.<sup>450</sup> Ao saber do

<sup>449</sup> <http://www.agraria.com.br>. Acesso em 13 de março de 2007.

<sup>450</sup> LEH, Elisabeth M. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória, 18 de abril de 2006. A.A.

projeto de formação da *Haus der Donauschwaben*, que incluía a constituição de um museu, ele decidiu constituir um local semelhante em Entre Rios.<sup>451</sup>

De acordo com Elisabeth, Mathias Leh como presidente da cooperativa e também da comissão organizadora dos festejos, incumbiu a funcionária da cooperativa, Ingrid Schüssler, de organizar a montagem do museu. Schüssler, com a ajuda voluntária de sua mãe, Katharina Schüssler, Elisabeth Leh e de Theresia Roth, começaram então a solicitar à comunidade a doação de objetos como roupas antigas e antigos instrumentos domésticos e de trabalho na lavoura, bem como fotografias trazidas da Europa e também do período inicial da colônia, para comporem o acervo.<sup>452</sup> Como se pode notar, temos a materialização das palavras de Leh - presentes no preâmbulo do livro de Elfes - de que às mulheres caberia a tarefa de serem guardiãs da cultura suábica.

Katharina Hech era costureira e ficou encarregada, juntamente com Eva Heiser, de produzir alguns trajes que foram expostos no museu e também por alguns que seriam usados por componentes dos grupos folclóricos que se apresentariam na festa dos 20 anos da colônia. Ela narrou da seguinte forma o processo de obtenção dessas roupas:

Este foi o primeiro museu, era pequenininho. Ingrid e Elisabeth Leh juntaram os trajes, foram nas casas e os pediram, pois muita gente conseguiu fugir antes que os russos invadissem nossa terra. Então eles ainda tinham suas roupas, seus trajes antigos que eles usavam naquela época e em épocas mais para frente também. A Frau Leh foi pedir dos parentes, da sogra, inclusive há o vestido de noiva da sogra dela aqui no museu. Depois ela foi pedir para os conhecidos, a família dela é grande, tinha muita gente de idade e ela foi pedir roupas e trabalhos manuais. Bem, começamos com as com roupas. O pai do senhor Franz Hermann fez os móveis do

<sup>451</sup> Cabe informar que o projeto cultural da colônia está associado ao contexto de formação no Estado alemão de Baden-Württemberg, destino de muitos refugiados suábios oriundos da antiga Iugoslávia, de instituições cujo objetivo era a preservação da cultura dos suábios. Em cidades como Ulm, Sindelfingen e Stuttgart foram organizadas associações (*Haus der Donauschwaben*) que receberam apoio do referido Estado. Em 1964, por exemplo, Sindelfingen apadrinhou o referido grupo e em 1969 foi fundada nesta cidade a associação *Casa do Suábios do Danúbio (Haus der Donauschwaben)*, cuja construção da sede foi realizada em 1970. BRÜCKER, Christian Ludwig. **Landmannschaft Donauschwaben - Patenschaftsjubiläen**. München-Sindelfingen: Arbeitskreis für donauschwäbische Heimat und Volksforschung in der Donauschwäbische Kulturstiftung. 1989. p.50. O estabelecimento e a atuação dessa rede de relações entre suábios de vários continentes será objeto de um futuro estudo. O estabelecimento e a atuação dessa rede de relações entre suábios de vários continentes será objeto de um futuro estudo

<sup>452</sup> LEH, Elisabeth M. **Op. cit.** Elisabeth afirma que alguns objetos foram comprados pela cooperativa.

museu e a Maria Milla os pintou. Eu costurei os trajes dos recepcionistas, os trajes das dançarinas folclóricas e não lembro o que mais.<sup>453</sup>

Hech conta que, para a elaboração dos trajes, ela se baseou em fotografias antigas.<sup>454</sup>

Acerca das condições dos trajes doados, ela afirma o seguinte: (...) *às vezes precisávamos pegar alguns com luvas, pois estavam quase se desmanchando. Tem um que era o vestido de noiva da sogra da Elisabeth Leh, nós tivemos que passar entretela por cima para ele não desmanchar.*<sup>455</sup>

Karl Leh, sobrinho de Mathias, que após o falecimento de Ingrid, em 1976, assumiu o Departamento Cultural da Agrária, afirma que para as festividades de 1971 foi montada uma exposição fotográfica, (...) *a qual existe até hoje, porém ampliada.*<sup>456</sup> Além disso, (...) *havia também uma sala onde estavam expostos trajes típicos e outra sala com arados de tração animal e maquinários que se usava no início da colonização.*<sup>457</sup>

Por meio de campanhas para doações de objetos e fotografias, o acervo foi sendo gradativamente ampliado. Acerca do significado dos objetos do acervo para a história dos suábios, Elisabeth afirma o seguinte: (...) *para a gente, isso é muito importante, pois se você pensar, isso foi levado da Iugoslávia para a Áustria e de lá para o Brasil com o pouco espaço para levar, eu acho que tem que se valorizar.*<sup>458</sup> Nessa perspectiva, os objetos dignos de guarda seriam aqueles que foram trazidos da Europa. Embora alguns fossem comprados, seu valor não estaria ligado a critérios mercadológicos ou de uso prático. O valor estava no fato de serem percebidos como recursos que encerram a possibilidade de evocar as memórias.

Em 1989, foi criado o Departamento Histórico da Agrária. Mathias Leh encarregou Josef Gappmaier para organizar os documentos arquivados pela cooperativa e colocá-los no

<sup>453</sup> HECH, Katharina. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória, 14 de março de 2006. A.A.

<sup>454</sup> Ibidem.

<sup>455</sup> Ibidem.

<sup>456</sup> LEH, Karl. **Op. cit.**

<sup>457</sup> Ibidem.

<sup>458</sup> LEH, Elisabeth M. **Op. cit.**

acervo do museu, que seria ampliado e transferido para uma sala maior, onde funcionava a administração da cooperativa.<sup>459</sup> Com o auxílio de Madalena Remlinger, Monika Klein e Irene Remlinger, o trabalho foi iniciado. De acordo com ele,

(...) a gente foi atrás disso e encontramos em uma cabana, no meio da sujeira os documentos originais da fundação da cooperativa. Então os limpamos e fizemos caixas de papelão onde os colocamos seguindo uma organização cronológica anual. Fomos também ao moinho de trigo, pois naquela época tudo o que não se ocupava mais simplesmente se armazenava lá. Tudo estava muito empoeirado.<sup>460</sup>

Além disso, foram feitos apelos por meio do jornal e da rádio da colônia para a doação de objetos antigos e o empréstimo de fotografias para que fossem copiadas. Juntamente com Klein, viajou para Goiânia a fim de se encontrar com Puttkamer, que forneceu informações e fotografias.<sup>461</sup> Outros documentos, como relatórios sobre os primeiros anos da colônia, Gappmaier obteve na Suíça, nos arquivos da *Schweizer Europahilfe*.<sup>462</sup>

Gappmaier também deu seqüência ao trabalho desenvolvido por Jakob Lichtenberger<sup>463</sup> que, em 1984 e 1985, gravou entrevistas com imigrantes. De acordo com Gappmaier, as entrevistas foram feitas de forma individual e em grupos, assim, (...) *muitos pioneiros, que hoje não vivem mais, puderam contar as suas histórias* (...).<sup>464</sup> Após seu

<sup>459</sup> A administração da Agrária ocuparia o novo prédio que estava sendo construído. Ibidem.

<sup>460</sup> GAPPMAIER, Josef. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein e Karin Detlinger**. Vitória, 10 de agosto de 2005. A.A. Transcrição e tradução: Márcio Werle.

<sup>461</sup> Ibidem

<sup>462</sup> LEH, Karl. **Op. cit.**

<sup>463</sup> Jakob Filip Lichtenberger nasceu em 1909, em Neu Pasau (Pasova), Croácia. Estudou Ciências Sociais (Gesellschaftswissenschaften) em Bonn, Freiburg e Belgrado. Na Iugoslávia, engajou-se na luta em prol das minorias alemãs, especialmente entre os jovens. Durante a Segunda Guerra Mundial, liderou uma milícia (*Einsatzstaffell*) que combateu os *partisans*. Ao final da Guerra, juntamente com a família, deixou a Croácia, indo viver na Áustria e depois na Alemanha, onde trabalhou como pedagogo. Após a aposentadoria, em 1974, veio para a Colônia Entre Rios, onde trabalhou no colégio Imperatriz Dona Leopoldina, além de realizar entrevistas com imigrantes da colônia. Lichtenberger faleceu em 12 de janeiro de 2005, na Alemanha, aos 95 anos de idade. In: **Zeitschrift Deutsches Wort (Njmacka Rijec)**. Blatt der Deutschen und Österreicher in Kroatien. Nr.56, Osijek., Juni, 2005. s.35; **Der Donauschwabe Mitteilungen**. Nr.2, Eggenstein-Leopoldshafen: Februar, 2005. s.19.

<sup>464</sup> Gappmaier também lamentou o fato de não ter realizado a entrevista com Mathias Leh: (...) *Ele sempre dizia que quando se aposentasse iria se sentar durante uma semana em sua fazenda e nos iríamos falar do assunto. Devido a sua morte repentina isso não aconteceu. Foi uma pena!* GAPPMAIER, Josef. **Entrevista. Op. cit.**



retorno para a Áustria, a gravação de entrevistas continuou sendo feita pelas funcionárias do museu. Atualmente o acervo contém aproximadamente 260 entrevistas.<sup>465</sup>

Em 1992, por ocasião da festa dos 40 anos da colônia, o Departamento Histórico ficou responsável pela transferência e ampliação do museu e a reorganização da exposição fotográfica. No dia 11 de janeiro de 1992, o museu foi reinaugurado no antigo prédio administrativo da Agrária, sendo montada então a exposição fotográfica composta por 40 painéis.<sup>466</sup>

Em agosto daquele ano, o museu recebeu a doação do arquivo particular de Helmuth Abeck, constituído de mais de 1.400 documentos. A maior parte deste material é composta por livros e jornais que versam sobre a imigração e a presença de alemães no Brasil.<sup>467</sup> Acerca da cerimônia de doação do acervo, quando Abeck foi homenageado, o *Jornal de Entre Rios* publicou uma extensa reportagem com a biografia de Abeck e o seguinte discurso:

A inauguração do acervo ocorrida pontualmente às cinco horas da tarde do dia 15 de agosto, à qual estiveram presentes além do próprio Helmuth Abeck e da diretora do museu histórico Madalena Remlinger, o presidente Mathias Leh e o coral do Centro de Juventude, foi o ponto alto de entendimentos entre pessoas iguais por uma mesma preocupação: como evitar que uma coleção particular com reconhecido valor histórico caia em mãos erradas? Como fazer com que ela chegasse às “mãos certas”? A resposta foi dada pelo lugar de destaque que os volumes ocupam no museu.<sup>468</sup>

As perguntas já trazem a resposta. A frase final é apenas um complemento da afirmativa implícita de que o museu é lugar mais apropriado para a guarda dos documentos de Abeck. Os documentos sobre a imigração alemã, e por extensão da colônia, são encarados

<sup>465</sup> Apenas uma pequena parte das entrevistas foi transcrita - sendo publicada no *Jornal de Entre Rios*. Esta publicação, intitulada *Ein Volk Kämpf Um Seine Zukunft* (Um Povo Luta pelo seu Futuro), será analisada ao final deste capítulo.

<sup>466</sup> Klein, Monika. **Museu Histórico Suábio de Entre Rios**. Mimeo. S.D.

<sup>467</sup> **Jornal de Entre Rios**. Entre Rios: 31 de agosto de 1992. p.12-13. No caso dos jornais, o acervo contém a coleção completa do *Brasil-Post* publicado entre 1951 a 1989. Nos livros, há um carimbo de uma imagem de um tatu. Acerca do significado desta imagem, as funcionárias do museu, Monika Klein e Maria Dolores Schneiders, afirmaram o seguinte: (...) *O Sr. Mathias Leh deu este símbolo, pois como o tatu, nós também procuramos, cavamos e resgatamos a nossa história*. KLEIN, Monika; SCHNEIDERS Maria Dolores. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 12 de junho e 2007. A.A.

<sup>468</sup> Ibidem.

como valiosos instrumentos que servem como elos entre os suábios e os demais descendentes de imigrantes alemães que vivem no Brasil. Além de tais objetos merecerem serem guardados como parte de um patrimônio cultural comum, sua preservação é uma garantia da permanência dessa memória no presente e no futuro, sendo que, com a doação, o risco de esquecimento estaria afastado.

A reportagem indica também o museu como lugar onde se faria o uso, e/ou a leitura apropriada, portanto “certa” desses fragmentos do passado. Assim sendo, o museu não é somente o lugar da guarda de uma memória, mas também lugar de produção de sentidos do passado, feita a partir do acervo. Nesse contexto, vale lembrar as seguintes palavras de Myrian Sepúlveda Santos, ao investigar o caráter dos museus serem ao mesmo tempo construtores e pertencentes à história:

(...) As narrativas históricas reconstróem o passado de diversas maneiras e, além disso, os museus apresentam uma singularidade importante nesse narrar, que é a presença dos objetos. A história tanto pode ser determinada por uma lógica intrínseca à narrativa e subordinar os objetos em sua apresentação como pode construir um sentimento comum partilhado, a partir dos objetos trabalhados (...).<sup>469</sup>

É por meio da coleta, classificação e ordenação dos objetos que não pertencem mais ao uso cotidiano das pessoas que se procura criar um lugar de memória,<sup>470</sup> uma ligação entre passado, presente e futuro, dotado de um determinado sentido histórico. Esse sentido é dado a ler pela disposição das salas e objetos que guiam a leitura do visitante.

Na sala principal do museu, há 40 painéis. De forma semelhante ao livro *Entre Rios*, os painéis mostram a história dos suábios por meio de fotografias, cuja disposição, em conjunto com pequenos textos, indicam como essa leitura é sugerida ao visitante. O primeiro

---

<sup>469</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda. Museu Imperial: a construção do Império pela República. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A. 2003. p.111.

<sup>470</sup> NORA, Pierre. **Op. cit.**

painel, intitulado *Velha Pátria*, apresenta um mapa da região dos Bálcãs ocupada pelos suábios. Nos painéis seguintes, os temas são: *Os anos na Áustria e Vinda ao Brasil; Chegada ao Brasil; Início em Entre Rios; Trabalho comunitário; Os primeiros anos; Economia; Anos de crise e reestruturação; Ajuda para o desenvolvimento; a expansão; produção; vida comunitária; Educação, vida religiosa e social; Tradição e cultura e Grupos culturais.*

Figura n.º 23: Vista parcial da exposição fotográfica do Museu Histórico de Entre Rios



FONTE: STEIN, Marcos N. **Fotografia tirada em 07 de novembro de 2007.** A.A

Ao lado dos painéis, há as salas com objetos. A disposição das salas e seus objetos repete a forma como a história dos suábios e da colônia é narrada nos painéis. Na entrada que dá acesso às salas, há um quadro que descreve a cronologia da história dos *Donauschwabern*. Em seguida, há uma imagem de um homem arando e com a seguinte inscrição em língua alemã e portuguesa:

*Conquistado – não pela espada,  
mas com o arado:*

*Filhos da paz*

*Heróis do trabalho*

Ao lado da imagem, estão os brasões das regiões alemãs de onde os suábios saíram e abaixo estão dois documentos datados de 1774, presentes no início do livro *Entre Rios*, seguido de um mapa da região do Baixo Danúbio (fig. nº 24).

Figura nº24: Acesso à exposição de objetos do Museu Histórico de Entre Rios



FONTE: <http://www.agraria.com.br>

Ao lado, há uma maquete do barco utilizado para navegarem no Danúbio em direção aos Bálcãs (fig. nº 25). Em frente, estão os manequins com trajes típicos (fig. nº 26) e, em seguida, a sala *Heimatstube*, que recria o interior de uma casa da antiga pátria -*Alte Heimat*- (fig. nº 27).

Depois, há uma sala com objetos levados para a Áustria (fig. nº 28), seguida de uma sala com objetos trazidos para o Brasil, como malas e documentos (fig. nº 29). A sala seguinte apresenta, no canto esquerdo, instrumentos de trabalho utilizados em uma das

fazendas desapropriadas para a instalação da Colônia (fig. n.º 30) e, ao lado direito, a representação do interior das primeiras casas da colônia (fig. n.º 31). Por fim, temos reproduzido um galpão com ferramentas usadas na construção das primeiras casas e, ao lado, há equipamentos como arados (fig. n.º 32), uma carroça, debulhadeira de milho etc.

Figura n.º 25: Maquete da embarcação usada pelos suábios para chegar ao Baixo Danúbio.



FONTE: <http://www.agraria.com.br>

Figura n.º 26: Imagem parcial da exposição “Trajes da Velha Pátria”



FONTE: STEIN, Marcos N. Fotografia tirada em 07 de novembro de 2007. A.A

Figura nº 27: Imagem parcial da sala “*Heimatstube*: Reconstituição ambiental da velha pátria” (interior de uma casa)



FONTE: <http://www.agraria.com.br>

Figura nº 28: Imagem parcial da sala: “Objetos trazidos da velha pátria”



FONTE: STEIN, Marcos N. **Fotografia tirada em 07 de novembro de 2007.** A.A

Figura nº 29: Imagem parcial do espaço dedicado à “Chegada ao Brasil”



FONTE: STEIN, Marcos N. Fotografia tirada em 07 de novembro de 2007. A.A

Figura nº 30: Imagem parcial dos “objetos usados nas fazendas”



FONTE: <http://www.agraria.com.br>



Figura nº 31: Imagem parcial da “reconstituição da primeira casa em Entre Rios”



FONTE: <http://www.agraria.com.br>

Figura nº 32: Imagem das primeiras ferramentas agrícolas utilizadas na colônia



FONTE: STEIN, Marcos N. **Fotografia tirada em 07 de novembro de 2007.** A.A

É, portanto, a repetição do mesmo sentido histórico presente nos livros analisados. É a cristalização e homogeneização de uma memória feita por meio de diferentes suportes: textos, fotografias, objetos e a disposição das salas, que formam esse roteiro histórico.<sup>471</sup>

#### 4.2 Memórias de Luto: O falecimento de Mathias Leh

A morte de um ente querido, ou de alguém próximo, provoca o sentimento de perda, de tristeza e também nos alerta acerca da finitude de nossa existência terrena. Porém, pode ser também um momento em que buscamos reforçar laços com aqueles que nos cercam, sejam eles familiares, amigos ou simplesmente conhecidos. No caso do falecimento de líderes, essa também é uma ocasião quando são divulgados discursos que procuram incutir naqueles que ficam e o tinham como condutor, os valores que devem ser observados, os exemplos que o falecido deixou.

É o que se verifica ao lermos textos publicados por ocasião do falecimento de Mathias Leh, em 28 de junho de 1994.<sup>472</sup> No dia dois de julho daquele ano, o *Jornal de Entre Rios* publicou uma extensa reportagem, redigida em língua alemã e portuguesa sobre a sua morte e, principalmente, sobre sua vida, suas ações à frente da cooperativa Agrária e como sua biografia deveria constituir um exemplo de conduta para os suábios.

---

<sup>471</sup> Cabe salientar que as salas contêm um grande acervo de objetos. As fotografias acima apresentadas exibem apenas uma pequena parte do acervo. A análise aprofundada desse acervo será objeto de uma futura pesquisa.

<sup>472</sup> Após ficar por mais de um mês no hospital Albert Einstein, em São Paulo, para tratar de um tumor no cérebro, Leh faleceu devido à insuficiência respiratória causada por uma crise aguda de pneumonia. In: **Jornal de Entre Rios**. Entre Rios: 02 de julho de 1994. p.03. Leh nasceu na Iugoslávia no dia 9 de março de 1937 e chegou ao Brasil juntamente com a família, em 1951. Trabalhou na cooperativa Agrária como contador e, em 1959, em São Paulo, numa empresa de importação. Em 1960, retornou a Entre Rios. Em 1965, foi eleito membro do conselho fiscal da Agrária e, em 1966, foi eleito presidente desta cooperativa, cargo que ocupou até a morte. In: **Mathias Leh, dados biográficos e atividade profissional**. 1994. (Mimeo).

Cada uma das 12 páginas da matéria jornalística possui um título que aponta como a vida e as realizações de Leh deveriam ser lidas pelo grupo. Na primeira página da edição, há uma fotografia sua acompanhada do intitulado *Entre Rios perde seu líder. Mathias Leh deixa saudade e exemplo de união*.<sup>473</sup> Vejamos o texto:

O presidente da Cooperativa Agrária Mista Entre Rios, Mathias Leh, faleceu na madrugada do dia 28 de junho, terça feira, depois de grave doença. O fato comoveu não só os suábios do Danúbio, mas toda a comunidade guarapuavana e até paranaense. Ele foi um homem muito forte em ação, como provou ao assumir uma cooperativa em crise, com uma colônia falida. Em 28 anos elevou Entre Rios a um nível invejável. Seu segredo: União. No seu leito de morte, fez questão de deixar esse legado à comunidade. “Busquem a união... mantenham-se unidos”.<sup>474</sup>

Aqui está resumido o significado da vida de Leh. Não se trata de sua trajetória individual relacionada à esfera privada, mas das ações empreendidas no campo público. É esse o tom dos textos da publicação.

Na segunda página, o texto está escrito em língua alemã e traz mais dados sobre suas realizações e projetos. O título é *Desafio: Perspectivas para o futuro da Colônia. A Opinião do presidente da Agrária*.<sup>475</sup> Nele são descritas suas opiniões acerca do desenvolvimento da colônia, publicadas pelo jornal em 1992, quando das comemorações dos 42 anos da fundação da cooperativa. Para ele, o sucesso da cooperativa deveria ser sempre acompanhado também do êxito dos seus associados.

Para mostrar a receita de como vencer os desafios que podem surgir no futuro, Leh recorre ao que ele denomina ser um antigo mandamento suábio (*ein altes donauschwäbische Gebot*). Segundo ele, esse mandamento, que era citado pelos antepassados, consistia na seguinte frase: *A língua mãe deve ser a língua da família e da igreja. Deve-se rezar nesta*

---

<sup>473</sup> Ibidem. p. 01.

<sup>474</sup> Ibidem.

<sup>475</sup> *Herausforderung. Zukunftsperspektiven der Siedlung. Die Meinung des Präsidenten der Agrária*. Ibidem. p. 2.

*língua e ela deve ser a língua da vida cultural (...).*<sup>476</sup> Se esse fundamento fosse sempre observado, no futuro a colônia poderia (...) *preservar sua valiosa herança (...)*<sup>477</sup> e ao mesmo tempo se desenvolver e expandir. Portanto, as angústias quanto às incertezas do futuro deveriam ser mitigadas com a lembrança dos exemplos dos antepassados. A dúvida que fica é o que Leh considerava como língua mãe: o dialeto suábico ou a língua alemã.

Na página seguinte, há uma fotografia que apresenta o caixão com o corpo de Leh sendo levado pelos diretores da Agrária. Ao lado da imagem temos a afirmação de que os diretores (...) *sempre estiveram ao lado de Mathias Leh até no momento final.*<sup>478</sup> A frase transmite uma imagem de união, de consenso entre os dirigentes da cooperativa. Nessa parte da narrativa de luto não há espaço para o dissenso. E o dever do consenso é apontado como principal legado de Leh, como podemos ler no texto abaixo:

Mathias Leh se foi, mas deixou para todos, suábios do Danúbio, guarapuavanos, paranaenses, uma grande lição de vida. É na união de propósitos, de esforços, que encontraremos o sucesso para nossos anseios. É na cooperação mútua que encontraremos a força e o poder. Este é o legado que ele deixou. Ainda em seu leito de morte pediu que um apelo de união entre todos fosse transmitido.<sup>479</sup>

Os exemplos não são dirigidos somente para a população da colônia. Eles abrangem a população do Estado. Entre os representantes dos guarapuavanos e paranaenses que compareceram na cerimônia fúnebre, são citados empresários e políticos,<sup>480</sup> dentre eles Jaime Lerner, então candidato ao governo do Estado.

<sup>476</sup> *Die Muttersprache muss die Sprache der Familie und der Kirche sein. Man muss in dieser Sprache beten, und sie muss die Sprache des Kulturlebens sein.* Ibidem.

<sup>477</sup> *Wenn wir diese Grundsätze beachten, wird die Siedlung auch in den weiteren Jahren ihr wertvolles Erbe erhalten und ausbauen können.* Ibidem.

<sup>478</sup> Ibidem. p. 03.

<sup>479</sup> Ibidem.

<sup>480</sup> O jornal cita o prefeito de Guarapuava, César Franco, Elias Farah, prefeito de Candói, o ex-prefeito de Guarapuava, Fernando Ribas Carli, o deputado César Silvestri, o senador José Carlos Gomes de Carvalho e os deputados estaduais Hélio Duque e Heinz Herwig. Ibidem.

Na página seguinte, a matéria continua sob o título *Um homem chamado União. Mathias Leh deixou um legado de fé e otimismo*. Nela, procura-se mostrar em quais momentos a união foi o fator de superação dos desafios.

Quase metade das famílias, que haviam fundado Entre Rios, estava procurando outros lugares onde poderiam viver melhor. As condições de vida na colônia eram as piores possíveis e as discordâncias entre irmãos suábios eram comuns. Como se não bastasse, as relações com a comunidade brasileira não passavam, muitas vezes, de sorrisos simpáticos, devido às dificuldades em entender a língua portuguesa, que ainda não dominavam. Eles estavam sozinhos, num mundo estranho, com poucos recursos e um sistema educacional precário. Pior ainda, distantes de grandes centros urbanos, não tinham uma vida sócio-cultural digna.<sup>481</sup>

Nesse trecho, pela primeira vez temos discursos que indicam a existência da divergência, que nos faz lembrar do relato de um colono apresentado por Sylvassy, no capítulo anterior. Mas aqui, a imagem do dissenso tem uma função positiva, pois mostra a gravidade das dificuldades e a forma como foram enfrentadas e solucionadas pela liderança de Leh e que refletem no quadro de sucesso da colônia em 1994.

O tom do apelo pela união do grupo é mais vigoroso no texto redigido em língua alemã:

Permaneçam unidos! Permaneçam unidos em família e na comunidade dos colonos! Somente assim poderão superar todas as dificuldades que talvez surjam. Nunca esqueçam que devem responsabilizar-se uns com os outros! Lembrem o que aprendemos dos nossos antepassados e com maior razão com os pioneiros de Entre Rios: Em comunidade, em união, pode-se tudo suportar, pode-se a todos fazer frente. Honrem e amem nossa nova pátria Entre Rios, que sob muitos sacrifícios foi construída.<sup>482</sup>

Permanecer unidos e principalmente seguir os ensinamentos dos antepassados é uma forma de buscar um caminho para encarar as incertezas do devir. Os antepassados são

---

<sup>481</sup> Ibidem. p. 04

<sup>482</sup> *Haltet zusammen! Haltet zusammen in den Familien und in der Gemeinschaft der Siedler! Alle Schwierigkeiten, die möglicherweise kommen, können nur so überwunden werden. Vergesst es nie, dass ihr füreinander einstehe sollt! Denkt an das, was wir von unseren Ahnen und erst recht von den Pionieren von Entre Rios gelernt haben: In der Gemeinschaft, im Zusammenhalt, lässt sich alles ertragen, lässt sich allem entgegentreten. Ehrt und liebt unsere neue Heimat Entre Rios, die unter so vielen Opfern aufgebaut worden ist.* Ibidem.

evocados como portadores dos ensinamentos que dão sentido ao presente e projetam esse futuro menos angustiante, menos incerto. É a receita de Gossner sendo novamente citada.

No texto, intitulado *A preocupação com as raízes*, encontramos uma advertência do que aconteceria na opinião de Leh se uma pessoa perdesse suas (...) *origens, seus traços culturais* (...): Ela perderia sua (...) *motivação para a vida e para as realizações* (...).<sup>483</sup> Portanto, ao lado da união, a preservação das raízes étnicas seria uma espécie de combustível que alimentaria o ânimo para o grupo continuar existindo e progredindo. É no passado, apresentado como tempo em que as dificuldades foram superadas de forma conjunta, que está a chave para vencer as dificuldades, os desafios do futuro.

O texto mostra como Leh entendia que deveria ser feita a preservação desse passado:

Ele fez tudo para incentivar a preservação cultural, desde o fomento à dança folclórica e ao teatro tradicional, incluindo o sistema educativo, onde se incentiva o cultivo da língua de origem: o alemão. Mas ficou evidente essa preocupação também no sistema de comunicação, com o jornal e Rádio Entre Rios dando importante espaço à preservação da cultura étnica.

Temos então reunidos os elementos que concretizam, que dão visibilidade à cultura suábica. Para Leh, as danças folclóricas, o teatro, a escola e o sistema de educação seriam uma espécie de adubo necessário para alimentar as raízes étnicas suábicas, os indicadores da identidade suábica. Nesses espaços temos o recontar dos discursos que procuram preservar determinado sentido de história, sendo que em especial um desses instrumentos verifica-se a possibilidade mais contundente de construção de memória coletiva, por meio da harmonização de lembranças individuais: *O Jornal de Entre Rios*.

---

<sup>483</sup> Ibidem.

### 4.3 “*Um povo luta pelo seu futuro*”: O passado inscrito no futuro

Um exemplo da forma utilizada para dar unidade e coerência às narrativas individuais sobre o passado é a série de entrevistas intitulada “*Um Povo Luta Pelo Seu Futuro*” (*Ein Volk Kämpft Um Seine Zukunft*), publicada em 1994 pelo *Jornal de Entre Rios*. Trata-se de parte das entrevistas coletadas por Lichtenberger e posteriormente Gappamier e as funcionárias do museu.

A série é constituída pela transcrição de 18 relatos de imigrantes, totalizando 21 números do jornal.<sup>484</sup> Um aspecto que chama a atenção é o fato de as entrevistas, com apenas uma exceção, serem transcritas em dialeto suábio.<sup>485</sup> São precedidas por explicações acerca da data, local de gravação, quem as conduziu, e a indicação de que se encontram na íntegra, gravadas em fitas magnéticas, no acervo do museu da colônia.

A existência de tais informações chama-nos a atenção para o papel do editor na publicação.<sup>486</sup> Portanto, o texto publicado não é exatamente o relato oral. Embora haja a tentativa de, por meio da transcrição em dialeto, por exemplo, reproduzir fielmente as falas dos entrevistados, elas já não são mais as “mesmas”. O material que é dado a ler passou por processos que incluem a transcrição, a ordenação das frases, a diminuição de trechos, a escolha da parte da entrevista a ser publicada e, principalmente, informa a interpretação, o sentido que o leitor deve extrair delas.

Na introdução da publicação do primeiro relato, Oswald Hartmann, editor das três primeiras entrevistas, justifica a publicação ao afirmar que se trata de uma (...) *contribuição para a documentação sobre a expulsão, que foi a difícil provação de nossa etnia e ao mesmo*

<sup>484</sup> Algumas ocuparam as páginas de dois e até três números do jornal.

<sup>485</sup> De acordo com Schneiders e Klein, optou-se por transcrever as mesmas conforme a sonoridade. SCHNEIDERS, Maria Dolores e KLEIN Monika. **Op. cit.** Nas traduções dos relatos publicados em dialeto suábio, contei com a valiosa ajuda de Karin Detlinger, Monika Klein e, principalmente, de Clarice e Cássia Sieger.

<sup>486</sup> CHARTIER, Roger. **Op. cit.** p. 62.

*tempo queremos demonstrar nossa solidariedade com todos os suábios do Danúbio dispersos pelo mundo.* <sup>487</sup>

A primeira entrevista publicada foi realizada em janeiro de 1985, por Jakob Lichtenberger, com o imigrante Thomas Schwarz, filho de agricultores, nascido em Putinci, Iugoslávia, em 1927. O relato inicia com a menção do local e data de nascimento e o número de membros da família, composta por ele, seus pais, uma moça e cinco garotos. <sup>488</sup> Em seguida, Schwarz relata rapidamente sobre sua instrução escolar em Putinci. Neste momento, quando Schwarz destaca que seu primeiro professor era (...) *um croata que falava muito bem a língua alemã* (...), <sup>489</sup> há uma reafirmação da língua como fator de identificação. Seus estudos foram interrompidos em função da sua fuga da Iugoslávia. <sup>490</sup>

Em seguida, Schwarz descreve a fuga de sua terra natal, no outono de 1944. De acordo com ele, primeiro as mulheres e crianças foram levadas para a Áustria por meio de trens, enquanto que os homens seguiram em carroças puxadas por cavalos. A viagem foi dramática. Um dos episódios marcantes foi quando (...) *durante a fuga houve um ataque aéreo e meu pai caiu sob a carroça e quebrou cinco costelas.* <sup>491</sup> Com a aproximação das tropas russas, eles se deslocaram para a região austríaca de Oberösterreich, ocupada pelas forças americanas. Lá, Schwarz permaneceu junto ao restante da família até 1951, quando imigraram para o Brasil. <sup>492</sup>

Acerca da imigração, Schwarz relata que seu pai conheceu o Michel Moor na Áustria e, dessa maneira, ficou sabendo do projeto de imigração para o Brasil. Segundo ele, (...) *na verdade, eu não queria imigrar, mas por amor aos meus pais e irmãos resolvi vir para o*

---

<sup>487</sup> (...) *ein Beitrag zur Vertreibungsdokumentation unseres schwergeprüften Stammes geleist und Solidarität mit allen in der Welt zerstreut lebenden Donauschwaben werden.* **Jornal de Entre Rios.** Guarapuava: 26 de fevereiro de 1994. p. D1.

<sup>488</sup> Ibidem.

<sup>489</sup> (...) *a Krawatt, der sehr gut deutsch g'sproche hat,* (...). Ibidem.

<sup>490</sup> Ibidem.

<sup>491</sup> *Während der Flucht is mei Vater bei einem Tieffliegerangriff unter de Rosswage kumm un hot sich fünf Rippe gebroch ghat.* Ibidem.

<sup>492</sup> Ibidem.



*Brasil (...)*<sup>493</sup>. Os Schwarz estavam entre os imigrantes que vieram no primeiro transporte, que chegou a Guarapuava no dia 8 de junho. De acordo com ele, a primeira tarefa na colônia foi a contagem das árvores, que seriam utilizadas na construção de barracas e casas.<sup>494</sup>

Em seguida, Schwarz relata que, para a colônia, logo foram trazidos alguns tratores, sendo que alguns homens trabalharam na preparação da terra e outros na construção das barracas. Ao ficarem prontas, foram trazidas as mulheres e crianças que estavam alojadas em Guarapuava. Nesta fase, (...) *a vida tornou-se um pouco diferente na colônia, pois nós estávamos agora todos juntos e não passou uma noite sem que houvesse cantorias e danças.*

495

Schwarz descreve também os esforços para a rápida construção das casas, a fim de abrigar os outros grupos que estavam chegando.

(...) Sempre mais transportes vieram e assim sempre mais pessoas, mas a maioria do trabalho, o trabalho pesado, carregar as vigas e tabuas na serraria, tudo isso as mulheres faziam. Quando eu lembro disso, do que nossas mulheres realizaram, então eu posso dizer somente uma coisa: ‘tiro meu chapéu para nossas moças e mulheres, que ajudaram nossos homens e assim as casas ficaram prontas’.<sup>496</sup>

Schwarz afirma que foi inscrito para emigrar como camponês, mas, na colônia, trabalhou na serraria, porque esta era na prática sua profissão. Ele também comentou que trabalhou na Áustria durante três meses como pedreiro. Em Entre Rios, participou diretamente da construção do parque industrial da Agrária e da elaboração do projeto da Agromalte da

<sup>493</sup> *Auswandere hab ich eigentlich net wolle, awr meim Vatr um meine Gschwistr zulieb hab ich mich aa entschlosse uf Brasilien zu gehn. (...)*. Ibidem.

<sup>494</sup> Ibidem.

<sup>495</sup> (...) *Des Lewe hat schun a bissl andrscht ausgeschaut uf dr Siedlung, weil mr jetz alli beinand ware. Es is koo Owed net vorbeigange, wo net g'sunge un getanzt is ware.* Ibidem. p. D 2.

<sup>496</sup> (...) *Immer mehr Transporte sin drzukumme, um domit aa imer mehr Leit. Awr die meischt Arweit, die Schwerarweit, die Balke un die Bretter am Sägewerk schleppe, des hen alles die Fraue g'macht. Wenn ich heint zurickdenk, was unsre Fraue domols g'leischt hen, do kann ich nur eme jede sage: ‚Hut ab vor unsre Mädle und Fraue, was die g'leischt hen, um unsre Männer zu helfe, damit die Heisr je ehndr fertich were!‘.* Ibidem.

cooperativa. Em suas palavras, (...) *eu me acostumei tanto com as construções e hoje eu posso dizer que eu sou o condutor de construção da Agrária.*<sup>497</sup>

Por fim, Schwarz tece uma avaliação acerca de seu trabalho na cooperativa. (...) *Naturalmente eu cometi alguns erros. Mas, quem não arrisca não petisca! Hoje podemos ver como ficou e eu acredito que nós não temos do que nos envergonhar.*<sup>498</sup>

Ao final da entrevista, Oswald Hartmann comenta que em função da falta de espaço no jornal, o relato de Thomas Schwarz foi encurtado um pouco:

Apesar disso, pode-se visualizar nele o orgulho do grandioso trabalho de construção depois da expulsão – o qual é típico de todos os suábios do Danúbio. A maciça e brutal expropriação e a privação de direitos que se abateram sobre os suábios do Danúbio na seqüência da Segunda Guerra Mundial não desanimou este povo. Ao contrário! Tem-se as mangas arregaçadas e novamente realizado um notável trabalho pioneiro.<sup>499</sup>

Apesar do texto do editor, a entrevista não deixa transparecer claramente a expropriação dos suábios nem os horrores da guerra. A maior parte da entrevista se atém na construção da colônia e a ênfase no trabalho realizado pelas mulheres. Ao utilizar o termo *típico*, o editor procura mostrar que o trabalho realizado para a construção da colônia deve ser entendido como algo inerente à personalidade coletiva dos suábios. Neste sentido, a última frase é carregada de significado, pois estabelece um paralelo entre dois passados. O primeiro referente à época quando os ascendentes dos suábios ocuparam a região do médio Danúbio (a partir do século XVII) e o segundo quando da formação da colônia (1951).

<sup>497</sup> *Durch dene ganze Aufbau hab ich mich so eing'lebt, dass ich heut sage kann, ich bin dr Bauleitr dr Agrária.* Ibidem.

<sup>498</sup> *Natierlich hab ich aa als Fehler g'macht. Awr: Wer nix wagt, g'winnt nix! Um mr kann heit doch oschaue, was steht. Um ich glaab, mir brauche uns netemol schäme.* Ibidem.

<sup>499</sup> (...) *Trotzdem kann man ihm den Stolz auf die grossartige Aufbauarbeit – die für alle Donauschwaben nach der Vertreibung typisch ist - entnehmen. Die ungesetzmässige Enteignung und Entrechtung der Donauschwaben in der Folge des Zweiten Weltkrieges hat dieses Volk nicht entmutigt. Im Gegenteil! Man hat die Ärmel Hochgekrepelt und wieder eine beachtliche Pionierleistung vollbracht.* **Jornal de Entre Rios** 26 de fevereiro 1994, p. D 2.

Um pouco mais extensa e detalhada é a transcrição da entrevista do segundo depoente: Franz Hering. Na introdução, há em destaque a frase *E de nenhum lugar veio ajuda!*<sup>500</sup> Na seqüência, há o seguinte comentário de Oswald Hartmann:

Hoje em nossa série “Um povo luta pelo seu futuro”, deixamos nosso compatriota Franz Hering relatar sobre seu destino durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Também seu relato é um documento que também prova como foi difícil para os expulsos suábios do Danúbio encontrar um novo lar.<sup>501</sup>

Hering nasceu em 17 de dezembro de 1910 em Batscka, Iugoslávia. Ele conta que se casou em 1929, mas não menciona do nome da mulher, apenas o local e data de seu nascimento. Nesta rápida descrição, em um pequeno parágrafo, Hering cita o nome dos dois filhos, Wendel e Josef, e as datas das mortes de seu pai e de seu avô, em 1914 e 1916, respectivamente.<sup>502</sup>

Em seguida, Hering narra que, em 1930, prestou serviço militar nas forças armadas iugoslavas. Ao ser dispensado, em 1931, retornou para casa, onde continuou com seu trabalho de agricultor até 1939, quando foi chamado para servir na fronteira com a Albânia. Em seu relato, a guerra começou em 1941, com a chegada do exército alemão, que os desarmou e os enviou para casa. Em 1942, ele, juntamente com outros homens descendentes de alemães, foi novamente convocado, desta vez para se juntar às tropas alemãs.<sup>503</sup>

Em Batscka nós fomos inspecionados e no outono começamos a servir na Waffen SS. Primeiro fomos para Viena, depois para Praga e finalmente para Pottenstein, parte da suíça francesa, fronteira com a Alemanha. Eu fora preparado (...) para lutar contra os guerrilheiros.<sup>504</sup>

<sup>500</sup> *Un nindscht kaa Hilfe!*. **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 05de março 1994. p. D1

<sup>501</sup> *Heute lassen wir in unserer Reihe „Ein Volk Kämpft um seine Zukunft“ unseren Landsmann Franz Hering über sein Schicksal während und nach dem Zweiten Weltkrieg berichten. Auch sein Bericht ist ein Dokument und Nachweis, wie schwer die vertrieben Donauschwaben eine neue Heimat finden konnten.* Ibidem.

<sup>502</sup> Ibidem.

<sup>503</sup> Ibidem.

<sup>504</sup> *In Batsch simr g'muschtert ware fir die Waffen-SS und im Herbst eingerickt. Erst sin ich nach Wien, vun dort nach Prag und schliesslich nach Pottenstein/Fränkische Schweiz in Deutschland. Ich wurde ausgebildet (...) fir Partisanerbekämpfung.* Ibidem.

Ele lutou na Itália, onde foi ferido durante um bombardeio aéreo. Permaneceu no país até o final da guerra, sendo depois enviado para a Inglaterra, onde trabalhou numa fábrica de mármore até 1947, quando foi para a Áustria, onde trabalhou em uma propriedade agrícola. Neste período, acionou a Cruz Vermelha para procurar a esposa e filhos.<sup>505</sup>

Sua esposa havia sido enviada para a União Soviética, onde permaneceu três anos trabalhando em minas de carvão. Seus filhos eram prisioneiros em campos de trabalho na Iugoslávia. Por intermédio da Cruz Vermelha, em 1948, ela foi enviada a Áustria, onde se reencontraram. Seus filhos foram levados para a Áustria em 1951.<sup>506</sup>

Na Áustria, Hering trabalhou para um agricultor em uma propriedade que havia sido alugada por Moor e, por meio deste, ficou sabendo do projeto de imigração para Entre Rios. Após convite de Moor, veio juntamente com sua família para a colônia Entre Rios. Sobre a decisão de emigrar, semelhante ao relato de Schwarz, Hering afirma que pessoalmente também não estava muito disposto a sair da Áustria. (...) *Eu queria ficar lá, mas as crianças tinham medo, pois já haviam passado por muita coisa.*<sup>507</sup>

Em seguida, Hering menciona que sua esposa, em decorrência do trabalho em minas de carvão, ficou doente dos pulmões. Em 1956, ela foi operada em Curitiba. (...) *Ao todo isso custou 87.000 cruzeiros. Sabe o que essa quantia significava naquela época? Meus bens valiam 137.000. Eu quase caí de costas. Precisei vender terras. E de nenhum lugar veio ajuda!*<sup>508</sup> A expressão indica também o fazer-se por si só. Nela, Hering valoriza seu trabalho e indica sua situação de vencedor na nova pátria.

Ao final, Hering relata que sua esposa faleceu em 1983. Seus filhos foram viver na Alemanha. As duas irmãs de sua mulher também foram para lá. Ele conclui o relato

---

<sup>505</sup> Ibidem.

<sup>506</sup> Ibidem.

<sup>507</sup> *Ich hab jo welle dart bleiwe. Awer die Kindr hen Angscht ghat, weil soviel mitgmacht hen.* Ibidem. p. D 2.

<sup>508</sup> (...) *Das alles 87.000 cruzeiros gekostet. Wissen Sie was des Geld war selmals? Mei vrmeege hat 137.000 koscht. Ich bi aus dr Hosn g'fall. Land hab ich misse vrkaufe. Um nindrcht kaa Hilfe!* Ibidem.

afirmando que em função de seu sogro e sogra terem sido mortos (ela por espancamento) pelos partisans, elas (as filhas) receberam uma indenização de guerra, que foi repartida em três partes, sendo que a parte de sua esposa foi depositada num banco. No entanto, ela perdeu o prazo de retirada dos valores.<sup>509</sup>

A terceira entrevista é a de Franz Remlinger. Nascido em 21 de setembro de 1924 na Slawonia, Iugoslávia, freqüentou durante meio ano a escola croata e cinco anos em uma escola alemã. Em Esseg, cidade vizinha, ele freqüentou durante um ano o Gymnasium. (...) *Então nós fomos mandados embora, porque éramos suábios. Mas se a gente pagasse poderia ter ficado (...).*<sup>510</sup>

Quando da ocupação alemã, Remlinger tornou-se chefe de um grupo de jovens (*Jugendfuehrer*), sendo enviado para várias localidades na Iugoslávia. Sua função era dar assistência aos desabrigados que se dirigiam por meio de trens em direção a Alemanha.<sup>511</sup>

Em 1942, ingressou nas tropas alemãs, sendo ferido em 1945, em território húngaro. Com o avanço das tropas russas, refugiou-se na Alemanha, onde foi aprisionado pelas tropas americanas. Neste ponto, o relato alonga-se na situação de prisioneiros. Segundo ele, os americanos (...) *logo nos tomaram tudo e nos deixaram somente uma tenda.*<sup>512</sup> Com a recusa do governo iugoslavo para que retornassem a sua terra natal, eles foram enviados para Nürnberg, para a (...) *desnazificação, pois seríamos nazistas, só que nós não sabíamos disto antes.*<sup>513</sup> Nesta afirmação, há o esforço em marcar sua distinção com o nazismo, ou melhor, em não se identificar com este regime, pois não teriam optado por aderir a essa ideologia. A identificação do depoente e de seus companheiros com o referido regime é feita pelos outros.

<sup>509</sup> *Awer jetz, wie mer das ang'sucht habn sie g'sagt, sie war nicht an eenem Stichtag driwe, es is verfalle. Jezt is sie halt kei Erwr gwest. Sie hat nix kriegt. Die Schwestern, (...) die hen ihres kriegt!* Ibidem.

<sup>510</sup> (...) *noh simr rausgschmisse ware, weil mr Schwowe ware. Wamr ufzahlt hätte, hätte mr bleiwe kenne(...).*Ibidem.

<sup>511</sup> Ibidem.

<sup>512</sup> (...) *bald hen se uns awer alles weggnume, nur a Zelt hen se uns glosst (...)* Ibidem.

<sup>513</sup> (...) *nach Nürnberg zur Entnazifizierung, weil mir hätte jo Nazi aa sei selle, hemr aa net gwisst voher.*Ibidem.

Em 1948 ele foi libertado. Com muitas dificuldades entrou na Áustria onde reencontrou os pais. Casou-se no mesmo ano e em 1953 imigrou para o Brasil. Sobre isso, Remlinger afirma que sua família estava inscrita para ir para a França, mas acabaram optando por vir para o Brasil.<sup>514</sup>

Sobre os primeiros anos na colônia Entre Rios, há apenas um pequeno parágrafo, no qual Remlinger comenta que o começo em Entre Rios foi difícil, com as crianças pequenas e pelo fato de o trabalho ser realizado com a utilização de cavalos. Mas, (...) *Hoje em dia sinto-me bem aqui.*<sup>515</sup>

Ao final há o seguinte texto do editor, Oswald Hartmann:

O relato de Franz Remlinger demonstra claramente o esforço dos suábios do Danúbio para encontrar um novo lar. Naquele tempo se tinha muitas possibilidades, por exemplo, ficar na Alemanha na Áustria ou imigrar para os Estados Unidos, Canadá França, entre outros. A decisão para a família frequentemente era insignificante. Independente disso, o supracitado relato confirma que os suábios do Danúbio – indiferente onde eles buscaram um novo lar - por meio de sua proverbial aplicação, conseguiram relegar aos seus descendentes uma sólida e segura existência. Eu gostaria de mostrar claramente à juventude suábia atual, que eles podem ser orgulhosos de seus pais e avós.<sup>516</sup>

Pode-se perceber no texto do editor, além da escolha dos fragmentos dos depoimentos, também a interpretação do passado. Não há a menção acerca do fato do depoente ter lutado no lado derrotado da guerra, de ele ter sido soldado do exército alemão, derrotado no conflito.

O foco é deslocado para a identificação positiva dos personagens envolvidos. O campo de luta não está no campo de batalha, na guerra, mas no campo de cultivo, na lavoura. Nesta

<sup>514</sup> Ibidem. p. D 2.

<sup>515</sup> *Heinzutag fiehlt mr sich do drhoom.* Ibidem.

<sup>516</sup> *Der Bericht von Franz Remlinger dokumentiert deutlich das Bestreben der heimatlos gewordenen Donauschwaben nach einem neuen Zuhause. Man hatte damals viele Möglichkeiten, wie z.B. in Deutschland oder Österreich zu bleiben oder nach USA, Kanada, Frankreich usw. Auszuwandern. Die Entscheidungen der Familien bestimmen oft Kleinigkeiten. Unabhängig davon bestätigt der obige Bericht, dass die Donauschwaben - egal wo sie eine neue Heimat suchten - durch ihren sprichwörtlichen Fleiss, den Nachkommen eine solide Existenz sichern konnten. Ich möchte dies deutlich unterstreichen, um der heutigen donauschwäbischen Jugend zu zeigen, dass sie stolz auf ihre Eltern und Grosseltern sein kann.* **Jornal de Entre Rios.** 12 de março de 1994. p. D2.

perspectiva, o depoente também seria um vencedor, pois conseguira no Brasil recriar seu antigo modo de vida como agricultor, e isso se deu em função de sua característica positiva: “a proverbial aplicação”, adjetivo que também os identifica como grupo. Portanto, o sentido aqui é redefinir, ou dar um sentido histórico a essas pessoas. É por meio da constituição de uma memória coletiva que se busca reestruturar o sentido histórico da comunidade e conferir-lhes uma identidade. E esse trabalho envolve interpretar, inclusive, a menção da indiferença quanto ao lugar para onde iriam emigrar, que é tratado como algo de valor secundário.

Ao afirmar que os jovens devem ter orgulho de seus pais e avós, Hartmann indica os destinatários principais da publicação: os jovens da colônia. Para o editor, há a percepção de que tal geração demonstrava certo desinteresse pelo passado e pela manutenção de aspectos culturais dos imigrantes. Portanto, a luta pelo futuro é também a luta para a manutenção nas novas gerações da identidade suábica, sendo que o editor se incumbiu de extrair as lições das experiências dos expulsos e dirigi-las aos jovens, pois os depoimentos não são auto-explicáveis, seu sentido (positivo e exemplificador) é dado pelo editor.

A próxima entrevista publicada é a de Katharina Hech. A entrevista é extensa, ocupou duas edições do jornal, e narra de forma mais clara as atrocidades cometidas pelos guerrilheiros comunistas contra pessoas de origem alemã residentes na Iugoslávia. A frase inicial tem um tom de desabafo e revelação: *quero somente contar a vocês o que aconteceu quando os russos chegaram: O dia primeiro de outubro (1944) foi o dia mais negro para nossa aldeia e nossa família.*<sup>517</sup>

Segundo ela, dois dias antes da data marcada para sua fuga, soldados russos chegaram à vila. Hech compara estes com os *partisans* e avalia que os russos não eram tão “ruins” (*schlimm*) como os guerrilheiros, pois estes, durante noites seguidas, aprisionavam e

---

<sup>517</sup> *Nur des will ich eich erzähle, wie des war als die Russe reinkumm sin: Am 1. Oktober, dr dunklschte Tag for unser Dorf um for unsre familie. Jornal de Entre Rios.* Guarapuava: 19 de março de 1994. p. D 1.

fuzilavam centenas de homens. (...) *De nossa família um tio foi fuzilado. Os habitantes da vila viviam com medo, pois cada noite alguém era levado, homens, mulheres e jovens rapazes, para serem fuzilados.*<sup>518</sup>

Além de relatar acontecimentos vividos por ela, Katharina narra um episódio contado a ela.

(...) Em nossa vila vizinha Neusin, os partisanos fizeram uma festa. Aprisionaram vinte homens de origem alemã de Sartscha, Setscham e Neusin. O ponto alto da festa foi quando os vinte homens foram espancados até a morte e cortados em pedaços, que foram colocados no meio do salão, e eles (partisanos) dançaram em volta. Mais tarde nós ouvimos alguém dizer, e era uma testemunha, que nem mesmo com muita água se conseguia lavar o salão, de tanto sangue que havia. Em nossa vila foi registrado um triste saldo. Um quarto dos habitantes perdeu a vida. Das duas mil e cinqüenta pessoas que moravam em nossa vila, 531 perderam a vida: parte como soldado no front, homens, mulheres e crianças nos campos de extermínio de Molidorf, Rudolfsgnad, onde foram mortos por espancamento, envenenados, por esgotamento, ou de fome. Em nossa vila foram aprisionadas 113 pessoas que foram enviadas para a Rússia, sendo que doze morreram lá.<sup>519</sup>

Hech, no início de 1945, foi uma das pessoas enviadas para a Rússia. Inicialmente ela permaneceu confinada em campos de trabalhos forçados, trabalhando no corte de lenha, sendo depois deslocada para trabalhar em uma fábrica de aço e em seguida numa indústria de cimento. Além do sofrimento, com o frio e a pesada jornada de trabalho,<sup>520</sup> ela relata que (...) *eles (os russos) sempre faziam palestras políticas afirmando o quanto foi bom que os russos nos levaram. Os alemães fizeram muito mais com os russos. Eles (russos) eram tão bons etc.*

<sup>518</sup> (...) *Vun unsre eigne Familie is unsre Onkel erschoss gin. Die Dorfbewohner han dauernd in Angscht gelebt, dass jede Nacht jemand kommt sie hole, Männer un Fraue un junge Buwe far erschiesse. Ibidem.*

<sup>519</sup> (...) *In unserm Nachbrsdorf Neusin han die Partisanr a Fest gemacht. Sie han zwanzig deutsche Männer vun Sartscha, Setschan un Neusin, vun die umliegende deutsche Derfr zammklaubt. Un dr Hehepunkt vun dem Fescht war, dass se die zwanzig Mensche abgeschlacht han, uf Sticker zrschnitte un mitte im Tanszaal ufgeheft han und rundherum getanz sin. Spätr hamr vun jemand gheert, was Zeige war, dass netemol mit viel Wassr des Blut rauszuwäsche war, soviel Blut war in dem Saal gwen. Unser Dorf hat a trauriche Bilanz zu vrzeichne. A Viertel vun die Dorfbewohner is ums lewe kumm. Zweitausendfunfzich Mensche hat unsr Dorf gezählt, Teils als Soldate andr Front gfall, Männr und Fraue un Kinner in die Lager Molidorf, Rudolfsgnad, in die berichtet Vernichtungslage sin dort totgschlage wore odr sin vrhungert odr vrgift wore oder aus Erschöpfung odr vor Hungr gstorbt. Sin hundrtdreizehn vun unsrem Dorf nach Russlandd vrschleppt gin, un zwelfi sin gstorbt in Russland. Ibidem.*

<sup>520</sup> Ela narra que suas mãos congelavam. Devido ao trabalho com o machado, a carne e os ossos das mãos ficavam expostos. (...) *Hab mir die Händ vrfror, das mr die Knoche rausgstande sin, des Fleisch is abgfall. Ibidem. p. D1 e D2.*



*E isso eu logo vi, como eram bons (...).*<sup>521</sup> Essa lembrança é reiterada em um outro momento da narrativa (...) *Eles freqüentemente nos falavam que os alemães eram porcos, que nós estávamos bem com eles (russos). De um lado eles tinham dó de nós, de outro tinham tanto ódio que nos cuspiam.*<sup>522</sup>

No início de 1947, uma comissão formada por russos e oficiais alemães, em uma palestra, disseram que eles deveriam permanecer na Rússia, (...) *lá era nosso futuro. Alemanha havia perdido a guerra e a Iugoslávia estava totalmente aniquilada. Eu não acreditei em nada.*<sup>523</sup>

Em 1948, a comissão os visitou novamente e por causa de seu estado de saúde, ela foi enviada para Berlin e depois permaneceu trabalhando em uma propriedade rural próxima a Leipzig. Ao final da transcrição, o editor, H. Sattler, informa que por meio de correspondências que ela enviou para a sua terra natal, na Iugoslávia, ficou sabendo que sua família encontrava-se na Áustria e, então, foi se juntar a eles.

O editor afirma que qualquer filme que fosse rodado sobre o destino dessas pessoas não haveria de concordar com a sua norma: *Perdoar sim, esquecer jamais.*<sup>524</sup> Semelhante ao texto do editor da entrevista anterior, esta frase indica o ensinamento que se pode extrair do depoimento: o dever do não-esquecimento. Manter viva essa memória indica que a vítima individual representa as vítimas suábias danubianas. O singular torna-se coletivo, pois o passado individual é transposto para o plano geral, no qual todos os membros do grupo podem se identificar.

<sup>521</sup> *Sie han uns dann immer politische Vorträch ghalle, wie gut dass mirs han, weil mir uf Russland vrschlepp sin. Die Deitsche han mit die Russe viel mehr gemacht, sie sin gut un un so. Das hamr bald gsege, wie gut.* **Jornal de Entre Rios**. 26 de março de 1994. p. D1.

<sup>522</sup> *Sie han uns immer wiedr gsagt, die Deitsche ware Schwein, mir hams jo gut bei ihne. Taals han se Mitleid mit uns ghat, un taals han se uns so ghasst, dass se uns angspuckt han.* Ibidem. p. D 2

<sup>523</sup> (...) *do is unser Zukunft. Deitschland hat dr Kriech vrlere und Jugoslawien is total vernicht, mir kenne doch nimmi haam.* Ibidem.

<sup>524</sup> *Menschliche Schicksale, über die keine Anklage-Filme gedreht werden, was auch nicht mit der Richtlinie der Heimatvertriebenen übereinstimmen würde: **Vergeben, aber nicht vergessen.*** Ibidem. Negrito do autor.

A próxima entrevista é a de Katharina Spieler, nascida em 1900, em Sotin, Iugoslávia. Após apresentar seus dados pessoais, informa que seu marido morreu em 1932 e seu filho tombou, em 1944, na Polônia, como soldado.<sup>525</sup> Antes de narrar a fuga, Spieler indica e adjetiva a sua vida antes da fuga: (...) *Lá nós éramos camponeses. Para nós a vida era boa até a fuga.*<sup>526</sup>

Em 1944, ela acolheu dois fugitivos dos *partisaner*, Katharina Schönferl e seu filho e depois um casal oriundo da Croácia, que a auxiliaram no trabalho da propriedade até quando receberam o alerta para fugir.<sup>527</sup> Juntamente com outras pessoas de origem alemã, ela e sua nora fugiram em uma caravana de carroças. A narrativa é cheia de exemplos dos perigos representados pelos *partisans* e, após muitas peripécias, conseguiram chegar à Áustria.<sup>528</sup>

Ao saber do projeto de migração para o Brasil, Spieler inscreveu-se, enquanto que sua nora permaneceu na Áustria com os pais. De acordo com a editora Magdalena Remlinger, *esta separação foi um duro golpe para ambas, as quais estão ligadas por um destino comum.*<sup>529</sup> O termo *destino*, como nos mostra Hubert Lepargneur, não é algo fruto de um planejamento racional e nem realmente conhecido antes, ou durante o ocorrido, seu sentido é dado *a posteriori*.<sup>530</sup> No caso da afirmação de Remlinger, o destino (*Schicksal*) ao ser dado *a posteriori*, inclusive após a narrativa, possui a função de servir como instrumento de ligação entre as duas mulheres e também entre os membros do grupo, pois todos partilham do mesmo sentido histórico.

A entrevista seguinte é a de Theresia Tettmann, nascida em 1922, na parte oeste da Slawonia. O relato tem início da seguinte maneira:

<sup>525</sup> **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 02 de abril de 1994. p. D 1.

<sup>526</sup> *D'rhoom warmer Baure. Un uns is es gut gange bis zum Flichte*. Ibidem.

<sup>527</sup> Ibidem.

<sup>528</sup> **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 09 de abril de 1994. p. D 1.

<sup>529</sup> *Diese Trennung war ein weiterer schwerer Schlag für die beiden Frauen, die ein gemeinsames Schicksal verbunden hatte*. Ibidem. p. D 2.

<sup>530</sup> LEPARGNEUR, Hubert. **Destino e Identidade**. Campinas: Papirus, 1989. p.16.

Quando começou a guerra, meu pai foi convocado, meu irmão também e então eu e minha mãe ficamos sozinhas, todo o trabalho tínhamos que fazer sozinhas. Havia cavalos, vacas e porcos e tínhamos que cuidá-los sozinhas, pois havia poucas pessoas. Eu tinha sempre esperança que meu pai fosse dispensado (do serviço militar) e ele voltou para casa. Quanto ao meu irmão, que estava na Rússia, eu não tinha idéia se ele voltaria.<sup>531</sup>

No início de 1943, em função dos ataques dos *partisans*, assim como pessoas oriundas de outras aldeias, eles foram obrigados a se refugiar em cidades maiores, protegidas por militares alemães. Ao final de 1943, obrigaram-se a gradativamente ir mudando de cidades na medida em que estas não ofereciam mais proteção. Por fim, por meio de trens foram para a Áustria.<sup>532</sup>

Ao final, Magdalena Remlinger, com base no livro intitulado *Calvário dos Alemães na Iugoslávia Comunista (Leidensweg der Deutschen im Kommunistischen Jugoslawien)*<sup>533</sup>, narra de forma resumida a evacuação, realizada em cinco grupos das cidades de Franztal e Semlin, local onde Tettman residia. Remlinger destaca que com a chegada dos *partisans* em Franztal, as pessoas que lá permaneceram tiveram que se registrar. (...) *Eram 242 pessoas. Os alemães que restavam em Franztal e Semlin foram internados em 18 de novembro de 1944 no campo de extermínio "Kalvarienberg", onde 118 Franztaler morreram. Em outro campo Mitrowitz, 75 Franztaler pereceram.*<sup>534</sup>

Por meio do relato de Remlinger, pode-se inferir que há a junção entre memória do depoente e o registro escrito, representado pelo livro supracitado, que reforça a entrevista

---

<sup>531</sup> *Wie dr Krieg ogfange hot, is mei Vattr eingruckt, mei Bruder auch, um ich um mei Mottr wore allonich, hen allon g'wirtschaft. Do wore Ross un Kieh un Schwein, des hot mr alles allon mache misse, weil ka Mensch do wor. Mir hen immer g'hofft, dr Vattr werd entlossa wera, er kummt hom. Mei Bruder, der wor in Russland, mr hot ka Ohnung g'hat ob'r zruck kummt. **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 23 de abril de 1994. p. D 1.*

<sup>532</sup> Ibidem.

<sup>533</sup> ARBEITSKREIS DOKUMENTATION IN DER DONAUSCHWÄBISCHEN KULTURSTIFUNG, MÜNCHEN, UND IM BUNDESVERBAND DER LANDSMANNSCHAFT DER DONAUSCHWABEN. **Leidensweg der Deutschen im kommunistischen Jugoslawien**. Band II. München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1993.

<sup>534</sup> *Es waren 242 Personen. Die übrigen Deutschen aus Franztal und Semlin wurden am 18. November 1944 in das Vernichtungslager „Kalvarienberg“ eingewiesen, wo 118 Franztaler starben. Weiter sind im Lager „Mitrowitz“ 75 Franztaler umgekommen. Ibidem. p. D 2.*

transcrita. O título do livro (*Leidensweg*) e o uso do nome do campo de extermínio *Monte Calvário (Kalvarienberg)*, produzem um sentido que associa os suábios a um sacrifício coletivo e evoca imagens relacionadas ao martírio de Cristo pela humanidade.

Ao final, é apresentado o seguinte mapa, que indica o local onde a depoente vivia e o caminho percorrido até a Áustria.

Figura nº 33: Mapa que mostra o caminho percorrido por Theresia Tettmann, na sua fuga da Iugoslávia.

FONTE: **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 23 de abril de 1994. p. D 1.



A entrevista seguinte, de Juliane Kleinfelder, segue um procedimento semelhante ao anterior. A transcrição é precedida pelo seguinte texto, da editora, Magdalena Remlinger:

O desenrolar dos acontecimentos políticos e militares implicaram que, em 1944, nas regiões de colônias suábias, planos e ações de desocupação das mesmas numa evacuação em massa e movimentos de fuga. Então, antes da aproximação do front da Iugoslávia, no outono de 1944, uma parte dos alemães-croatas foi evacuada. Até o final de abril de 1944 foram transportados cerca de 25.000 alemães de quase 30 comunidades da Slawonia Ocidental para a Syrmien e nos arredores de Esseg. Entre eles encontravam-se também famílias que após 1951 encontraram em Entre Rios um novo lar (...).<sup>535</sup>

<sup>535</sup> *Der Ablauf der politischen und militärischen Ereignisse brachte es mit sich, dass 1944 in den donauschwäbischen Siedlungsgebiete die Umsiedlungspläne und Umsiedlungsaktionen in Evakuierungsmassnahmen und Fluchtbewegungen übergingen. So wurden, ehe sich im Herbst 1944 die Front den Grenzen Jugoslawiens näherte, ein Teil der Kroatiendeutschen evakuiert. Bis Ende April 1944 wurden ca 25.000 Deutsche aus fast 30 westslawonischen Gemeinden nach Syrmien und in die Umgebung von Esseg transportiert. Unter diesen befanden sich auch Familien die nach 1951 in Entre Rios eine neue Heimat fanden.* **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 30 de abril de 1994. p. D 1.

No fragmento, não há a identificação do grupo como *Donauschwabern*, mas como alemães-croatas (*Kroatiendeutschen*). Em seguida, cita alguns exemplos de famílias que imigraram para o Brasil. Portanto, representa a memória que pode ser compartilhada pelos membros dessas famílias que vivem na colônia.

Na época da fuga, Kleinfelder contava com 16 anos de idade. De acordo com ela, os *partisans* chegaram e raptavam jovens com idade entre 14 a 15 anos, que eram levados para a floresta onde eram submetidos a trabalhos forçados, sendo que (...) *muitos nunca mais retornaram*.<sup>536</sup> Com a mãe e o pai, ela seguiu para a Áustria, onde foram trabalhar em propriedades rurais. Sua irmã mais nova, juntamente com a cunhada e a filha desta, seguiu de trem até a Alemanha. Por meio da Cruz Vermelha, elas foram enviadas para a Áustria, próxima a cidade de Linz, onde se reencontraram. Da mesma forma que a entrevista anterior, há também a apresentação, por meio de um mapa, do caminho percorrido por ela até a Áustria.

A entrevista publicada no mês de maio foi escolhida em função das comemorações relacionadas ao dia das mães (1994). É o relato de Katharina Reinerth, cuja entrevista ocupou as três edições do mês. A justificativa pode ser visualizada na introdução redigida por Magdalena Remlinger:

Esta semana reverenciamos as mães, as quais durante a fuga e expulsão com certeza carregaram a parte mais pesada do fardo. Os homens estavam na guerra, frequentemente não sabiam se eles ainda estavam vivos ou como eles estavam. Elas tinham toda a responsabilidade para com a família, freqüentemente também com os pais idosos e frágeis e com as crianças pequenas. Muitas mães morreram na fuga, como nós agora podemos ouvir da senhora Katharina Reinerth (...). Durante a Segunda Guerra Mundial– Batschka, a partir de 1941, passou a pertencer novamente a Hungria– os homens alemães foram servir no exército húngaro e principalmente nas tropas alemãs (...).<sup>537</sup>

<sup>536</sup> (...) *manchi gor net zurickkumma*. Ibidem.

<sup>537</sup> *Diese woche gedenken wir der Mutter, die waehrend der Flucht und Vertreibung wohl den schwersten Teil auferlegt bekommen hatten. Die Maenner waren im Krieg, vielfach wussten sie nicht, ob sie noch lebten, wie es ihnen ging. Sie hatten alle Verantwortung fuer die Familie, oftmals auch noch fuer gebrechliche alte Eltern und fuer ganz kleine Kinder. Einige Muetter sind auf der Flucht gestorben, wie wir nun von Frau Katharina Reinerth hoeren (...). Waehrend des 2. Weltkrieges – die Batschka gehoerte ab 1941 wieder zu Ungarn – wurden die*

Reinerth inicia narrando que seu marido foi convocado para servir nas forças armadas em 1942. Em julho de 1944 nasceu Hansi, filho do casal. Mas logo ela ficou sozinha como outras mulheres, pois seu irmão, pai e por fim sogro foram também convocados para ir a guerra.<sup>538</sup>

Em outubro de 1944, ela teve que fugir com seu filho e sua mãe em uma caravana de carroças. Primeiramente foram até um povoado próximo, onde se reuniram com outros fugitivos e seguiram em caravana de carroças em direção à Hungria. Ela ressalta que muitas pessoas idosas precisavam ser convencidas a fugir. (...) *Eles (idosos) diziam: Na Primeira Guerra Mundial nada foi feito contra nós, quem nos fará algo agora?*<sup>539</sup>

Durante a viagem, o fato mais marcante foi o nascimento de uma criança, seguida da morte da mãe devido a uma hemorragia. Reinerth cuidou, então, do recém-nascido e o amamentou juntamente com seu filho que contava com três meses de idade. A partir daí, a narrativa se atém às dificuldades, principalmente a falta de comida, vividas por ela durante o tempo que permaneceu com os dois bebês. Primeiramente em um hospital militar, onde permaneceu até sua mãe encontrá-la e seguirem viagem em direção à fronteira com a Alemanha.<sup>540</sup>

Em um breve momento, o relato permite perceber a angústia acerca de sua identificação, como falante da língua alemã: (...) *E então finalmente cruzamos a fronteira e pensamos, agora vamos para a Alemanha! Quando chegamos à Alemanha, todos estavam conversando na língua croata, pois não mais sabiam a língua alemã.*<sup>541</sup>

---

*deutschen Maenner zum Dienst im ungarischen, vor allem aber im deutschen Heer einberufen (...).* **Jornal de Entre Rios.** Guarapuava: 07 de maio de 1994. p. D 1.

<sup>538</sup> Ibidem.

<sup>539</sup> *Die han gsaat: ach, uns han se im erschte Weltkrieg doch aa nix gemacht, wer werd uns jetz schun was mache ? (...).* Ibidem.

<sup>540</sup> Ibidem.

<sup>541</sup> (...) *Un so simr endlich iwr die Grenz kum un han gemeent, jetz kumme mr uf des Deutschland! Jo, wie mr uf des Deutschland kumme, hot alles krawatisch geredt (Burgenländer Kroaten), die han jo netmol Deitsch gekennt.*

De lá foram em direção à Polônia. Reinerth descreve os perigos representados pelos ataques aéreos e as dificuldades para cuidar e alimentar dos dois bebês. Ela seguiu a viagem de trem, enquanto que sua mãe seguiu com a caravana de carroça, vindo a falecer num acidente e então enterrada em um cemitério para heróis. Da Polônia eles retornaram para a Áustria onde ficou com a sogra e um tio, enquanto que a criança órfã foi entregue a família da mãe falecida. O relato finaliza com a espera dramática por notícias de seu marido, sua insistência em acreditar, ao contrário dos demais membros da família, que ele estaria vivo, o que veio a se confirmar quando ao final do relato ele vai ao seu encontro. (...) *Agora a alegria era simplesmente demais.*<sup>542</sup>

O relato seguinte é de Elisabeth Braun. Nascida em Jarmina, Iugoslávia, semelhante a outras mulheres, ela ficou sozinha com o pai inválido de guerra para cuidar da propriedade rural, apenas auxiliada por ajudante.<sup>543</sup> Sua narrativa descreve o perigo representado pelos *partisans* e as maneiras utilizadas para escaparem. A partir de outubro de 1944, houve a evacuação da população de Jarmina, da qual ela fez parte até chegarem à Áustria.<sup>544</sup>

A entrevista é concluída na edição seguinte do jornal. Ao final, Remlinger afirma, com base no livro *Heimatbuch des Donauschwaben aus Jarmina*, que no final de maio de 1945, pessoas em 60 carroças retornaram para a Iugoslávia, mas no caminho foram parados pelos *partisans* e roubados todos os pertences de valor. As pessoas então foram enviadas para um campo de concentração, onde permaneceram até serem enviadas de volta para a Áustria em vagões utilizados para transportar gado.<sup>545</sup>

A próxima entrevista é a de Rosalia Gärtner, nascida em Detroit, EUA, em 1920. Aos sete anos de idade foi com seus pais morar na Iugoslávia, onde permaneceu até a fuga, em

---

**Jornal de Entre Rios.** Guarapuava: 14 de maio de 1994. p. D 1.

<sup>542</sup> (...) *Jetzt war die Freed einfach zu gross.* **Jornal de Entre Rios.** Guarapuava: 21 de maio de 1994. p. D 2.

<sup>543</sup> (...) *Ich hab aa no a stark guter Knecht ghat (...).* **Jornal de Entre Rios.** Guarapuava: 28 de maio de 1994. p. D 1.

<sup>544</sup> Ibidem.

<sup>545</sup> **Jornal de Entre Rios.** Guarapuava: 04 de junho de 1994. p. D 2.



outubro de 1944. No primeiro parágrafo ela resume seu relato. *Quando eu saí da Jugoslávia, tinha três pequenos filhos, Adam, Lina e Hans. Durante a fuga, quando estávamos na Hungria, então Hilde nasceu.*<sup>546</sup>

Seu marido estava servindo numa cidade próxima e a ajudou nos preparativos para deixar a propriedade e depois retornou para seu posto militar. Ela, juntamente com seus filhos e a avó viajaram por meio de trem, enquanto que os sogros viajaram de carroça. Na Hungria ela deu à luz a sua filha no trem.<sup>547</sup>

Da Hungria seguiram viagem até a Turíngia, Alemanha, onde ficaram alojados numa pensão e depois com um casal de idosos. Permaneceram por um mês na Turíngia e então viajaram à Áustria, sempre acompanhados de alarmes de ataques aéreos. E quando isso acontecia, precisavam sair do trem e se abrigar nos *bunkers*.<sup>548</sup> Ao chegarem a Wels, Áustria, (...) *precisávamos passar a noite na estação ferroviária, mas não queriam nos deixar ficar lá* (...).<sup>549</sup> Com a intermediação de um militar, conseguiram permissão para passar a noite na estação e, na manhã seguinte, foram abrigados numa escola, onde utilizaram feno sobre as carteiras para servir como camas.<sup>550</sup>

Mas o principal problema era obter leite para sua filha recém-nascida. Nas suas palavras, (...) *eu não conseguia leite para Hilde, mesmo que pudesse pagar. Os camponeses não nos davam leite* (...).<sup>551</sup> O problema foi solucionado com a ajuda de uma enfermeira que conseguiu meio litro de leite por dia para dar a sua filha.<sup>552</sup>

---

<sup>546</sup> *Wie ich von Jugoslawien weg bin hab ich 3 koni Kindr ghat, dr Adam, die Lina um dr Hans, wie mr uf dr Flucht an Jugoslawien weg ware, in Ungarn do is dann die Hilde geboren.* **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 11 de junho de 1994. p. D 2.

<sup>547</sup> **Jornal de Entre Rios**. Guarapuava: 18 de junho de 1994. p. D 1.

<sup>548</sup> Ibidem. p. D 2.

<sup>549</sup> (...) *Mir hen in dr Nacht im Bahnhof bleiwa missa, sie hen uns net neilosse wella* (...). Ibidem.

<sup>550</sup> Ibidem.

<sup>551</sup> (...) *Milich hab ich halt koni kriegt fir die Hilde, netmol wenn ich zahle het wella. Die Baure hen net gewa* (...). Ibidem.

<sup>552</sup> Ibidem.

Por fim, eles conseguiram um pequeno apartamento, cuja cama e outros utensílios foram doados pela comunidade. Em 1949, seu marido, que ela não sabia se estava vivo ou morto, lhe enviou cartas e por fim foi ao encontro delas. (...) *Hilde tinha 4 anos e ela nunca tinha visto ele e ele não conhecia ela. Ela não foi com ele por nada neste mundo.* <sup>553</sup>

O relato seguinte, de Gertrud Egles, é precedido pela afirmação de que originalmente a evacuação era entendida apenas como algo temporário, enquanto havia a ameaça dos inimigos. Mas com o avanço das tropas russas, os descendentes de alemães (*Volksdeutschen*) da Romênia, do Leste da Hungria e da Iugoslávia tiveram que gradativamente se deslocar em direção à Áustria e Alemanha. Entre eles estava a família da entrevistada, nascida em 1911 na Iugoslávia. <sup>554</sup>

De acordo com ela, seu marido era prisioneiro de guerra e na Iugoslávia, quando, em 13 de outubro de 1944, ela e os filhos fugiram num vagão de animais. <sup>555</sup> A narrativa é repleta de episódios acerca dos perigos da viagem, a destruição de uma ponte por onde haviam acabado de passar, os ataques aéreos em território austríaco, o sofrimento nos campos de refugiados, que ficava próximo à cidade de Dresden.

Era dois de novembro, dia de finados, e como sempre estava muito frio. Na mesma noite uma senhora da nossa aldeia morreu congelada. Lá ficamos até primeiro de abril. As crianças estavam doentes. Tínhamos medo que os russos chegassem. Havia muitos alarmes de ataques aéreos e as bombas estouravam e o chão tremia. Conosco não aconteceu nada, pois estávamos na floresta, mas em Dresden e arredores havia fogo e fumaça. <sup>556</sup>

Em função da aproximação do exército russo, de lá fugiram para o território austríaco, onde, somente em 1947, ela reencontrou seu marido. A partir de então, (...) *para nós tornou-se tudo mais fácil.*

<sup>553</sup> (...) *Die Hilde wor dann 4 Jahr, er hot sie nie gsega ghat, um sie hot ihn a net gkennt. Die is net zu ehm net um nix uf dr Welt.* Ibidem.

<sup>554</sup> **Jornal de Entre Rios.** Entre Rios: 09 de julho de 1994. p. D1.

<sup>555</sup> Ibidem

<sup>556</sup> Ibidem. p. D2.

Na edição seguinte temos a transcrição do relato de Theresia Essert, nascida em 1936. Trata-se, portanto de evocar as lembranças de eventos ocorridos na infância. Elas enfocam dois episódios. O primeiro é a triste despedida de seus avós e a partida de sua cidade natal:

Então chegou a hora da partida. Pela última vez soou alto o sino. O tom era lento e triste, como se quisessem dizer às crianças que se tratava de uma despedida para sempre. Então iniciou o que de mais de terrível poderia acontecer a um povo, começou a terrível fuga.<sup>557</sup>

O segundo são os bombardeios nas aldeias e estações de trens quando tinham que fugir, sua angústia pelo fato de se perder de sua mãe durante um ataque aéreo e o alívio ao reencontrá-la com ajuda de um soldado alemão.

Nesses dois episódios, podemos perceber de forma clara a permanência de traços de uma memória de infância (o desespero ao perder a mãe) em conjunto com interpretações formadas a *posteriori* (a conclusão que a despedida era para sempre), cujo significado é coletivo.

Em agosto, o *Jornal de Entre Rios* foi substituído pela revista *Entre Rios*, que continuou com a publicação da série. A primeira entrevista é a de Katharina Stieger, oriunda de Lowas, Croácia. O texto que precede a transcrição, redigido por Magdalena Remlinger, informa que, durante o ano de 1944, a luta nos Bálcãs rapidamente estava se aproximando do fim. Em função disso, as lideranças alemãs de cidades da Croácia (*Volksgruppenführung*), com a evacuação das comunidades, conseguiram salvar sua população suábica do extermínio (*Vernichtung*), o que não ocorreu em outras regiões dos Bálcãs.<sup>558</sup>

Remlinger informa que o pai de Katharina era o líder local (*Ortsgruppenleiter*), para quem coube a responsabilidade de organizar a fuga. No dia 10 de outubro de 1944, ele reuniu

<sup>557</sup> *Dann ging es los. Noch ein letztes Mal fingen die Heimatglocken an zu läuten. Ihr Ton war langsam und traurig, als ob sie den Kindern sagen wollten es sei der Abschied für immer. Dann begann das schrecklichste das einem Volke nur zustossen konnte, es begann die fürchterliche Flucht. Jornal de Entre Rios.* Guarapuava: 16 de Julho de 1994. p. D1.

<sup>558</sup> Revista **Entre Rios**. Guarapuava: agosto de 1994. p.26. Remlinger informa também que de Lowas vieram mais de 30 famílias para Entre Rios, sendo que grande parte delas se fixou em Vitória.

parte da comunidade e convocou todos para partir, o que ocorreu no dia seguinte. A viagem foi realizada com carroças, sendo que puderam levar apenas mantimentos, roupas de cama e alimentos para os cavalos. De acordo com ela, (...) *então começou um nervoso e muito difícil tempo. Fazer as malas, o incerto futuro e a despedida da pátria, da casa e dos vizinhos. Muitas lágrimas já estavam sendo derramadas, antes de deixarem a pátria, mas correram muitas mais.*<sup>559</sup>

Na primeira frase de seu relato, Stieger informa que tinham uma relação de entendimento, sem brigas com os croatas, mas, com a aproximação do exército russo, os militares alemães deram a ordem para que seu pai organizasse a evacuação da população. Em seguida, o relato apresenta alguns fatos que antecederam a fuga: as discussões entre seu pai e alguns moradores que teimavam em permanecer, os ataques dos *partisans*, o fato de seu marido estar servindo no exército e a chegada de fugitivos de outras cidades, que ficaram lá alojados. Deles, ela comenta, souberam das atrocidades cometidas pelos *partisans*, como enforcamentos e a queima de pessoas.<sup>560</sup>

Tais pessoas juntaram-se aos habitantes de Lowas e seguiram em direção à Áustria, guiadas por um croata. (...) *Então todos os sinos soaram e nós choramos e partimos. E assim nós viajamos durante um mês.*<sup>561</sup> Stieger narra então as dificuldades da viagem, principalmente em território húngaro, como a quebra da carroça e a neve, além dos perigos, representados pelos ataques aéreos. Ao chegarem no destino, a cidade de Braunau, Áustria, foram distribuídos entre as famílias do local.<sup>562</sup>

A próxima entrevista é a de Magdalena Mecher, oriunda da localidade de Klein Betschkerek, na Romênia. Semelhante à entrevista anterior, a editora cita o fato de esta cidade

<sup>559</sup>(...) *Danach begann eine hektische aber auch eine sehr schwere Zeit. Packen, die ungewisse Zukunft und der Abschied von Heimat, Haus, und Nachbarsleuten. Viele Tränen waren schon vergossen, bevor sie die Heimat verliessen, aber es flossen noch viel mehr.* Ibidem.

<sup>560</sup> (...) *Die hen ufghängt, Feier drundr gmacht um hen sie vrbrennt.* Ibidem. p.27.

<sup>561</sup> (...) *do hen alli Glocke glitte, um mir hen halt gekreint um sin fort.* Ibidem.

<sup>562</sup> Ibidem.

ser a origem de muitas das famílias de suábios que residem na colônia, no caso, na vila Samambaia, e apresenta dados sobre a entrevistada, acrescida de uma descrição da situação política da Romênia que, em 1944, assinou um acordo de paz com os aliados e mudou de lado no conflito. De acordo com ela, isso teve graves conseqüências para os suábios do Danúbio, bem como para os demais grupos de origem alemã que viviam no país.<sup>563</sup> Com o ataque da Alemanha contra a Romênia, a cidade natal de Mecher tornou-se um dos palcos de combates, forçando os seus habitantes a procurarem abrigo em cidades vizinhas.<sup>564</sup> É nesse contexto que Mecher inicia seu relato.

O relato é curto. Mecher afirma que, em função da aproximação do exército russo, tiveram que fugir rapidamente e não puderam carrear os porcos. Levaram apenas alguns mantimentos como farinha e ovos. A viagem para a Áustria durou sete semanas. Além dos ataques aéreos, ela cita a neve e o fato de ter que levar uma vaca para que as crianças tivessem leite. Ao final, Mecher conclui dizendo o seguinte: (...) *quem imaginaria que isso duraria tanto tempo.*<sup>565</sup>

Em novembro, foi publicada a entrevista que encerra a série *Um povo luta pelo seu futuro*. Trata-se do relato de Mathias Leh Sênior<sup>566</sup>, pai do ex-presidente da Agrária, falecido naquele ano. A escolha dessa entrevista para concluir a série é também uma forma de preencher uma importante lacuna na constituição desta memória coletiva: a ausência da entrevista do ex-presidente da Agrária.

A introdução, redigida por Magdalena Remlinger, é a seguinte:

---

<sup>563</sup> Até 1944, a Romênia era aliada da Alemanha no conflito. De acordo com ela, com o avanço do exército vermelho em território romeno, mais de 75.000 *Volksdeutschen* foram levados para a Rússia. Revista **Entre Rios**. Guarapuava: outubro de 1994. p. 6.

<sup>564</sup> Ibidem.

<sup>565</sup> Ibidem. p.7.

<sup>566</sup> Revista **Entre Rios**. Guarapuava: novembro de 1994.

O ano de 1994, quando os suábios lembram os 50 anos da expulsão de sua pátria (lar), está lentamente chegando ao fim. Em Entre Rios, como em outras partes do mundo, onde os suábios do Danúbio novamente encontraram um lar, rememoramos este tempo. Nós, no transcorrer deste ano, também publicamos relatos de experiência de vida que testemunham este tempo (...). Esta não é uma parte da história somente destas pessoas, mas também, e especialmente, das comunidades das quais eles descendem e que agora está literalmente assegurada e à disposição dos nossos descendentes. Queremos em especial, neste relato, com o qual nós terminamos esta série, recordar de Mathias Leh Jr., o qual, enquanto pode estar entre nós, impulsionou e apoiou este trabalho.<sup>567</sup>

Há aqui, em semelhança aos demais relatos, o deslocamento, ou a transformação de memória individual em uma memória coletiva. De acordo com Portelli, a memória individual, materializada na fala individual (...) *só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual (...)*.<sup>568</sup> É também uma forma de pressão exercida pela memória coletiva sobre a individual dos demais habitantes suábios da colônia. Em outros termos, trata-se de um exemplo claro de enquadramento de memória feito pelo jornal. A memória de um indivíduo, embora, como nos ensina Halbwachs,<sup>569</sup> é constituída socialmente, deve ser vista como representante de toda a coletividade, como uma referência de identificação.

Vejamos, então, o último relato da série: Leh nasceu em 1903, em Tomaschanzi, Iugoslávia. Em 1941, foi convocado para servir na cavalaria do exército iugoslavo. Na cidade de Sarwasch, aceitou a tarefa de chefiar uma milícia (*Ortsschutz*) encarregada de proteger as aldeias dos ataques dos *partisans*.

Em 1943, pouco tempo antes do Natal, os *partisans* atacaram Tomaschanzi, Leh, assim como a maioria dos habitantes do local, foi para uma cidade vizinha e depois, em

---

<sup>567</sup> *Das Jahr 1994, in welchen die Donauschwaben der 50 Jahre der Vertreibung aus ihrer Heimat gedenken, geht langsam zu Ende. In Entre Rios, wie an vielen anderen Orten der Welt, wo Donauschwaben wieder eine Heimat gefunden haben, wurde in Gedenkfeiern dieser Zeit gedacht. Auch wir haben im Verlauf dieses Jahres Erlebnisberichte von Zeitzeugen veröffentlicht, (...). Es ist ein Teil der Geschichte nicht nur dieser Personen, sondern auch der Gemeinde welcher sie entstammen, die nun festgehalten ist und unseren Nachkommen zur Verfügung steht. Besonderes wollen wir in diesem Bericht, mit dem wir diese Folge beenden, Mathias Leh Jr. gedenken, der den Antoss dazu gegeben hat und solange er unter uns weilen durfte, diese Arbeit ganz besonders unterstützt hat.* Ibidem.

<sup>568</sup> PORTELLI, Alessandro, O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 127.

<sup>569</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

carroças, cruzaram a Hungria e seguiram para a Áustria, onde permaneceram até a vinda para o Brasil.

Um aspecto do relato que chama a atenção refere-se à possibilidade de retornar para sua terra natal:

Eu não tinha esperança que pudesse novamente retornar, mas minha mulher ainda tinha. Quando nós estávamos saindo da aldeia, meio quilômetro distante dela, então eu disse: mãe, dê uma última olhada para Tomaschanzi, pois eu acho que você nunca mais voltará a vê-la.<sup>570</sup>

Tal afirmação indica que a expulsão do seu antigo lar é interpretada como algo sem retorno. A história não possibilita o retorno. O ato de olhar pela última vez para a cidade pode significar uma tentativa de reter na memória determinada imagem do passado, simbolizada pela cidade natal.

O título da série *Um povo luta pelo seu futuro* indica também que não se trata somente de serem preservadas determinadas narrativas sobre o passado, não é somente tornar o passado presente, sobretudo por meio de relatos de experiências de vida destas pessoas durante e após a Segunda Guerra Mundial. Mas, também, se trata de uma luta em prol do futuro da identidade suábica. Ou seja, como afirma Helenice Rodrigues da Silva, com base na obra de Paul Ricoeur, trata-se sempre da (...) *memória de alguém que faz projetos e que visa ao devir*.<sup>571</sup>

Portanto, a publicação sinaliza também as perspectivas de futuro dos integrantes do grupo, especialmente dos editores do periódico. As entrevistas não foram publicadas em função do passado, mas sim adaptadas às necessidades do presente (1994) e as projeções de futuro, ou para tomarmos emprestadas as palavras do historiador alemão Reinhart Koselleck,

<sup>570</sup> *Ich hab ka Hoffnung g'hat das ich wieder homkum, awr die Frau schun. Wie mr aus'm Dorf rausgfohre sin, so a halbe Kilo-metr, sag ich: Mottr, dreh dich noch omol um um schau dr Tomas-chanzi s'letschtimol oo, weil ich mon du siegschts nimmi.* Revista **Entre Rios Op. cit.** p. 11.

<sup>571</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo: vol.22, nº 44. 2002. p. 429.

é a tentativa, a partir do presente, de apreender o passado-experiência e o futuro-expectativa como algo dotado de um sentido.<sup>572</sup> Se a idéia de Lichtenberger, apoiada por Leh, era preservar as memórias dos imigrantes em fitas magnéticas, para que estas não se perdessem com a morte de seus portadores, a publicação destas no jornal vai além: ela tem um sentido pedagógico, de induzir condutas, “corrigir distorções”, enfim, homogeneizar, enquadrar as memórias e assim ancorar a identidade suábia-danubiana da colônia Entre Rios.

---

<sup>572</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-Rio. 2006.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do sentido tem por objetivo compreender o passado; e querer compreender – tanto o passado como o presente – é próprio do homem (...). Os homens realizam sua humanidade tanto mais quanto reforçam essa atividade de consciência e tentam compreender o mundo inteiro – e, conseqüentemente, compreender a si mesmos.<sup>573</sup>

A construção de sentidos sobre o passado está associada ao estabelecimento e seleção de fatos e, sobretudo, à sua interpretação. No caso deste trabalho, tratou-se de refletir sobre como se processou a constituição, por meio de discursos sobre o passado do grupo, de um sentido identitário suábio-danubiano na colônia Entre Rios.

Oriundos de diferentes áreas dos Bálcãs, de onde foram expulsos, e tendo permanecido durante alguns anos na Áustria, para os imigrantes que fundaram Entre Rios, e seus descendentes, houve a construção de um sentido comum, uma memória comum para seu passado.

Trata-se, guardadas as devidas distâncias, de uma espécie de *práxis reestruturante*, para usarmos a expressão de Wachtel.<sup>574</sup> Pois, semelhante aos povos indígenas do Peru, conquistados pelos espanhóis, os suábios, expulsos de suas terras, designados como *apátridas*, reagem a esse “traumatismo coletivo” por meio da elaboração de uma memória coletiva que, de certa forma, recusa a derrota. Ou melhor, nessa interpretação, encarou-se a expulsão como uma derrota parcial, pois conseguiram novamente vencer e construir uma nova pátria no Brasil.

<sup>573</sup> TODOROV, Tzvetan. **Op. cit.**, p.145.

<sup>574</sup> No caso dos indígenas do Peru, a principal expressão da *práxis reestruturante* é a (...) *Dança da Conquista: uma reestruturação dançada, em termos imaginários, pois as outras formas de práxis falharam*. WACHTEL, Nathan. *La vision des vaincus. Les indiens du Pérou devant la conquête espagnole*. Paris: Gallimard, 1971. Apud: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 69-70.

A construção desse sentido envolve um processo de coleta, reestruturação e de controle das memórias individuais. Como vimos, por meio da publicação de livros, jornais, e revistas, especialmente em ocasiões comemorativas, tal memória é recontada e reafirmada, constituindo assim o principal suporte de sua identidade coletiva.

Nas palavras de Maria Rita Kehl, baseada em Gagnebin,

Existe, portanto um trabalho da memória que é fundamental para a superação dos traumas individuais e coletivos. Trabalho implica em transformação de uma coisa em outra; trabalhar a memória é transformar seus resíduos, de modo a que eles se incorporem aos termos da vida presente sem que precisem ser recalçados.<sup>575</sup>

Mas não se trata somente de inferir sentidos sobre o passado, mas também sobre o futuro, ou melhor, acerca das expectativas de futuro. Em ambos os casos, a elaboração do significado é feita a partir de um determinado presente, de onde partem leituras sobre o pretérito e sobre o devir. Em ambos, procura-se estabelecer, fixar, a permanência de um sentido comum que afugenta as incertezas do devir por meio de um passado confortador. É a possibilidade de dar prosseguimento ao oitavo dia.

Destarte, como se procurou mostrar neste estudo, a identificação suábica- danubiana foi e é elaborada a partir de discursos indicadores/construtores de identidade, produzidos em locais e instituições específicos. Portanto, não se buscou investigar o que são os *Donauschwaben*, mas como eles se tornaram *Donauschwaben*. Na Europa, o surgimento desta identificação deu-se no contexto do Pós-Primeira Guerra Mundial. No Brasil, há um processo de reelaboração e fixação desta identificação. Inicialmente, isso pode ser observado nos jornais que noticiaram a vinda dos suábios para o Brasil, nos discursos de Bento Munhoz e nos escritos de Helmuth Abeck. A partir da ascensão de Mathias Leh ao cargo de diretor da

---

<sup>575</sup> KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. 2004. p. 228.

cooperativa Agrária, a produção de sentidos identitários passou a ser fomentada principalmente pela cooperativa.

Cabe enfatizar que, a elaboração desse sentido identitário é externa aos suábios do Danúbio, a começar pelos próprios criadores do termo - pois Sieger e Rüdiger não viviam nos Bálcãs, mas na Áustria e na Alemanha, respectivamente. No Brasil, esse sentido também não foi elaborado pelos imigrantes e descendentes, mas, na maior parte, por indivíduos não-suábios, externos à colônia: Gossner, Frösch, Munhoz, Aulich, Abeck, Szilvassy e Elfes. São os discursos destes autores - especialmente o último - que norteiam, em grande medida, os sentidos produzidos e divulgados por meio do jornal e revista da cooperativa da colônia. Mesmo quando tais periódicos apresentam entrevistas com os imigrantes, o sentido das narrativas não é dado pelos próprios depoentes, mas pelos editores.

Assim, tais autores e editores podem ser caracterizados como os construtores desta memória coletiva, principal suporte da identidade suábia-danubiana. São eles que, por meio da elaboração de narrativas sobre o passado do grupo, do enquadramento e homogeneização de memórias individuais, enfim, da (...) *utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura* (...),<sup>576</sup> produzem os discursos que são divulgados em espaços públicos - livros, jornais, escolas, museu, etc. - e fixam determinada imagem do grupo - a sua memória coletiva.

Embora os discursos apresentem essa identidade como algo fixo, natural, há também a percepção por parte de seus “guardiões” de que ela está sujeita ao desaparecimento, daí a necessidade da vigilância constante. A consciência - ou o receio - da finitude desta identidade pode ser observada nas seguintes palavras de Horst Schwarz, diretor do Departamento Cultural da Agrária:

---

<sup>576</sup> HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? **Op. cit.** p. 109.

Muitas atividades, a Agrária traz para si porque ela entende que são importantes para não se perder a tradição, a língua, a cultura. Isso custa caro para a cooperativa, mas ela vê como necessário, para evitar que isso se perca. Por isso que ela mantém o museu, a escola, onde as crianças são alfabetizadas em alemão, onde elas aprendem a cultura desde pequenas. Por isso ela mantém os diversos grupos de danças folclóricas e com danças brasileiras, os grupos de teatro e corais. (...) Também é uma forma de manter a coesão dos cooperados e também olhar para o futuro. É um esforço que a cooperativa faz para preservar as tradições. Se a Agrária não fizer, isso irá acabar, e, uma vez perdido, não se recupera mais.<sup>577</sup>

Portanto, não se trata do desaparecimento das pessoas nomeadas como suábios do Danúbio, mas da possibilidade do esvaecer desta identificação. Daí a necessidade do trabalho constante - patrocinado pela Agrária - com a memória de grupo.

Além das narrativas impressas nos livros e jornais, é por meio da escola, do ensino da língua alemã, dos grupos folclóricos, por exemplo, que se procura incutir e perpetuar nos jovens indivíduos descendentes dos imigrantes suábios, determinada maneira de ser suábia danubiana. Em vários momentos pude perceber a importância conferida a tais atividades, em especial ao conhecimento do idioma alemão. Exemplo disso, foi a identificação entre mim e os suábios, que aconteceu na medida em que aperfeiçoava minha expressão na língua alemã – diferentemente do que aconteceu por ocasião da minha primeira visita à colônia.

Cabe também dizer que não era o objetivo deste trabalho abordar toda a história da colônia Entre Rios, mas de indagar, especificamente, acerca de um aspecto: o processo de formação de uma identidade de parte das pessoas da colônia. Mesmo se tratando somente desse aspecto, visualizamos a oportunidade de prosseguir na pesquisa. Portanto, ela não se encerra aqui. Este trabalho deve ser visto como um começo de um processo no qual se insere o meu aprendizado da língua alemã e o cultivo de uma relação de amizade e respeito com muitos moradores suábios e não-suábios de Entre Rios.

Dentre as possibilidades de prosseguimento de pesquisa, podemos citar as relações entre os suábios e os fazendeiros que eram proprietários das terras onde foi estabelecida a

---

<sup>577</sup> SCHWARZ, Horst. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 18 de julho de 2006. A. A.

colônia e de seus arredores, e com a população não-suábica da colônia. Outros objetos de análise interessantes são: o acervo de entrevistas do museu, as práticas pedagógicas utilizadas pelo corpo docente do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina, sobretudo no ensino da língua alemã e da disciplina *História dos Suábios do Danúbio (Heimatunterricht)* e, quiçá, uma profunda investigação sobre o contexto político, social e cultural, na primeira metade do século XX, dos países de origem deste grupo.

Por fim, entendemos que o propósito do trabalho do historiador, cuja temática é a memória coletiva e a sua relação com a identidade de grupos, não é a de “introduzir a dúvida no coração”, mas de tratar as ações humanas no âmbito dessacralizado da história, entendê-las e submetê-las ao crivo do debate, da crítica. Afinal, a história, diferentemente do oitavo dia, não é feita somente de triunfos, sucessos, mas também de angústias, desejos, incertezas, etc., enfim, é feita de (...) *altos e baixos, como a vida.*<sup>578</sup>

---

<sup>578</sup> GEHRING, Karl. **Op. cit.**

## FONTES

### Entrevistas

GAPPMAIER, Josef. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein e Karin Detlinger.**

Vitória, 10 de agosto de 2005. A.A. Transcrição e tradução: Márcio Werle.

GEHRING, Karl. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Joinville: 17 de outubro de

2007. A.A

GORA, Anton. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 08 de agosto de 2005.

A.A

HECH, Katharina. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 14 de março de

2005. A.A

JANDREY, Milton. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Cachoeira: 15 de outubro

de 2007. A.A

JASTER, Franz. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 05 de agosto de

2005. A.A

KLEIN, Monika. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 07 de abril de 2007.

A.A.

LEH, Elisabeth Mayer. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 18 de abril de

2006. A.A.

LEH, Karl. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 13 de outubro de 2007.

A.A

LEH, Telma Eliza Abib. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein.** Vitória: 03 de

outubro de 2006. A.A.

ODEBRECHT, Rolf, ODEBRECHT, Renate S. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Blumenau: 26 de agosto de 2005. A.A

SCHNEIDERS, Maria Dolores. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 07 de abril de 2007. A.A.

SCHWARZ, Horst. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 18 de julho de 2006. A.A.

TOZZETO, Jackson. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 15 de outubro de 2007. A.A

WERTH, José. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Guarapuava: 15 de outubro de 2007. A.A

### **Acervo Particular de Anton Gora**

DOSSA, Derli; CONTO, Arnaldo J. de; GORA, Anton. **Avaliação Sócio Econômica das Tecnologias Geradas e Difundidas pelo Setor Técnico da Cooperativa Agrária, Estado do Paraná (1975-1994)**. Mimeo.

### **Acervo Particular de Franz Jaster**

IPEAME. **Apresentação resumida das metas, objetivos, execução e resultados do projeto de janeiro 1968 até dezembro 1972**. Curitiba: Mimeo.

### **Acervo Particular de Josef Gappmaier**

GAPPMAIER, Josef. **Kulturarbeit in Entre Rios**. In: **Geschichte, Gegenwart und Kultur der Donauschwaben. Ausgewählte Texte aus der aktuellen Diskussion**. Sindelfingen: Landsmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien Bundesverband. 1991. S. 83-88.

### **Acervo Particular de Rolf e Renate Odebrecht**

ABECK, Helmuth. **O Raiar do Oitavo Dia; Der Morgen des Achten Tages**. Curitiba: Imprimax Ltda, 1964.

### **Museu Histórico de Entre Rios**

ABECK, Helmuth. **Entre Rios – Neue Heimat**. Ijuí: Empresa Jornalística Ulrich Löw S. A. 1973.

ATA DA ASSEMBLÉIA DE CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE COOPERATIVA “COOPERATIVA AGRARIA DE PERSONALIDADE LIMITADA”. Guarapuava: 05 de maio de 1951.

CONTRATO DE COMPRA E VENDA DE TERRAS. Curitiba: 29 de maio de 1951.

COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA. **Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana**. Campinas: CARTGRAF Ltda. 1976.

ELFES, Albert. **Suábios no Paraná**. Curitiba: [s.n], 1971.



FRÖSCH, Max. **Guarapuava: Die Donauschwäbische Flüchtlingssiedlung in Brasilien.**

Freilassing: Pannonia Verlag, 1958.

GAPPMAIER, Josef. **Entre Rios. Agrargeographie der Donauschwabensiedlung in**

**Paraná – Brasilien.** Salzburg: (Dissertation) zur Erlangung des Doktorgrades an der naturwissenschaftlichen Fakultät der Universität Salzburg. 1987.

HOCHGATTERER, Anton. **Entre Rios Donauschwäbische Siedlung in Südbrasilien.**

Salzburg: Haus der Donauschwaben. 1989.

MAJOWSKI, Francisco. **Entre Rios.** Guarapuava: Cooperativa Agrária Mista Entre Rios

Ltda. 1996.

MATHIAS LEH, **dados biográficos e atividade profissional.** 1994. (Mimeo).

SCHWEIZER EUROPAHILFE. **Bericht über die Siedlungs-Aktion Brasilien.** S. D.

Mimeo.

Jornal de **Entre Rios.** Guarapuava: dezembro de 1986 até agosto de 1994.

Jornal **O Diário.** Santos: 6 de outubro de 1951.

Jornal **Der Donauschwabe Mitteilungen.** Eggenstein-Leopoldshafen: Februar, 2005.

Jornal **Zeitschrift Deutsches Wort (Njmacka Rijec).** Blatt der Deutschen und Österreicher in Kroatien. Osijek: Juni, 2005.

Revista **Entre Rios.** Guarapuava: agosto de 1994 até maio de 2007.

## **Arquivo da UNICENTRO**

Jornal **Folha do Oeste.** Guarapuava: 10 de junho de 1951.

Jornal **Folha do Oeste.** Guarapuava: 11 de novembro de 1951.

## **Biblioteca Pública do Estado do Paraná**

AULICH, Werner. **O Paraná e os Alemães. Estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos. Publicação Comemorativa ao 1º Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná.** Curitiba: Editado pelo Grupo Étnico Germânico do Paraná. 1953.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Atividades da Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná.** Curitiba: Edição do Governo do Estado. n.º 2. julho de 1953.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná 1853-1953.** Curitiba: Edição do Governo do Estado. 1953.

MARTINS, Romário. **Plantando Dá. Os Serviços Officiaes de Agricultura do Estado do Paraná.** Suas organizações e ações até 31 de maio de 1930. Curitiba: Departamento de Agricultura. 1930. Mimeo.

OLIVEIRA, Antonio Lustosa. **Sonho de Romário Martins. Monumento a Guairacá.** Guarapuava: Ed. Litero-técnica. 1978.

\_\_\_\_\_. **Na Tribuna Parlamentar (1954-1958).** Curitiba: Gráfica Mundial Ltda. 1958.

**Diário Oficial do Estado do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná. N.º 63. Ano XXXIX. 19 de Maio de 1951.

Jornal **Diário da Tarde.** Curitiba: 18 de maio de 1951.

Jornal **Diário da Tarde.** Curitiba: 28 de maio de 1951.

Jornal **Diário da Tarde.** Curitiba: 07 de junho de 1951.

Jornal **Gazeta do Povo.** Curitiba: 05 de junho de 1951.

Jornal **Gazeta do Povo.** Curitiba: 20 de Junho de 1951.

Jornal **O Estado do Paraná.** Curitiba: 18 de julho de 1951.

Jornal **O Estado do Paraná**. Curitiba: 21 de julho de 1951.

Revista **Ilustração Brasileira**. Edição Comemorativa do Centenário do Paraná. Ano XLIV, N.º 224. Rio de Janeiro: Edição da S. A. “O Malho”. 1953.

### **Textos publicados em meio eletrônico:**

<http://www.agraria.com.br>. Acesso em 13 de março de 2007.

*Aller Anfang ist Klein*. In: <http://www.swissaid.ch> Acesso em 16/03/2007.

BARRETO, Paulo Teles F. **Das Diferenças Entre os Institutos Jurídicos do Asilo e do Refúgio**. In: [http://www.mj.gov.br/snj/artigo\\_refugio.htm](http://www.mj.gov.br/snj/artigo_refugio.htm) Acesso em 17/03/2007.

SALLES, Maria do Rosário R. **Imigração, Família e Redes Sociais. A Experiência dos ‘Deslocados de Guerra’ em São Paulo, no Pós Segunda Guerra Mundial**. In: <http://www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso: 17/03/2007.

### **Instituto Martius-Staden (SP)**

COOPERATIVA AGRARIA. **Ata da Assembléia Geral Extraordinária**. 23 de outubro de 1954. (Mimeo).

GOSSNER, Walter. **Agrária. Die Siedlung der Donauschwaben im Municip Guarapuava im brasilianischen Staate Paraná**. Bericht über die Ergebnisse der im Auftrage der Schweizer Europahilfe durchgeführten Untersuchung. Jundiaí. März 1952. Mimeo.

INSTITUTO HANS STADEN. **Ficha biográfica de Walter Gossner**. S.D. Mimeo.

INSTITUTO HANS STADEN. **Ficha biográfica de Arpad Szilvassy**. S.D. Mimeo.

SZILVASSY, Arpad. **Aspectos Gerais da Colonização Comunitária Européia no Paraná.**

São Paulo: 1965. Mimeo.

Jornal **Deutsche Nachrichten**. São Paulo: 22 de outubro de 1972.

### **Haus der Donauschwaben in Bayern (Haar, München-Alemanha)**

DONAUSCHWÄBISCHE KULTURSTIFTUNG. **Genocide of the Ethnic Germans in Yugoslavia 1944-1948.** München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 2003.

SCHMIDT, Stefan; SENZ, Josef V.; SONNLEITNER, Hans (Herausgegeben) **Bayerische Donauschwaben donauschwäbische Bayern. Dreißig Jahre Landmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien Landesverband Bayern e. V. 1949-1979.** München: Landmannschft der Donauschwaben aus Jugoslawien Landesverband Bayern. 1979.

SENZ, Josef Volkmar. **Geschichte der Donauschwaben.** München/Sindelfingen: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1990.

### **Haus der Donauschwaben (Sindelfingen-Alemanha)**

BRÜCKER, Christian Ludwig. **Donauschwaben in Nordamerika, in Südamerika und in Australien.** München/Sidelfingen: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1990.

\_\_\_\_\_. **Landmannschaft Donauschwaben - Patenschaftsjubiläen.** München/Sidelfingen: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1989.

LANDSMANNSCHAFT DER DONAUSCHWABEN; LANDSMANNSCHAFT DER BANATER SCHWABEN; LANDSMANNSCHAFT DER DEUTSCHEN AUS UNGARN; LANDSMANNSCHAFT; DER SATHMARER SCHWABEN; INNENMINISTERIUM BADEN-WÜRTTEMBERG. **Festschrift:** 60 Jahre Donauschwaben nach Flucht und

Vertreibung-erfolgreiche Eingliederung in der neuen Heimat. 50 Jahre Patenschaft des Landes Baden-Württemberg über die Volksgruppe der Donauschwaben. 40 Jahre Patenschaft der Stadt Sindelfingen über die Volksgruppe der Donauschwaben aus Jugoslawien. München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 2004.

GEHL, Hans. **Wörterbuch der Donauschwäbischen Lebensformen**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2005.

SCHERER, Anton. **Donauschwäbische Bibliographie 1935-1955**. Das Schrifttum über Donauschwaben in Ungarn, Rumänien, Jugoslawien und Bulgarien sowie – nach 1945 – in Deutschland, Österreich, Frankreich USA, Canada, Argentinien und Brasilien. München: Verlag des Südostdeutschen Kulturwerks. 1966.

\_\_\_\_\_. **Wortkundliche Studien Etymologien und Deutsch-sudosteuropäische Sprachliche Interferenzen**. Graz: Donauschwäbisches Archiv. 2002.

\_\_\_\_\_. Seit 42 Jahren heißen wir Donauschwaben. In: **Volkskalender 1964**. Ein Jahrbuch des Gesamten Donauschwabentums. Ulm: Kultur- und Socialwerk der Donauschwaben. 1964.

### **Münchner Stadtbibliothek (München - Alemanha)**

RÜDIGER, Hermann. **Die Donauschwaben in der Südslawischen Batschka**. Stuttgart: Ausland und Heimat Verlags. 1931.

SIEGER, Robert. **Das Deutschtum von der Etsch bis zur Donau**. München: Franz Pfeiffer & Co. Verlags. 1925.

**Bibliothek der Ibero-Amerikanischen Instituts Preußischer Kulturbesitz  
(Berlin- Alemanha)**

LEICHT, Sebastian; VETTER, Roland. **Donauschwaben in Brasilien**. Passau: Passavia Verlag. 1982.

TAPPERT, Stefan. **Entre Rios - Donauschwäbische Siedlung in Brasilien**. Sindelfingen: Landmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien, 1989.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABECK, Helmuth. **Colaboração Germânica no Paraná nos Últimos 50 Anos (1920-1979)**. Curitiba: CRM, 1980.
- ABREU, Alzira Alves. Acontecimento e Mídia. In: **Colóquio História e Imprensa**. Rio de Janeiro: 1998.
- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- ARENDDT, Hannah. **O Sistema Totalitário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. Símbolos e Monumentos: As comemorações de emancipação política do Paraná nos Logradouros de Curitiba. Ponta Grossa: **Revista Publicatio**. UEPG: Vol. 14, n.º 1, junho de 2006.
- BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2000.
- BAUMANN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEER, Josef. **Donauschwäbische Zeitgeschichte aus Erster Hand**. München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1987.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- BRAGA, Rubem; HORTA, Arnaldo P. **Dois Repórteres no Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

BRENER Jaime. **Tragédia na Iugoslávia. Guerra e Nacionalismo no Leste Europeu**. São Paulo: Atual. 1993.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (Res)sentimento. Indagações sobre uma Questão Sensível**. Campinas: UNICAMP, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular. História e Imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CARNEIRO, Maria L. T. Literatura de Imigração. Memórias de uma diáspora. In: **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Vol. 10, nº 02. Jul/Dez 1997.

CASAGRANDE, Thomas **Die Volksdeutschen SS-Division "Prinz Eugen"**. Die Banater Schwaben und die National-Socialistischen Kriegsverbrechen. Frankfurt: Campus Verlag. 2003.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras e ALB, 2003.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Representação. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5 nº 11. São Paulo: Jan/Abril. 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DUCAT, I. MITTERER, S. SZABO, C. **Suábios do Danúbio: Tradição, cultura e educação**. Monografia (Curso de Pedagogia) Guarapuava: UNICENTRO, 1992.

ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

EL-KHATIB, Faissal. **História do Paraná**. Vol. 4º. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.



ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

\_\_\_\_\_; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDUPF, 1998.

FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: **Revista Brasileira de História. Brasil: do ensaio ao golpe (1954-1964)**. Vol. 24, n.º 47. São Paulo: ANPUH.

FOUQUET, Carlos. **O Imigrante Alemão e seus Descendentes no Brasil. 1808 - 1824 - 1974**. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

FREITAG, Liliane da Costa. **Fronteiras Perigosas: migração e brasilidade no Extremo Oeste paranaense (1937-1945)**. Cascavel: Edunioeste, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GREGOLIN, Maria do R.; BARONAS, Roberto (orgs.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. 2003.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Identidade Cultural e Diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico**. nº24, 1996.

HARTUNG, Miriam Furtado. **O Sangue e o Espírito dos Antepassados: escravidão, herança e expropriação no grupo negro Invernada Paiol da Telha-Pr**. Florianópolis: NUER/UFSC, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Programa mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.

\_\_\_\_\_. **Era dos Extremos: O breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. 2004.

KERSTEN, Márcia S. de A. **Os Rituais do Tombamento e a Escrita da História**. Curitiba: UFPR, 2000.

KLUG, João. Imprensa e Imigração Alemã em Santa Catarina. In: DREHER, Martin N. RAMBO, Arthur B. TRAMONTINI, Marcos J. **Imigração e Imprensa**. Porto Alegre: EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

KOHLHEPP, Gerd. Espaço e Etnia. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.º 11. São Paulo: USP, Janeiro/abril de 1991.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-Rio. 2006.

- LASCHAN-SOLSTEIN, Godofredo von; LASCHAN-SOLSTEIN, Trude von. **Aspectos da História da Áustria Através de sua Evolução Cultural**. São Paulo: Editora Anchieta S/A. 1947.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- LEPARGNEUR, Hubert. **Destino e Identidade**. Campinas: Papirus, 1989.
- LOHBAUER, Christian. **História das Relações Internacionais II. O século XX: do declínio europeu à era global**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LOPES, Luiz P.; BASTOS, Liliana C. (Orgs.). **Identidades. Recortes Multi e Interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MAGALHÃES, Marionilde B. **Paraná: Política e Governo**. Curitiba: SEED, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1998.
- MARCONDES, Gracita G. **Guarapuava: História de Luta e Trabalho**. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.
- MEIHY, José C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MICHELZ, Johana Elisabeth. **Campesinato X Agricultura Capitalista em Entre Rios – 1951 a 1985**. Monografia (Especialização em História Econômica do Brasil) Guarapuava: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava. 1989.
- MOTA, Lucio Tadeu. **A Guerra dos Índios Kaingáng: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: UEM, 1994.
- MÜLLER, Estevão. **Peregrinos à Procura da Liberdade. Odisséia da Imigração Alemã no Paraná**. Curitiba: Champagnat, 2005.

MYSKIW, Antonio Marcos. **Colonos, Possesiros e Grileiros: conflitos de terra no Oeste paranaense (1961-66)**. Dissertação (Mestrado em História) Niterói: UFF, 2002.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do Território, Populações e Migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imigrantes de Origem Germânica no Brasil; Ciclos matrimoniais e etnicidade**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

NASCIMENTO, Maria I. M. CORDEIRO, Sonia V. A. L. Escola Evangélica: Uma Instituição Educacional da Imigração Holandesa Na Região dos Campos Gerais do Paraná. In: **REVISTA HISTDBR On-line**. Ponta Grossa: UEPG, n.º 18, 2005.

NETO, Bento Munhoz da Rocha. **O Paraná. Ensaios**. Curitiba: Farol do Saber. 1995.

NODARI, Eunice S. **A Renegociação da Etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)**. Tese (Doutorado em História) Porto Alegre: PUC, 1999.

NORA, Pierre. Entre a História e a Memória. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP. N.º10. 1993.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Pontes e Muralhas: diferença, lepra e tragédia no Paraná no início do século XX**. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

OLIVEIRA, Roberto C. de. Caminhos da Identidade. **Ensaios sobre Etnicidade e Multiculturalismo**. São Paulo: UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

\_\_\_\_\_. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PAULS JR. Peter. **Witmarsum in Paraná**. Curitiba: Imprimax, 1976.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem Anos de Imprensa no Paraná**. Curitiba: I.H.G.E.P. 1976.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5 nº 10. 1992.

PORTELLI, Alessandro, O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

POUTIGNAT, Philippe; Streiff-fenart, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RÉMOND, René. **O Século XX. De 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 2001.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio Ambiente e Dinâmica de Inovações na Agricultura**. São Paulo: FAPESP, 1998.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria Histórica: os fundamentos da razão histórica**. Brasília: UNB, 2001.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural. 1995.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. Museu Imperial: a construção do Império pela República. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

SARAT, Magda. **Histórias de Estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação**. Tese (Doutorado em Educação) Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura. 1981.

SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e Identidade. Elementos para uma Discussão no Campo Aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SILVA, Haike R. K. da; AREND, Isabel C. **Representações do Discurso Teuto-Católico e a Construção de Identidades**. Porto Alegre: EST, 2000.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol.22, nº 44. 2002.

SOARES, Jurandir. **Iugoslávia: guerra civil e desintegração**. Porto Alegre: 1999.

SPIESS, Rosina, SPIESS, Cristiana, SPIESS, Walter. **Ortsippenbuch Entre Rios im Staat Paraná im Süden Brasiliens**. Personen, Namen, Daten-Geburten, Heiraten, Sterbefälle mit einer Liste der Frauen, einer Liste der Wohnorte und sieben Karten. Rastatt: Edição dos autores. 1998.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória. Questões sobre a relação entre História Oral e memórias. In: **Projeto História**. São Paulo: (15) abril. 1997.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do Mal, Tentação do Bem. Indagações sobre o século XX**. São Paulo: ARX, 2002.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Primeira Guerra Mundial. Relações internacionais no século 20**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

WACHOWICZ, Ruy C. **Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização**. Curitiba: Litero-técnica. 1985.

WAGNER, Herta. **Dr. Sepp Janko: 90 Jahre im Dienst für Deutschland. 9. November 1905 – 9. November 1995**. [s.n], Sem data.

WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, n.º 2. Ano XI, Abril-Junho de 1949.

WILLEMS, Emilio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1980.